

RAMON P. MUÑOZ SOLER

ANTROPOLOGIA DE SÍNTESE

**SIGNOS, RITMOS E FUNÇÕES
DO HOMEM PLANETÁRIO**

Muñoz Soler, Ramón Pascual _ 1919
Antropologia de Síntese / Ramón Pascual
Muñoz Soler
Edição do Autor – 2010

Título original: *Antropología de Síntesis*

1. Antropologia de Futuro 2. Formas Sociais de
Futuro 3. Fisiologia Integrada aos Valores
Espirituais 4. Reversibilidade de Valores 5.
Egoência do Ser
6. Mística

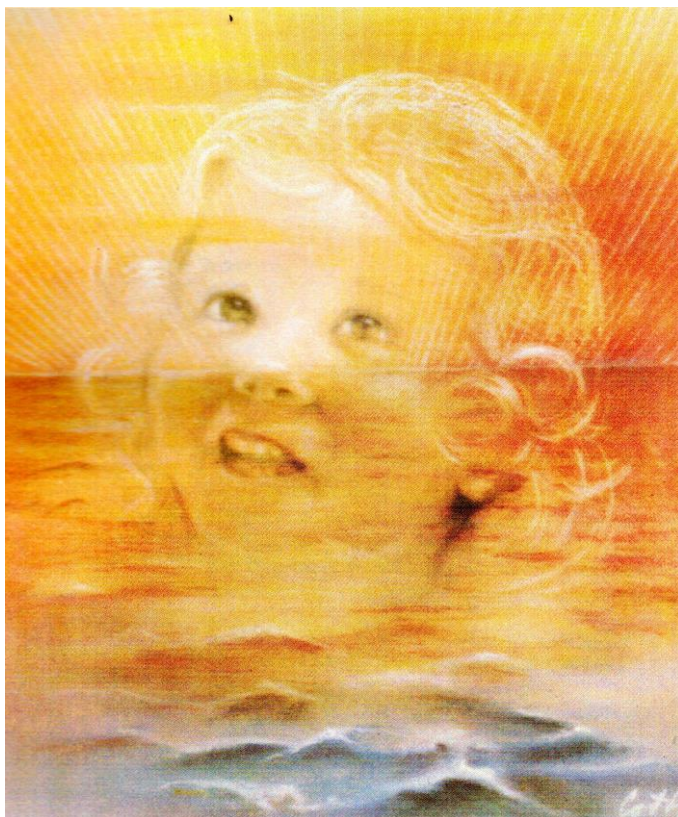
Página web: www.egoencia.uno

Tradução para o Português e capa: Edelweiss
Blanes Martinez

Edição do Autor - 1ª edição

A minha esposa Margarita.

Agradecimentos do autor a Coty, por sua ilustração para a capa da primeira edição em espanhol.



Plasmação

A pintora levou ao desenho, a ideia de plasmação, surpreendendo as características incipientes da projeção da alma em uma protomáteria. Os feixes luz da aurora penetram nas águas da vida e tecem com elas, as vestes dos homens que vêm.

PRÓLOGO

“A multiplicidade, em número cada vez maior, das ciências particulares dedicadas ao estudo do homem contribuiu mais para obscurecer e confundir nossa concepção do homem, do que para esclarecê-la.”

MAX SCHELER

O homem planetário já nasceu, faz falta uma ciência que o explique.

A antropologia do futuro não se funda em modelos teóricos, mas em modelos vivos, não nasce de lembranças do passado, mas de germes de futuro. Antes, explicávamos o homem pela ciência, de agora em diante, teremos que explicar a ciência pelo homem.

Entre a velha antropologia – quer a chamemos de antropologia física, metafísica, cultural ou estrutural – e a nova ciência do ser humano, existe a mesma distância que há entre a física clássica e a física relativista, não só há diferença de conteúdo, mas diferença de método.

Os esquemas anatômicos, psicológicos e sociais que nos ajudavam a descrever o homem terrestre de ontem, já não nos servem para descobrir o homem cósmico de hoje. O impacto da nova era provocou uma mudança

estrutural no ecossistema, mudança que se traduz em uma nova proporção antropológica, que afeta tanto a consciência, quanto a fisiologia. Antropologia de síntese é a tentativa de abarcar, em uma unidade significativa, a diversidade de signos, ritmos e funções que anunciam e caracterizam um modelo antropológico de futuro.

As ciências que desenvolvemos até agora são produto da fragmentação do conhecimento. Antropologia de síntese é símbolo da integração do homem. Como proposta epistemológica, é uma síntese que transcende seus próprios postulados teóricos e se constitui como ferramenta de aproximação entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

O SER HUMANO DO FUTURO 13

INTRODUÇÃO

TEMÁTICA ANTROPOLÓGICA DE FUTURO 14

I 16

RUMO A UMA CIÊNCIA DO HOMEM FUTURO 16

CRÍTICA DAS CIÊNCIAS DO HOMEM..... 16

CRISE DAS CIÊNCIAS PARTICULARES..... 16

A REVOLUÇÃO DA CIÊNCIA..... 20

A CIÊNCIA EM BUSCA DE SI MESMA 24

AS ANTENAS DO FUTURO 32

A CRISE DOS INSTRUMENTOS..... 32

O FUNDAMENTO PROFÉTICO DA NOVA CIÊNCIA 33

O SENTIMENTO DA EXPERIÊNCIA 35

A MENTE OSCILANTE DO HOMEM PLANETÁRIO 35

OS NOVOS CAMINHOS DA CIÊNCIA 36

A REVOLUÇÃO DO MÉTODO..... 36

DO CAMINHO DO CONHECIMENTO AO..... 36

CAMINHO DA VIDA..... 36

UMA NOVA DIMENSÃO DO CONHECIMENTO 39

A EXPLORAÇÃO DO SIGNIFICADO 39

INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO DO HOMEM 42

SÍNTESE E INTERDISCIPLINA..... 42

EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE 44

A COMUNIDADE CIENTÍFICA DO FUTURO 46

UNIDADE DE MENSAGEM E DIVERSIDADE DE FUNÇÕES 49

NA VANGUARDA DA CRÍTICA..... 50

EM DIREÇÃO A UMA UNIVERSIDADE DE SÍNTESE..... 52

SÍNTESE DO CAPÍTULO I

RUMO A UMA CIÊNCIA DO HOMEM FUTURO 53

O DRAMA EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO 54

UM DRAMA CÓSMICO NO HOMEM 54

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO 55

CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO..... 56

O VELHO HOMEM É TOCADO DE MORTE 56

A “NEUROSE DE MASSAS” DO MUNDO MODERNO..... 57

PATOGÊNESE DA CRISE EXISTENCIAL..... 58

A CRISE EXISTENCIAL É UMA ‘COLISÃO NO TEMPO’ 58

UMA CRISE NUCLEAR QUE AFETA O DESTINO 59

DESLOCAMENTO DO CENTRO DE GRAVIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA

..... 60

INCIDÊNCIA DA MORTE	61
RUMO À CONQUISTA DO VAZIO	64
DESGLIZAMENTO DAS FAIXAS DO ESPECTRO EXISTENCIAL EM UM COSMOS HUMANO EM EXPANSÃO	64
<i>SIGNIFICADO DA CRISE EXISTENCIAL</i>	65
NÃO É UMA DOENÇA, MAS UMA MENSAGEM	65
A MENSAGEM ESPIRITUAL DE LIBERAÇÃO	65
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO II</i>	
A CRISE EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO	71
III	
A BUSCA DE IDENTIDADE	72
A PERGUNTA ANTROPOLÓGICA	72
UMA NOVA REFORMULAÇÃO	72
O MISTÉRIO MODERNO DA ESFINGE	74
A CRISE DA FALSA PERSONALIDADE	74
OS ROSTOS DO HOMEM	77
A IDENTIDADE ANALÓGICA	82
DO HOMEM FUTURO	82
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO III</i>	84
A BUSCA DE IDENTIDADE	84
O NOME PRÓPRIO	84
IV	
A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO HOMEM	85
A CRISE DO NEO-HUMANISMO	85
NO UMBRAL DE UMA NOVA REVELAÇÃO	86
UMA FAÍSCA QUE INCENDEIA A PRADARIA	87
O ENCONTRO COM AS ALMAS SIMILARES	93
O TRÂNSITO DA CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA	95
À CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL	95
UM NOVO SENTIDO DO TRANSCENDENTE	96
A PRESENÇA DO DEUS DESCONHECIDO	96
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO IV</i>	
A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO HOMEM	100
V	
O CAMINHO DO HOMEM PLANETÁRIO	101
A PERGUNTA PELO MÉTODO	101
A CRISE DO MÉTODO	102
O MÉTODO COMO CAMINHO DE VIDA	103
O CAMINHO DO HOMEM COMO FUNÇÃO ANTROPOLÓGICA	105
A ESTRUTURA DO CAMINHO DO HOMEM	106
A COMUNIDADE EDUCATIVA PLANETÁRIA	108
COMO ÓRGÃO DE TRADUÇÃO SIMBÓLICA	108
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO V</i>	
O CAMINHO DO HOMEM PLANETÁRIO	113

VI

A HERANÇA DO FUTURO	114
PROTÓTIPOS DO FUTURO	114
OS GUIAS DO DESERTO.....	117
AS PEGADAS INVISÍVEIS	118
AS NOVAS LEIS DA FECUNDAÇÃO HUMANA.....	119
DO ACOPLAMENTO SEXUAL À UNIÃO ESPIRITUAL	119
A HERANÇA TERRESTRE	120
A HERANÇA CÓSMICA	123
O SIGNO DE ESPERANÇA	125
DOS TEMPOS NOVOS	125

SÍNTESE DO CAPÍTULO VI

<i>A HERANÇA DO FUTURO.....</i>	<i>127</i>
---------------------------------	------------

VII

FISIOLOGIA DO CORPO PLANETÁRIO	128
CRISE DO MODELO ANTROPOLÓGICO	128
UMA NOVA ETAPA NA ANTROPOGÊNESE	130
SIGNOS CRÍTICOS NO PROCESSO	131
DE PLANETIZAÇÃO	131
GÊNESE POR PLASMAÇÃO	134
<i>O MEIO INTERIOR DO CORPO PLANETÁRIO</i>	<i>135</i>
O CORPO ALTERNANTE	140
A ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS DA TERRA	142

SÍNTESE DO CAPÍTULO VII

<i>FISIOLOGIA DO CORPO PLANETÁRIO.....</i>	<i>144</i>
--	------------

VIII

A SOCIEDADE FUTURA	146
PERSPECTIVAS DE UM MODELO SOCIAL PARA O FUTURO	146
O MEIO SOCIOECOLÓGICO	150
A DIMENSÃO TELÚRICA DO FENÔMENO SOCIAL.....	150
O ASCENSO DA MATÉRIA SOCIAL	151
DA CIDADE TERRESTRE À CIDADE CÓSMICA.....	151
A COMUNIDADE ESPIRITUAL COMO ARQUÉTIPO CÓSMICO	154
ESTRUTURA POLÍTICA DA SOCIEDADE FUTURA	156

SÍNTESE DO CAPÍTULO VIII

<i>A SOCIEDADE FUTURA</i>	<i>163</i>
---------------------------------	------------

SEGUNDA PARTE

FISIOLOGIA HUMANA DO FUTURO.....	164
INTRODUÇÃO.....	165

I

TEORIA GERAL DAS FUNÇÕES HUMANAS.....	169
--	------------

<i>ANTROPOLOGIA GENÉTICA</i>	170
<i>Embriogênese do Homem Futuro</i>	170
A DESESTABILIZAÇÃO DA MATÉRIA HUMANA	170
PRINCÍPIOS DE UMA GENÉTICA ESPIRITUAL	172
A REVELAÇÃO DA ERA CÓSMICA	172
MUDANÇAS NA ESTRUTURA DO ECOSISTEMA	174
<i>ANTROPOLOGIA FISIOLÓGICA</i>	175
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO I</i>	
<i>TEORIA GERAL DAS FUNÇÕES HUMANAS</i>	200
II	
<i>PROTOMODELO DE UNIÃO</i>	201
<i>PRIMEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE:</i>	202
<i>EGOÊNCIA DO SER</i>	202
A EGOÊNCIA COMO PRIMEIRA FUNÇÃO.....	202
<i>A CIÊNCIA SAGRADA DO FUTURO</i>	204
<i>UNIDADE DO SER E UNIDADE DO CONHECIMENTO</i>	204
A MÍSTICA COMO PRIMEIRA CIÊNCIA	204
A MÍSTICA DO HOMEM FUTURO: UMA UNIÃO QUE O TRANSCENDE	206
A MÍSTICA COMO FUNDAMENTO DA LIBERDADE INTERIOR	207
A MÍSTICA COMO FUNÇÃO ANTROPOLÓGICA UNIVERSAL.....	208
A MÍSTICA DO FUTURO É UNIÃO SUBSTANCIAL	209
A MÍSTICA COMO SENTIDO DE PARTICIPAÇÃO.....	211
A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO PELO TRABALHO INTERIOR DO HOMEM	211
A MÍSTICA DO FUTURO COMO PONTE ENTRE A consciência histórica e a consciência cósmica	212
A MÍSTICA COMO SIGNO DE REVELAÇÃO DA NOVA ERA.....	213
A MÍSTICA COMO CONSCIÊNCIA DE CORPO	214
A SABEDORIA DO CORPO MÍSTICO	214
A UNIÃO DOS SANTOS E DOS SÁBIOS	214
<i>O CORAÇÃO HUMANO COMO ÓRGÃO ANALÓGICO</i>	215
O CORAÇÃO HUMANO COMO ÓRGÃO FISIOLÓGICO DE SÍNTESE.....	215
A TRANSMUTAÇÃO DA MATÉRIA HUMANA	216
O NASCIMENTO DO FILHO DO HOMEM	217
O CORAÇÃO ATÔMICO	217
<i>A ORAÇÃO PERMANENTE COMO LITURGIA</i>	219
<i>DO HOMEM CÓSMICO</i>	219
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO II</i>	
<i>PRIMEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE</i>	225
<i>EGOÊNCIA DO SER</i>	225
III	
<i>PROTOMODELO DA LEI</i>	226
<i>SEGUNDA FUNÇÃO DE SÍNTESE: A LEI HUMANA</i>	227

<i>ESTRUTURA FUNCIONAL DA LEI HUMANA</i>	227
A LEI DO HOMEM FUTURO	227
O SOM DO NOME PRÓPRIO.....	228
AS TRÊS DIMENSÕES DA LEI HUMANA	230
UMA VONTADE, UM DESTINO E UMA ESTRELA	230
O SENTIDO TELEOLÓGICO DA LEI E A VONTADE ANALÓGICA DO HOMEM	232
A LIBERDADE FRENTE AO DESTINO	234
VELHA ANTINOMIA E NOVA RESPOSTA.....	234
<i>A ÉTICA COMO CIÊNCIA DA CONDUTA HUMANA</i>	236
EM DIREÇÃO A UMA ÉTICA CIENTÍFICA	236
AS FONTES DA NOVA ÉTICA.....	237
DA LEI ESCRITA À LEI INSCRITA.....	238
<i>O DIREITO COMO ÓRGÃO ANALÓGICO DO FUTURO</i>	240
A CRISE DO DIREITO NA MODERNA SOCIEDADE TECNOLÓGICA.....	240
TEORIA ANALÓGICA DO DIREITO.....	241
O MEIO JURÍDICO E O ÓRGÃO DA JUSTIÇA.....	243
<i>TÉCNICA PARA O DESENVOLVIMENTO</i>	245
<i>DE UMA CONDUTA ÉTICA</i>	245
A CRISE DOS VALORES SISTEMÁTICOS.....	245
PREMISSAS DA ÉTICA DO HOMEM FUTURO.....	246
ESTRUTURA ANALÓGICA DOS VALORES	247
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO III</i>	253
<i>SEGUNDA FUNÇÃO DE SÍNTESE</i>	253
<i>A LEI HUMANA</i>	253
IV	
<i>PROTOMODELO DA FORÇA</i>	254
<i>TERCEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE: TRABALHO HUMANO</i>	255
<i>O TRABALHO COMO FUNÇÃO DE BASE DA ECONOMIA HUMANA</i>	255
A ECONOMIA DO HOMEM TOTAL	255
ESTRUTURA FUNCIONAL DO TRABALHO HUMANO.....	257
AS TRÊS DIMENSÕES DO TRABALHO HUMANO.....	258
<i>RUMO A UMA CIÊNCIA ECONÔMICA FUNDADA NO TRABALHO</i> .	262
TEORIA DO MOVIMENTO DAS FORÇAS DO TRABALHO	264
TEORIA DO SIGNIFICADO DO TRABALHO.....	266
TEORIA DA MATÉRIA DO TRABALHO	266
TEORIA DO RITMO DO TRABALHO HUMANO	270
<i>O ÓRGÃO SOCIOECONÔMICO DO FUTURO</i>	277
<i>INSTRUMENTOS PARA A PRÁTICA DE UMA ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO</i>	281
O ARRASTO DA FORÇA DO IDEAL	281
ECONOMIA DO DESEJO	282
CONSCIÊNCIA DE NECESSIDADES	283

JUSTIÇA SOCIAL	284
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO IV</i>	287
<i>TERCEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE: TRABALHO HUMANO</i>	287
V	
PROTOMODELO DA FORMA	288
<i>QUARTA FUNÇÃO DE SÍNTESE: ORGANIZAÇÃO HUMANA</i>	289
<i>REUNIÃO ENTRE SERES HUMANOS</i>	289
<i>ESTRUTURA FUNCIONAL DA SOCIEDADE PLANETÁRIA</i>	289
GÊNESE DAS FORMAS SOCIAIS DO FUTURO	289
FUNÇÃO DE BASE DA COMUNIDADE HUMANA	292
O CORPO PLANETÁRIO DA HUMANIDADE FUTURA	292
DANÇA DE ELÉTRONS E NEUTRINOS NOS NOVOS CORPOS RADIANTES	
.....	294
<i>CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DO FUTURO</i>	296
<i>ORGANOGENESE PREFIGURATIVA DA COMUNIDADE HUMANA</i>	301
OS CORPOS ALTERNANTES DO FUTURO	301
órgãos e funções do corpo planetário	302
OS torvelinhos de força planetária	303
da geopolítica à geofisiologia	303
sinfonia planetária de funções diferenciais	304
<i>TECNOLOGIA DO ECOSSISTEMA HUMANO</i>	306
<i>SÍNTESE DO CAPÍTULO V</i>	
<i>QUARTA FUNÇÃO DE SÍNTESE: A FORMA</i>	311
<i>ESTRUTURA DA SOCIEDADE PLANETÁRIA</i>	311
<i>EPÍLOGO</i>	
<i>NASCEU UMA CRIANÇA</i>	312

PRIMEIRA PARTE
O SER HUMANO DO FUTURO

INTRODUÇÃO

TEMÁTICA ANTROPOLÓGICA DE FUTURO

O homem moderno brinca com o futuro, mas o futuro brinca com o homem. Sob este signo, nasce o homem planetário.

Antropologia de síntese não é uma construção do pensamento sistemático e sim, uma atitude do espírito perante a compreensão do ser humano como totalidade. Compreensão de totalidade é ‘síntese’*, porém, não somente síntese lógica, mas também analógica e biológica.

Para compreender o homem planetário, é necessário vivê-lo. É descoberto pela leitura de sinais, dança de formas e síntese de substâncias. E o método de conhecimento se faz método de vida.

O texto que apresentamos é a tradução intelectual de uma experiência viva; é uma proposta para o conhecimento e para a vida; é uma temática e uma ferramenta.

Vivemos hoje um fenômeno de futuro que não compreendemos, mas que perturba as bases da existência humana. Desta comoção existencial vai surgindo a nova temática antropológica que já não é uma temática de *princípios* ou de *formas*, mas uma temática de *vida* do homem planetário; mais que uma metafísica, é uma fisiologia. Essa temática viva pode ser traduzida em conceitos, mas não é um conceito. A linguagem científica e filosófica se torna insuficiente e o *logos* cede passagem ao *símbolo*.

* O autor utiliza aspas simples no texto para dar a entender que a palavra assim grifada contém uma carga semântica que vai além do significado convencional da linguagem (N.T.)

A missão da antropologia do futuro é pôr a descoberto aqueles temas significativos para o porvir do homem e não só como propostas para a inteligência, mas como sinais para o caminho. Se não chegássemos a reconhecer a tempo estes ‘temas-sinais’, se não chegássemos a vislumbrar através desses ‘signos’ do futuro

um ideal novo para viver e para ser, correríamos o risco de desembocar em formas aberrantes de vida (como já está acontecendo). Se não forem ativadas funções humanas mais elevadas, se não se penetrar a tempo no novo mundo e se não se puser o pé na nova terra, o homem será destruído pelas forças que ele mesmo desatou. Para restabelecer o equilíbrio ecológico do planeta, não é suficiente racionalizar a tecnologia, é preciso penetrar na fisiologia do corpo planetário. Somente nesse novo corpo poderemos viver, porque terá a energia e as defesas de imunidade adequadas para sustentar a vida em um nível mais elevado de consciência. Do contrário, as forças animais inferiores – os insetos (os insetos que trazemos dentro) – invadir-nos-ão (já estão nos invadindo).

Antropologia de síntese é ciência guia da conduta humana, não só mostra as pegadas do passado antropológico, mas também os sinais dos homens que vêm.

O homem planetário é uma plasmação da nova era; a ‘matéria humana’ se desestabiliza, as correntes cósmicas invisíveis se tornam visíveis e a vida produz novos lampejos, novas configurações, novos órgãos. Este salto na antropogênese é uma verdadeira obra de arte, de artista desconhecido: não pertence a ninguém em particular e pertence a todos. É evolução e revelação; pertence à história e está fora da história; o processo oculta a mensagem, mas a mensagem se revela no processo.

I

RUMO A UMA CIÊNCIA DO HOMEM FUTURO

**Epistemologia da ciência do ser humano:
Princípios
Instrumento
Método**

CRÍTICA DAS CIÊNCIAS DO HOMEM

“Talvez a metafísica do amanhã, caso o homem
vindouro ainda sinta necessidade do pensar
metafísico, será iniciada como uma crítica da ciência,
assim como na antiguidade começou como crítica dos
deuses.”

(Octavio Paz, *Corriente Alterna*)

CRISE DAS CIÊNCIAS PARTICULARES

Divórcio entre a ciência e a vida

As ciências do passado deram magníficos frutos na ordem prática, mas são incapazes, hoje em dia, de dar uma resposta satisfatória para a *vida* do ser humano. Esta é a crise fundamental das ciências do nosso tempo, tanto das ciências da natureza quanto das ciências do espírito e, sobretudo, das chamadas ciências do homem.

As ciências que conhecemos se constituíram em função de seus respectivos *objetos* particulares, mas se tornaram estranhas ao

sujeito que as criou. Esta incapacidade da ciência conceitual e objetiva para voltar-se sobre si mesma e questionar seus próprios resultados com base em uma perspectiva total do homem e da vida se define, tecnicamente, como *alienação* da ciência.

Os jovens estudantes do mundo todo foram os pioneiros em *denunciar* abertamente este divórcio entre a ciência e a vida. As universidades modernas deixaram de ser centros de estudo ao modo tradicional para transformar-se em campos de lutas sociais. Alguns chamam a isto “politização do estudantado” ou agitação por movimentos ideológicos alheios aos fins específicos da universidade. Mas, os jovens perguntam: “Qual é o fim específico da universidade?”

Os estudantes que na década de 60 irrompiam nos claustros acadêmicos como em uma “invasão de centauros”¹, não eram todos desajustados sociais nem estavam todos movidos por ideologias políticas dissolventes.

Por trás da fachada com que se mostra a rebeldia da juventude, existe um fundo de *visão* de uma realidade diferente, de uma realidade individual e social diferente, de uma *vida* diferente. É a *vida* do jovem a que se rebela, não contra a própria ciência, mas contra os sistemas que institucionalizaram uma forma de ciência que se tornou contrária à vida.

Naturalmente, isto não quer dizer que se justifique – desde o ponto de vista prático – a destruição das universidades pela violência descontrolada. Marcuse tem razão quando adverte os estudantes que “não se deve serrar o galho no qual se está sentado”².

Mas o certo é que esta “revolução cultural da juventude” se instala no recinto até ontem sagrado dos centros acadêmicos e constitui por si mesma, um desafio radical do qual não se pode

¹ Theodore Rozac, *The Waking of a Counter Culture*, Garden City, Doubleday & Co. Inc., New York, USA, 1969.

² Herbert Marcuse, jornal “La Opinión”, Buenos Aires (conferência em New York sobre a violência), 25/04/1972.

fugir. Mais ainda, faz parte do processo de mudança instalado nas mentes jovens. Em outras palavras, é uma presença desafiante e insolente que não pode ser suprimida pela repressão e que reclama uma resposta viva e criativa. Mas, as ciências que conhecemos carecem desta resposta porque se desenvolveram à margem do ser e da vida. Não são ciências da vida e o que hoje se procura é uma ciência que dê resposta aos interrogantes da vida dos homens que vêm.

Questionamento dos fins reais da ciência

Hoje, a ciência é questionada não em seus resultados práticos, mas em seus fins últimos. Contribui para a liberação do homem? Oferece os meios para o desenvolvimento da consciência ou se transformou em um novo “mito” que, por trás do disfarce de um cientificismo que pretende explicar o mundo, encobre um novo modo de manipulação do homem? Não haveremos desembocado em uma iatrogenia científica?

Em meio aos movimentos de crítica à “sociedade alienada” de nosso tempo, a ciência – e, sobretudo, os cientistas e investigadores – ficou um pouco à margem de todo questionamento. Havia uma espécie de reverência não discutida pelo “sacerdote” da ciência, enclausurado em seu laboratório e dedicado exclusivamente ao culto da ciência, sem misturar-se com os problemas do mundo.

Ninguém nega a verdadeira consagração do homem à ciência, mas o que aqui se denuncia é um pretensão “sacerdócio”, a serviço de uma “religião da ciência”, separada da vida.

Um grupo de destacados matemáticos organizou no Canadá, um movimento que, por meio do jornal “Survival” (Sobrevivência) denuncia o caráter unilateral da ciência e sua marginalização das reais necessidades do homem. Os editores questionam, sobretudo, o chamado “cientificismo” ou a “ideologia da ciência” que é, como todas as ideologias – dizem eles – um “conjunto de credos e preconceitos concernentes à natureza da realidade”. E acrescentam: “É muito importante não confundir o

verdadeiro *método* científico com a *ideologia* da ciência; e esta ideologia, com todo seu fundo irracional de “credo científico” e de “modo científico” de ver o mundo e a vida, exerce uma poderosa influência sobre a sociedade de nosso tempo, conformando e/ou deformando, através da educação, uma imagem convencional da realidade”³.

Na Alemanha, Georg Picht, professor de Filosofia na Universidade de Heidelberg e diretor do Instituto de Futurologia, diz em seu livro *Reflexões à Borda do Abismo*⁴, que o pensamento científico do século XX se encontra – como o pensamento político – em estado de desintegração: é incapaz de síntese. Citando conceitos do Prêmio Nobel, Isidor Isaac Rabi, diz que a ciência deve “integrar-se”, se quiser estar à altura das novas funções que ela assume na política, na sociedade e na economia... Segundo Rabi, a ciência se dividiu em tantos pequenos campos particulares que sofreu uma “balkanização” e se afasta cada vez mais daquilo que constitui seu sentido e sua essência.

“O poder científico – diz Picht – é o maior poder do mundo atual e escapa a todo controle político. Porém, a ciência – acrescenta – escapa também ao controle da própria ciência: falta uma ciência à segunda potência que faça do conjunto das ciências especializadas, seu objeto de investigação e que estude seus efeitos em nossa civilização.”

Até aqui, a palavra de Picht. Já veremos mais adiante que este salto para um novo “objeto” da ciência não poderá ser dado, sem passar por um novo sujeito.

Na França, Henri Prat, professor da Faculdade de Ciências de Marselha, questiona a própria noção de “objeto” que as ciências tentam precisar. O chamado objeto – de acordo com Prat – é somente um corte no espaço concreto de uma estrutura muito mais

³ “Survival”, *Scienticism: The New Universal Church*, by Editors of Survival, Vancouver, Canadá, jun.1972.

⁴ Georg Picht, *Reflexions au Bord du Gouffre*, Robert Laffont, Paris, 1970.

ampla que começa a ser percebida em um “hiperespaço de n dimensões”⁵.

Todas estas ideias de destacados pensadores modernos nos levam a perguntar se uma ciência assim dividida – “balkanizada” – sem consciência de seus “fins” reais e cujo próprio “objeto” se torna evanescente ante um olhar mais profundo, pode se constituir em meio de conhecimento do ser humano total e instrumento de sua liberação ou, o que é mais provável, se – ao ficar desconectada das raízes do ser e da vida – não corre o risco de ser posta a serviço da escravidão do homem: uma escravidão ilustrada!

A REVOLUÇÃO DA CIÊNCIA

As correntes renovadoras do pensamento científico

Junto aos movimentos de revisão e crítica dos esquemas que mantêm divididas as ciências particulares e talvez como resultado de uma tomada de consciência do perigo que implica o poder do conhecimento técnico que hoje a humanidade possui, surgiram nas últimas décadas diferentes correntes renovadoras do pensamento científico. Vejamos algumas de suas expressões mais modernas:

Os movimentos de integração da ciência

Erich Fromm, ao se referir ao que se poderia chamar uma “ciência do homem”, diz que “essa ciência tem relação com os dados fornecidos pela história, a sociologia, a psicologia, a mitologia, a fisiologia, a economia e a arte”⁶.

⁵ Henri Prat, *La Metamorfosis Explosiva de la Humanidad*, Plaza Janés S.A., Barcelona, Espanha, 1971.

⁶ Erich Fromm, *The Revolution of Hope*, Harper & Row, New York, USA, pg. 58.

Nestes últimos anos, a tendência de integração no campo científico deu grande impulso ao desenvolvimento da investigação interdisciplinar. Porém, se bem que a “interdisciplina” tenha aberto campos fecundos de possibilidades teóricas e práticas, e de aplicações novas até agora ignoradas (veja-se como exemplo a nova ciência da biônica), tudo isso não é suficiente para criar a ciência do homem futuro. O homem futuro não pode vestir-se com o traje de Arlequim, feito com retalhos das ciências do passado: necessita de uma túnica inconsútil (de uma só peça), integrada e à sua medida. Isto não quer dizer que as ciências que temos não sirvam, nem que tenham esgotado suas possibilidades. Sim, servem, mas para fins secundários, aplicativos e práticos, mas não servem para desvelar o *ser* do homem e pôr a descoberto o significado de sua vida no universo.

Os movimentos de reação

Tampouco acredito que a ciência nova possa surgir de um movimento de “reação”. A reação contra a ciência se

manifesta hoje através de diferentes movimentos de crítica.

Muitos cientistas de vanguarda denunciam o caráter alienado da ciência e querem restaurá-la a seus cursos racionais: racionalização e humanização da ciência – “neo-humanismo científico” – (a antipsiquiatria, por exemplo, os movimentos de protesto contra o uso irracional da tecnologia, contra as explosões atômicas, contra a contaminação do meio ambiente, etc.) e questionam a institucionalização da ciência e sua subordinação aos centros de poder político e econômico.

O divórcio entre aqueles que continuam aferrados ao credo da “ciência pela ciência” e aqueles que querem uma ciência a serviço do homem provocou o cisma em numerosas organizações científicas, academias, sociedades e institutos de investigação.

Nos estudantes, a reação se produz contra o academicismo, o cientificismo e o ensino teórico, desvinculado da prática. Esta ‘revolução cultural’ da juventude, que se estendeu como rastilho

de pólvora por todas as universidades do mundo, ameaça as bases institucionais em que a ciência se apoiou até agora.

Finalmente, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento, as correntes sociais e políticas de vanguarda pressionam as elites do poder para que o conhecimento científico e tecnológico seja acessível a todos. Esta tendência nobremente inspirada, que quer pôr os bens da cultura a serviço do povo, costuma ser desvirtuada na prática, quando se confunde serviço com servilismo e se pretende criar uma política da ciência, sob a direção da burocracia sindical, dos partidos políticos ou do Estado.

Todos os movimentos de reação que assinalamos, e que hoje sacodem os edifícios milenares da cultura, desempenham um papel muito importante na transformação que está sendo realizada na ciência mas, por si mesmos, carecem de mensagem para uma futura ciência do homem. Não se deve confundir o planejamento do ensino e a socialização ou politização da ciência com a nova estrutura do pensamento científico, na qual se funda propriamente a ‘ciência nova’.

A revolução da ciência

Para além da “integração” e da “reação”, devemos aprender a descobrir os traços que caracterizam a *revolução* que está se produzindo na própria ciência.

Thomas Kuhn, um estudioso da história das ciências, ocupou-se detidamente do processo de transformação do pensamento científico, em consequência do surgimento de novos “paradigmas”. Em seu livro *La Estructura de las Revoluciones Científicas*⁷, diz: “No desenvolvimento de uma ciência natural, quando um indivíduo ou grupo produz, pela primeira vez, uma síntese capaz de atrair a maioria dos profissionais da geração seguinte, as escolas mais antigas desaparecem gradualmente”.

Este fenômeno de ‘deslizamento dos paradigmas’, que dentro da perspectiva histórica das revoluções científicas ocorria de

⁷ Thomas S. Kuhn, *La Estructura de las Revoluciones Científicas*, Fondo de Cultura Económica, México, 1971.

quando em quando, é hoje um signo da modernidade que constitui a própria essência do tempo novo e que provoca uma brecha generacional nos modos de pensar.

O que atualmente constitui a verdadeira revolução da ciência não é o progresso do conhecimento, mas a ‘revolução’ do pensamento (no sentido etimológico do termo). Não se trata somente de novas ideias, mas de um novo *ritmo* do pensar e é esse novo ritmo o que caracteriza a mente do homem planetário.

Essa mudança na “ecologia da mente” – para utilizar a expressão cunhada por Gregory Bateson⁸ – vem sendo observada desde o primeiro terço do século XX e têm sido os poetas, os filósofos e os místicos os que se anteciparam à revolução da ciência e da tecnologia: cada um desses profetas da nova era desenha um signo prefigurativo que, por acoplamento sincrônico, prepara a síntese do pensamento do século XXI.

Octavio Paz, em *Los Signos en Rotación*, detecta sagazmente a missão da poesia moderna de salvar, através do ritmo analógico, a excisão da consciência produzida pela técnica e de unir a arte com a vida: “Nossa poesia – diz – é consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado”⁹.

No campo filosófico, Heidegger denuncia o “esquecimento do ser” e a ruptura da unidade do conhecimento. Referindo-se à estrutura da ciência, diz: “Os domínios das ciências estão muito distantes entre si. O modo de tratar seus objetos é radicalmente diverso. Esta diversa multiplicidade de disciplinas se mantém ainda unida, graças tão somente à organização técnica das universidades e faculdades, e conserva uma significação pela finalidade prática das universidades. Em troca, o enraizamento das ciências em seu fundamento essencial se perdeu por completo”¹⁰.

⁸ Gregory Bateson, *Pasos Hacia Una Ecologia de la Mente*, ed. Carlos Lohlé, Buenos Aires, 1976.

⁹ Octavio Paz, *El Arco y la Lira*, Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., México, 1967, pg. 284.¹⁰ Richard Wisser, *Martin Heidegger in Gespräch*, Verlag Karl Alber, Freiburg/München, 1970.

¹⁰ Richard Wisser, *Martin Heidegger in Gespräch*, Verlag Karl Alber, Freiburg/Münchenn, 1970.

A revolução moderna da ciência, enquanto ‘giro’ do pensamento sobre si mesmo, é a tradução do ritmo analógico do poeta e da visão intuitiva do filósofo para conceitos-síntese. Estes novos conceitos-síntese estão sendo estados hoje, na mente e no coração dos sábios. Digo expressamente sábios e não cientistas, filósofos ou técnicos profissionais porque, na mente intuitiva destes sábios, começa a delinear-se a grandes traços, a silhueta de uma síntese para a ciência do porvir. Eles são os artistas do desenho do futuro, os visionários que descobrem relações insuspeitadas entre as coisas, os arquitetos de novas configurações, os desenhistas de novos paradigmas. Estes homens que veem longe, estes sábios modernos, estes pais da ciência, costumam passar despercebidos por seus contemporâneos que, deslumbrados pelas conquistas tecnológicas de aplicação imediata e oprimidos pela quantidade de dados proporcionados pelas ciências particulares, não chegam a reconhecer a presença dos profetas de seu tempo. Estes profetas da ciência não são especialistas, no sentido comum do termo e, portanto, ainda em seus ambientes de trabalho, sentem-se estrangeiros, imigrantes do tempo e viajantes que cruzam a fronteira entre dois mundos. “Vimos demasiado tarde para a filosofia e demasiado cedo para o ser”, diz Heidegger. E Gregory Bateson, tratando de explicar a dificuldade que seus alunos encontravam para entender o que ele queria dizer em suas aulas, diz: “Paulatinamente, descobri... que minha maneira de pensar era diferente da deles”¹¹.

A CIÊNCIA EM BUSCA DE SI MESMA

A crise do pensamento dialético

Estamos assistindo a um gigantesco movimento de reflexão da ciência sobre si mesma, em busca de novas relações e novos significados. Esta mudança de enfoque se produz como

¹¹ Gregory Bateson, ob. cit., pg. 17.

consequência de uma reviravolta do pensamento, desde a filosofia da natureza – tal como foi concebida no passado e que, de uma ou de outra maneira, inspirou e ainda continua inspirando as ciências positivas até os dias de hoje – até uma filosofia da *vida* que já está animando a nova ciência do porvir.

Trata-se não somente de um giro do pensamento, mas também de uma mudança de atitude do homem frente ao mundo e frente a si próprio. O novo homem de ciência, antes de mais nada, já não se coloca ‘frente’ à natureza para manipulá-la e dominá-la, pois ele se sente parte dessa natureza e investiga para compreendê-la e para compreender-se. Desta percepção de totalidade surge uma nova ciência, já não uma ciência de objetos, mas uma ciência da vida. Quando o investigador se ‘abre’ às correntes invisíveis da vida, o próprio ritmo vivo o arrasta desde o mundo das coisas às fontes do ser: o tempo se reverte e o conhecimento se transforma em visão.

Depois de 2.500 anos caminhando em direção às coisas, voltamos ao ser? Sim! E isto foi possível, em escala planetária, pela revolução tecnológica moderna. O pensamento dialético cedeu lugar ao pensamento cibernético. A era eletrônica nos fez penetrar em um mundo de ressonâncias múltiplas e a tecnologia cibernética está criando um novo organismo humano. A velocidade elétrica de retroalimentação nos translada de um pensamento lógico a um pensamento analógico.

Como diz Garcia Venturini, “a cibernética está realizando um tipo de convocatória do saber, em uma espécie de reunificação ou reencontro das diferentes disciplinas que, durante alguns milênios, depois de separar-se progressivamente do tronco comum da sabedoria – que de alguma forma era a filosofia – foram se construindo, de modo cada vez mais independente, até nossa época”¹².

O importante é dar-nos conta de que esta ‘síntese’ não surge por meio de ‘construção’, mas por ‘demolição’. Não é um novo sistema de pensamento, mas a reversão do próprio pensamento.

¹² Jorge L. Garcia Venturini, *Filosofia e Cibernética*, no jornal “La Nación”, Buenos Aires, 27 de agosto de 1972

O pensamento dialético é transferido pela cibernética a um pensamento analógico. O que antes era patrimônio de poetas e filósofos, hoje se incorporou à ciência. Que relação existe entre a atividade do Sol e os anéis de crescimento das árvores? Este tipo de pergunta somente poderia caber na mente de um Swedenborg ou de um Paracelso – dentro do marco das correspondências universais – porém hoje, é a pergunta que se fazem os investigadores modernos, baseados nos dados dos computadores¹³.

Ou que relação existe – pergunta-se Bateson – entre a disposição das folhas no talo de uma planta e a ordenação das regras gramaticais em uma oração?

Estas perguntas transcendem o marco do pensamento lógico e indicam que a mente que as formula já não se detém na contradição dialética, senão que capta a *relação* de semelhança entre termos diferentes, como algo primário. O poeta e o místico também descobrem relações analógicas, mas o que queremos destacar aqui é que o cientista moderno, através da tecnologia eletrônica que torna ‘visíveis’ as pautas de relação entre fenômenos aparentemente desconectados entre si, tem acesso a um aspecto da ‘revelação’: pode *ver* a trama invisível do universo.

A raiz do pensar

Todas as correntes de vanguarda do pensamento vão além – ou aquém? – do pensamento propriamente dito. Heidegger remonta aos pressocráticos, em busca da “raiz do pensar”. Octavio Paz, ao abordar o tema da poesia moderna, aponta constantemente para uma “palavra primordial”. E Bateson sustenta a necessidade de “retornar ao começo do pensamento em si; certamente, em um período anterior, em que a ciência, a filosofia e a religião se converteram em atividades separadas e cultivadas separadamente por profissionais em disciplinas separadas”¹⁴.

¹³ John A. Eddy, *La Desaparición de las Manchas Solares*, na rev. “Investigación y Ciencia”, Ed. Prensa Científica, Barcelona, Espanha, n° 10, 1977, pg. 58

¹⁴ ¹⁴ G. Bateson, ob. cit., pg 22

Mas é importante advertir que esta ‘volta à raiz do pensar’ que se manifesta como tendência na filosofia e na ciência, tem sua origem na mística. É a mística que traz o ‘quantum’ de unidade que o pensamento contemporâneo reclama.

De onde vem essa corrente mística? Hoje, como ontem e como sempre, a mística vem do deserto. Também hoje, existem os ‘padres do deserto’. Quem são? São seres de vanguarda que saíram, a seu devido tempo, da velha civilização e que voltam transmutados, com um novo estado de consciência. Eles vivem no deserto da sociedade contemporânea e seu pensar constitui por si mesmo um novo meio humano, um ‘meio de união’.

Do pensamento à visão

O ‘meio tecnológico’ é extensão dos sentidos (Mc Luhan), mas o ‘meio místico’ é expansão de consciência.

A mística é essencialmente unitiva, reverte a consciência a seu estado simples e lhe devolve sua capacidade originária de *ver*. Este *ver* é o signo inédito da consciência que está na raiz do pensar. Porque o ver se antecipa ao pensar.

Síntese do conhecimento

Até agora, o conhecimento científico tem sido o fruto de um razoamento indutivo, baseado na experiência. Para as chamadas ciências da natureza, esse pensamento era suficiente, mas para as ciências do homem, conduziu a um beco sem saída. Por quê? Porque o pensamento racional que conhecemos pode descrever o mundo dos fatos, mas mostra-se insuficiente para *descobrir* os significados da vida.

Esta ‘cegueira’ para o significado foi compensada, até ontem, pela Revelação religiosa. De uma ou de outra maneira, o pensamento científico tomou emprestado da Revelação o que o próprio pensamento racional não poderia dar. Por sua vez, a religião pedia emprestado à ciência, o que a Revelação não podia explicar. E assim, formaram-se as ciências positivas por um lado e

a teologia por outro, mantendo-se entre ambas disciplinas um abismo intransponível que Georg Picht dramatiza como um diálogo entre “cegos” e “mudos”: “O mudo não pode relatar o que vê; o cego relata o que não pode ver”¹⁵. Em outras palavras, as formas da consciência religiosa do passado carecem do instrumento científico para explicar o mundo e a ciência moderna carece do órgão de visão para relacionar seus resultados parciais com a fonte do ser e da vida.

Porém, o homem moderno não quer viver de empréstimos. Não aceita que os significados da vida lhes sejam impostos por uma autoridade estranha a sua própria consciência. E, precisamente, a nova consciência que nasce já está em condições de oferecer o ‘quantum’ de visão – um fóton de consciência – que falta ao pensamento científico, para que esse pensamento possa oscilar de forma reversível entre o significado e a forma. A esta nova consciência oscilante e reversível, chamamos ‘egoência’, uma consciência alternante entre a dimensão horizontal do tempo e a dimensão vertical dos significados. É um ‘terceiro olho’ que descobre a trama invisível que vincula entre si os acontecimentos. Dois olhos são suficientes para olhar, mas não para *ver*.

Os instrumentos biológicos do corpo humano e os instrumentos tecnológicos ‘têm olhos e não veem’, ‘têm ouvidos e não ouvem’. São três olhos os que são necessários para *ver* e não apenas dois. E isto não é ficção científica, mas a pura realidade. Esta é a síntese que está em jogo, não uma síntese intelectual (uma construção do pensamento para compreender a ordem do universo), mas uma síntese *fisiológica* que está se realizando dentro de nós mesmos e que une o mundo das formas com o mundo do significado, o mundo da ciência com o mundo da fé, o mundo do conhecimento com o mundo da vida.

¹⁵ G. Picht, ob. cit.

Fracasso existencial e abertura de consciência

O giro de ótica a que fazemos referência se produz hoje em um momento crítico (obscuro) da história da humanidade, no qual o homem perdeu a visão do significado e está substituindo sua cegueira por ideologias e substituindo a realidade por interpretações. O que acontece com os grandes problemas humanos e os grandes interrogantes existenciais que o futuro nos propõe? São explicados por gente ignorante. O caso dos sobreviventes do avião perdido na cordilheira dos Andes, em 1972 – o chamado “milagre dos Andes” – e as interpretações tecidas a respeito são típicos da cegueira do pensamento moderno e de sua falta de profundidade. O mesmo poderíamos dizer do “milagre da proveta” e do “milagre dos óvnis”. A dimensão de transcendência foi perdida. E, ao substituí-la, o que fica? Debates, nos quais jornalistas, políticos e técnicos explicam tudo à sua maneira.

A profundidade do pensamento (sua terceira dimensão) somente é adquirida pela incorporação de um novo ‘elemento’ de consciência e esse ultraelemento não pode entrar tão facilmente no mundo do pensamento porque esse mundo se tornou um sistema ‘fechado’ que perdeu contato com as fontes do ser, com os arquétipos celestes e com os mistérios da vida. Somente a ruptura desse sistema torna possível que o pensamento entre em harmonia com o sentir profundo do ser humano e que as coisas do mundo e da vida sejam compreendidas de outra maneira. Essa ruptura está se produzindo hoje, em escala planetária, em situações limite de fracasso existencial. Fora dessas situações, é tão dura a casca material do ser humano que bem se pode dizer: ‘tem ouvidos e não ouve’. Hoje, tudo se justifica, tudo se explica, tudo é interpretado, mas nossa alma se afoga em um mar de palavras. Somente quando tudo isso termina, quando se chega ao limite da desesperação e ao fundo da humildade, é possível uma abertura de consciência. Milhões de homens e mulheres em todo o planeta estão vivendo experiências limite que ‘fissuram’ a matéria humana e tornam possível a liberação do ser.

Em algumas almas solitárias, consagradas ao amor e à ciência, em algumas comunidades místicas, em alguns ‘sobreviventes’ das guerras revolucionárias, das câmaras de tortura inventadas pela civilização moderna, do exílio e da morte civil, em alguns desses seres se produziu ou está se produzindo uma mudança radical. Tudo o mais é ideologia, ficção científica, ânsia de poder e dialética encobridora. Porém, algumas almas começam a *ver*!

O cérebro eletrônico e a nova mente

O que está acontecendo no campo da ciência?

O gigantesco movimento de reflexão da ciência sobre si mesma tem consequências ‘catastróficas’ para suas próprias estruturas, tanto no que se refere às doutrinas quanto no que se refere às instituições científicas e ao próprio sujeito que faz a ciência. É um ciclo de retorno sobre si, de questionamento de seus próprios fins, de síntese do pensamento científico. Mas, cada vez que a história faz a síntese de uma época, traduz todo o conhecimento adquirido em um ‘símbolo genético’ – uma obra de arte – já se trate de um monumento de pedra, de alguma Biblioteca de Alexandria, de um arquétipo do inconsciente coletivo ou de um código biológico. E isto é o que está ocorrendo no momento atual.

Todo o conhecimento do passado está sendo armazenado em microcircuitos técnicos, nos ‘cérebros eletrônicos’ dos computadores. Mais ainda, essa codificação se produz também *dentro* do próprio homem, em seu próprio cérebro, em sua própria fisiologia.

Passou a época da avidez pelo conhecimento; há certo tédio, certo cansaço ante uma massa de dados que nenhuma mente humana pode abarcar em seu conjunto. Não vivemos mais sob o signo da cultura e sim, da contracultura. Não é esta uma época de erudição, mas uma época “panfletária”. A mente fáustica do homem se reverte sobre uma mente mística. O auge das histórias em quadrinhos não é só um sintoma de decadência cultural, mas significa, de alguma maneira, uma mudança nos processos operativos da mente. A ‘ultrarreflexão’ silenciosa que está se

produzindo dentro de nós mesmos vai depositando – processando – o conhecimento adquirido nas camadas mais profundas da mente subconsciente, talvez em algum centro cerebral de computação de dados. E uma nova mente surge, mais limpa, mais virgem, menos carregada de impressões supérfluas, mais livre para ver o mundo e explorar o cosmos.

E o que acontece com os templos do saber, com as sociedades científicas, com as universidades? Muitos destes centros se converteram em museus do conhecimento, quando não em formas encobertas do poder político e econômico. Onde está o espírito da ciência que outrora presidia os claustros? Academicismo e revolução são temas já superados. Nem o discurso filosófico nem o discurso político conseguem preencher o vazio produzido nas instituições científicas pela ‘migração’ do espírito da ciência. A corrente do saber, em um pulso para dentro, abandona as antigas formas e muitas respeitáveis instituições ficam vazias de conteúdos substanciais. Esta é a verdadeira crise universitária, a que assistimos hoje em todo o mundo. O que não quer dizer que as universidades não sirvam; servem, mas para fins práticos, como disse Heidegger. Essa crise se precipita pelo embate de forças contraculturais que vêm de fora, mas têm sua origem em uma ‘retirada’ do espírito, desde dentro. É uma retirada do espírito da ciência que, tendo cumprido uma longa trajetória de análise objetiva da realidade, volta-se sobre si em um implosivo movimento de síntese, cujo resultado é um deslocamento do centro de gravitação cultural. A ciência do futuro se transladou para outro lugar e os verdadeiros estudiosos sabem disso! A universidade profissionalista, tecnificada e politizada do mundo de hoje é um templo vazio, como há tantos outros templos vazios na sociedade de nosso tempo. As grandes forças do espírito abandonaram os velhos templos. É o ocaso dos deuses da velha cultura. É hora de olhar para outro lugar!

AS ANTENAS DO FUTURO

A CRISE DOS INSTRUMENTOS

A nova ciência não se funda em algum novo descobrimento ou em alguma nova teoria, mas em uma nova *visão*. A chave para o homem futuro não está em conhecer e sim em ‘ver’. A maior dificuldade para se ter acesso a esta visão não reside na falta de conhecimento – há excesso de conhecimento – e sim, na carência de ‘vista’.

A extensão dos sentidos naturais, mediante instrumentos técnicos de alto poder de resolução e alcance – ‘olhos’ e ‘ouvidos’ eletrônicos – tornou possível ampliar consideravelmente o campo mental, mas este desenvolvimento dos meios artificiais de percepção se deu, pelo menos em parte, à custa dos germes potenciais de novos sentidos no próprio homem. Hoje, temos excelentes meios óticos, acústicos e eletrônicos para explorar o universo, mas carecemos do órgão de síntese para detectar o significado da vida. E todos os instrumentos juntos, dos quais dispomos, e todos os dados fornecidos por esses instrumentos (ainda que processados nos melhores computadores) são incapazes de ampliar a visão de significado. Possuímos os órgãos (naturais e artificiais) do conhecimento, mas carecemos do órgão de visão. E este órgão, no momento, não pode ser fabricado, deve ser criado dentro do organismo humano. O homem se perderá no cosmos recém aberto, se não desenvolver o órgão que lhe permita não só explorar as pedras da Lua ou as faixas do espectro de galáxias longínquas, mas também o significado de sua própria vida no universo. Este é o desafio radical que o homem cósmico que nasce deve enfrentar, não somente um desafio tecnológico, mas também um desafio biológico, existencial e espiritual, criação de novos órgãos para ‘ver’, ‘ouvir’ e ‘viver’ em um novo espaço e em um novo tempo: fisiologia do futuro.

A crise da ciência não é uma crise de interpretação, mas de visão; não somente uma crise das teorias e instrumentos

construídos pelo homem, mas uma crise da estrutura biológica e mental do próprio homem: insuficiência para ‘ver’ o mundo novo.

A ciência tem sido incapaz, em geral, de ir além dos limites impostos pela própria estrutura do instrumento humano, criador da ciência, e reservou os domínios que estão “além”, para os poetas, místicos e visionários. E, por sua vez, aqueles que por sua sensibilidade artística ou religiosa tiveram uma visão desse “além”, reservaram à ciência o mundo do “aquém”. Mas, não há ponte entre esses dois mundos. Este é o nível em que nos encontramos. Em outras palavras: as ciências particulares ficaram separadas em campos estanques, rígidos, sem comunicação uns com os outros porque a própria mente dos homens de ciência ficou encerrada em uma estrutura rígida que impede o acesso a outros campos do saber. Não somente as ciências são ilhas, mas também os cientistas. Eles estão incomunicados entre si, isolados dentro de seus esquemas mentais, presos nas redes de suas próprias limitações, enquanto a humanidade, em seu conjunto, já penetrou no mundo novo e reclama uma ciência que o explique. Mas, para isso, faz falta um ‘novo instrumento’.

O FUNDAMENTO PROFÉTICO DA NOVA CIÊNCIA

A nova ciência está sendo gestada na visão dos profetas, mais que nas construções científicas ou nas aplicações tecnológicas. A mensagem do futuro é anunciada pelos profetas, antes de ser formulada cientificamente pelos doutores porque os profetas se adiantaram aos doutores. A nova ciência nasce de novos protótipos humanos dotados de uma nova mente e de um novo órgão de visão. Esse instrumento é possuído hoje pelos profetas modernos – na vanguarda da sabedoria – e pelas almas simples; são os seres que se adiantam ao mundo novo sem preconceitos; são aqueles que têm o olhar da criança, suficientemente limpo para ver claro; é a clarividência do futuro que nada mais é que a capacidade de ‘ver claro’, uma função que os velhos homens perderam.

Por meio desse novo instrumento biológico e espiritual os novos homens descobrem a nova estrutura da ciência, formulam os novos paradigmas, propõem novos interrogantes, abrem novos caminhos e esboçam novos modelos científicos, sociais e técnicos.

Na antiguidade, o pensamento profético descia a uma humanidade que ainda não havia desenvolvido o instrumento racional adequado para traduzir a inspiração profética em modelos teóricos ou técnicos; daí que a voz dos profetas fosse uma ‘voz que clama no deserto’. Mas hoje, essa voz não ressoa em um deserto, senão que se acopla com o pensamento científico e com o meio tecnológico do mundo moderno. O pensamento profético se encontra com as correntes do pensamento científico e forma *com* elas um novo campo unificado, um novo torvelinho de ideias, uma nova síntese, uma estrutura (intuitiva-científica-técnica). A onda do pensamento profético (carregada de ‘significados’) assume as ‘formas’ do pensamento científico, produzindo a ruptura das construções sistemáticas do passado e dando nascimento a novas formas de síntese em um campo unificado de consciência-vontade oscilante e reversível.

Nos umbrais do século XXI, constituiu-se já uma nova relação entre o pensamento profético e o pensamento científico. Já Einstein o havia advertido com suficiente antecipação, ao assinalar as estreitas relações entre a física indutiva, que se apoia na experimentação, e a física dedutiva, que parte de uma intuição ‘profética’: a investigação das leis mais gerais, em virtude de um estado de consciência que “se parece com o dos religiosos ou o dos amantes”¹⁶.

Isto já não é dialética, mas oscilação reversível do pensamento. A sensibilidade que caracteriza os homens de ciência do futuro é precisamente esta misteriosa articulação entre o pensamento científico e o pensamento profético.

Precisemos algo mais sobre o alcance e a natureza desta ‘reversão do pensamento’. Os conceitos são insuficientes para traduzir uma função que é lógica e analógica ao mesmo tempo e que articula a

¹⁶ Albert Einstein, *Cómo Veo el Mundo*, Ed. Cultura, Santiago de Chile, 1935

órbita do pensar com o campo do sentir. Quando a vontade de conhecer se põe a serviço da consciência de ser, o pensar se reverte em sentir, a reflexão, em compreensão e a dialética, em mística.

O SENTIMENTO DA EXPERIÊNCIA A MENTE OSCILANTE DO HOMEM PLANETÁRIO

A mística do homem planetário está criando um novo órgão de conhecimento. Quando o pensamento termina, nasce um novo sentir. Quando a mente cala, fala o coração. Porém, do coração flui um novo pensar.

As filosofias do Oriente exaltaram o valor da consciência iluminativa, enquanto que as filosofias do Ocidente puseram ênfase na vontade de poder; mas o homem futuro está construindo dentro de si um instrumento que une a consciência com a vontade, um órgão que faz de ponte entre a visão profética que se adianta aos fatos e o sentimento da experiência que se funda nos fatos. É uma nova relação ‘fisiológica’ entre o ‘olho’ que lê a mensagem da consciência e a ‘mão’ que a traduz em formas de ação.

Uma mística se traduzindo em uma fisiologia? Sim! Por outro lado, isso é o que ocorreu sempre, mas agora acontece em escala planetária: mudança no ‘meio fisiológico’. Está se produzindo uma transformação na tecnologia biológica do organismo humano, um salto na antropogênese.

Durante milênios, desenvolvemos uma ‘mente de ótica fixa’ que funciona em uma só direção, como um microscópio ou um telescópio. Porém, o impacto do futuro, ao romper o marco rígido que ‘fixa’ a consciência nos objetos do mundo, faz com que essa consciência recupere sua capacidade originária de mover-se, de ‘oscilar’. Um telescópio como instrumento de ‘ótica fixa’ só pode olhar para fora, mas uma mente de ‘ótica oscilante’ pode olhar de forma reversível para fora e para dentro.

Com um instrumento mental de ótica fixa, somente pudemos criar ciências de ‘campo fixo’ (determinadas por seus respectivos

objetos particulares) e modelos teóricos de ‘estrutura conceitual fixa’: modelos espiritualistas, se a ótica olhava para cima ou modelos materialistas, se a ótica olhava para baixo. E assim, dividimos a realidade em campos estanques que agora se transformaram em prisões para um *ser* do futuro que já se move em dimensões alternativas entre o espírito e a matéria, entre o infinito e o infinitesimal.

O homem velho se determina a si mesmo por meio de ‘posturas fixas’: posturas ideológicas, dogmáticas, científicas, políticas, sociais..., mas já não estamos sob o signo das posturas (a yoga ou a arte egípcia) e sim, sob o signo da *vida* e a vida é oscilação, pulso, movimento alternativo, ritmo, evolução e involução. Depois de longos séculos de imobilidade, o homem novo começa a sentir a alegria da mobilidade de seu corpo e de sua mente, da reversibilidade de suas posições (a tecnologia se adiantou a nós: os osciladores já substituíram os cabos e as pilhas). A humanidade de hoje realiza em escala planetária um gigantesco experimento ‘fisiológico’ para criar a instrumentação antropológica que permita ao homem terrestre sintonizar com a consciência cósmica.

OS NOVOS CAMINHOS DA CIÊNCIA

A REVOLUÇÃO DO MÉTODO DO CAMINHO DO CONHECIMENTO AO CAMINHO DA VIDA

Estamos assistindo a uma revolução da ciência. Em que consiste? No grande avanço tecnológico? Não nos referimos a isso. Trata-se de uma revolução diferente, ainda invisível. Os velhos métodos caducaram.

Para uma mente de ótica fixa, o método foi ou o dedutivo ou o indutivo; um caminho lógico que desce do geral ao particular e outro que ascende desde os fatos às leis que os ordenam: são os

‘dois caminhos’ que a inteligência humana percorreu, desde há séculos. Estes dois caminhos já deram tudo o que podiam dar, mas a mente oscilante ‘abre’ agora um ‘terceiro caminho’, um novo método que traça uma relação diferente entre o objeto da ciência e o sujeito que faz a ciência.

Até os alquimistas, método e sujeito eram um só: o ‘opus’ do alquimista não era só uma operação sobre a matéria mas, ao mesmo tempo, uma operação sobre o próprio sujeito. Porém, com o avanço do método científico experimental, o caminho se fez cada vez mais alheio ao caminhante; o método foi se tornando objetivo, até converter-se em um conjunto de regras. No momento atual, toda a epistemologia da ciência nada mais é que um aperfeiçoamento das ‘regras da arte’, mas que não inclui a *vida* do sujeito que faz a ciência.

O novo método é algo essencialmente distinto, o sujeito e a regra já não são duas coisas diferentes, senão que constituem a mesma estrutura viva do ser humano. Esta é a revolução do método. Já não se trata de encontrar um método perfeito, uma regra perfeita que permita chegar à máxima “objetividade” científica, ou seja, um método que não possa ‘ser contaminado’ pelo sujeito que investiga, o que viria a ser algo como um método matematicamente puro – os algoritmos do computador – um método tão ‘puro’ que o sujeito da ciência possa se dar ao luxo de ser tão ‘impuro’ quanto queira, sem que por isso influa nos resultados. Este método experimental e instrumental – lógico, matemático e técnico – desembocou no computador e este é que, de agora em diante, levará este método às últimas consequências¹⁷!! Porém, este método tão maravilhoso, filho da razão, já deu seus frutos. Agora, abre-se um novo ‘discurso do método’ e o homem novo avança por um caminho em que o sujeito *é* o método. Isto supõe uma mudança total de enfoque para a epistemologia da ciência, já que, em sua nova dimensão, o

¹⁷ Ramón P. Muñoz Soler, *Cerebro Electrónico y Expansión de Conciencia (De la Revolución Cibernética a la Egoencia del Ser)*, em “Temas y Modelos de Futuro”, Boletim 5, ADCEA, Buenos Aires, 1975

método não só implica um meio de conhecimento, mas um *método de vida*.

O trânsito de um sistema de regras lógico-matemáticas para um método de vida é uma revolução total, desta vez, não só das teorias científicas e dos instrumentos técnicos, mas e sobretudo, dos homens e mulheres que estão criando a ciência do futuro. Para a exploração da matéria e da energia eram suficientes os velhos métodos – objetivos, experimentais, lógicos e instrumentais – mas, para a exploração da consciência – o território inexplorado que temos diante de nós – o homem de ciência deve participar com sua própria vida, sintonizando, ele mesmo, com a alma dos fenômenos que quer explorar, para que eles lhe revelem seu ser, sua lei e seu significado. Já não será possível, como até agora, “arrancar” os segredos de uma natureza que permanece “estranha” ao sujeito, senão que será necessário um método de ‘união por similitude’, de união pelo ser. Este novo método – por *participação* do sujeito – já não é de ação ou de contemplação, mas de compromisso total com o ser, com o mundo e com a vida.

Dentre as que poderíamos denominar teorias epistemológicas de participação criadora, Jean Piaget realizou uma valiosa contribuição, ao destacar a “ação do sujeito” como constitutiva de todo conhecimento, mas sua epistemologia genética¹⁸ não chega a transpor a brecha que existe entre os significados arquetípicos e as formas concretas. Para cruzar este abismo epistemológico, faz falta um novo instrumento humano e esta é a tarefa ‘genética’ dos homens que vêm. O método científico experimental avançou extraordinariamente no conhecimento dos fatos e de suas leis, mas perdeu contato com as fontes do ser. A nova ciência deverá recuperar, mediante um novo sujeito da ciência, sua capacidade originária de ver – e de ler – no Livro Sagrado da Vida. Para uma ciência da vida, o computador não basta! Não são suficientes os fatos, são necessários os significados. Mas, os significados não são inventados, *revelam-se*.

¹⁸ Jean Piaget, *Introducción a la Epistemologia Genética*, Ed. Paidós, Buenos Aires, 1975

Que consequências tem esta operatividade do método vivo? Teremos que abandonar todo o aparato tecnológico em que hoje se apoia a investigação científica? Teremos que retomar o método dos alquimistas? Ou seguir o caminho dos intuitivos solitários? Ou talvez, teremos que esperar a aparição de um novo profeta da ciência? Muitas respostas a estas perguntas já estão sendo dadas, mas não da forma que havíamos imaginado.

UMA NOVA DIMENSÃO DO CONHECIMENTO A EXPLORAÇÃO DO SIGNIFICADO

Existe hoje um novo tipo de homem de ciência, cujo trabalho específico não se dá na ordem dos fatos, mas na das configurações. Muitos destes investigadores não realizaram nenhum brilhante descobrimento, mas têm a rara habilidade de reunir a seu redor, cientistas procedentes dos mais diversos campos do conhecimento, com a única promessa de mostrar-lhes relações significativas entre fenômenos considerados tradicionalmente como separados entre si, quando não antagônicos. Vejamos, por exemplo, o caso de Ilya Prigogine, Prêmio Nobel de Química, 1977. Sua “teoria dos processos irreversíveis” não é nenhum descobrimento novo e sim, uma nova maneira de pensar. De que se trata esta teoria? De algo, ao que parece, tão pouco prático como as relações de coexistência entre azar e determinismo ou “teoria da ordem por flutuações”, mas esta forma de pensar abriu insuspeitadas possibilidades para a compreensão de muitos fenômenos de auto-organização em química, física, biologia e medicina.

Em um artigo editorial da revista “Time”, os autores detectam a presença deste segundo nível do pensamento e lhe atribuem suficiente importância no campo antropológico, até chegar a falar de um “repensar sobre o homem”¹⁹. É que o conhecimento alcançou hoje, efetivamente, uma nova dimensão e já existem

¹⁹ “Time” (seção especial), *El Repensar Sobre el Hombre*, 2 de abril de 1973

homens de ciência que atuam como outras tantas células fotoproféticas de um órgão planetário da ciência, cuja função é mostrar a rede invisível de relações significativas que configuram o mundo do futuro. O que importa, de agora em diante, não é a investigação (pura e simplesmente), mas o *sentido* da investigação, para que os resultados práticos da ciência tenham significado para o porvir do homem. Se não se for por este novo caminho, a ciência desembocará em um beco sem saída e o progresso da investigação se voltará contra a vida. E isto já está ocorrendo!

Edward Matchett, baseando-se em conceitos da escola vienense de logoterapia de Viktor Frankl, propõe uma disciplina de trabalho criativo, denominada “logotecnologia”, em virtude da qual, consegue introduzir no pensamento prático dos desenhistas do mundo moderno a noção de *significado*, estendendo uma ponte entre o “logos” e a “techné”. É mais fácil gritar: em frente! Do que dizer: onde? – diz Matchett²⁰. E continua: “Vemos claramente que a mera adição à proliferação de objetos feitos pelo homem – ainda que de uma maneira que possa produzir prazer para alguns e benefícios financeiros para outros – não é em si mesma uma preocupação ou propósito, suficientemente valiosos”. Em outras palavras, resume seu pensamento dizendo que, na construção do mundo futuro é indispensável equilibrar o “afã de prazer” (Freud) e o “afã de poder” (Adler), com o “afã de significado” (Frankl). E nós acrescentamos que, sem insuflar um alento de significado, corremos o grave risco de produzir formas úteis e talvez belas, mas vazias e sem vida.

Sem uma visão do porvir do homem e do significado de sua vida no universo, o enfoque puramente científico e técnico dos problemas humanos e sociais conduz mais ao encobrimento da consciência que à sua liberação. Como exemplo, vejamos o que acontece com o tema do ‘desenvolvimento’. Diferentes disciplinas se propõem à investigação do processo de desenvolvimento do ser humano, desde a psicologia, a sociologia, a economia, a política,

²⁰E. Matchett, *Hacia una Tecnologia del Nuevo Mundo*, Ed. “Instituto de Diseño Industrial”, Fac. de Ciências Exatas e Engenharia, Univ. Nac. de Rosario, Argentina, 1973

até a filosofia e a religião. Mas, cada uma interpreta o desenvolvimento à sua maneira. Desenvolvimento de quê? Em que direção? Com que significado? Nos povos subdesenvolvidos, a falta de meios materiais faz com que muitas capacidades se tornem frustradas e que estes povos adquiram a fisionomia de “bárbaros”, de “infradotados”, como bem assinala Fanon. A carência de meios para o desenvolvimento deixa latentes as possibilidades humanas, é como uma semente, à qual lhe faltasse a umidade da terra e o calor do sol. Nessas condições de infra-humanidade, o homem pode ficar reduzido à condição de coisa manipulável, mão-de-obra barata, “indigenismo”; são os “condenados da terra” (Fanon): privados de meios materiais, estão condenados, por toda a vida, a não sair de onde estão, a não desenvolver seu cérebro e suas possibilidades. Mas, nos países “muito desenvolvidos”, com excesso de meios materiais, a consciência do homem se identifica com as coisas que possui e se produz uma perda do ser (*loss of self*) que tão bem descreve Charles Reich²¹ na sociedade norteamericana contemporânea; aqui, o homem fica ligado ao sistema e não pode sair dele: são os ‘condenados do sistema’.

Em um país subdesenvolvido, um clarinetista tem que soprar oito horas por dia para ganhar um salário miserável. Dir-se-á que em um país desenvolvido, um clarinetista ganha muito mais, mas o problema do ‘desenvolvimento’ humano não é ganhar mais ou menos, ter mais ou ter menos, se tanto em um caso quanto no outro, forem perdidos a consciência do ser e o significado da vida. Como encararia este problema do desenvolvimento, a ciência do porvir? Antes de mais nada, denunciando o absurdo de ‘ser’ clarinetista, de estar condenado toda a vida a ‘ser’ médico, ‘ser’ operário, ‘ser’ aeromoça; de estar condenado a determinado papel, a ficar encerrado em um estreito marco de consciência, a não poder desenvolver a totalidade das possibilidades do ser humano.

Existe alguma ciência que investigue quais são os meios para que o homem e a mulher se desenvolvam como seres humanos?

²¹ Charles Reich, *The Greening of America*, Random House, New York, USA, 1970

Essa ciência do homem completo ainda não existe. Mas o novo homem já nasceu, já quebrou os marcos materiais que o mantinham encerrado e deformado, e esse novo ser está reclamando uma nova ciência que o explique e um novo caminho (método) que o guie. Antes, explicávamos o homem pela ciência. Agora, teremos que explicar a ciência pelo homem. Esta é a tarefa do futuro.

INTEGRAÇÃO DO CONHECIMENTO E INTEGRAÇÃO DO HOMEM

SÍNTESE E INTERDISCIPLINA

Quando se fala de ‘síntese’ devemos perguntar: a que síntese se refere? Geralmente se reduz a uma contrafigura da análise (seu movimento contrário): primeiro a fragmentação da ciência, depois a recomposição da unidade perdida. A esta tendência de busca de relações entre os diferentes campos da ciência, dá-se atualmente o nome de “interdisciplina” e não passará muito tempo, para que haja ‘especialistas’ em interdisciplina.

A interdisciplina amplia o campo do conhecimento, mas uma visão mais ampla não é síntese. A síntese – em seu ultrassignificado – começa quando a interdisciplina termina. Em outras palavras, enquanto a síntese não for outra coisa que um caminho de relações entre as ciências, não sairá do mesmo campo que nos levou à fragmentação do conhecimento. O pensamento racional que produziu os grandes sistemas científicos e filosóficos do passado é incapaz de síntese, por uma questão de natureza porque o pensamento oculta o ser (Heidegger). Em troca, a síntese que anuncia o pensar do futuro surge *desde a origem* como síntese porque é expressão de um campo unificado de consciência.

É possível ir além do pensamento científico racional?

Pelo que acabamos de dizer, pareceria fechar-se, já de início, toda possibilidade de acesso a uma metodologia científica de síntese e ficar esta reduzida a uma inspiração pura, do tipo místico ou a um pensamento intuitivo, seja filosófico ou poético, mas sem

confrontação com o pensamento científico. De uma forma ou de outra, volta a se estabelecer – ainda que incorporando a interdisciplina – a velha antinomia entre a razão e a fé, entre a ciência e a Revelação. Ou seja, os cientistas se empenham – depois de Einstein – em encontrar a fórmula do campo físico unificado, os teólogos se empenham em encontrar a fórmula da Revelação que, como mensagem única, dê a chave para uma compreensão total das leis divinas e humanas²², e os poetas buscam no ritmo analógico, a união entre a substância e as formas. Mas, salvo muito raras exceções, os cientistas, os filósofos, os poetas e os místicos não se entendem entre si porque falam linguagens diferentes. Isto pareceria implicar um agnosticismo quanto às possibilidades de uma metodologia de síntese. O que acontece é que os velhos métodos estão esgotados e se faz necessário descobrir outra via.

Para abrir caminho a uma metodologia de síntese, não é necessário começar pela crítica do método, mas pela crítica do homem que constrói o método. Os caminhos que conhecemos não nos podem levar para além da medida dada pelo construtor dos métodos. Ou seja, é o sujeito que faz ciência quem está sendo, hoje em dia, questionado. Uma ciência de síntese não pode ser criada por sujeitos ‘divididos’; e um conjunto de sujeitos divididos, funcionando como “equipe multidisciplinar”, tampouco conseguirá uma síntese: surgirá um Arlequim, mas um Arlequim não é uma síntese.

Método de síntese, em princípio, não é o caminho da ciência integrada, mas o caminho da integração do homem. Isto parece redundância, mas não é assim, porque as construções do pensamento científico, filosófico e teológico que fizemos até agora são construções fora do homem, edifícios ideais (ou técnicos) que deixaram o homem fora do sistema. Hoje, essas construções do pensamento sistemático são estranhas à vida do ser humano e aparecem como barreiras que impedem o acesso a uma consciência planetária e cósmica.

²² Paul Tillich, *Filosofia de la Religión*, Ed. Aurora, Buenos Aires, 1973

A grande dificuldade que se tem de vencer hoje em dia, para conseguir uma metodologia de síntese, é o divórcio que, durante séculos, produziu-se entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. A síntese não pode ser alcançada pelo conhecimento, se esse conhecimento se constitui como um valor separado da vida. E este é o ponto fraco das teorias do conhecimento que construímos sobre premissas puramente metafísicas. Mas, por sua vez, a reação pragmática antimetafísica tampouco resolve o problema. É necessário assentar as bases de uma nova epistemologia da ciência que harmonize e integre o caminho do conhecimento com o caminho da vida.

EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE

Teoricamente, o caminho de síntese é postulado hoje, como um caminho de ‘retorno’, um caminho que ‘volta’ desde os objetos da ciência ao ser humano que faz a ciência, um caminho vivo que remonta a corrente do conhecimento e que vai desde o mundo das coisas até as fontes do ser. Isto é fácil de compreender, mas difícil de viver!

Para além da teoria, desde o ponto de vista prático, a questão que nos interessa é saber qual a via de acesso para a síntese. Como o sujeito inicia o caminho de síntese? — Mediante um choque de simplicidade. O que queremos dizer com isto? Referimo-nos á necessidade de um choque existencial que quebre a identificação do ser com o mundo das coisas: “*stopping the world*” nos termos de Castaneda²³. Deter o mundo? Ou deter-se? As duas coisas ao mesmo tempo. Deter o fluxo normal da percepção do mundo para penetrar na totalidade de si mesmo.

Habitualmente, estamos treinados para perceber uma parte da realidade e, com esses poucos elementos, construímos nossa ordem racional do mundo, o mundo que acreditamos *que seja*.

²³ Carlos Castaneda, *Relatos de Poder*, Fondo de Cultura Económica, México, 1976

Porém, para além do que é, está o que *poderia ser* e o que *deveria ser*.

Durante séculos, vivemos fechados em uma “bolha da percepção” (Castaneda) e todas as nossas teorias científicas e filosóficas foram construídas desde o lado de dentro dessa “bolha”. Este foi o signo (e a sina) do homem racional, durante mais de 2.500 anos. Porém, o signo do homem futuro é, precisamente, a ruptura dessa “bolha” e o acesso à totalidade de si mesmo. O desmoronamento desta barreira de percepção torna possível a ‘extensão do ser humano’ através de dimensões, até agora desconhecidas. Note-se que falamos das extensões do homem total e não só das extensões dos sentidos (ao modo de McLuhan).

O novo homem se expande simultaneamente no mundo da *matéria*, da *energia* e do *significado*, um desdobramento criativo em busca de uma nova *forma*. Edward Matchett formula a equação do homem futuro em termos de “logosynthesis”, dizendo que a “forma apropriada” se manifesta quando “matter”+“media” sintonizam “significativamente”: isto é, sintonia de matéria, energia, significado. Não é fácil explicar em poucas palavras esta terminologia de Matchett, para o que, remetemos o leitor a

alguns de seus trabalhos originais^{24 25}, mas o que queremos assinalar aqui é que essa equação é uma tentativa séria de aproximação à fórmula de um campo unificado de consciência-vontade e constitui portanto, um novo ponto de partida para fundamentar uma epistemologia da ciência integrada do homem.

O caminho de síntese então, não começa com um novo ‘discurso do método’, mas com uma mudança de estado no homem (um metaestado) e essa mudança afeta a totalidade do ser humano, sua consciência e sua vontade, sua alma e seu corpo. O conhecimento integrado não surge da mera atividade do intelecto, mas do trabalho criador da pessoa total.

²⁴E. Matchett, *From Fundamental Design Method to Logosynthesis*, Ed. Inst. Diseño Industrial, Fac. Ciências Exatas e Engenharia, Rosario, Argentina, 1973

²⁵ E. Matchett, *Logosynthesis: The Holistic Approach to Creative Design*, idem

Grandes massas humanas já estão acedendo a uma visão de síntese como consequência das grandes crises existenciais coletivas que sacodem a humanidade de nosso tempo: mundos inteiros vêm abaixo e a consciência entra em expansão. No campo científico, também desmoronam as construções do pensamento sistemático e surgem novos paradigmas e novas visões intuitivas de síntese.

Que papel desempenham as equipes interdisciplinares neste movimento de reversão do pensamento científico? Preparam o caminho para a síntese, mas não é a síntese.

O verdadeiro elemento catalítico deste processo de síntese é o novo homem integrado. Isto é, o pensamento de síntese não é algo que deva ser construído, mas que *já existe*. Enquanto a maioria dos seres humanos continua pensando em forma linear, já existem indivíduos em cuja mente brilha um pensamento de síntese e eles são o fermento na massa. No passado, os mestres da humanidade plasmaram suas ideias de síntese nas grandes obras de arte, nos monumentos de pedra, nos livros sagrados e nas grandes obras literárias e científicas. Durante séculos, esses modelos foram as pontes intermediárias que asseguravam a transmissão da cultura, mas agora entramos em uma nova era em que o acesso à síntese se faz de forma direta, por similitude, por meio de modelos humanos *vivos*.

A COMUNIDADE CIENTÍFICA DO FUTURO

Os métodos intuitivos do passado, trazidos pelos sábios iluminados do Oriente e do Ocidente – fundados na inspiração – supunham desnecessária a experimentação: para que experimentar o que se via claramente? Em troca, a mente racional – ao criar o método científico experimental – acreditou ser desnecessária a inspiração: a experiência era suficiente para descobrir a verdade. Mas, com ambos métodos, só se chegou a verdades parciais. O novo método de síntese harmoniza a inspiração e a

experimentação, a visão profética individual e o trabalho experimental das equipes científicas e tecnológicas.

Hoje em dia, fala-se muito que a ciência deve estar a serviço das reais necessidades do homem, mas na prática, os centros de investigação trabalham para fins separados. E se fala muito no campo unificado da ciência, mas os homens de ciência continuam divididos. Existe alguma perspectiva de superar estas limitações?

Para além dos interesses particulares e das ânsias de poder, além das grandes corporações científicas que marcam o rumo da sociedade moderna, está surgindo uma comunidade planetária de homens de ciência que pensam e plasmam o mundo do futuro. Não mais uma nova forma de “organização” da ciência, mas uma comunidade visível que funciona como *órgão* da ciência. Não um “novum organum” como modelo teórico ou novo paradigma, mas um verdadeiro órgão vivo do corpo planetário.

Como se constitui e como funciona este órgão de síntese? É uma comunidade científica que opera entre um polo de inspiração e um polo de experimentação, entre um campo profético e uma equipe científico-tecnológica. Não mais divisão entre a ciência pura e a ciência aplicada, entre a intuição e a experimentação, entre a síntese e a análise, entre a fé e a razão, entre a verdade de uns poucos e a necessidade de muitos.

Este novo órgão profético-científico funciona em um “campo hiperespacial de n dimensões” – como diria Henri Prat – ou seja, que nem todas as células humanas que o integram são visíveis em determinado lugar geográfico nem em uma mesma coordenada do tempo, à maneira das equipes científicas que conhecemos, mas uma estrutura visível e invisível de investigadores com funções diferenciais, mas unidos entre si por uma vocação comum de serviço à humanidade. Neste tipo de órgãos, um grupo de ‘células’ funciona como antena de inspiração e outro como computador de experimentação; mas, no fundo, os seres humanos que os constituem estão unidos entre si por relações invisíveis de similitude, transcendem as barreiras do espaço e do tempo e falam uma linguagem comum. Nessas comunidades, dá-se a síntese entre revelação e experimentação. Não mais o investigador

solitário nem o cientista isolado, tampouco a equipe de experimentação autônoma que se perde em experiências sem fim, mas uma misteriosa ‘sintonia’ entre o profeta e o cientista, o santo e o sábio.

Estas comunidades por similitude estão além das academias, institutos e corporações da ciência, seus integrantes curvam suas respectivas trajetórias vocacionais e convergem em um campo único de gravitação nos novos templos do saber. Nestas equipes hiperespaciais, a ‘antena’ de inspiração pode estar em um lugar e a equipe de experimentação em outro e os integrantes humanos podem nem sequer conhecer-se pessoalmente. A antena profética de inspiração pode ser um místico solitário, um pensador individual ou uma comunidade mística que recebe a mensagem e a projeta na tela sensível das equipes de investigação abertas ao futuro (acaso, não é assim que acontece entre as equipes tecnológicas receptoras e transmissoras?). Se as equipes técnicas de investigação estiverem integradas por homens livres (que não tenham vendido sua alma a nenhum poderoso da Terra), cedo ou tarde sintonizarão com as correntes mentais invisíveis da humanidade futura e ‘traduzirão’ a mensagem codificada, emitida pelas antenas vivas dos sábios, profetas, artistas e místicos para uma linguagem científica e técnica. Em algum lugar solitário, no deserto da civilização moderna, há almas sensíveis à mensagem do futuro e essas células fotoproféticas emitem cintilações enigmáticas que são decifradas por outros homens, talvez com outra conformação mental (cientistas e técnicos), mas também abertos e sensíveis aos projetos necessários ao desenvolvimento material e espiritual da humanidade de seu tempo. Desta conjunção profético-científica, surgem programas de futuro com grande conteúdo humano.

Frente à magnificência destas equipes hiperespaciais de síntese, os grupos interdisciplinares e ecumênicos que conhecemos são apenas tímidas expressões de aprendizes de feiticeiros. As verdadeiras comunidades científicas estão fora do sistema; são equipes não comprometidas com as elites do poder e não trabalham para ninguém em particular, mas para toda a

humanidade. São os grandes laboratórios invisíveis do futuro, em vão pretenderão controlá-los os poderosos da Terra. O místico e o cientista do porvir – o santo e o sábio – se encontram no hiperespaço curvo (por convergência de missão) e formam parte de um mesmo corpo misterioso: são células diferenciais de um mesmo órgão de síntese.

UNIDADE DE MENSAGEM E DIVERSIDADE DE FUNÇÕES

Assinalamos os dois polos fundamentais do novo órgão da ciência, o polo de inspiração e o polo de experimentação, mas entre eles há um gradiente de múltiplas funções que são realizadas, por sua vez, por tipos humanos diferentes. Esses níveis de função são os seguintes:

O órgão de inspiração

O profeta

O homem que anuncia

A ciência do futuro – se tiver de permanecer como corrente unificada do saber – necessita, antes de mais nada, do órgão de inspiração – sua antena profética – que orienta o significado da experimentação. A substituição deste sentido primário (de inspiração) por um sentido secundário (de vontade de poder) conduziu a um incremento perigoso do poder da ciência e desencadeou uma corrente de investigação que já não pode controlar seus próprios resultados. É preciso restabelecer a ordem da hierarquia do saber e, nessa ordem, os profetas estão antes dos doutores, e os sábios, antes dos técnicos.

O órgão de formulação

O sábio, aquele que traduz a mensagem profética em ideias fundamentais. É o homem que *pronuncia* a nova palavra, que formula as novas ideias e os novos paradigmas.

O órgão de experimentação

Na atualidade, são equipes científicas e técnicas de alto nível que estão integradas por homens de *renúncia*. Estes investigadores quebraram o espírito fáustico de autonomia do poder, não estão a serviço das grandes corporações, nem do Estado, nem dos partidos políticos. Contrastam rapidamente as teorias com a experimentação e projetam os modelos tecnológicos e sociais para a humanidade do futuro.

O órgão de crítica

O homem que denuncia

É uma função reguladora, de *feedback*, de reformulação dos resultados da ciência, em termos de ecologia planetária.

NA VANGUARDA DA CRÍTICA

O acesso da inteligência ao poder – ou o poder da inteligência – constitui hoje um dos fatores de maior peso no desenvolvimento do mundo moderno, mas também um de seus maiores perigos, sobretudo quando a força da inteligência se põe a serviço de interesses materiais. Só a vanguarda da inteligência jovem e não comprometida com as elites do poder pode julgar os resultados da ciência e reformular uma mensagem crítica para a cultura de nosso tempo. Esta revolução cultural da juventude faz parte do processo de transformação da ciência. Mas, para que a crítica tenha real significado a serviço da mensagem do futuro, há que mantê-la pura como instrumento e não confundir o meio com o

fim. Do contrário, a crítica se transforma em um poder autônomo que trabalha para seus próprios fins e se torna uma força devoradora que não só questiona as velhas estruturas, mas também destrói os germes e brotos ainda tenros que anunciam o futuro. A crítica sistemática abarca tudo, os amigos e os inimigos, sempre há algo a questionar e discutir e essa “revolução permanente”, que algumas escolas filosóficas e políticas transformaram em método para o esclarecimento da verdade, torna-se destruidora, no campo da vida.

Um exemplo do que dissemos costuma ocorrer nos movimentos juvenis de protesto universitário, que correm o risco de afogar-se em sua própria violência e de serem instrumentados pelas forças regressivas do sistema. Se os elementos humanos de vanguarda dentro do processo revolucionário da juventude – ao dizer de vanguarda, não se está significando maior violência e sim, maior consciência – não conseguirem converter-se a si próprios em germes vivos de futuro (que possam canalizar as aspirações potenciais de milhões de jovens em todo o mundo para um novo estado de consciência), terão perdido a oportunidade que lhes oferece este momento histórico, de serem bandeirantes espirituais para abrir caminho à nova civilização do terceiro milênio. Os jovens intelectuais devem aprender a desmascarar aquela crítica que obstrui a operatividade da mensagem²⁶. Muito da crítica que hoje se faz, tanto da ciência quanto da cultura em geral, é negativa e inspirada – na maioria das vezes – por ideologias que têm a pretensão de mudar o mundo sem transformar o homem. Sob as aparências mais diversas, sob o disfarce político, social ou religioso, por trás da máscara da ordem e do pacifismo, encobrem-se hoje as estruturas do velho mundo e se oculta o rosto de um homem velho que não quer morrer.

Dentro da dinâmica da mensagem do futuro, a vanguarda da crítica deve chegar até certo limite e, a partir daí, retirar-se para dar passagem às forças criadoras. Se os intérpretes da crítica estiverem a serviço da mensagem, saberão reverter seu impulso no

²⁶ David Spangler, *Towards a Planetary Vision*, Biddles of Guildford Ltd., Great Britain, 1977, pg. 129

momento adequado e reconhecerão então, as almas similares, ou seja, aqueles que lhes são afins no essencial, mas que expressam a mensagem de uma forma diferente. Se não se dá este reconhecimento por similitude e a crítica continua avançando de forma envolvente, produz-se uma luta estéril, atacam-se os irmãos, divide-se o movimento de convergência para o futuro, segue-se a velha polêmica ideológica e escolástica, e tudo isso com um único resultado: frear a mensagem do futuro e impedir a reunião dos seres humanos no corpo planetário. Esta é a barreira que temos que superar, nos limites da crítica.

EM DIREÇÃO A UMA UNIVERSIDADE DE SÍNTESE

Dentro da necessidade de uma educação para o futuro, a universidade de síntese é o instrumento superior adequado para responder às colocações acerca da integração da ciência e da integração do homem.

A função cria o órgão. Com a ‘matéria’ das velhas faculdades universitárias, os mestres da ciência do futuro estão criando a nova universidade de síntese. Trata-se do restabelecimento dos templos do saber.

A civilização planetária do terceiro milênio necessita de um centro iniciático do conhecimento, onde o aspirante ao magistério universal possa tomar contato com as fontes da mensagem do futuro e contribuir com seu esforço individual para projetar e construir os modelos práticos, reclamados pelos homens que virão.

O desenvolvimento deste tema da universidade de síntese, eu o reservo para outro trabalho²⁷.

²⁷ Ramón P. Muñoz Soler, *Universidad de Síntesis*, Ed. Depalma, Buenos Aires, 1984

SÍNTESE DO CAPÍTULO I

RUMO A UMA CIÊNCIA DO HOMEM FUTURO

A crise fundamental das ciências de nosso tempo reside no divórcio que se produziu entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

A nova ciência não se funda em algum novo descobrimento ou em alguma nova teoria, mas em uma nova *visão*. A chave do homem futuro não está em conhecer, mas em ‘ver’.

Método de síntese, em princípio, não é o caminho da ciência integrada, mas o caminho da integração do homem. Para uma epistemologia de síntese, método não é somente um método de conhecimento, mas método de vida.

Para além das grandes corporações científicas que marcam o rumo da sociedade moderna, está surgindo uma comunidade planetária de homens de ciência que pensam e plasmam o mundo do futuro. Já não uma nova forma de “organização” da ciência, mas uma comunidade visível e invisível que funciona como *órgão* da ciência. É um novo órgão profético-científico.

II

A CRISE EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

O DRAMA EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

“O vazio existencial é um fenômeno de nosso tempo,
amplamente difundido.”
(Viktor Frankl)

UM DRAMA CÓSMICO NO HOMEM

O homem de hoje se encontra no centro da tempestade. Poderosas forças telúricas, sociais e cósmicas geraram uma corrente de futuro que, arrancando-o de sua antiga morada, levam-no a um rumo desconhecido. O drama existencial do homem moderno é sofrer esta comoção, sem entendê-la.

Movemo-nos em outro espaço e em outro tempo.

O drama existencial que todos vivemos, de uma ou de outra forma, não é um drama sociológico, como pretendem considerá-lo ainda as sociologias do passado, nem é um drama psicológico (um psicodrama) ao qual pretendem reduzi-lo as psicologias do presente; tampouco é um cosmodrama, ao estilo das cosmogonias tradicionais (ou seja, um drama cósmico “fora” do homem, em que as forças elementares da natureza e do cosmos se debatiam “fora” da consciência humana): eram os deuses que lutavam

contra os elementos, não os homens. Trata-se agora de um drama cósmico *no* homem, de uma brusca irrupção no campo da consciência, de forças até ontem desconhecidas que hoje se instalam de forma sub-reptícia no próprio centro do ser humano e fazem cambalear toda sua estrutura empírica. Deste choque de forças – desta “colisão com o futuro”, como diria Alvin Tofler – nasceu uma nova consciência. Quem sabe, de quantos milhares de anos necessitou a raça humana para produzir esta iluminação e, quem sabe, quantos seres luminosos nos ajudaram nesta epopéia! Porém, há um fato captado por alguns com maior lucidez do que por outros, mas sentido por todos e é que algo *novo* ocorreu dentro de nós mesmos, a consciência humana entrou em expansão. Por que falamos então, de um drama existencial? Porque o despertar da consciência não se dá hoje de forma ideal ou romântica – como quem amanhece, de repente, em uma nova terra ou em um novo céu – e sim, como uma flor se abrindo entre as próprias ruínas; é um amanhecer em meio à obscuridade; é um germe do futuro que cresce entre as lembranças do ontem; é a luz convivendo com as trevas; é a delicada silhueta do homem cósmico que nasce, liberando-se da velha forma do homem terrestre que morre. Este é, em maior ou menor medida, o drama de todos nós.

Milhões de seres humanos experimentam hoje, em todos os lugares do mundo, uma crise existencial que se manifesta por uma sensação de “falta de significado da vida”, “vazio existencial” e “perda da identidade do ser”. E, tudo isto, independentemente das condições sociais, econômicas ou culturais. É uma crise universal que comove a raiz da existência humana e que necessitamos compreender em sua patogênese e em seu significado.

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Para compreender a crise existencial do homem contemporâneo, é preciso sintonizar com a alma do mundo em que vivemos, há que ir além da aparência das coisas e penetrar na substância do ser. É um fenômeno para ser captado por dentro,

não por fora. Certamente, existem sinais exteriores que põem de manifesto a crise, mas as referências objetivas costumam ser equívocas quanto à verdadeira natureza da crise e, frequentemente, encobridoras de seu significado.

O método psicológico, a análise existencial e o discurso sociológico são insuficientes para descobrir a raiz da crise, no máximo podem descrever os sintomas. O método próprio para este tipo de fenômeno não é a descrição, mas a participação.

CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO

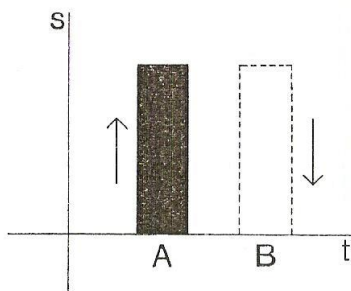
O VELHO HOMEM É TOCADO DE MORTE

Em maior ou menor grau, todos vivemos hoje o fracasso do homem velho que trazemos dentro e o desmoronamento das velhas estruturas mentais e emocionais que sustentavam, até ontem, nossa existência. Isto é o que chamamos fracasso existencial. É a crise de um sistema de valores e a perda do equilíbrio existencial. É o abismo da existência humana e a solidão da alma. O seguinte sonho pinta dramaticamente esta crise: “Sonhei que meu pai estava morrendo e via como minha casa desmoronava, tudo vinha abaixo e minha família se dispersava, cada um ia para seu lado e eu ficava só”. Isto é, o edifício que o homem havia construído e que habitava seguro vinha abaixo. É a morte, o fim de um modo de existência. A partir desse momento, as coisas nunca mais voltarão a ser como eram. Os valores que até ontem sustentavam a vida e lhe davam cor e sentido já não a sustentam mais. Algo se rompeu dentro do próprio ser, produziu-se uma fratura no mundo interior e a vida – que parece transcorrer como sempre se for olhada desde fora – sofreu por dentro uma mudança irreversível. Mc Luhan, citando a novela de Forster (ainda que em outro contexto) diz: “A vida

seguir como de costume..., mas todas as coisas pareciam ter sido cortadas pela raiz, infectadas de ilusão”²⁸.

Esta crise existencial é vivida pelo indivíduo como um esvaziamento da imagem do mundo (de *seu* mundo) e, pela primeira vez, o ser humano entra em contato com o mistério da solidão da alma (uma solidão que antes desconhecia).

Se tivéssemos que fazer um gráfico do fenômeno, utilizando as coordenadas de tempo e significado, diríamos que em A o homem levanta um edifício, constrói um mundo (a seta do significado aponta para cima) e em B, esse edifício vem abaixo, o homem – enquanto “ser-no-mundo” – vem abaixo com seu mundo (queda dos significados).



Mundo A: mundo cheio,
com significado em
ascenso.

Mundo B: mundo vazio,
com significado em
descenso.

A “NEUROSE DE MASSAS” DO MUNDO MODERNO

É mérito de Viktor Frankl haver detectado esta crise existencial em sua dimensão massiva, ao qualificá-la de “neurose de massas” do mundo moderno e haver assinalado suas características sobressalentes de “vazio existencial” e “perda de significado”²⁹.

²⁸ Marshall McLuhan, *La Comprensión de los Medios Como las Extensiones del Hombre*, Ed. Diana, México, 1971, pg. 38

²⁹ Viktor Frankl, *Logoterapy and Existential Analysis, a review*, em “Universitas” (a German Review of the Arts and Sciences), vol. 9, n° 1, 1967, pg. 71

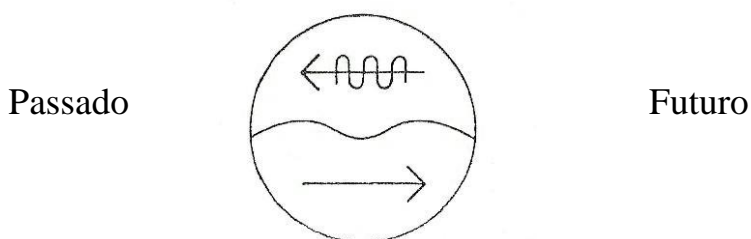
Mas, trata-se realmente de uma “neurose”, de um “desequilíbrio”, de uma “patologia da civilização” ou é algo mais que tudo isso? As explicações que costumam ser dadas, sejam psicológicas, sociais ou tecnológicas, são insuficientes para a compreensão desta crise existencial de caráter massivo. É a humanidade a que parece lançada a um novo centro de gravitação (ou de ausência de gravidade?) e, para compreender este fenômeno antropológico e cósmico ao mesmo tempo, já não basta o auxílio que nos possam proporcionar a psicologia existencial, a antropologia social ou a filosofia da história, senão que precisamos de novos pontos de referência para penetrar em sua dinâmica intrínseca, em sua patogênese.

PATOGÊNESE DA CRISE EXISTENCIAL

Quais são as forças que entram em jogo na crise existencial da humanidade de nosso tempo? E, como operam estas forças na patogênese do processo?

A CRISE EXISTENCIAL É UMA ‘COLISÃO NO TEMPO’

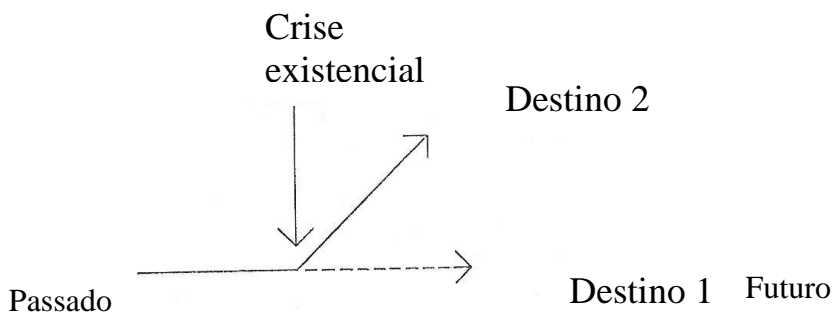
Em épocas de tempo lento, o sistema humano é estável. Em épocas de tempo rápido, o sistema é instável. E nossa época é de tempo rápido, de aceleração do tempo; o ritmo do tempo se acelerou, não só o ritmo das coisas, mas também o ritmo da *vida*. Um tempo de ritmo rápido (que chamamos ‘tempo de futuro’) invadiu o sistema humano de ritmo lento que conhecíamos até então e essa ‘colisão com o tempo’ gera um desequilíbrio existencial.



O “choque do futuro” (Alvin Tofler) não é uma colisão no espaço, mas uma colisão no tempo. Não se trata de uma invasão dos marcianos (uma invasão desde fora), senão que somos ‘invadidos’ por dentro (por um tempo novo que antes não conhecíamos).

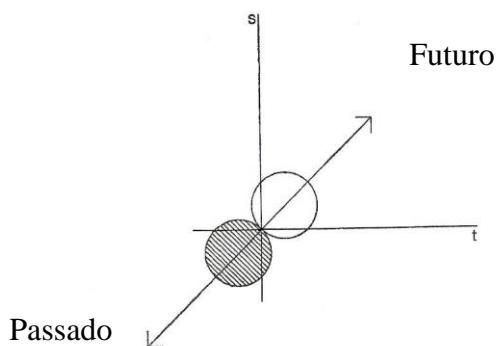
UMA CRISE NUCLEAR QUE AFETA O DESTINO

Quando falamos de crise existencial, no verdadeiro sentido de crise, referimo-nos a uma ‘crise nuclear’. Quer dizer, o ser humano pode ter muitas crises em sua vida que modifiquem o curso dos acontecimentos previamente traçados, mas sem que cheguem a afetar seu destino: são choques superficiais que afetam a capa periférica de elétrons do átomo humano, mas que não põem em perigo sua existência. Em troca, a crise existencial é uma comoção profunda que toca o ‘núcleo’ do sistema e produz uma *fratura* existencial. A partir do momento do choque, a linha do tempo interior sofre uma inflexão, um desvio, uma mudança de rumo que modifica o *destino* da existência humana. Quebra-se a “lógica do vivente” (como diria François Jacob) e a trajetória programada pelo código genético, o código psicológico e o código social muda de direção.



DESLOCAMENTO DO CENTRO DE GRAVIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA

Quando a corrente do futuro exerce um impacto no núcleo do sistema, produz-se um deslocamento do centro de gravidade da existência humana e uma perda do equilíbrio existencial. O mundo velho, vazio de significado, é deslocado para trás (passado) e para baixo (queda do significado), enquanto se abre um novo espaço para frente e para cima.



INCIDÊNCIA DA MORTE

Nossa relação com a morte mudou, vivemo-la de outra maneira. Há um novo tipo de morte que experimentamos, mas que ainda não compreendemos, é uma *morte em vida*, uma fratura do tempo. Milhões de seres humanos transitam em direção ao futuro, sem que cheguem a perceber o que está acontecendo dentro deles mesmos; algo mudou em suas vidas, mas não sabem bem o que é; um mundo velho desmoronou e foram lançados de repente ao ‘vazio’; encontram-se como que aturdidos, confusos, desorientados; gostariam de avançar, mas adiante há um vazio que temem e atrás fica um mundo opaco que já não é, de todo, seu mundo. O que aconteceu? Seu velho mundo morreu, algo terminou, entraram no vazio, na solidão, na *morte*; morreram (com o mundo), mas não têm consciência dessa morte.

Apesar do prolongamento do tempo da vida física, muita gente ‘morre’ hoje, antes do tempo. No velho tempo, no tempo de nossos pais e de nossos avós, as pessoas morriam – por assim dizer – a seu devido tempo, mas agora as pessoas morrem *antes*! O significado das coisas termina ‘antes’ e morremos ‘antes’ *com* as coisas.

Esta colisão no tempo se produz hoje em escala planetária. É o tempo de uma velha humanidade o que terminou e isto implica uma perturbação na ecologia da morte. O que é ecologia da morte? — É a relação que existe entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Esta relação mudou: há muitos vivos que estão mortos e muitos mortos que estão vivos.

O ser morreu, mas não tem consciência de sua morte, crê que continua vivendo, mas só está refletindo as imagens do mundo que deixou. Um ciclo de experiência vital termina, sem que o ser o perceba e, de repente, é expectador de um mundo que já não é o seu. O dramático de tudo isto é que, ao não tomar consciência dessa morte, o ser não se projeta no novo espaço que se abre ante seus olhos (*não o vê*), quer seguir ‘vivendo’ – quer ‘reviver’ o já vivido: é um ‘revenant’ (alguém que morreu e quer voltar, um imigrante do tempo).

O “choque do futuro”, a colisão no tempo, é o instante crítico em que o tempo pessoal é invadido pelo tempo cósmico. Isto parece muito esotérico; no entanto, é algo muito real e concreto. Quando meu tempo pessoal (‘tempo do ego’) não segue o ritmo do tempo do ser total (‘tempo cósmico’), produz-se uma perturbação crítica na estabilidade da existência. Em outras palavras, quando a árvore de minha vida desenvolveu alguns ramos, mas outros ficaram truncados; quando uma parte de minha pessoa se deteve e se nega a seguir o ritmo da vida *total* do ser – e a esse ritmo da vida total denomino ‘tempo cósmico’; quando se produziu uma ruptura do equilíbrio temporal de minha existência, então, a corrente do tempo cósmico invade minha existência pessoal e a obriga a dançar em outro ritmo. Em outros termos, o que acontece quando se demora no caminho, quando o ser se detém no curso da vida? O ser pode se deter no espaço, mas não pode se deter no tempo porque, no final, a força de futuro que trazemos dentro de nós nos invade: deter-se é morrer! A velha forma de vida pessoal é acometida com ímpeto pela corrente renovadora sempre jovem do tempo cósmico – Saturno é destronado por seu filho – e, como consequência desta colisão no tempo, produz-se o deslocamento do centro de gravidade do sistema e a mudança de significado da vida.

Não só o indivíduo, mas a humanidade inteira está experimentando uma crise existencial. O tempo cósmico irrompeu no tempo humano. E por que dizemos tempo cósmico? Porque a crise atual da humanidade planetária não pode ser reduzida a uma mudança histórica ou social, senão que implica em algo mais profundo que afeta seu *destino*. É uma mudança de rumo, em direção às estrelas! As velhas formas humanas cristalizadas em um tempo pessoal e em um tempo social (de uma determinada época histórica) são invadidas pela corrente cósmica da humanidade futura. E isto não é só uma questão de luta de gerações, mas da irrupção de uma mensagem profética que vem das estrelas. São os novos homens que vêm – com sua ciência e sua consciência – os portadores do ‘material genético’ (o ouro dos

deuses) que provoca a transmutação alquímica da humanidade terrestre para a humanidade cósmica do futuro.

A vida humana chegou a um ponto crítico de cristalização existencial! Milhões de seres humanos, com um alto nível de desenvolvimento psicológico e social, tornaram-se rígidos, ‘pessoais’, cristalizados! E quando um cristal é acometido por uma vibração suficientemente rápida e poderosa, parte-se! Isto é o que está ocorrendo no mundo de hoje.

A falsa personalidade – fechada sobre si mesma em um tempo pessoal – não só cortou suas pontes de intercâmbio com o meio social (em virtude de um egoísmo individualista), mas interrompeu seu metabolismo com o meiocósmico.

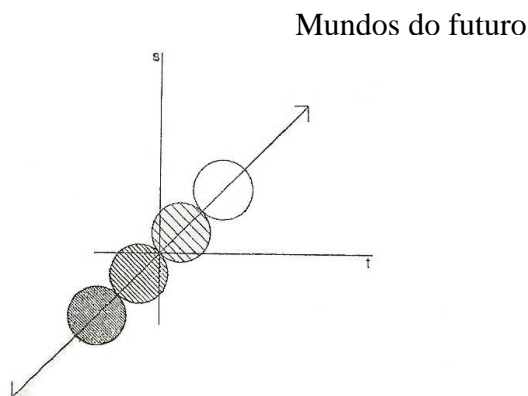
Quando isto ocorre, o ser se enquistava (como os infusórios), o meio interior começa a fazer-se contrário à vida, inativam-se os ‘fermentos’ indispensáveis ao desenvolvimento da consciência e se acumulam os equívocos por multiplicação de experiências sem sentido: chega-se ao mais alto nível de crescimento material e à cota mais baixa de significado existencial. Este é o limite do sistema, o verdadeiro materialismo moderno (aquele que não é uma ideologia ou filosofia da história, mas um modo regressivo de viver, no qual a consciência do ser é apanhada no marco da matéria e a vida fica fixa no tempo). Esta é a doença da civilização atual, a cristalização da existência humana, a paralisia do ser e a detenção de seu impulso em direção a seu destino transcendente.

Para recuperar a vida, já não serão suficientes a cultura, a tecnologia ou a organização social. Faz falta algo mais, é necessário voltar às raízes do ser e às fontes da vida em uma longa peregrinação retrospectiva, em busca do elemento cósmico perdido que outorga significado à existência humana. A busca deste fermento espiritual adquirirá, a cada dia, maior importância e terá mais valor que as reservas de ouro, carvão, petróleo ou urânio porque, das possibilidades de acesso a essa substância imponderável, depende o porvir da raça humana.

RUMO À CONQUISTA DO VAZIO DESLIZAMENTO DAS FAIXAS DO ESPECTRO EXISTENCIAL EM UM COSMOS HUMANO EM EXPANSÃO

Em uma humanidade que se desloca velozmente em direção ao futuro, os velhos mundos vão sendo empurrados – como dizíamos – para ‘trás’ e para ‘baixo’, enquanto que simultaneamente, vão se abrindo espaços vazios para frente e para cima.

Por analogia com o efeito Doppler, diríamos que no cosmos humano em expansão, assistimos a um deslizamento rumo ao vazio das faixas do espectro existencial. Este fenômeno de sucessivos esvaziamentos existenciais implica em uma ascética de ‘desapego’ de velhas formas que vão sendo rapidamente deslocadas para o passado, mas não um desapego à maneira antiga e sim, um desapego imposto pela mudança (à maneira moderna!).



Mundos do passado

SIGNIFICADO DA CRISE EXISTENCIAL

Quais são a natureza e o significado desta crise existencial que consideramos? É uma doença? Um fenômeno psicológico? Um fenômeno histórico e social? Ou é tudo isso e algo mais?

NÃO É UMA DOENÇA, MAS UMA MENSAGEM

A crise existencial não só marca o fim de um modo de existência, mas também abre as portas a uma nova dimensão da vida. Mas, nem todos querem cruzar esse umbral. Milhões de seres humanos tocados de morte e ‘chamados’ para o futuro não querem assumir o fim de seu velho mundo e pretendem, a toda custa, voltar a viver o que já está morto.

Hoje em dia, a psicologia moderna se interessa mais por descobrir as motivações da crise existencial e em restaurar a ordem perdida que por mostrar a mensagem de futuro que surge por trás da crise. Leva-se o ‘paciente’ a adaptar-se a um mundo que já morreu para ele, ao invés de ajudá-lo a *ver*, no oco que esse mundo deixou, o novo significado existencial. Em outras palavras, propõe-se uma terapia de adaptação, em lugar de um caminho de liberação. Há que aprender a *ver* nos ‘ocos’ das coisas que morrem e *escutar* nos silêncios das vozes que se apagam.

A MENSAGEM ESPIRITUAL DE LIBERAÇÃO

O homem velho é tocado de morte, mas o novo homem que nasce quer ser livre. A crise existencial, ao quebrar a identificação do ser com o mundo, propõe ao homem atual uma nova alternativa de liberação. E dizemos nova porque vivemos em um mundo diferente e porque as premissas para a liberação também são diferentes das que existiam no passado.

Antes de mais nada, a liberação é hoje *imposta* pelos fatos.

Já não se trata somente de eleger o ideal de ser livre, senão que a própria corrente do tempo novo impõe a liberdade como alternativa existencial de vida ou morte. E, não só na ordem individual, mas também na planetária, como alternativa de sobrevivência para a humanidade do futuro. Milhões de seres humanos que ‘não escolheram’ ser livres estão sendo desalojados de seu velho mundo pela colisão com o futuro; as forças renovadoras da vida os expulsam – mesmo que não o queiram – de seus antigos redutos de escravidão biológica, psicológica e social, e os projetam em direção à liberdade. A velocidade da mudança é tão grande que não há tempo para escolher, o ser ‘é escolhido’ para o caminho da liberação. Querer voltar atrás é impossível, uma vez desmoronado o velho mundo é impossível voltar a ocupar o antigo espaço: ou se assume a liberdade ou se vaga na aridez dos incompreendidos.

A humanidade inteira cruzou o umbral da consciência cósmica. A porta da câmara do passado se fechou. A alternativa é: ou a expansão de consciência em um novo espaço existencial de dimensão cósmica ou a aridez de uma vida terrestre sem sentido (a Terra como cemitério da raça).

O trânsito do homem terrestre ao homem cósmico não se realiza como aventura prometêica para ocupar um novo espaço físico ou como fantasia romântica para viajar para além dos limites da consciência psicológica, senão que se *impõe* pela irrupção, dentro do próprio homem, de um novo estado de consciência cósmica. É uma mudança no ‘meio interno’ e a alternativa é transcender ou morrer. A instauração deste novo meio, dentro da própria fisiologia humana, não depende destes ou daqueles sistemas políticos ou sociais, senão que se dá como ato concreto da revelação da mensagem do futuro. Tarde ou cedo, todos teremos que cruzar esse umbral entre dois mundos, entre duas dimensões do ser, entre dois estados de consciência. Esta é a tarefa que nos espera, que não é tanto construir a Terra, nem edificar a sociedade socialista, nem projetar a sociedade pós-industrial – por mais importante que seja tudo isso – mas trilhar o caminho da liberação da consciência.

O que se entende por liberação da consciência?

A crise existencial quebra a identificação do ser com o mundo. O mundo perde significado e a consciência se desdobra sobre si mesma. De uma consciência objetiva, passa-se a uma consciência *sem* objeto. Milhões de homens e mulheres experimentam hoje esta ‘perda do mundo’ e esta ‘crise de identidade’. Acostumado o ser a viver dentro do marco de uma existência não autêntica (identificado com os objetos do mundo) – mas que lhe dá segurança – a ruptura dessa identificação lhe produz angústia e cai em um vazio existencial, em um ‘oco de antimatéria’. Se não aprendermos a decifrar a mensagem de futuro que se dá nesse ponto do trajeto do ser ao não ser, a consciência que ficou *sem* objeto (desnuda), volta a cobrir-se com uma nova roupagem encobridora. Se se ‘fabrica’ um objeto para a consciência que ficou livre (sem objeto), algo para dar-lhe nome, para que não fique só, sem par (consciência de Adão), o novo objeto, na medida em que é ‘fabricado’ (não autêntico), o único que faz é apaziguar a angústia, mas encobre a mensagem da consciência que quer nascer.

A angústia existencial (solidão da alma), que não deve ser confundida com a angústia patológica (solidão de incomunicação), não é uma doença de morte e sim de vida, não é um sintoma patológico que seja necessário suprimir, mas um signo de liberação que tem de ser respeitado: uma angústia que anuncia! Porém, muitos seres humanos têm “medo da liberdade” (Fromm) e, ante uma consciência que ficou ‘flutuando’ no vazio – sem objeto – preferem fabricar para ela um objetivo artificial, a permanecer nesse vazio, à espera de uma revelação da consciência; preferem voltar aos caminhos seguros do mundo que deixaram, a explorar os caminhos incertos do porvir.

A crise existencial é expansão de consciência e liberação de energia. Quando a consciência se desprende de sua identificação com os objetos do mundo e se volta sobre si, o que se resgata nessa reversão não é só uma consciência ideal, psicológica ou metafísica, mas um ‘quantum’ de energia (a energia humana que estava ligada aos objetos do mundo) e essa energia livre que

inunda nosso organismo (e que não sabemos o que ‘fazer’ com ela) é o que dá à angústia existencial seu caráter dramático e vital, e não simplesmente metafísico. Freud já havia visto estas coisas (ainda que no campo psicológico) quando falava dos deslocamentos da libido e das catexias fixas e livres. De qualquer maneira, a dimensão energética do fenômeno de crise impõe o fato de que para ‘curar’ o paciente ferido de ‘morte existencial’ não é suficiente ajudá-lo a que se “adapte” ao mundo que deixou, senão que é necessário induzir o despertar do sentido de ação criadora: não só para que veja o mundo novo que se abre ante seus olhos e sim, para que se anime a ocupá-lo!

Expansão de consciência e liberação de energia é um fenômeno individual e coletivo que transcorre dentro da mudança de ritmo que se está operando no corpo planetário da humanidade. Uma ‘chispa solar’ se instalou no centro da matéria humana e provoca maré para dentro das águas da vida. É uma longa caminhada até as profundidades do ser, silenciosa, inadvertida para muitos, mas sofrida por todos. As terras baixas, ocupadas pelos afãs pequenos, ficam vazias e as correntes da vida em ascenso, que abandonam suas antigas formas, liberam um imenso caudal de energia como promessa para o futuro. Mas, quão poucos entendem ainda a mensagem da era que vem! A maioria quer, a toda custa, restaurar suas casas envelhecidas pelo tempo e recuperar a segurança e o equilíbrio de um mundo que passou! Acaso não percebemos que, como indivíduos, fazemos parte de uma humanidade que está abandonando suas antigas moradas e seus velhos objetivos, e que não se pode fugir do destino comum? Se a humanidade, como corpo planetário, está sendo chamada a alcançar graus mais elevados de consciência, todos teremos que alcançá-los e os que ficarem nas terras baixas serão cobertos pela contramaré das águas que voltam!

A crise existencial da humanidade contemporânea, enquanto acontecimento planetário e cósmico, é um sinal dos tempos, apocalíptico e messiânico. É a irrupção de uma mensagem que, sob sua face obscura, aparece como Anjo Exterminador e, sob sua face luminosa, como Iniciado Libertador. Como força de

Destruição, mostra o fim do velho mundo; como força de Iniciação, anuncia o nascimento do homem novo. E esse homem novo nasce sob o signo da liberdade, porém não somente de uma liberdade social e política, mas espiritual. A alternativa de liberação já não é reconstruir o mundo perdido e sim, transcendê-lo. A ruptura da identificação do ser com o mundo não só libera uma consciência psicológica ou metafísica (consciência do ser), mas uma consciência espiritual (consciência de si). E é esta consciência de si (egoência do ser) a que irradia como consciência expansiva e participante. Termina a escravidão do “ser-no-mundo” e começa a liberdade de consciência. Este movimento de liberação interior é um novo nascimento, uma alegria existencial, um gozo de viver! Não há maior alegria que a de reconhecer a liberdade interior, a liberdade do ser frente às coisas, a transcendência da alma frente ao mundo. Transcendência? Sim, mas uma transcendência reversível: uma consciência de liberação e uma vontade de participação.

O sentido de liberação do novo homem planetário tem características que são próprias do novo tempo: ruptura com o mundo e vocação de transformação do mundo. A consciência espiritual se traduz em participação social. Rompem-se os laços de escravidão do ser com o mundo e se restabelecem os vínculos vivos com o mundo. Terminam o individualismo e o socialismo, e começa a vida da comunidade planetária.

A crise existencial é derrota e mensagem. Deixa muitos cadáveres pelo caminho e abre o caminho a muitas almas luminosas. O número de seres luminosos que sobreviveram à primeira catástrofe apocalíptica da idade obscura alcança o valor de uma ‘massa crítica’. O que Charles Reich registra como emergência de Consciência III, David Splanger, como *Revelation* e outros, com termos diferentes, é um fenômeno generacional de explosão de uma massa crítica de nova humanidade que começa a ter gravitação no mundo, ou seja, um ‘peso’ suficientemente significativo para gerar mudanças substanciais no resto. Não um peso como força intelectual, social, política ou econômica – no estilo da influência dos grupos de poder que conhecemos – mas

um ‘peso existencial’. A simples presença dessa massa crítica, por sua força de arrasto para o futuro (dissimetria da matéria humana), provoca mudanças estruturais dentro do sistema. Esta ‘bomba atômica’ de elementos humanos fissionáveis inicia o incêndio da matéria humana por uma reação de similitude em cadeia.

Para além da crise, o resgate da consciência é a finalidade essencial dos movimentos de liberação da humanidade de nosso tempo, movimentos liberadores de diferentes tipos que colocam seu selo na época em que vivemos e que são facetas e modos – mais ou menos adequados – de um movimento fundamental em busca da liberdade interior. Mas, atenção! O quantum de consciência que se libera nas grandes crises existenciais da humanidade contemporânea é facilmente devorado pela mente coletiva que, como uma besta de 666 bocas, está sempre pronta para aniquilar o recém nascido. Os movimentos sociais de liberação, para preencher seus fins, devem poder alcançar um grau de liberdade espiritual, de egoência do ser e manter-se ali, sem cair. Por qual estranha fatalidade as lutas revolucionárias terminam com tanta frequência em dilacerantes frustrações? Porque muitos homens e mulheres, chamados à liberdade, traem o destino transcendente de sua liberação e, em lugar de assumir uma vontade de redenção frente ao mundo, voltam a tomar posse dele.

SÍNTESE DO CAPÍTULO II

A CRISE EXISTENCIAL DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Milhões de seres humanos experimentam hoje, em todos os lugares do mundo, uma crise existencial que se caracteriza por: “falta de significado da vida”, “vazio existencial” e “perda da identidade do ser”.

O homem velho é tocado de morte. A colisão com o futuro provoca um desequilíbrio existencial.

Não só o indivíduo, mas a humanidade inteira está experimentando esta crise.

Qual é a natureza e qual o significado desta crise existencial? Não só marca o fim de um modo de existência, senão que abre a porta a uma nova dimensão de vida.

III

A BUSCA DE IDENTIDADE **O Nome Próprio**

A PERGUNTA ANTROPOLÓGICA **UMA NOVA REFORMULAÇÃO**

“Todos merecem (merecemos) um nome próprio e
ninguém o tem.”

(Octavio Paz, *El Mono Gramático*)

O homem de hoje está frente a uma crise de identidade, encontra-se dividido, fragmentado, desconstruído consigo mesmo. A grande tarefa que nos espera para o futuro é reconstruir a unidade do homem. Porém, esta busca da unidade já não é questionada através do caminho do conhecimento, mas através do caminho da vida.

A interrogação principal do homem de nosso tempo já não se reduz à pergunta kantiana “O que é o homem?” (uma pergunta metafísica), questiona-se em termos de “Quem sou eu, realmente?” (uma pergunta existencial).

Temos seguido diferentes caminhos à procura do conhecimento de nós mesmos: a análise psicológica, a investigação metafísica, a análise existencial e as experiências liberadoras de autorrealização. Todos estes métodos são insuficientes, por natureza, para descobrir esse “quem” que suponho ser. Em suma,

podem me mostrar uma ‘imagem’ de mim mesmo, mas o ser do homem está além das imagens.

Quando examinamos em profundidade esta pergunta “Quem sou?” chegamos à conclusão de que carece de uma resposta dentro do âmbito psicológico em que habitualmente é questionada. O eu que pergunta, condicionado biológica e socialmente, não pode receber como resposta senão o *eco* de sua própria voz; responde um núcleo pessoal feito mais objeto que sujeito; responde uma pessoa que fala mais pelo coletivo que lhe foi impresso, que por aquilo que realmente é; em outras palavras, responde antes um “o que” sou – sou isso, sou aquilo (como objeto) – que um verdadeiro “quem”. Esse “quem” segue encoberto sob os nomes, os símbolos, as imagens e as máscaras de diferenciação com que o ser se recobriu para desempenhar um papel no mundo, mas seu verdadeiro nome permanece encoberto.

A análise psicológica, ainda incluindo a exploração do inconsciente, não nos dá mais que imagens e símbolos.

Quanto à investigação metafísica, pode nos mostrar a estrutura ideal da consciência mas, no final, o “Dasein” não é mais que outra forma e dista muito desse homem de carne e espírito que realmente somos.

O que dizer das chamadas experiências liberadoras de autorrealização (a yoga ascética, o controle mental, as drogas, o sexo)? Se por autorrealização entendêssemos um conjunto de exercitações para estender os sentidos, ampliar a consciência e fortalecer a vontade, teríamos que chegar à conclusão de que esse caminho pode incrementar os poderes do homem, mas não necessariamente revela a identidade do ser.

Em resumo, hoje em dia, os caminhos do conhecimento de si mesmo – análise psicológica, investigação metafísica e autorrealização – estenderam consideravelmente o campo autoperceptivo e incorporaram territórios da mente, antes inexplorados. Deste ponto de vista, representam ganhos valiosos e podemos dizer que nos levaram até os *limites* do sistema, porém não nos permitem sair do sistema: dão a conhecer os limites da jaula, mas não nos permitem sair dela.

Por mais longe que tenhamos chegado à exploração do espaço humano, seja por termos descido aos abismos subterrâneos do inconsciente ou escalado os cumes do mundo parapsicológico, encontramos-nos, no final, com as paredes de nossa prisão. Como sair daí? Haverá alguma porta nessa muralha?

“Apressados chegamos a um lugar
onde o recinto mostrava uma abertura,
como brecha que a muralha parte.”

(Dante, *Purgatório*, canto IX)

Para passar do espaço psicológico ao espaço do ser, é necessária uma ruptura existencial que não é precisamente uma fissura no espaço, mas uma inflexão no tempo. Quando se chega ao fundo do abismo, quando se reconhecem as limitações humanas em quebrar a barreira da escravidão, quando o homem cai rendido ante esse umbral, então, tem suficiente humildade (reversão do tempo interno), podem ser-lhe dadas as condições para sair ‘fora’ do sistema: onde antes havia uma muralha, agora se vê uma porta. Já veremos, mais adiante, o que isto significa.

O MISTÉRIO MODERNO DA ESFINGE A CRISE DA FALSA PERSONALIDADE

“Quem sou eu realmente?”

Para a geração de nossos pais era um orgulho formar uma forte personalidade, uma ‘imagem’ satisfatória de si mesmo. Talvez isso explique o interesse que as pessoas dessa época tinham em fotografar-se, sobretudo em momentos cruciais da vida, quando a imagem era símbolo de realização e se posava para a posteridade.

A nova geração tomou consciência da falácia dessa imagem e o homem atual se encontra com uma face que não conhece, com a máscara de uma falsa personalidade que é a contraimagem

mundana de si mesmo: aquela parte do ser, cuja consciência se identificou com o mundo. Esta esfinge que construímos à custa de tantos esforços entrou em crise. E assim, vão ficando à beira do caminho da civilização moderna, milhões de ‘colossos de pedra’ que perderam seu ser e que só perduram como menires que marcam as rotas do passado, como as estátuas da ilha de Páscoa que marcam a grandeza de outra época.

A nova geração se vê comprometida com a grande tarefa de começar a construir a morada do homem futuro sobre uma base diferente, já não sobre uma consciência identificada com o mundo (falsa personalidade), mas sobre uma consciência centrada no ser (egoência do ser).

Os jovens de hoje vêm com uma postura de denúncia de si mesmos que escandaliza a geração anterior, educada tradicionalmente para manter as aparências e reprimir o refluxo das águas profundas. Enquanto nossos pais e avós podiam edificar belas construções sobre abismos subterrâneos que permaneciam selados, o mesmo não ocorre agora e nossos jovens vão mais abaixo, em busca de uma rocha mais sólida. Nem sempre é bem compreendido este “descenso” que muitos qualificam de decadência (e que, em muitos casos, é), mas o importante é descobrir a tendência geral do fenômeno humano de nosso tempo e perceber que, para a geração atual, a revelação do ser não se resume na especulação metafísica, na análise psicológica ou na contemplação espiritual, mas que se coloca como caminho de descenso às câmaras profundas da esfinge, em busca da verdadeira face de si mesmo. Embora essa face oculta e temida durante séculos nos apareça como uma figura sinistra e terrível, queremos vê-la de frente: preferimos a verdade, ao encobrimento. Este encontro com a verdade do que cada um é constitui o primeiro passo da Iniciação moderna que hoje se realiza silenciosamente nas múltiplas câmaras subterrâneas das esfinges humanas que povoam a Terra.

Esse fenômeno massivo de volta da consciência sobre si é possível porque a galáxia humana, no seu conjunto, reverteu a direção de sua seta do tempo. Seria compreensível que numa

galáxia, cuja seta de tempo estivesse dirigida para fora do ser, a consciência se identificasse com o mundo (consciência objetiva), mas ao inverter a direção do tempo, a consciência se volta sobre si, abandona sua identificação com o mundo de objetos e se lança à busca de uma nova identidade. Daí que, nesta ‘volta’ do caminho, o encontro com a imagem oculta e subterrânea de nós mesmos seja inevitável e que, cedo ou tarde, vejamo-nos diante de uma face que não podemos evitar. No final, o homem acaba se encontrando com sua própria sombra.

“Vi uma porta e três degraus até sua altura
de diversas cores cada um era
e um guardião silencioso na estreiteza.”

(Dante, *Purgatório*)

Quem é o Hierofante desta gigantesca Iniciação humana?

Devemos compreender que o sistema de vida que criamos, cuja estabilidade depende da identificação da consciência com o mundo, gera mecanismos de defesa que postergam, tanto quanto podem, o encontro com nossa imagem oculta: é a magia do mundo, magia de um poder extraordinário para os dias de hoje, sustentada por todo o aparato tecnológico dos meios de comunicação de massas. Porém, a própria velocidade da mudança é suficiente para quebrar de um só golpe o encanto de um mundo de fantasia. A partir desse instante, o homem mais seguro de si cai em um poço de angústia e solidão, como jamais havia conhecido. Nesse ponto crítico, falham os mecanismos encobridores do ser e o mundo subterrâneo fica à mostra.

No caminho da busca de identidade, podemos reconhecer três etapas que representam, por sua vez, outros tantos graus diferenciais de consciência.

OS ROSTOS DO HOMEM

O rosto do homem n° 1

É a imagem objetiva de si mesmo, uma forte personalidade que posa, orgulhosa, diante do espelho (foto); é uma imagem social que representa um “papel”, uma “função” (ou melhor, um funcionário). Enquanto o ser permanece identificado com o mundo, tem uma forte sensação de ‘unidade’ e ‘segurança’; está convencido de que é uma *unidade* (átomo humano), de que sabe o que quer e que domina sua vontade. Porém, esta consciência de ‘falsa personalidade’ é comovida facilmente pelo impacto do futuro e à segurança, sucede-se a angústia.

O rosto do homem n° 2

É a imagem psicológica de si mesmo, nossa autoimagem endógena. O novo homem tem consciência de sua *dualidade*. Já não se identifica com o herói que crê ser (sua foto), mas toma consciência do ‘anti-herói’ que há dentro dele. Já não sou somente eu quem existe, mas eu e minha sombra (“um guardião silencioso em sua estreiteza”). A face do homem n° 2 é uma ‘imagem penosa de si mesmo’, é a imagem do homem ‘quebrado’ em sua estrutura monolítica, fissurado por dentro (“como brecha que a muralha parte”).

Agora, que papel tem esta contraimagem dentro do processo de desenvolvimento da consciência? Antes de mais nada, façamos notar que essa figura ora é omitida ou encoberta pelas filosofias idealísticas e românticas, ora exageradamente acentuada pela psicologia do inconsciente ou pelas filosofias pessimistas de nosso tempo (que detêm o homem no limiar de sua própria sombra).

Voltemos a Dante e sua entrada no Purgatório.

“Apressados chegamos a um lugar
onde o recinto mostrava uma abertura,
como brecha que a muralha parte.

Vi uma porta e três degraus até sua altura
de diversas cores cada um era
e um guardião silencioso na estreiteza.”

Este canto tem um profundo significado. Muitos crêem que, depois de certa exercitação, o homem pode passar ‘diretamente’ a uma consciência do ser, unir-se com o Absoluto, expandir-se na imensidade da consciência cósmica. O auge das filosofias do Oriente e suas interpretações unilaterais assim o postularam a seus candidatos, prometendo-lhes um rápido e direto acesso a uma consciência ilimitada. Não perceberam que há um passo intermediário?

A tradição espiritual da humanidade – não as interpretações – sempre indicou (com diferentes símbolos) um umbral no caminho do homem rumo ao além, esse “guardião silencioso” do qual nos fala Dante. Os ideais são muito bonitos, o vislumbre do universo cósmico, o poder de voar pelas esferas do infinito, tudo isso é muito sedutor, mas o ser humano deve conquistar sua liberação pelo conhecimento de si mesmo, não disfarçando sua sombra e evadindo-se pela janela e sim, saindo pela porta. E nessa porta há alguém lhe fechando a passagem, há uma figura silenciosa que não lhe diz nada, mas que lhe sugere tudo: “eu estou aqui!”, é um fato. Quando quer cruzar a barreira do tempo, o próprio tempo o obriga a deter-se. Quando acreditava haver encontrado Deus, encontra-se consigo mesmo; mais ainda, com uma imagem de si que não esperava, não com um rosto conhecido, mas com outro, desconhecido.

Em outras épocas do desenvolvimento humano, esse encontro se produzia no além, depois da morte (como referido no Livro Tibetano dos Mortos), mas hoje, muitos seres estão preparados para realizar este encontro no “aqui”. A aceleração do tempo no mundo em que vivemos possibilita esta visita ‘antecipada’.

A psicologia moderna deu um passo extraordinário com o descobrimento da autoimagem e suas correlações cerebrais, psíquicas e sociais. Não entraremos em detalhes, a bibliografia é extensa.

Esta autoimagem profunda é uma sombra que se oculta cuidadosamente, não é fácil reconhecê-la como própria; geralmente é projetada fora de si e vivida como persecutória, como estranha. Jung viu estas coisas, mas as descreveu em uma linguagem tão esotérica que os homens de seu tempo não o entenderam. E os psicólogos posteriores se limitaram a descrever os mecanismos de projeção do inconsciente, mas sem chegar a estabelecer a diferença entre a consciência psicológica e a consciência do ser.

A contraimagem costuma ser terrorífica (Zanoni, Dorian Gray), deforme e monstruosa, contrafeita (uma espécie de Quasímodo escondido nos abismos subterrâneos), condensando todas as características de inferioridade, de anomalias sexuais reprimidas, de patologia pessoal e familiar, uma espécie de bode expiatório do inconsciente coletivo. Outras vezes, é uma imagem pequena, insignificante, resumo da debilidade e dependência gravadas a fogo desde criança em uma cera fresca. Pode ser uma imagem feminina no homem e masculina na mulher, refletindo aspectos sexuais encobertos ou arquétipos do inconsciente coletivo. Em resumo, é o oposto reprimido, a dualidade humana que aparece por trás da máscara de uma falsa unidade, o tendão de Aquiles de uma fortaleza aparente.

A integração do ser humano começa, precisamente, assimilando este ‘irmão’ (ou ‘irmã’). É uma redenção pelo conhecimento e pelo amor. Amar o inimigo é, antes de mais nada, reconciliação com o contrário que trazemos dentro, com a figura compensatória.

Esta contradição que estamos examinando pode tornar-se radical e, nos casos de psicose, chega-se à verdadeira divisão da personalidade; a imagem profunda se faz persecutória e se converte no pior inimigo.

O autorreconhecimento da imagem oculta é o primeiro movimento de síntese que se produz dentro do próprio homem e o gesto de ‘descenso’ à procura do ‘ser caído’ é prévio a todo posterior ascenso. Muitos que quiseram ganhar alturas, esquecendo este contrário, foram puxados pelos pés por sua

própria sombra: “Queres levantar voo prescindindo de mim?”. Este é o guardião do umbral. Frente à imagem oculta de nós mesmos, temos que chegar a reconhecê-la como própria, mas é necessário ter cuidado para não ser seduzido por ela e para não acreditar que “eu sou ela”! A literatura comercial de nosso tempo, a arte subconsciente e a psicologia profunda acentuaram exageradamente a face demoníaca que está por trás do ser humano, fazendo muita gente confundir o “EU” com o “ISSO”: o homem que quer escapar de sua falsa personalidade exterior costuma tornar-se vítima (possuído) de sua sombra demoníaca interna. Para ir além, é preciso desafiar o guardião do umbral. O que eu realmente sou – o “quem” sou – está além das imagens; não sou nem a imagem que acreditava ser (falsa personalidade identificada com o mundo, rosto n° 1) nem a imagem espectral escondida dentro de mim (rosto n° 2). Meu verdadeiro ser não está, em seu todo, presente nessas imagens, mas só re-presentado.

Milhares de homens e mulheres, hoje em dia, que partem em busca de sua verdadeira identidade percorrendo os caminhos psicológicos são apanhados por este guardião invisível e passam sua vida lutando contra sua própria sombra, querendo modificá-la ou dominá-la, antes de conhecê-la; outras vezes, identificam-se com ela e vivem o resto de suas vidas amargurados, desiludidos de sua própria imagem, sufocados pelo peso de sua própria inferioridade: tornaram-se vítimas do poder e da magia do íncubo que trazem dentro de si.

O rosto do homem n° 3

Tanto a “imagem psicológica” (autoimagem) quanto a “imagem social” (*rol playing*) são exteriores ao ser, estão *fora* do ser. Já veremos mais adiante, a implicação ética deste ‘estar fora’. Por outro lado, quando se fala de expansão da consciência, geralmente se interpreta como uma abertura rumo ao cosmos, à iluminação, ao êxtase, mas poucas vezes se pensa que a expansão de consciência é esférica e que se produz tanto para cima quanto para baixo, tanto para fora quanto para dentro. E isto é

precisamente o que está acontecendo com a humanidade de nosso tempo e o que explica que a visão ampliada de milhões de seres humanos seja, ao mesmo tempo, maravilhosa e terrorífica e que, tanto individual quanto coletivamente, ocorra hoje um novo enfrentamento entre a luz e as sombras, entre o bem e o mal. Em um espaço curvo, o homem nº 1 e o nº 2 convergem em busca de uma nova síntese, em busca do rosto do terceiro homem.

Há um homem nº 1, aparentemente firme, monolítico, seguro de si, cuja consciência está identificada com o mundo, em virtude de uma máscara de ‘falsa personalidade’; há um homem nº 2, um homem quebrado em sua estrutura monolítica – fissura existencial – um homem angustiado e sem sustento, com uma consciência penosa de si mesmo; e há um homem nº 3, que está surgindo como síntese entre os opostos. Mas, para que esta síntese se produza, o homem nº 1 há de fracassar e o homem nº 2 há de sobreviver à catástrofe existencial. Em outras palavras, o homem nº 1 não pode entrar diretamente no reino dos céus (é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha...). A transfiguração do homem terrestre no homem cósmico não se dá por êxtase do homem nº 1, mas atravessando o “vale de lágrimas” do homem nº 2. E este é o deserto que estão cruzando grandes massas humanas, um deserto existencial, um purgatório (não além e sim, aquém). Muitos morrem neste deserto e morrem de morte existencial, de desespero, de desesperança!

No nível do homem nº 1, a consciência reflete uma “imagem social” e, no nível do homem nº 2, uma “imagem psicológica”, mas o homem nº 3 desperta a uma *consciência espiritual*. Não se pode confundir a consciência psicológica com a consciência espiritual, nem confundir a imagem psicológica de si mesmo com a consciência do ser. Geralmente, quando se fala de consciência de si, de conhecimento de si mesmo, de mostrar-se tal qual se é, entende-se que isto se refere à imagem do homem nº 2, mas temos que aprender a desafiar essa imagem e ceder à revelação da consciência de nosso verdadeiro ser.

Tanto o rosto do homem nº 1 quanto o rosto do homem nº 2 são imagens coletivas e opressoras – negadoras da liberdade do

ser – porém, o poder opressor não vem somente de fora mas, sobretudo, de dentro. A ‘magia’ do mundo interior é tão ou mais poderosa que a do mundo exterior. A análise psicológica não basta para quebrar o poder destas imagens coletivas. Uma vez reconhecidas (pelo conhecimento) não se pode perder muito tempo no diálogo ou no enfrentamento com as mesmas; não é questão de sacar a espada e lutar contra forças cegas, há que saber ‘retirar-se’ ao centro do ser e buscar um aliado que já não é a força da vontade, mas a força da alma. Se o homem n°1 tinha consciência (falsa) de sua *unidade* e o homem n° 2, de sua *dualidade*, o homem n° 3 desperta à consciência de sua *trindade*.

É preciso resgatar a identidade espiritual do homem, oculta e desfigurada entre a multiplicidade de rostos que a encobrem, máscaras do mundo exterior e sombras do mundo interior, mutantes imagens mundanas que assumem, uma após outra, a pretensão de *ser*, mas que não são mais que figuras encobridoras, formas transitórias no curso do porvir.

Meu Deus! Quem sou eu na realidade?

A IDENTIDADE ANALÓGICA DO HOMEM FUTURO

Quando pergunto “quem sou”, o que estou procurando é uma realidade mais profunda, na qual possa reconhecer-me; procuro um espelho mágico que apague a ficção do que creio ser e me devolva a imagem do que realmente sou.

Conforme a natureza do espelho, no qual se pretendeu provar a identidade do ser, surgiram diferentes fórmulas que expressam as tendências psicológicas ou filosóficas que lhes servem de base. “Eu sou Eu” (nas psicologias da consciência introspectiva), “Eu sou Isso” (nas psicologias do inconsciente) e “Eu sou Aquilo” (nas psicologias orientais transcendentalistas).

Nenhuma destas fórmulas é representativa da identidade nascente do homem futuro que é uma identidade de egoência. A egoência é uma nova forma de identidade que nem está sustentada

no “ego” (*egoness*) nem no “não ego” (*egolessness*), mas na relação analógica (“egoens”) entre a partícula do ser individual concreto e o infinito campo da consciência cósmica. Já não é uma identidade puramente psicológica ou social, mas essencialmente espiritual.

Egoência é identidade analógica, não é identidade de forma, mas de ritmo; é o um dizendo-se a si mesmo no múltiplo; é consciência expansiva e vontade participante; é a revelação do *nome próprio*, metáfora humana do nome divino.

A irrupção do arquétipo de egoência como signo da nova era confere, à nascente humanidade do futuro, um atributo que lhe é próprio e que poderíamos caracterizar como uma identidade de não identificação. Muitos jovens de nosso tempo sentem um estranho fenômeno de ‘despersonalização’ que, se não for bem compreendido, poderá ser qualificado de patológico; é uma sensação de perda dos limites do eu, de não estar totalmente ‘centrado’, de certa ‘indefinição’ de propósitos e ideais, de certa ‘dispersão’ na vastidão do mundo. É que se romperam as paredes da antiga morada e a consciência se expandiu, des-centrou-se e, momentaneamente, sente-se perdida em um universo que a aterra. Um ser assim é difícil de ser identificado, não só para os demais, mas para si próprio. Quando se concentra em sua intimidade, sabe que é ele mesmo, mas quando se expande, perde os pontos de referência que mostravam sua identidade e acaba por não se reconhecer mais. Quem sou? O que acontece é que a consciência mudou de forma e de ritmo. O ser já não consegue identificar-se com determinado papel, com determinada ideia ou crença, ou com determinado grupo ou sistema; não pertence totalmente ao mundo; deixou uma imagem no mundo, mas não é do mundo.

SÍNTESE DO CAPÍTULO III

A BUSCA DE IDENTIDADE O NOME PRÓPRIO

O homem está hoje frente a uma crise de identidade.

“Quem sou eu?”

Esse “quem” permanece habitualmente encoberto por trás de uma ‘máscara’, de um papel ou de uma função social ou ainda, por trás da ‘sombra’ da autoimagem psicológica de si mesmo.

A identidade do homem futuro é uma identidade de ‘egoência’. Egoência é a identidade analógica; não uma identidade de forma, mas de ritmo.

A irrupção do arquétipo de egoência se faz sentir na nova geração como uma mudança nos parâmetros da identidade, identidade de não identificação, que prepara o advento do nome próprio.

IV

A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO HOMEM

“Tell de young that the choice is not between forms
but between consciousness.”
(Spangler, D. *Revelation*)

A CRISE DO NEO-HUMANISMO

A sociedade moderna vai se convertendo, cada vez mais – apesar do desenvolvimento tecnológico – em um meio opressivo para o homem. A instrumentação do indivíduo pelo poder coletivo organizado, sob a forma de massificação dirigida (Schischkoff)³⁰, o Estado corporativo (Reich), está provocando o ‘esvaziamento’ do ser humano e a perda do ser (“*loss of self*”).

Diversas correntes de investigação – psicológicas, filosóficas e sociais – estudaram este fenômeno moderno de “perda do ser” (Heidegger, Charles Reich, Erich Fromm, Georgi Schischkoff), gerando um movimento de neo- humanismo que tenta harmonizar o progresso científico e tecnológico com o desenvolvimento da consciência individual e as necessidades da comunidade social (racionalização do trabalho, humanização do capital, economias de participação). Estas tendências humanistas representam um polo de equilíbrio em uma sociedade cada vez mais alienada e contribuem positivamente para melhorar as condições de vida de milhões de homens e mulheres, mas no que se refere ao estado

³⁰ Georgi Schischkoff, *La Masificación Dirigida*, Editora Nacional (paseo de la Castellana 40, Madrid, Espanha), 1968. Original em alemão, 1964

interior do indivíduo, não necessariamente conduzem ao resgate do ser perdido.

O ser do homem não pode ser recuperado no mesmo plano de consciência em que se perdeu (jogar uma corda para cima e querer subir por ela?). No plano da consciência psicológica ou da consciência social, a única coisa que pode ser recuperada é um novo “sujeito”, talvez *mais* lúcido, *mais* dono de si, *menos* alienado, *mais* consciente de sua escravidão; mas estas conotações quantitativas não necessariamente andam de mãos dadas com a mudança qualitativa que implica na recuperação do ser. Tampouco se recupera o ser, pondo-o de cabeça para baixo, mastigando peiote e praticando “*mind control*”. Trata-se de realizar a unidade do ser e isto já não é questão de ciência, filosofia ou revolução, mas de revelação.

NO UMBRAL DE UMA NOVA REVELAÇÃO

Estamos no limiar da revelação do ser no homem, mas esta revelação não pode ser definida em termos metafísicos, psicológicos ou sociais, pois implica em um emergente espiritual completamente novo. Viktor Frankl, da mesma forma que muitos outros neo-humanistas e humanistas modernos (Erich Fromm, Carlos Bernaldo de Quirós), intuíram em seu momento a incidência do fenômeno espiritual no desenvolvimento da consciência do homem contemporâneo, mas a influência intelectualista do meio os levou, ao final, a reduzir o significado do espiritual a um ‘logos’ metafísico, a uma teoria dos valores ou a um humanismo social. Ainda o próprio Viktor Frankl que tão maravilhosamente destacou em *O Deus Inconsciente*, o caráter transcendente da consciência, cuidou em escritos posteriores, de que não se confundisse sua “logoterapia” com nenhuma forma de espiritualismo.

O fenômeno espiritual do homem moderno deve ser proposto em termos completamente novos; já não se trata de uma nova atitude frente aos valores ou de uma nova crença, mas do acesso

da humanidade inteira a uma nova dimensão da consciência. E o salto é de tal magnitude que os velhos esquemas espirituais que nos guiaram até agora não ajudam muito a explorar os caminhos do porvir. A era que começamos a viver não é só uma etapa a mais de nossa longa peregrinação terrestre, mas o começo do caminho da humanidade cósmica do futuro. Falar hoje de consciência espiritual é falar de consciência cósmica. Porém, como entrar em contato com essa consciência cósmica? Viajar para a Índia? Tornar-se um astronauta?

UMA FAÍSCA QUE INCENDEIA A PRADARIA

Milhões de seres humanos estão se aproximando velozmente de um ponto crítico de ‘Iniciação’ humana. E a participação neste Mistério é a peça chave para o futuro.

Tudo o que hoje se diz e se especula acerca dos meios que o homem tem para conseguir seu desenvolvimento, o que dizem a ciência e a filosofia, e ainda a força de transformação que impõe o meio tecnológico, não são mais que aproximações deste limiar de transcendência, mas o verdadeiro desenvolvimento humano começa precisamente no ponto de encontro do caminho do homem com o caminho dos deuses. Ficção científica? Nova revelação religiosa? Talvez não. Realidade e testemunho daqueles que já estão cruzando essa fronteira, uma zona de trânsito entre o homem terrestre e o homem cósmico.

O cientificismo moderno e as ciências sociais e humanas tendem a reduzir o processo de mudança que estamos vivendo à influência de um humanismo renovado tecnologicamente. As religiões tradicionais, por sua vez, tendem a reinterpretar os sinais dos tempos em virtude das mensagens de profecias milenares. E os grupos esotéricos e gnósticos redescobrem o simbolismo cósmico e a linguagem dos antigos mistérios. É como se o vento do futuro reavivasse retrospectivamente, lembranças do passado. Mas, não se trata de lembranças. Trata-se de um fenômeno espiritual completamente novo. É um Mistério vivo de Iniciação

planetária. Essa Iniciação marca o fim das religiões modernas de massa (políticas, psicológicas, sociais, corporativas) para dar passagem a um novo estado de consciência individual expansivo e participante, egoência do ser. Esta nova Revelação não tem nada a ver com filosofias religiosas, doutrinas políticas ou revoluções sociais, mas é um fenômeno de ‘incêndio’ da matéria humana, quando esta entra em contato com uma faísca de ‘fogo cósmico’. É este contato misterioso que *Inicia* o processo de transformação do homem e do mundo, nesta nova era planetária.

Frente a esta gestação maravilhosa do homem futuro, todas as especulações escolásticas, todos os espiritualismos modernos, todas as ‘metafísicas’ são coisas velhas. A humanidade inteira entrou no deserto e a alma do novo homem já não pode ser preenchida com os frutos da Terra. As correntes psíquicas das religiões deram tudo o que podiam dar. O que fazer para entrar em contato com o maravilhoso? Peregrinar às fontes? Mas, quais fontes?

A maior visão de Simone Weil foi ter descoberto o papel purificador do materialismo moderno. A técnica, se bem que tenha varrido com o mundo dos significados – segundo Octavio Paz – também varreu com muitas das interpretações que fazíamos, a respeito da natureza e do espírito. Ficamos sem marcas, é verdade, mas neste deserto metafísico que estamos transitando existem melhores condições para receber a nova água batismal.

O grande obstáculo para manter contato com a espiritualidade viva da nova era é uma muralha psicológica em que as ‘formas’ do espiritual são outras tantas pedras que fecham a porta de acesso à consciência cósmica. As filosofias, as teosofias e as teologias teceram uma rede ideológica tão intrincada que atuam como barreira mental frente às forças criadoras da alma: a simplicidade da vida espiritual fica encoberta pelo emaranhado das interpretações.

Toda interpretação é um intermediário.

A humanidade está preparada para ter acesso direto às correntes espirituais vivas, porém o trânsito entre as ‘formas’ da consciência e a própria consciência se realiza através de uma faixa

de vazio cósmico em que o ser perde a forma. Perder a forma? Qual forma? A própria! Essa é a chave. Em um dos maravilhosos relatos de Castaneda, a Gorda, discípula adiantada de Don Juan, mantém o seguinte diálogo com o próprio Castaneda: “Você ainda não perdeu a forma humana... Don Juan me disse que, enquanto o ser se mantiver aderido à forma humana, o único que pode refletir é essa forma... e que para mudar realmente, é preciso fazer cair a forma humana. Do contrário, somente é um falar de mudança, como em seu caso”.

— “Mas você continua sendo você mesma, Gorda, não é assim?”

— “Não, de forma alguma. A única coisa que o faz pensar que você é você mesmo, é a forma...”

— “Mas você segue falando, pensando e sentindo como fez sempre, não é assim?”

— “Não, de forma alguma. Eu sou nova.”³¹

A queda das formas é um dos sinais que caracterizam a espiritualidade da nova civilização planetária. Esta queda das formas, este ‘ocaso dos deuses’ produz uma aparente perda do espiritual, uma sensação de estar entregue às intempéries, de não ter onde se agarrar. Deus morreu? Não, acabaram as interpretações! Para a alma criança é mais fácil conviver com as figuras das imagens religiosas, com os símbolos da tradição e com as doutrinas normativas, do que assumir a liberdade espiritual como consciência pura, além das formas. E é precisamente este trânsito entre a consciência psicológica e a consciência espiritual o que está se produzindo no amanhecer da nova era. Não uma nova religião, mas uma nova Revelação. Porém, não uma Revelação trazida por intermediários, mas uma revelação direta da própria alma, ao contato com as fontes criadoras da vida.

Quando o mundo desmorona, a alma fica a descoberto. Nesse momento, é possível a Revelação do mistério espiritual: um ponto

³¹ Carlos Castaneda, *The Second Ring of Power*, Simon & Schuster, New York, 1977, pgs. 152-157

negativo! Através dessa fissura na matéria humana é possível a irrupção no numinoso.

Podemos ter muitas experiências, êxitos e fracassos, mas enquanto não chegarmos a esse ponto ‘crítico’ (Πικρό Φύλλον), não há revelação, não há contato transformante, não há faísca capaz de acender a matéria da vida humana nem impulso para recriar um mundo. Somente a queda do mundo (“*stopping the world*”, nas palavras de Dom Juan, através de Castaneda) não é suficiente para provocar a mutação da consciência. O mundo desmorona para muitos, mas são poucos os que passam para o outro lado!

O espiritual, no homem moderno, surge de uma crise radical frente ao mundo e à vida. A partir desse momento, a consciência inicia uma contagem regressiva e, ao chegar a um ponto existencial zero, é possível o incêndio da matéria humana, se houver o encontro com uma faísca do transcendente. Nesse ponto crítico, pode surgir uma força que muda tudo. Nesse momento, deixo de interpretar a vida e somente a vivo. É isto o que se necessita hoje. Já não existe nenhuma interpretação do mundo que possa atender à necessidade que o homem tem de significado. Somente a própria vida, surgindo de dentro, pode mostrar os caminhos do porvir: nesse instante, o velho homem se retira e a vida decide e ensina.

O desenvolvimento das raças e dos povos já não pode ser medido em termos quantitativos de um pedaço de pão, uma parcela de terra ou um retalho de cultura. Os povos aspiram hoje a algo mais, ao desenvolvimento da consciência e à participação nos bens da vida.

O futuro da humanidade já não pode ser resolvido fazendo um apelo aos povos ricos para que acudam em favor dos povos pobres nem chamando os poderosos para que ajudem os fracos porque nem os ricos nem os poderosos têm a chave do reino.

Já não é questão de que os países desenvolvidos deem uma parte de sua ciência e tecnologia aos países subdesenvolvidos.

Todas estas colocações já não têm sentido. O poder material organizado foi muito longe no desenvolvimento de uma ciência sem consciência, para voltar atrás e os pobres e oprimidos

tomaram consciência de suas próprias forças e iniciam o desenvolvimento com seus próprios meios. Porém, a chave do futuro não está no desenvolvimento material; esse desenvolvimento é, em suma, uma etapa, e depois? Por outro lado, os povos ricos e desenvolvidos da Terra começam a tomar consciência de suas próprias contradições e da patologia humana que se gera em seu próprio seio “apesar do desenvolvimento”.

Povos pobres e ricos, povos desenvolvidos e subdesenvolvidos! Já são problemas velhos, problemas do passado. Enquanto a humanidade ainda se debate nestas tremendas lutas, já nasceu o novo homem. E essa nova humanidade planetária nasce com um novo cérebro, uma nova consciência, uma nova ciência e uma nova espiritualidade.

A alma nova que hoje desperta tem sua própria visão do mundo futuro, não é uma prospectiva, mas um clarão que o próprio futuro imprime nos olhos recém abertos da nova geração. E é em pós dessa imagem etérea, como estandarte de um novo ideal, que as almas novas orientarão seus passos, apesar de todas as forças que queiram se opor a elas.

Nem a velha cultura nem os velhos modelos sociais e políticos inspirarão os jovens porque *eles já estão inspirados* por uma nova visão do mundo e da vida. Talvez esta visão intuitiva não seja ainda suficientemente clara e talvez, o mundo do futuro pareça um sonho ou uma utopia, mas são os ideais da alma os que guiam os povos e não as ideias e projetos dos homens.

O homem novo *já* nasce com a certeza do que necessita, ainda que nem sempre possa formular claramente essa necessidade e deva lutar com dor e sangue para realizar seus ideais; porém, sabe o que sua alma necessita, o que seu ser reclama, e sabe distinguir o pão, das pedras.

De agora em diante, já não será tão fácil guiar homens e mulheres como a rebanhos nem organizar suas vidas de acordo com modelos prefabricados, senão que as próprias almas plasmarão seus modelos prefigurativos. Os condutores dos povos, que não souberem interpretar a sabedoria da nova geração, estarão condenados ao fracasso.

Vivemos uma hora dramática, que é preciso saber compreender. A alma que hoje desperta de sua letargia milenar tem ante seus olhos interiores a imagem de um mundo maravilhoso e, ante seus olhos exteriores, a imagem de um mundo que passou; por dentro, um mundo de possibilidades infinitas, por fora, um mundo estreito, opaco, cheio de dor e de miséria. Este é o drama existencial concreto do homem de nosso tempo. São dois mundos e é preciso escolher! A velha geração não entende bem estas coisas e sofre, sem compreender. E a nova geração, ainda demasiadamente comprometida nas lutas sociais e políticas que recebeu do passado, nem sempre chega a compreender que sua missão não é destruir o mundo velho, mas criar um novo.

Todo o progresso do mundo não basta para preencher as necessidades da alma. As expectativas postas no desenvolvimento (“*development*”) não são suficientes para animar os projetos de uma civilização planetária. E não o são porque o “desenvolvimento” é concebido em termos de variáveis macroeconômicas anônimas – PIB, balança comercial, renda per capita – com total esquecimento das necessidades de desenvolvimento (“*unfolding*”) da consciência individual. A nova era nasce, precisamente, sob um signo de harmonia (“*attunement*”) entre ‘crescimento’ e ‘desenvolvimento’, mas isto não é entendido muito bem pelos políticos nem pelos técnicos.

A nova geração de condutores planetários terá que dar resposta ao desafio que implica o cruzamento destas duas vias. Mas, aqui há algo inédito. O cruzamento prefigurativo das linhas de força da civilização do terceiro milênio não se realiza em um espaço político nem em um espaço social e sim, em um espaço espiritual. De repente, a batalha pelo petróleo está se revertendo em uma batalha pela consciência! Nem as religiões nem as filosofias políticas do passado dão resposta a este desafio conjunto, da alma e do mundo. A velha cultura se esgota em fórmulas vazias. Já Ortega, no começo do século, falava da “alma desiludida” como signo de uma etapa de esgotamento das revoluções de massas. E um dos ‘novos’ filósofos franceses (Michel Le Bris) cunha a famosa frase: “Deus morreu, Marx morreu e eu não me sinto nada

bem”. Todos, sintomas de uma idade obscura e de um lugar onde a terra está seca e a água dos poços já não apaga a sede. Em um tempo parecido com o nosso, Alguém que não era deste mundo pronunciou severas palavras: “Quem beber dessa água, voltará a ter sede” (João, 4, 13).

A resposta a esta aridez da alma, hoje como ontem, é a mesma e, no entanto, diferente. Não é, no essencial, uma resposta política nem uma resposta social, mas uma resposta espiritual. Também hoje se dá uma nova Revelação. Como ontem, as veias etéricas do corpo planetário foram injetadas com uma corrente de ‘Água viva’ e é essa energia espiritual a que ativa, por similitude, os órgãos, ritmos e funções dos seres humanos chamados para o futuro. A nova espiritualidade não é uma espiritualidade de formas, mas de funções. É uma mística, mas também uma fisiologia!

O ENCONTRO COM AS ALMAS SIMILARES

A Iniciação espiritual da nova era é individual e grupal, ao mesmo tempo. Nasce como um chamado na intimidade da alma e se realiza em uma reunião de almas. O primeiro círculo é a câmara secreta do coração. O segundo círculo é o corpo místico planetário. Mas, a ponte entre o primeiro e o segundo círculos é um encontro humano.

O que quer dizer tudo isto? Quer dizer que há uma dimensão “transcendente” e uma dimensão “antropológica”. Na primeira, dá-se o encontro com Deus, na segunda, o encontro com os homens. A Iniciação antiga punha ênfase no mistério do sobrenatural. A Iniciação moderna põe ênfase no mistério do encontro humano. Em ambas tradições, o mistério da União segue sendo o mesmo e, no entanto, é diferente.

Encontro sobrenatural? (Saulo, a caminho de Damasco). Ou encontro humano? (Encontro de Fynn com Anna)³².

³² Fynn, *Señor Dios, Soy Anna*, Pomaire, Barcelona, Espanha, 1977

Quem pode recuperar seu ‘ser perdido’ nas areias do deserto do mundo?

A identidade do ser é individual e comunitária, ao mesmo tempo.

O encontro comigo mesmo é também o encontro com as almas similares. Mas, que tipo de encontro? Qualquer encontro? Não, um ‘encontro de iniciação espiritual’. Há encontros pessoais, encontros sociais e encontros espirituais. A natureza do vínculo é diferente. Deve-se poder estabelecer a diferença entre as formas, as forças, as substâncias e os significados.

No nascente corpo planetário, os ‘encontros humanos de iniciação espiritual’ constituem pontos de ‘contato’ indispensáveis para realizar o trânsito da sociedade civil para a sociedade espiritual. Estes encontros de alma com alma não são demasiado frequentes, mas tampouco são insólitos. Já existe sobre o planeta uma massa crítica de seres espirituais que canalizam a Revelação mediante vínculos invisíveis de similitude. A Iniciação espiritual começa como Mensagem no recinto sagrado do Templo interior, mas se traduz como Caminho no “espaço do encontro humano”³³.

No mundo em que vivemos, a primeira prova iniciática é reconhecer o ser humano que *é* e diferenciá-lo das bestas e dos robôs. Chegou o momento de diferenciar os seres vivos dos seres mortos: esta é a grande questão. Mas, como reconhecê-los? “Pode-se muito bem estar morto, sob todos os aspectos importantes, ainda que se continue movendo-se e falando” – diz um dos personagens da novela de Sheckley, *Los Viajes de Joenes* – e Joenes pergunta: “Quais são esses aspectos importantes?”. “Bem, esses mortos em vida se caracterizam, em primeiro lugar, por uma ausência quase total de emoções alegres. Não experimentam mais que cólera e medo, ainda que às vezes sejam capazes de dissimular outros sentimentos, do modo rudimentar em que um chimpanzé faz como se lesse um livro. Depois se aprecia em todas as suas ações o automatismo que acompanha a interrupção de todos os processos mentais elevados. Frequentemente, produz-

³³ R. Santiago Barbuy, *El Espacio del Encuentro Humano*, Ed. ADCEA, Buenos Aires, 1976

se um movimento reflexo em direção à piedade, movimento bastante parecido com as frenéticas gesticulações de um frango ao qual se acaba de cortar a cabeça. Devido a este reflexo, acha-se a miúdo grande quantidade destes mortos vivos nos arredores das igrejas, onde alguns deles se esforçam inclusive por rezar. Outros, vagueiam pelos jardins públicos ou pelas estações do metrô”³⁴.

Milhões de homens e mulheres buscam hoje um encontro significativo. Quantos ensaios e quanta frustração! Quantos cadáveres ficam pelo caminho! Mas, há alguns encontros maravilhosos que abrem as portas da alma e apontam o rumo para as estrelas!

O TRÂNSITO DA CONSCIÊNCIA PSICOLÓGICA À CONSCIÊNCIA ESPIRITUAL

Há um umbral de acesso à consciência espiritual que é difícil de cruzar. Qual é o perigo? Ser englobado pelo meio. E, não somente pelo meio exterior – o ‘mundo’ das antigas religiões – mas também pelo meio interior – as ‘águas profundas do inconsciente’. Nos antigos mistérios, o candidato se enfrentava com horríveis deidades que custodiavam a porta do recinto iniciático. Esses ‘guardiães do umbral’ já não existem na civilização moderna? Sim, existem, têm outra forma e outro nome, mas o mesmo poder!

Hoje, a humanidade inteira está realizando um ‘Rito de Passagem’ entre dois mundos. E o cruzar desse umbral é sempre aterrador. William Irwin Thompson, historiador norteamericano da cultura, destacou com muita agudeza o caráter de “experiência iniciática” que tem este deslizamento da humanidade atual, em direção à planetização. “Os demônios que vemos fora de nós, sob as formas de guerra nuclear, fome e catástrofes ecológicas são imagens terroríficas que acompanham o deslizamento de um nível

³⁴ Robert Sheckley, *Los Viajes de Joenes*, Ed. Acervo, Barcelona, Espanha, 1962, pg. 33

de realidade a outro” – diz Thompson. E, acrescenta: “Na primeira etapa de iluminação, tua obscuridade se faz visível. Tu descobres que, como contrapartida da ênfase posta nos ideais e valores religiosos, há uma obscuridade interior que se oculta da consciência. Ironicamente, as mesmas técnicas que utilizas para teu próprio melhoramento são as mesmas que te devolvem uma nova consciência de tua obscuridade. O mesmo ocorre em nossa civilização. Construímos imagens de nós mesmos como portadores de luz contra as forças das trevas, na segunda guerra mundial, e então, depois da guerra, vimo-nos a nós mesmos como os líderes e promotores do desenvolvimento do mundo. Agora, estamos forçados a ver, através do Vietnam, da destruição ecológica, das desordens sociais e econômicas, que somos criaturas com uma insaciável luxúria de poder”³⁵.

A magia do mundo atual é muito poderosa, sedutora e terrorífica ao mesmo tempo. Muitos se aproximam do mistério do desconhecido, mas os outros são devorados pelo poder invisível do sexo, ofuscados pelo poder dos meios (“*mass media*”) ou submetidos pelo poder coletivo organizado. Somente uns poucos vencem o Tentador do deserto e alcançam a outra margem.

UM NOVO SENTIDO DO TRANSCENDENTE A PRESENÇA DO DEUS DESCONHECIDO

A mensagem espiritual da nova era, se bem que ligada à tradição espiritual da humanidade, tem características e notas que lhe são próprias. Na civilização planetária que advém, essa mensagem se revela não como conteúdo, mas como *meio*. Isto quer dizer que, mais que uma nova crença, um novo conhecimento, uma nova filosofia ou uma nova religião, é um novo *sentido*, um modo novo de perceber o mistério do ser, do universo e da vida.

³⁵ William Irwin Thompson, *Darkness and Scattered Light*, Anchor Books, New York, 1978, pgs. 34-35

A forma da consciência espiritual do homem contemporâneo permanece ainda encoberta porque é buscada por caminhos inadequados. Identifica-se o espiritual com a mística, a arte ou a religião e se supõe que a ciência, a técnica e a política – e, sobretudo, a vida – não têm nada a ver com a revelação do espírito. No entanto, advertimos hoje que a civilização planetária do futuro está surgindo do encontro entre as correntes de sabedoria e as de santidade, e da convergência entre a ciência, a técnica e a mística. A mensagem espiritual é o alento transcendente que outorga unidade e sentido a esta configuração de signos do futuro.

Deus é quem está no meio. “Cada pessoa que você conhece tem, no meio dela, o Senhor Deus” – diz a pequena Anna, no relato de Fynn. A Revelação espiritual se instala ‘no meio’ da matéria humana e isto é precisamente o que lhe outorga, ao mesmo tempo, seu caráter maravilhoso e terrorífico. O que quer dizer isso? Quer dizer que ninguém pode escapar de sua magia operativa. Ao incorporar-se como meio e não como conteúdo, a mensagem espiritual da nova era se faz universal e, sem perder sua transcendência, cria uma nova natureza humana. A consciência cósmica do arquétipo divino, incorporada à matéria humana, traduz-se em função antropológica. Isto é maravilhoso, mas também terrorífico porque a irrupção do espírito na matéria une e separa, ao mesmo tempo.

A necessidade do Transcendente não pode ser preenchida no homem atual nem pelas religiões formais, nem pela ciência, pela filosofia, pela arte ou pela política. O ser humano já não aceita que lhe digam o que tem que pensar, crer ou sentir, senão que quer experimentar por si mesmo a união de sua alma com o universo e com a vida. Esta experiência profunda já não vem por uma via iluminativa ou gnóstica, mas por uma comoção da matéria humana e uma ruptura de seus recintos atômicos.

De que valem os monumentos da cultura do passado, o que outros homens viram e realizaram? Os grandes testemunhos da tradição espiritual da humanidade estão aí, expostos desde séculos à contemplação dos homens, mas quantos sabem interpretar sua

mensagem? Quem é capaz de ler a mensagem escrita nas pedras das catedrais góticas, nos livros sagrados dos diferentes povos, na Divina Comédia, na Doutrina Secreta ou nos Puranas? Não é que tudo isso não tenha valor, tem e muito, mas a nova geração quer descobrir de novo o universo, quer lê-lo em seu texto original e não nas versões dos intérpretes. Os velhos símbolos deixaram de ter vigência, mas o simbolismo cósmico não, porque é uma linguagem viva e universal que pode ser percebida por todos aqueles que tenham olhos para ver e ouvidos para ouvir!

A velha cultura espiritual, carregada de erudição e de símbolos, passou de época. E também passou a época dos grandes iluminados e dos grandes santos (pelo menos, tais como os imaginávamos no passado). Hoje, abre-se uma nova era, na qual a alma humana quer experimentar o universo e a vida com seus próprios meios, não com os meios extraordinários dos doutores, dos santos ou dos grandes clarividentes, mas com os recursos intrínsecos a todo ser humano. Isto não seria possível se não estivéssemos em Presença de uma divindade de proximidade.

Os povos antigos eram mais sensíveis que nós à mudança de seus deuses. Percebiam com mais naturalidade as mudanças que vinham do céu. E aceitavam com mais docilidade as mudanças dos sinais dos tempos. Nós, mais racionais e mais terrestres, inclinamo-nos a pensar que Deus é único para todos os povos e raças e que foi sempre o mesmo em todos os tempos, desde a criação do mundo. Mudanças em Deus? Isto parece um absurdo. No entanto, em cada uma das grandes eras da humanidade o Rosto de Deus é diferente! Talvez fosse melhor dizer que são ativados arquétipos divinos diferentes. Não entraremos aqui, na discussão destas coisas. Mas, em que direção nos dirigimos? Queremos perguntar qual é o signo do Deus que vem?

Houve – e ainda há – um Deus de Justiça. Houve – e ainda há – um Deus de Amor. Sob a espada do primeiro, desenvolveu-se a Lei, sob a carícia do segundo, despertou o sentimento. O Deus que vem é um Deus desconhecido. De alguma maneira, os deuses antigos eram deuses já feitos; o Deus novo, é preciso criá-lo. E qual é seu signo? Vem sob o signo da Mãe, requer uma matéria

humana para nascer, é o Filho do homem, é a conjunção harmônica – amorosa e justa – entre o espírito e a matéria.

Em outras épocas, o Transcendente era intuído como um Deus distante, além do homem, do mundo e da vida. Ramakrishna refere a parábola do homem que, em busca de Deus, escala um alto muro, contempla maravilhado o que está além, diz: Oh! – e então, salta para o outro lado e não volta mais. O homem novo se entrega ao Transcendente para redimir a matéria e criar mais vida.

SÍNTESE DO CAPÍTULO IV

A DIMENSÃO ESPIRITUAL DO HOMEM

A ruptura das formas e a Revelação da consciência espiritual é um dos signos que caracterizam o nascimento da nova civilização planetária.

A espiritualidade que advém não é uma espiritualidade de formas, mas de funções. É uma mística, mas também uma fisiologia: é a incorporação do espírito à matéria humana, traduzindo-se em função criadora.

A Iniciação espiritual da nova era é individual e grupal, ao mesmo tempo. Nasce como um chamado na intimidade da alma e se realiza em uma reunião de almas.

V

O CAMINHO DO HOMEM PLANETÁRIO

“A triste realidade é que estamos ainda por criar muitos dos pressupostos necessários para que se possa empreender o difícil caminho de uma formação verdadeiramente humana e que responda à situação em que o indivíduo se encontra em nosso tempo.”
(Georgi Schischkoff, *La Masificación Dirigida*)

A PERGUNTA PELO MÉTODO

Para uma antropologia de síntese, o problema do método fica proposto em uma pergunta chave: qual é o caminho do homem? Em outros termos: quais são os meios para que o homem se desenvolva plenamente como ser humano?

O tema do método foi enfocado pela epistemologia da ciência de forma parcial. Fez-se uma divisão entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. Um método para conhecer e outro método para fazer (o *logos* e a *techné*). Mas, qual é o método para ser?

A sociedade tecnológica desenvolveu ao máximo o método como ‘caminho em direção às coisas’, mas esqueceu o método como ‘caminho em direção ao ser’. As regras da arte ocultaram o significado da vida. Existem métodos precisos para as diferentes ciências, mas não existe uma ciência do método como caminho de *vida* para o homem. Ainda que pareça paradoxal, o homem moderno ficou ‘fora do caminho’ e isto explica sua crise de

desorientação existencial: falta rumo! Onde encontrar a pista perdida?

A CRISE DO MÉTODO

Os velhos métodos caducaram. Perdeu-se a relação entre o esforço e o significado.

Em toda obra, subjaz um sentido do esforço como alento primigênio que sustenta a vida: um significado oculto e profundo que anima a vontade humana a realizar o propósito da existência. Quando este impulso significativo se debilita e começa a ser substituído pelo desencanto, toda uma civilização pode vir abaixo.

Cada forma de sociedade tem sua própria filosofia do esforço e seus próprios instrumentos de exercitação, isto é, tem seu próprio tipo de ascética. A ascética de nossa sociedade industrial está imposta pela tecnoestrututra do sistema e tem por base uma filosofia do rendimento econômico. Ninguém pode negar o esforço metódico e sustentado que o homem e a mulher devem realizar, dentro das grandes organizações, para não descer o rendimento: horários estritos de trabalho; esforço do músculo e da inteligência; esforço do executivo, da secretária e do operário. Tudo isto implica um modo particular de vida (*“way of life”*), uma ascética social de capacitação, produção e consumo. Mas, nossa civilização não fez diferença entre o método para a produção de bens materiais e o método para o desenvolvimento humano; aplicam-se os mesmos padrões e os mesmos critérios para o homem e para a máquina porque se colocou o homem a serviço do sistema e não o sistema a serviço do homem.

Em certos campos da cultura, tem-se a impressão de que quebramos esta regra, sobretudo quando se trata de educar para a ciência, a filosofia e a arte; mas, no fundo, trata-se de um esforço profissionalista, de um método aplicado ao desenvolvimento de funções humanas isoladas, com vistas a um rendimento concreto; trata-se do esforço para desenvolver o músculo, a inteligência ou a sensibilidade, mas sempre em direção a um fim objetivo – a um

‘produzido’, mais que a um ‘produzir-se’ – à aquisição de bens, mais que ao desenvolvimento da vida.

Chegamos aos limites do método e estamos sofrendo as contradições do sistema. Quando se toma consciência de que a luta pela vida se faz à custa do ser, então, ainda no meio da abundância, o ser se pergunta novamente pelo sentido do esforço.

Conhecemos o método para chegar a ser médico, boxeador ou aeromoça, mas qual é o método para ser homem, simplesmente? Nos umbrais do nascimento do homem cósmico, temos que voltar a interrogar-nos acerca dos fundamentos para a educação do ser humano porque, do contrário, corremos o risco de converter a Terra em cemitério da raça. O que está em jogo para o futuro não é a reforma dos velhos métodos, mas o descobrimento do caminho que já foi aberto pelos homens que vêm.

O MÉTODO COMO CAMINHO DE VIDA

O mesmo impulso original de gênese que está criando um mundo novo delineia já, prefigurativamente, as linhas de força de um novo caminho para o homem. A mesma mensagem que modela as formas do pensamento e da arte modula os ritmos do sentimento e da vida. A mesma lei que re-une os que estão separados separa os que estão unidos.

Em meio aos caminhos do mundo, há um caminho que conduz às estrelas. É a trilha invisível deixada pelas almas liberadas. A nova era se inicia, dentro de cada um de nós, ao contato com essa corrente de vida.

A experiência cume da humanidade de nosso tempo, e que se constitui em signo antropológico de uma nova civilização planetária, é o reconhecimento de que o ‘rio sagrado da vida’ está dentro de nós. Já não se trata de banhar-se no Ganges nem de submergir no Jordão, mas de tomar contato com uma corrente de Vida muito mais sutil que penetra nossa matéria humana e é veículo de consciência cósmica. Este é o caminho vivo para o homem do futuro, isto é, um caminho que leva implícito o método

de vida para os homens que virão. Mas, porque dizemos que é um ‘rio sagrado’ e não, simplesmente, um meio universal, algo assim como o oceano cósmico do filme “Solaris”?

Há algum caminho já traçado para o homem? Ou o caminho se faz ao andar? Talvez as duas coisas sejam complementares e sincrônicas: o caminho se faz ao andar quando há caminho. Mas, o que é caminho? É uma pegada traçada na matéria. Qual pegada? Qual matéria?

O futuro caminho do homem já está traçado, é preciso percorrê-lo. Mas, como é reconhecido? Revela-se mais como sentido que como forma. A própria corrente do caminho arrasta a matéria humana em certa direção, aponta um rumo. Qual é esse rumo?

O campo magnético da Terra orienta as partículas de ferro das rochas em determinada direção. E, por essas pistas, pode-se saber qual era a direção das correntes magnéticas nas diferentes eras geológicas. A matéria humana também acusa, por meio de sinais imponderáveis, a direção geral do espírito de uma época. O homem de nosso tempo está cada vez mais sensibilizado para a necessidade de captar – por seus próprios meios – a direção que lhe apontam as correntes de vida que circulam por seu interior.

Em que direção orientar o esforço? Onde aplicar a alavanca da vontade para que o esforço seja humanamente significativo? Se não chegarmos a resolver este problema (o ‘Koan’ moderno) pode ocorrer que a humanidade naufrague em um mar de apatia, que cheguemos a sentir a inutilidade de todo esforço e que nos deixemos morrer de morte psicológica (isto é, não por impotência intelectual ante um problema metafísico, mas como resposta existencial a uma paralisia do ser!). Porque se o ‘ser’ se paralisa, que sentido tem o esforço de seguir vivendo? É provável que a humanidade possa sobreviver a uma catástrofe ecológica ou a uma guerra atômica, mas não poderá sobreviver a um esvaziamento de significado. Agora que construímos a sociedade superindustrial, reconstruamos o homem, antes que seja demasiado tarde!

A filosofia da história nos ensina que cada uma das grandes civilizações marca o caminho do homem com uma ideia

fundamental acerca do sentido da existência e, ao mesmo tempo, determina o instrumento metodológico mais adequado para realizar esse sentido.

No Oriente, o dilema proposto no Bhagavad Gita, entre a ação e a não ação se resolve – na história da cultura – em uma filosofia de negação do mundo e da vida. Em troca, a Bíblia aponta para o Ocidente outro caminho: “Ganharás o pão com o suor de teu rosto”. O primeiro é um caminho de expansão da consciência, o segundo um caminho de afirmação da vontade. Qual é o caminho para a era que iniciamos?

A chamada maldição bíblica dá ênfase ao ‘suor’ (esforço) porque o ‘pão’ se dá implicitamente. Durante séculos, caminhamos pelo caminho do esforço, a tal ponto que o homem moderno dá como certo o esforço, mas está pondo em julgamento o ‘pão’: “Que pão devo ganhar com meu esforço?”. O homem futuro não vai se negar ao esforço, se descobrir um significado para *ser*, mas sim, poderá negar-se a um esforço que careça de sentido. E, se isso ocorresse (e já está ocorrendo!), produzir-se-ia uma catástrofe ecológica.

O CAMINHO DO HOMEM COMO FUNÇÃO ANTROPOLÓGICA

Quando se fala de *método* – em geral – entende-se como uma regra, como um procedimento para alcançar determinados resultados práticos. Em outras palavras, é postulado como uma “técnica”. E, certamente o é, mas o caminho do homem é algo mais que uma técnica, é uma corrente viva, tem pulso, alento, direção e significado; tem uma trajetória no espaço e no tempo (e, além do tempo); tem uma lei, mas é algo mais que uma lei.

A tarefa da antropologia de síntese não consiste em examinar os diferentes conteúdos ideológicos que pretendem conformar o caminho do futuro, mas simplesmente devolver ao caminho sua função de caminho.

A essência do caminho é comunicação. Um caminho que não conduza a nenhum lugar não é caminho.

Método de vida não é só um conjunto de regras práticas, mas uma rede viva de comunicações visíveis e invisíveis.

A nova era se manifesta como uma corrente universal invisível que, ao acoplar-se à vida concreta de cada ser humano, transforma essa vida individual em símbolo da mensagem do futuro. A partir desse contato misterioso tudo muda e o espaço humano adquire fisionomia de lugar santo: “Certamente este é lugar sagrado e eu não o sabia” (Gên., 28, 16). O lugar que cada pessoa ocupa no mundo se faz único e significativo e a vida humana deixa de ser interpretada como novela histórica para ser vivida como drama sacro. Este é o signo que caracteriza o caminho do novo homem planetário.

O próprio caminho é meio e mensagem, e a missão do homem futuro é decifrar a linguagem do caminho. Não se devem confundir as formas da vida com o código da vida nem os conceitos com os símbolos e tampouco, confundir o método com as ideologias. A revolução do método de vida consiste, precisamente, em devolver ao caminho sua condição de caminho e ao método, sua condição de método. Que consequências práticas tem tudo isto? As mesmas consequências – e muito mais importantes – que quando ficou perfeitamente constituído o método científico: desembaraçado das ideologias da ciência, fez-se linguagem universal. E isto é o que nos falta no terreno da vida humana para que se possa desenvolver a civilização planetária do terceiro milênio, não uma doutrina para dar ‘conteúdo’ à vida, mas um ‘canal’ para que a vida circule livremente e nos revele sua própria mensagem.

A ESTRUTURA DO CAMINHO DO HOMEM

A reversão do tempo verticaliza o caminho. O caminho da história é horizontal, um rio que corre sobre a terra. O caminho da vida é vertical, uma árvore cuja seiva circula entre o céu e a terra.

O caminho do homem não é somente um meio de comunicação social nem pura mensagem cultural, mas um meio de união entre o espírito e a matéria, uma ponte entre o divino e o humano. O homem da nova era nasce no ponto de intersecção destas duas correntes. E este signo de convergência é o que faz impossível definir o caminho do futuro por algum dos parâmetros considerados isoladamente. Somente poderemos aproximar-nos do caminho do homem se o considerarmos em termos de estrutura humano-divina. Quais são os traços que configuram esta estrutura?

É preciso voltar a escutar o ritmo vibratório do caminho: sua mensagem, sua lei e seu destino.

Sua mensagem, uma forma de consciência

O caminho do futuro não é uma ideia escrita no céu nem uma pegada gravada na pedra, mas um traço espiritual impresso na matéria humana. Não é somente o caminho dos deuses nem o caminho coletivo da humanidade, mas o caminho de uma nova individualidade nascente, a egoência do ser.

Sua lei, um ritmo vibratório

Não é percorrido por imitação, senão que é descoberto por similitude. Esta característica marca uma diferença fundamental entre os caminhos de massas do passado e as novas formas de individualidade do homem futuro. Os velhos caminhos são rotas na pedra, conexões no espaço, caminhos terrestres; os novos caminhos são pegadas vibratórias, sintonias no tempo, caminhos cósmicos. O caminho se revela no encontro com as almas similares (encontro em uma encruzilhada do tempo). Por natureza, é uma reunião por similitude. Isto quer dizer que a unidade estrutural do caminho, sua coesão, não se determina por uma forma material ou por uma relação social (as velhas formas do individualismo ou do socialismo), mas por um vínculo espiritual.

Porém, este vínculo é um gradiente qualitativo, uma escala de hierarquias cósmicas.

Devemos compreender, antes de mais nada, que o novo caminho já existe, já *vibra* no homem e no mundo, mas vibra com um ritmo diferente ao dos caminhos do passado. A corrente do futuro produziu uma mudança de ritmo no mundo moderno e, por este único fato, o novo caminho é uma rota *invisível* que está fora do sistema, mas por onde circulam os conteúdos do sistema. Este salto vibratório – uma mudança de meio – não somente afeta o ritmo das coisas, mas também o ritmo da consciência e da vida.

Seu destino, sua força operativa

O caminho vivo do futuro não é somente uma mensagem da consciência e um ritmo energético invisível, mas também uma ferramenta de tradução, por meio da qual, a forma arquetípica do caminho se converte em uma obra de arte. A corrente do futuro é iluminativa e operativa, ao mesmo tempo. Sendo invisível, faz visíveis os conteúdos da vida biográfica do ser humano e os utiliza como material simbólico para criar uma obra de arte. Este é o destino para o qual apontam as correntes do futuro. É o fim da era dramática e o começo da era artística. Transformar a dramática existencial de cada um de nós em uma obra de arte é a tarefa que temos pela frente; com os velhos materiais de nossa biografia, produzir uma nova configuração da vida.

A COMUNIDADE EDUCATIVA PLANETÁRIA COMO ÓRGÃO DE TRADUÇÃO SIMBÓLICA

O modelo arquetípico do caminho do homem se traduz organicamente na comunidade educativa planetária. O caminho dos deuses se junta com o caminho dos homens. A árvore da vida e o rio sagrado formam a unidade do caminho planetário. A revelação, unida à história, à arte, à filosofia e à ciência, forma a unidade do conhecimento.

A grande comoção que sacode o mundo moderno é consequência da ruptura das membranas que mantinham separadas as células do antigo corpo. De repente, o ser humano que se banhava nas tranquilas águas de seu lago natal se viu arrastado pelas correntes do oceano planetário. Aturdidos como estamos pelo impacto do futuro, ainda não nos demos conta totalmente do que isto significa. A mudança de módulo na relação do homem com o meio ecológico obriga a uma reformulação das pautas gerais do que até agora entendemos por educação.

Qual é o código de sinais para navegar nas correntes do corpo planetário? Antes de mais nada, mais do que os conteúdos materiais que circulam pelo caminho, é preciso aprender a sintonizar com as formas simbólicas do próprio caminho.

É preciso aprender a percorrer o caminho junto com quem *é* o caminho. Mas, quem *é* o caminho?

O caminho se descobre como *meio*, como *mensagem* e como *mestre*.

O que *é meio*? É o campo vibratório do caminho, sua dimensão energética; são as pontes invisíveis da dinâmica educativa, as que facilitam o trânsito dos fótons de consciência; meio é comunicação, diálogo, participação individual no processo histórico e na conformação das moléculas da vida; meio são as extensões do homem total, espirituais, sociais e tecnológicas; meio são as ferramentas humanas: a arte, a filosofia, a ciência e a mística.

O que *é mensagem*? É a palavra fundamental do caminho, a voz significativa, o som primigênio; é o nome que ainda não foi pronunciado e que esperamos escutar; é a obra que ainda não foi criada e que queremos criar; é o dom que a vida tem reservado para mim e o testemunho que eu tenho reservado para a vida.

O que *é mestre*? É a pessoa significativa. É quem aponta o caminho da liberação. Não é quem deposita a ensinância, mas aquele que *é* a ensinância. Passadas as revoltas juvenis de protesto contra o autoritarismo e esgotadas as experiências grupais massificantes, a nova geração irá descobrindo (e amando) seus

mestres e conformará com eles as novas comunidades sociais e espirituais do futuro.

Com a ajuda destas referências semânticas e simbólicas – meio, mensagem, mestre – teremos que aprender a ‘falar’ a nova língua materna que nos impõe o fato de haver incorporado, de repente, uma segunda natureza. Acabamos de nascer nas águas do corpo planetário, sentimos o impacto de suas correntes vibratórias, mas ainda não compreendemos seu ‘sentido’. Estamos nas mesmas condições de afasia da criança em seu primeiro ano de vida. O que nos falta? Uma nova linguagem simbólica para interpretar o mundo. Mas, acaso não temos o “logos”, a forma lógica da palavra? É que o mundo mudou, a natureza já não é a mesma e o caminho fala outra linguagem. Precisamos de uma nova chave para interpretar o mundo e, sobretudo, para entender-nos a nós mesmos. E esta chave é a aquisição de uma nova ferramenta simbólica.

Ernst Cassirer, em sua *Introducción a Una Filosofía de la Cultura*, destaca a importância da aquisição do pensamento simbólico no processo de universalização da cultura: “O princípio do simbolismo, com sua universalidade, sua validade e sua aplicabilidade geral, constitui a palavra mágica, o abre-te sésamo que dá acesso ao mundo especificamente humano, ao mundo da cultura humana”.

E acrescenta Cassirer: “A cultura humana deriva seu caráter específico e seu valor intelectual e moral não do material que a compõe, mas de sua forma, de sua estrutura arquitetônica. E esta forma pode ser expressa com qualquer material sensível”³⁶. Tudo isto é válido dentro de um sistema epistemológico geral, mas temos que perceber que, o que está em jogo na nova era que começa não é a universalidade da cultura, mas a universalidade da vida. Precisamos uma nova linguagem, não só compreensiva e operativa, mas *criativa*, capaz de convocar “qualquer material sensível” (utilizando a terminologia de Cassirer) para criar uma

³⁶ Ernst Cassirer, *Antropología Filosófica. Introducción a Una Filosofía de la Cultura*, Fondo de Cultura Económica, México, 1945, pg. 76

forma mais elevada de vida. Uma linguagem deste tipo já não é o “logos”, mas o “Verbo”: uma linguagem sagrada.

Tudo isto que acabamos de dizer pode parecer muito esotérico e, no entanto, não o é. O sinal dos tempos é a ‘des-organização’ das formas. O que ontem estava ordenado, hoje se ‘des-ordena’. Mas a velocidade da mudança torna impossível reconstruir a ordem perdida. Os materiais que ontem davam conteúdo à vida, hoje se convertem em símbolos para criar nova vida. Esta passagem criativa, e não somente formativa, já não se realiza no antigo espaço profano, mas em um novo espaço sagrado: é uma ressacralização da vida.

O restabelecimento do mistério da vida

A voz profética anuncia sempre o instante em que a humanidade está preparada para receber uma nova Iniciação: “Eu sou a voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor” (Mt., 3,3). Hoje, no começo da nova era, as portas do templo se abriram, as águas da vida descem da montanha e, em nosso deserto interior, escutamos uma voz que nos convida a banhar nossos pés no rio sagrado. Em alguns lugares da Terra, renascem os antigos mistérios sob uma nova forma e, desde esses santuários, brotam mananciais de água viva que constituem, por convergência, as linhas de força primigênicas do organismo planetário do futuro. É ali, nessas correntes invisíveis, onde se deve ir buscar as chaves da vida. Mas, como chegar a essas fontes? Quem conhece o caminho?

Em realidade, não é preciso chegar a nenhum lugar porque o caminho está dentro de mim, somente tenho que reconhecê-lo como meu: “Este era um lugar santo e eu não sabia”. Para que se produza este reconhecimento, deve cair a máscara do ego e dar lugar às forças da alma. Esta é a reversão humana que reclama a hora presente, mas já não como uma nova forma de cultivar os ‘ideais’ da alma e sim, de incorporar a força da alma aos bens da vida. E este processo de ‘incorporação’ não é regido por princípios de doutrina, por fórmulas cerimoniais ou por formas

institucionais, mas por leis universais e sagradas da vida. Quando a pureza, a fidelidade, a obediência e o renunciamento entram no jogo da vida, não como ideais ou como símbolos e sim como forças da alma, a matéria é convocada a uma nova dança de formas e a economia de mercado fica substituída por uma economia cósmica da vida.

Como operam as forças da alma dentro do mundo? Por plasmação, por expressão, por implosão e por seleção.

O que é *plasmação*? É a impressão da alma do mestre no discípulo. É o modo como se transmitem as protoimpressões de pais a filhos durante a vida embrionária, como se transmitem os traços fundamentais da educação e como se imprimem na matéria, as vibrações do espírito.

O que é *expressão*? É trabalho criador, implica liberdade de ser e meios para fazer. É tradução do indivíduo, dos grupos, dos povos e das civilizações em formas exteriorizadas do que devem ser.

O que é *implosão*? É a impressão da comunidade no indivíduo. É o impacto das mensagens que voltam. É a comoção invisível e silenciosa do código tecnológico, social e cultural na matéria sensível do ser individual.

O que é *seleção*? É o gradiente qualitativo da vida, a força oculta que une aqueles que estão separados e separa aqueles que estão unidos.

SÍNTESE DO CAPÍTULO V

O CAMINHO DO HOMEM PLANETÁRIO

Qual é o caminho do homem? A epistemologia da ciência fez uma divisão artificial entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida.

Os velhos métodos caducaram. Perdeu-se a relação entre o esforço e o significado.

O futuro caminho do homem se revela mais como sentido que como forma.

A essência do caminho é comunicação. Um caminho que não conduz a nenhum lugar não é caminho.

Método de vida não é somente um conjunto de regras práticas, mas uma rede viva de comunicações visíveis e invisíveis.

É preciso voltar a escutar o ritmo vibratório do caminho: sua mensagem, sua lei e seu destino.

É preciso aprender a percorrer o caminho junto com quem *é* o caminho.

O caminho se descobre como *meio*, como *mensagem* e como *mestre*.

E opera por *plasmação*, *expressão*, *implosão* e *seleção*.

VI

A HERANÇA DO FUTURO

“O homem se encontra cosmicamente isolado. Somente pode declarar com segurança que não é um macaco, um pássaro, um peixe nem uma árvore. Mas o que é positivamente permanece obscuro. Se nós pudéssemos nos comunicar com a população de outras estrelas, talvez encontrássemos os meios para aprender algo essencial acerca de nós mesmos.”
(C. G. Jung, *carta escrita pouco antes de sua morte*)

PROTÓTIPOS DO FUTURO

Os homens silenciosos que vêm

Fala-se muito do homem novo. Mas, quem é esse homem novo? De onde vem?

Na origem das civilizações, os novos protótipos são seres estranhos que vêm de outro lugar, filhos dos deuses ou filhos do deserto. Não se sabe quem foram seus pais, mas trazem uma nova herança para a humanidade, são portadores de ‘germes de futuro’ e trazem uma nova linguagem, uma nova medida e um novo modelo para o homem.

Em momentos críticos de uma civilização, na idade obscura, muitos seres humanos se retiram para o deserto, mas alguns deles voltam transfigurados. Toynbee fala de retiro e retorno, e vê nesse retorno de uma nova vida, a origem das civilizações. Um desses

períodos críticos é o que estamos atravessando hoje, uma noite da história, na qual se perde a pista do caminho. Quando isto ocorre, a cultura se refugia em ‘arcas’ ou ‘crisálidas’³⁷ e surge uma mística do deserto.

Em que nos baseamos para afirmar que estamos atravessando uma idade obscura, se o progresso científico e tecnológico parece indicar o contrário? Essa idade média, essa noite da humanidade, nós a estamos vivendo por dentro!

O signo que caracteriza o homem atual é o desequilíbrio de sua estrutura interna. A unidade do ser se fragmentou em uma multidão de funções isoladas. Produziu-se uma crise de identidade. O homem moderno não se reconhece a si mesmo, sua pessoa explodiu em múltiplos fragmentos que se desconhecem entre si e muitos desses fragmentos adquirem vida autônoma e se transformam em imagens horríveis e persecutórias. E o que ocorre no indivíduo também ocorre na sociedade, o poder organizado nos escapa das mãos e se transforma em força demoníaca.

Mc Luhan, referindo-se à cultura literal de nosso tempo, diz que se produziu uma fragmentação da primitiva unidade dos sentidos e uma desproporção entre eles, gerando um desequilíbrio na fisiologia do ser humano. Porém, o desequilíbrio estrutural que mencionamos acima é muito mais profundo que tudo isto. Funções inteiras foram desengajadas da unidade fundamental do ser humano, o sexo ficou separado do amor, a vontade se desvinculou da consciência e o conhecimento se divorciou da vida.

Produzida esta autonomia de funções, cabe a pergunta: é possível reverter o processo? A biologia e a filosofia da história nos dizem que não. Quando se produz uma ruptura deste tipo, a entropia do sistema aumenta e a decadência é cada vez maior. Perdidas as pegadas de significados, grassa a desorientação existencial e a noite é cada vez mais escura. No entanto, em algum lugar do planeta preserva-se a integridade do ser humano e é essa humanidade de reserva a que surge no momento oportuno com

³⁷ Arnold Toynbee, *Estudio de la Historia*, Emecé, Buenos Aires, 1953, vol. I, pg. 80

seu potencial de futuro, são os homens e mulheres que voltam. Nesses protótipos está escrito o modelo do futuro, são uns poucos, mas *são*. É o fermento na massa e podem criar uma nova civilização. São os portadores do ADN do futuro, chamados a renovar a raça. Se estes germes se perdessem, desapareceriam as pegadas da consciência cósmica na humanidade e nos limitaríamos a reproduzir modelos de pedra.

Os homens novos são os que transmitem a mensagem do futuro, eles são os pais e as mães da humanidade futura, os mestres das novas gerações, os legisladores e os guias do mundo novo. Sem este material genético individual, não há transformação social profunda.

A chave para a civilização do futuro, para uma civilização centrada no homem – da qual se sente a cada dia maior necessidade – está em pequenos focos de irradiação espiritual, é uma matéria humana ardente que abre os caminhos do porvir: em um tempo foram os ascetas do deserto, depois as comunidades monásticas, hoje os místicos e os sábios modernos, e os mártires que dão seu sangue para fecundar a nova terra.

A nova cultura nasce de uma mística. A verdadeira cultura não pode ser fabricada nem reproduzida industrialmente, é algo que está sendo criado – com imaginação e com dor – no seio profundo de uma humanidade nascente.

Para aproximar-se de uma genética do futuro, é preciso aprender a reconhecer os rostos luminosos dos homens novos, em meio a uma multidão sem rosto.

Hoje em dia, a mensagem do futuro não nasce dos grupos acadêmicos – cultura sedimentada – e sim, dos grupos místicos – cultura ardente. Assim ocorreu sempre na origem das civilizações (Toynbee). São os homens que ‘voltam’ os que possuem a mensagem, não os que vão.

OS GUIAS DO DESERTO

A humanidade inteira abandona a ‘terra do Egito’ do antigo mundo e penetra no deserto, em busca de sua liberação. É um deserto existencial, no qual desapareceram as pistas que marcavam o caminho.

A tecnologia moderna fez desaparecer a imagem do mundo tradicional, as velhas instituições estão em crise e os líderes que conhecemos são como luzes que ficaram acesas em uma cidade morta: continuam dando os sinais do passado, sinais que se referem a um mundo que já não existe. Esta é a solidão do homem atual, uma solidão de significados.

O que aconteceu?

Apagaram-se as pegadas *materiais* do caminho. Ou melhor, as referências e lembranças do passado já não me servem de guia na busca de meu próprio ser nem me ajudam a encontrar o significado de minha própria vida. Para compreender o mundo em que vivo, já não me servem nem a imagem de minha cidade nem a do colégio em que me eduquei nem as imagens de meus pais ou de meus professores (quanto a imagens detidas no tempo). Tampouco me servem as pegadas do pensamento sistemático, conformado em teorias científicas, sistemas filosóficos ou doutrinas sociais e políticas – isto é, um pensamento feito forma, imagem, sistema. Não me servem as crenças religiosas, traduzidas em fórmulas que não entendo, não posso orientar-me pela ideia de um Deus absoluto que esteja fora de uma humanidade da qual faço parte, não posso conviver com um Deus impessoal nem com outro demasiado pessoal. Não posso orientar-me pelas galáxias distantes nem pelas estrelas próximas. Do espaço cósmico recém aberto, chegam a nós sinais luminosos, elétricos, químicos e eletrônicos, mas esses sinais não me servem para descobrir o significado de minha vida individual no universo. Tampouco posso me orientar pela ideia de uma consciência cósmica abstrata – por alguma espécie de ‘oceano’ de consciência cósmica, tão maravilhosamente descrito pela tradição espiritual do Oriente, como símbolo de uma consciência que transcende o homem – e

não posso me orientar por essas águas porque o oceano cósmico é como o oceano da Terra, belo como espetáculo, mas voraz como abismo.

Todas estas pistas que mencionamos, e que durante séculos guiaram os passos dos peregrinos da Terra, perderam-se em uma civilização de aço, de asfalto e de redes eletrônicas, cujas estruturas apontam para utilidades práticas, mas não para significados existenciais.

No entanto, à medida que os antigos sinais vão se apagando da superfície do mundo material, seus modelos arquetípicos voltam a ser encontrados em outro lugar, já não em sinais gravados nas pedras, mas em traços impressos no homem.

São os homens novos os dadores de significado, os filhos do futuro que começam a povoar a Terra e a habitar o cosmos. Na alma desses seres, teremos que aprender a decifrar o mistério do universo, já não no calendário asteca, nas catedrais góticas, nas pirâmides do Egito, na Divina Comédia ou na Doutrina Secreta, mas nas almas similares. Oriente-me na vida e no mundo, quando encontro outra alma orientada, ordeno-me por dentro, quando encontro outra alma ordenada. Não somente os computadores ordenam o mundo de dados, senão que há ‘ordenadores humanos’ que ordenam o mundo dos significados. Estes são os guias no deserto da civilização moderna!

AS PEGADAS INVISÍVEIS

A pista perdida volta a ser encontrada nos homens que vêm. Neles é preciso ir buscar os sinais do futuro. Já não em meios materiais, institucionais ou sociais nem em características psicológicas, culturais ou raciais, mas em traços intrínsecos do ser humano, em pegadas de futuro impressas na alma humana que constituem um novo código genético e ético, e cuja mensagem se transmite por contatos de similitude.

Aqui e ali no planeta, em todos os povos e raças da Terra, e em homens e mulheres de diferente condição social e cultural, surgem

estes novos traços humanos. E o encontro por similitude destes traços qualitativos traça linhas invisíveis de ‘isohumanidade’ que configuram a nova carta humanográfica do futuro. A reunião das almas similares não é somente uma força espiritual, mas um ‘tecido’ social, a trama invisível que serve de sustento fisiológico à humanidade futura.

O centro de gravitação da existência humana foi transladado desde a sociedade material à sociedade espiritual, desde os modelos culturais e institucionais aos modelos anímicos, desde os modelos talhados na pedra aos modelos impressos no homem.

AS NOVAS LEIS DA FECUNDAÇÃO HUMANA DO ACOPLAMENTO SEXUAL À UNIÃO ESPIRITUAL

A chave para o futuro da raça humana é a gestação de um novo meio interno. Este meio não pode ser fabricado por hibridação biológica nem por engenharia genética, senão que nasce por fecundação espiritual, pela união entre uma partícula de matéria humana e uma onda de consciência cósmica: herança do futuro.

A humanidade experimenta hoje um tremendo vazio, vazio que já não pode ser preenchido pelos bens do mundo e sim, pelas forças superiores da vida. A própria avidez de acoplamento carnal, que se manifesta como fenômeno de massas na sociedade contemporânea, não é somente necessidade de prazer, mas necessidade de união. Esta necessidade de ‘ser-na-união’ geralmente resulta frustrada porque o acoplamento sexual, por si mesmo, não pode dar a união que a alma necessita: faz falta uma união arquetípica, matrimônio sagrado.

A fecundação espiritual é o ponto de partida para o nascimento do filho do homem. É o novo ‘princípio’ para a humanidade cósmica do futuro, princípio que não é só ideal, sentimental ou cultural, mas ‘material genético’ que faz possível o salto qualitativo do homem terrestre ao homem cósmico. De onde vem este Verbo criador, capaz de comover as entranhas da Terra?

Talvez não venha de nenhum lugar, talvez sempre tenha estado conosco, mas nós não o conhecemos: “Estava no mundo..., mas o mundo não o conheceu” (João, 1,10). A nova geração se aproxima novamente do mistério da criação da vida e, de alguma maneira, intui a Presença de um Amor superior, capaz de transformar o mundo. Ao chamado da sociedade econômica: “mais bens de produção!” (tentação do deserto: “Diz a estas pedras que se convertam em pão” – e a tecnologia já o está conseguindo), a alma da nova humanidade responde: “Não só de pão vive o homem”. O vazio existencial do homem de nosso tempo – um vazio de vida – não pode ser preenchido com um pão material e sim, com um pão vivo, com o pão do amor. Mas, não com um amor qualquer. Não é suficiente o *slogan* dos *hippies* “façam amor...”. Não, o amor humano não é suficiente, a alma necessita renovar-se ao contato com o amor divino. Não são suficientes a cultura, a organização social ou a tecnologia avançada da sociedade pós-industrial (que poderia chegar a transformar as pedras em pão e resolver os problemas de alimentação do planeta). Ante esta perspectiva de bem estar para a raça futura, nós respondemos como Cristo no deserto: “Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt. 4,4). É precisamente o resgate desta Palavra esquecida o que está fazendo possível a ressacralização da vida no fio entre dois mundos.

A HERANÇA TERRESTRE

Um novo sentido do humano

Trazemos dentro de nós mesmos a herança da totalidade da raça humana – o bom e o mau – mas não temos consciência dessa carga nem advertimos suas consequências. Geralmente, falamos da herança como do inevitável, do que pertence ao destino: “de algo no qual eu não intervim, senão que me foi legado por antepassados, dos quais não tenho a menor notícia, de um capital genético que recebi, mas não fabriquei”. Esta forma de pensar

ainda responde à mentalidade primitiva que há dentro de nós e que nos torna propensos a considerar o que nos acontece, como efeitos de causas desconhecidas e mágicas. Mas, a humanidade inteira está em mim e até o menor dos seres humanos tem uma realidade dentro de mim. A sociedade humana é o reflexo exterior do que sou. Não sou estranho ao que está fora de mim, o que está fora também está dentro. As taras humanas que vemos fora, os doentes, os deficientes, os anormais, os delinquentes – pelo menos em alguma medida – estão representados em nossos genes.

Nas novas gerações, começa a perfilar-se com mais nitidez este sentimento de solidariedade orgânica, de tomada de consciência de pertencer a um conjunto maior. É a percepção do organismo total, é o despertar ao sentido do humano.

Trago em mim o mal dos demais. Mas, também possuo muitos bens que foram trabalhados por milhões de seres humanos, os quais não conheço, qualidades que recebi, mas que não criei. Se tenho um bom grau de inteligência, acaso é mérito próprio? Acaso é somente o produto de pais bem dotados intelectualmente? Não será que minha inteligência é um ramo vigoroso, graças à seiva que tomou de outros ramos que ficaram debilitados e secos?

Quando começo a pensar e a sentir em termos de uma humanidade total, a visão do mundo e da vida muda completamente. E muda, por certo, o sentido de responsabilidade do ser individual frente ao destino da raça: “eu, não somente contribuo para sujar a atmosfera e contaminar as águas e a terra, senão que influo também no meio biológico em que se plasma a herança da humanidade”. A dotação genética do indivíduo é um capital que foi elaborado junto com o suor e as lágrimas de muitas gerações. O individualismo egoísta do passado cede passagem a um sentido de participação, não somente de participação social (bens e serviços), mas de participação genética (oferenda de vida para um futuro melhor).

Meu pensamento é filho
de cada homem que me ensinou a ver as coisas da vida e a ver-
me a mim mesmo,
e também é filho de Galileu, Newton e Einstein e Marx...

Meu sentimento é filho
de cada pequeno amor e dor que a vida me deu,
os que vivi com meus pais e irmãos, os que
meus outros irmãos me ensinaram e também
é filho de Moisés, Jesus e Buda e Ramakrishna...

Minhas mãos podem fazer algo
porque alguém fez as ferramentas e alguém
fabricou os materiais com que trabalho.

Meu sangue é formado
pelo trabalho daqueles que plantaram, criaram, fabricaram para
que eu viva.

Se vejo algo,
se algo penso,
se sinto algo, meu sentir é o sentir
de todos os que me fizeram e me fazem todos os dias.

Se algo sou, é porque muitos morreram para que eu possa ser
FILHO DOS HOMENS

A todos devo e este dever meu é amor por devolver.
Não darei e sim, retornarei aos que me deram e ainda mais,
devolverei a vida para que ela proveja os que vêm.

Não tenho templo, farei de meu coração o templo.
Não tenho mestre, tu serás meu mestre.
Não tenho livros, tua vida é minha ensinança.
Não tenho casa, esta é minha casa*.

**Este poema foi escrito por um jovem estudante de sociologia. O autor o reproduz no texto como homenagem à espontaneidade do sentir da nova geração.*

A HERANÇA CÓSMICA

O descobrimento da humanidade que se adiantou a nós

Conhecemos a herança do passado, a seleção genética que se transmite de pais a filhos e conhecemos também a transmissão da cultura, o acervo espiritual da humanidade. Mas, existe uma herança que possa gerar caracteres de futuro? Ou suporemos que o futuro não é mais que o desenrolar do passado? Tem que haver um germe, um ‘gene’ que seja o portador de tudo aquilo que contenha um verdadeiro sinal de futuro (dizemos ‘verdadeiro’, enquanto for qualitativamente diferente). De onde vem essa semente? Assim como temos pais que nos transmitem a herança física e professores que nos transmitem a herança cultural, teremos também pais espirituais? E, se for assim, de onde vêm esses genes, quem são seus portadores, onde se depositam e como se realiza sua transmissão? Estes são temas para uma genética do futuro.

Conhecemos a história das ciências, a filosofia da história e a tradição espiritual da humanidade, tudo isso como herança do passado, um passado registrado no subconsciente da raça, nas bibliotecas, museus, monumentos e computadores, isto é, uma herança escrita em livros de pedra e de papel. E conhecemos a herança biológica, inscrita no código genético. Mas, onde está escrita a herança do futuro? Nos livros sagrados? Nos símbolos mortos? Tem que haver uma herança viva, uma corrente de vida que absorva, que reúna, que compute as experiências liberadoras da humanidade de todos os tempos, uma corrente genética, espécie de plasma germinativo espiritual. Porque se não, onde foi parar a experiência viva dos grandes sábios e santos que houve no mundo, em todas as épocas e lugares, e que foi da oferta dos

heróis, dos mártires e das almas simples e generosas? É verdade que ficaram as obras destes grandes seres e as marcas de sua presença naqueles que os conheceram de perto, mas sua própria vida, onde foi parar? Onde está a experiência viva de Santa Teresa de Jesus, de Einstein, de Gandhi, de Patanjali? Onde estão esses grandes mestres? E onde está registrado o que viveram tantas almas simples, nobres e abnegadas, cujos nomes a história não recorda? Acaso tudo isso se perdeu no esquecimento ou ficou depositado em alguma espécie de arquivo cósmico anônimo, de subconsciente coletivo ou de cemitério do soldado desconhecido das experiências morais, científicas e espirituais da humanidade? Onde está esse ‘quantum’ de vida redimida e de consciência liberada que, com tanto trabalho e sacrifício, realizou toda essa nobreza espiritual?

A sensibilidade do homem de nosso tempo, ao mesmo tempo em que descobre um novo sentido do humano – de participação em um conjunto maior – também começa a descobrir o mistério das ‘almas liberadas’ e a energia das sutis, mas poderosas, forças espirituais de liberação.

Em outras épocas, a humanidade se inspirou no exemplo da tradição feita forma, escrito, relato, imagem – as imagens dos santos que pendiam das paredes dos templos e de nossos dormitórios de criança. Mas hoje, essas imagens foram retiradas até das igrejas mais tradicionais e ficamos sós e vazios! Onde estão esses seres? Suas figuras de cera e suas imagens douradas foram se desvanecendo da lembrança, mas à medida que se afastam suas imagens mortas, carregadas de história, aproximam-se suas delicadas silhuetas de almas liberadas e começamos a perceber sua presença invisível e a sentir o fluxo magnético de seu amor. Oh! Maravilhoso descobrimento do mundo transcendente! Nossos queridos mestres de hoje já não são cristãos, nem budistas, nem maometanos, nem judeus. Suas personalidades históricas se transfiguraram, suas almas livres são universais! Eles nos transmitem a mensagem universal por que *são* universais. Eles levam em si mesmos o signo da humanidade liberada, da humanidade que se adiantou a nós. Que bela visão! Eles formam

uma corrente de vida redimida, o fio invisível que une – além do tempo e do espaço – todas as culturas e todas as raças da Terra. É a força espiritual de inspiração de todos os seres humanos e o modelo prefigurativo do mundo do futuro.

Temos que aprender a resgatar das imagens legendárias dos mestres, sua presença atualizada e sua promessa sempre viva de estarem próximos dos homens: “Voltarei como chuva de rosas” (Santa Terezinha de Lisieux).

Em lugar do culto aos antepassados, da adoração às imagens e da mitificação dos heróis, devemos aprender a detectar a presença das almas liberadas junto a nós e a reunir-nos com elas por vínculos de similitude. Elas pertencem à sociedade espiritual e animam, protegem, estimulam e ensinam aqueles que escutam e amam. São as fontes de inspiração dos sábios, dos artistas e de tudo o que é nobre e santo, do que foi e do que será!

O SIGNO DE ESPERANÇA DOS TEMPOS NOVOS

Poder-se-á argumentar, dizendo que sempre houve uma corrente de inspiração que assegura a herança espiritual do futuro. Sim, mas há algo que é inédito em nosso tempo. Há um vento de futuro que é de hoje e que tem uma força e um significado próprios para a humanidade de hoje. A economia do Céu mudou, o fogo celeste penetrou na terra, a vida se transtornou por dentro e os homens e os povos ficaram, de repente, transformados em símbolos de um drama cósmico que devem aprender a interpretar.

Estamos atravessando uma etapa de esgotamento da alma da humanidade. Somos ricos em bens materiais, mas todos esses bens são insuficientes para dar-nos vida. Toda a ciência, toda a tecnologia, toda a política, todo o ouro da Terra e todos os bens do mundo se mostram impotentes para dar a nossa alma um sentido de vida. Este sentido só pode ser dado pelo amor, mas tampouco por um amor qualquer. Nem ainda todo o amor do mundo, que mais de uma vez foi posto em jogo, sobretudo nos momentos de

maior necessidade e sofrimento, pôde dar um sentido de vida à alma da humanidade. Erich Fromm, em seu livro *La Revolución de la Esperanza*, fez um chamado para a formação de grupos animados pelo amor e pôs neles a esperança para uma nova sociedade. E o mesmo chamado fizeram os gurus do mundo moderno e os líderes religiosos. Porém, as agrupações humanas somente podem dar o que têm e o amor que o comum dos homens tem não parece ser suficiente para redimir a vida.

Para além dos grupos de encontro, para além da sociedade organizada, para além dos pais e dos filhos, há um Amor superior que fecunda a Terra. Já não se trata somente de encontros amorosos isolados, cantados pelos amantes, poetas e místicos, senão que é o encontro da humanidade inteira com a Presença misteriosa do Amor. Caiu uma Estrela sobre a Terra e o fogo dessa estrela está ativando o coração do homem. Este é o signo de esperança dos tempos novos. Esse encontro não é algo ideal ou utópico, mas a encarnação do Amor divino no corpo da humanidade. O mesmo mistério de ontem, de hoje e de sempre (“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”. João, 1, 14).

A mensagem do futuro não é somente uma corrente de inspiração, mas uma força de encarnação. É a comoção da alma pela presença do Amor, é a marca deixada pelo fogo do espírito na matéria humana. É a boda mística, arquetípica, transferida – como signo do tempo novo – desde o espaço mítico do herói, ao espaço existencial do homem comum. Esta irrupção do sagrado no torvelinho atômico da matéria é o que provoca a ruptura do tempo histórico, o começo da nova era e o nascimento do Filho do homem. Para além dos filhos da carne, começam a surgir os filhos do espírito. Que diferente é o sentido da reprodução da espécie quando se toma consciência da epifania espiritual que preside ao abraço dos sexos! E quanta ignorância e quanta miséria se associam ao ato transcendente do acoplamento humano, por meio do qual o amor se une à vida!

SÍNTESE DO CAPÍTULO VI

A HERANÇA DO FUTURO

Quem é o homem novo, de onde vem?

Para aproximar-se de uma genética do futuro, é preciso aprender a reconhecer os rostos luminosos dos homens novos, em meio a uma multidão sem rosto.

O mundo moderno é um deserto existencial, no qual desapareceram as pegadas que marcavam o caminho. No entanto, à medida que os antigos sinais vão se apagando, seus modelos arquetípicos voltam a ser encontrados em outro lugar, já não em sinais gravados nas pedras, mas em traços impressos no homem.

A pista perdida volta a ser encontrada nos homens que vêm. É preciso ir buscar neles os signos do futuro.

A chave para o futuro da raça humana é a gestação de um novo meio interno. Esse meio não pode ser fabricado por hibridação biológica nem por engenharia genética, senão que nasce por fecundação espiritual.

A mensagem do futuro não é somente uma corrente de inspiração, mas uma força de encarnação. É a comoção da alma pela presença do Amor, é a marca deixada pelo fogo do espírito na matéria humana. É a boda mística, arquetípica, transferida – como signo do tempo novo – desde o espaço mítico do herói, ao espaço existencial do homem comum.

VII

FISIOLOGIA DO CORPO PLANETÁRIO

“Tentemos compreender a Vida da Terra.”
(Pierre Teilhard de Chardin, *La Energia Humana*)

CRISE DO MODELO ANTROPOLÓGICO

Quando falamos do futuro, é fácil pensar em termos de modelos tecnológicos ou de modelos sociais, mas não é tão fácil projetar-se em um ‘modelo antropológico’ de antecipação. É fácil pensar em uma nova ordem mundial que, de alguma maneira, já existe – já estamos unidos por redes eletrônicas via satélite e já existe uma economia mundial – mas não é tão fácil imaginar nosso próprio funcionamento como seres humanos do futuro, com uma mente que simplifique suas operações lógicas por via cibernética, com órgãos dos sentidos abertos a uma percepção cósmica e com *glândulas* de secreção interna que, ao trabalhar em outro ritmo e outra medida, façam-nos sentir a vida de forma diferente! É possível o desenvolvimento de novas funções e novos órgãos?

Certamente que a paleontologia e a anatomia comparada nos mostraram as profundas modificações que os organismos sofreram em seu longo caminho evolutivo e a embriologia nos ensinou que o homem repete, no seio materno (ontogênese), o passado de toda a espécie animal. Antes que se desenvolvessem nossos pulmões, tivemos brânquias (como os peixes) e nossa função respiratória, durante nove longos meses, cumpriu-se por via sanguínea, mais

que por via aérea; e antes de chegar ao rim definitivo, tivemos não menos de três modelos de rins mais antigos que foram substituídos sucessivamente por outros ‘modelos’ mais modernos. Mas, tudo isto, que é tão maravilhoso, pertence ao passado, não é assim? Isto é, não nos preocupamos muito pela sorte de nossos antepassados dinossauros – apesar de sabermos que, como modelo biológico, fracassaram – e tampouco nos recordamos do ‘irmão girino’ que trazíamos dentro, quando éramos muito pequenos (quase nos parece ficção científica). Mais ainda, hoje, orgulhamos de ter uma fisiologia mais avançada; nosso ‘modelo tecnológico’ de regulação da temperatura nos permite manter-nos ativos durante os doze meses do ano e não como nossos antepassados de sangue frio que tinham que interromper periodicamente suas atividades, por falta de um sistema adequado de calefação interior.

Mas, se olharmos para o futuro, que perspectiva diferente se oferece! Se olharmos a imensidade da abóbada estrelada e as possibilidades de viajar pelo espaço cósmico, que pesados ficam nossos corpos e que escassas defesas às radiações! Que complicados sistemas de locomoção necessitamos para transladar-nos de um ponto a outro da Terra, quanta tecnologia de automóveis e de aviões, de problemas de combustível, de estacionamento, de patentes!

É certo que os dinossauros fracassaram por terem um abdômen demasiado grande e um cérebro demasiado pequeno. Mas, nós temos ainda vinte e cinco metros de tubo digestivo e um complicado sistema de alimentação que requer uma cadeia de intermediários – biológicos e econômicos – até que a energia solar possa ser incorporada ao organismo. Imaginamos acaso a extraordinária expansão de consciência que poderia se produzir, se pudéssemos alimentar-nos diretamente da energia solar, sem necessidade de utilizar o elo planta-animal? Todos os problemas de reforma agrária, de comercialização de alimentos, de abastecimento de carne, de fertilizantes desapareceriam, não é assim? Mas, não vamos tão longe. Que dizer de nosso atual sistema de regulação das emoções? Qualquer coisa nos afeta, tira-

nos do juízo, desequilibra-nos. E quanto tempo perdido, para recuperar o equilíbrio, quantas horas de divã! Imaginamos o que seria nossa vida, se contássemos com alguma pequena válvula ou transistor que pudesse manter automaticamente regulado nosso sistema emocional, assim como se mantém regulada a temperatura? Que voo tomaria o pensamento!

UMA NOVA ETAPA NA ANTROPOGÊNESE

Falar de uma fisiologia do futuro, de uma nova etapa na antropogênese, pode parecer algo supérfluo – talvez um preciosismo acadêmico – se partirmos do pressuposto de que não podemos fazer nada para modificar nosso organismo. Durante séculos, pensamos que no projeto do homem, só a mão de Deus intervinha: “Modelou Yahvé o homem, da argila e inspirou-lhe no rosto, alento de vida” (Gên., 2,7). Parecia uma construção acabada, um modelo definitivo, algo feito de uma vez para sempre. Mas veio Darwin e pronunciou uma palavra maldita: “A evolução das espécies”. A partir de então, aprendemos a observar que esta evolução intervinha no processo de transformação da vida. E ainda podíamos ficar tranquilos: a sabedoria divina era completada pela sabedoria da natureza (sem a intervenção da mão do homem). Mas agora, inicia-se uma nova etapa no processo de antropogênese, em que o homem toma consciência das transformações que se produzem dentro de si mesmo – não só em sua mente, mas também em seu corpo – e começa a participar ativamente na vida do universo. Claro que muitas dores de cabeça já nos trouxe o comer do fruto da árvore do conhecimento e ainda não podemos prever as consequências de uma aproximação da ‘árvore da vida’!

Milhões de homens e mulheres experimentam hoje uma transformação – por momentos, aterradora – de seu próprio organismo. O mundo não só se move mais rápido por fora, mas também por dentro e esta aceleração do ritmo da vida, ao chegar a um ponto crítico, produz uma mudança de forma. Quais são os

sinais que permitem anunciar o começo de uma nova etapa no processo de antropogênese?

No transcurso de umas poucas décadas, a mulher moderna perdeu suas mamas e dificilmente voltará a amamentar seus filhos como fazia antes. As crianças dos países desenvolvidos vão perdendo a capacidade de ler e de realizar operações de cálculo aritmético, à maneira antiga. A TV e os computadores de bolso mudaram as relações dos sentidos (Mc Luhan) e substituíram as operações mecânicas por operações cibernéticas. Além disso, a capacidade de síntese do pensamento é cada vez maior nas novas gerações e há algumas pessoas com as quais, pode-se fazer entender com ‘meias palavras’ ou com um ‘simples olhar’. Tudo isto não é ficção científica, são *funções novas*, ainda incipientes!

SIGNOS CRÍTICOS NO PROCESSO DE PLANETIZAÇÃO

Paralisia metabólica

O metabolismo humano se detém, quando a vida se cristaliza no tempo e os meios se transformam em fins.

O ser pode se deter no espaço, mas não pode se deter no tempo porque o tempo está unido à vida. Se o ser se fixa no tempo, cristaliza-se e morre. Neste momento de planetização da humanidade, observa-se um fenômeno de ‘brecha metabólica’ entre uma nova geração com metabolismo em ascenso e diminuição de entropia, e uma velha geração com metabolismo em descenso e aumento de entropia.

Quando os meios se transformam em fins, isto é, quando os instrumentos (que são os meios – *techné* – que a vida tem para alcançar significados cada vez mais altos) adquirem um grau tal de especialização e autonomia que perdem seus contatos com as fontes do ser, a própria vida se detém e o metabolismo se paralisa. Os paleontólogos filósofos (Teilhard de Chardin, um deles) o viram muito claramente: quando um ramo ou família dotada de

uma pata escavadora, por exemplo, alcança o máximo de utilidade funcional, o instrumento se constitui em pesada carga e a evolução se detém ali.

Limites do crescimento

Há certos limites do crescimento que a ciência moderna começa a considerar muito seriamente. Quando uma estrela anã branca alcança o limite crítico de 1,44 massas solares, colapsa violentamente. No aspecto humano, isto também ocorre, funções sobredimensionadas colapsam e corpos inteiros explodem. Muitos instrumentos antropológicos se tornaram obsoletos e já não respondem mais às novas necessidades da vida. É o momento de dar um salto biológico e dá-lo a tempo! Quando a corrente da vida muda de ritmo, é preciso mudar de corpo. Mudar de corpo? Sim, é uma premissa biológica da liberação. Não é somente questão de ideias ou de mudanças sociais, a serpente deve trocar de pele para renovar-se.

Nem sempre nos damos conta do que isto significa. No entanto, muitos dos sofrimentos que a humanidade atual experimenta se dão por haver ficado presa em um corpo que já não lhe corresponde. Tratemos de esclarecer. Está se produzindo, em escala planetária, uma série de mudanças no pensamento, nas emoções, no sexo – na fisiologia humana, em geral – que ainda não compreendemos bem porque representam fases de transição entre dois mundos – balanceios perigosos da corrente da vida entre os abismos subterrâneos das forças elementais e os cumes mais elevados da consciência cósmica. Vejamos algumas das mudanças que já estão se produzindo, nas zonas mais críticas.

Na mente, o limite crítico é alcançado quando a consciência se identifica com o conhecimento. Em outras palavras, enquanto a corrente da consciência utiliza o conhecimento como meio para alcançar planos cada vez mais altos de significado, o instrumento mental serve aos fins do ser, mas se o conhecimento se torna um fim de per si a serviço do poder, perde-se a visão (patologia da consciência) e a mente funciona como ‘cérebro maldito’.

No campo do sentir, o limite crítico é alcançado quando o amor se identifica com as emoções. Isto é, se o amor utiliza as emoções em busca de sentimentos cada vez mais profundos, o instrumento emocional adquire plenitude de função, como meio; mas, se as emoções se constituem como fins de per si (como está ocorrendo atualmente, em que o ser se transforma em um consumidor de emoções), perde-se a capacidade de sentir a unidade da vida (patologia do amor), perde-se a capacidade de sentir a diferença entre o bem e o mal (embotamento do sentimento, apatia existencial).

No campo sexual, o limite crítico é alcançado quando a energia criadora do ser se identifica com o sexo. Quando o sexo se põe a serviço das forças criadoras da vida, adquire plenitude como instrumento, mas desde o momento em que se constitui como fim de per si (como força autônoma desvinculada da consciência, da ética e do amor), então deixa de servir à vida e se transforma em força de destruição: em lugar de criar vida, alimenta-se da vida (voracidade de posse e consumo).

Desafio antropológico

Quando se chega a estes limites críticos, a vida periga por dentro e se dão as condições – internas – para a invasão do sistema biológico pelas forças de destruição. As antigas formas são invadidas, os recintos de defesa violados e os velhos corpos ficam como cascas vazias à borda do caminho. Mas, antes de morrer, há luta, esforço de sobrevivência para sair de um meio que se torna cada vez mais contrário à vida.

Hoje, paga-se um alto preço ao desequilíbrio humano, mas o esforço desesperado para manter o equilíbrio também é um caminho de saída: a experiência interna se codifica retrospectivamente no livro genético e o ser se prepara por dentro para plasmar novas formas e novos instrumentos (histólise do inseto?).

GÊNESE POR PLASMAÇÃO

É possível gestar um novo organismo? “Como pode o homem nascer, sendo velho?” (Nicodemus, João, 3, 4).

Na etapa atual de desenvolvimento da vida sobre o planeta, já não estamos na idade genésica, na qual a matéria respondia imediatamente ao sopro da palavra criadora; e, analogicamente, como organismos adultos, estamos muito longe daquelas primeiras etapas de rápida transformação da embriogênese. Para poder criar novos órgãos, seria preciso voltar a um tempo primordial, a um nível de funções indiferenciadas, de totipotencialidade celular (na qual é possível cortar pela metade uma gástrula e a outra metade reproduz um organismo completo, sem nenhuma dificuldade). Ou então, seria preciso percorrer um caminho regressivo, tal como ocorre em alguns insetos no processo de histólise, na qual se produz a *dissolução* do velho organismo e a gestação de um novo! Em outras palavras, seria preciso recuperar um estado de ‘docilidade’ da matéria para que pudesse ser modelada novamente pelas forças da vida.

O homem fáustico quer produzir a modificação de seu organismo pelo esforço da vontade (Hatha Yoga, exercícios de autorrealização, revitalização química). Mas com isto, o único que se consegue habitualmente é remodelar um velho edifício, com o perigo de reforçar ainda mais certos desvios da velha estrutura. Não! A chave não está em um esforço de ‘construção’ (engenharia genética), mas em um mistério de ‘plasmação’. E, para que esta plasmação possa entrar em jogo, é necessária uma etapa prévia de *simplificação* da estrutura humana (fase reversível da corrente da vida): não tornar-se maior e sim, menor! É preciso ‘voltar a ser criança’. Para poder ‘sair’, primeiro é preciso ‘entrar’: ‘voltar a entrar no seio da mãe’. A expansão da partícula individual no corpo planetário se realiza como momento reversível de um desdobramento de interiorização. A sístole de implosão (renunciamento?) se transmuta em uma diástole de plasmação. Um passo místico para dentro é prévio a um passo tecnológico para fora (refiro-me à tecnologia do organismo) e, por sua vez,

tudo passo de ação exterior se reverte em um passo de desapego interior. Este é o novo ritmo da fisiologia do corpo planetário, um movimento oscilante e reversível que vai do simples ao composto e do composto ao simples, desde um ponto infinitesimal no coração do indivíduo a todos os pontos da complexa rede biológica, social e espiritual do corpo da humanidade planetária.

Na nova era que se inicia, o pulso da humanidade para dentro é induzido eletronicamente. A implosão cibernética do meio tecnológico é a condição prévia – no terrestre – da inspiração espiritual no cósmico. A cibernética ‘prepara’ o caminho para a mística, é algo assim como o batismo de João que ‘prepara o caminho do Senhor’. Na época romântica do século XVIII, foram os grandes poetas os que assumiram a função de criar um clima favorável à interiorização dos arquétipos cósmicos. Na era eletrônica atual, essa função preparatória está a cargo dos computadores. E, precisamente, do cruzamento entre o meio tecnológico e o meio místico, surge um campo analógico de síntese com poder de plasmação.

O MEIO INTERIOR DO CORPO PLANETÁRIO

“Além do que denominávamos ao começar “seu ponto crítico de socialização” – e tal haverá de ser minha conclusão – a massa da humanidade vai emergir, sem dúvida, pela primeira vez, no meio requerido biologicamente para sua operação.”

(Pierre Teilhard de Chardin, *El Porvenir del Hombre*)

Quando falamos de ‘corpo planetário’, estamos nos referindo – com termos analógicos e simbólicos – às relações entre o microcorpo biológico e existencial do homem individual e o macrocorpo telúrico-cósmico da humanidade total.

O meio humano

A conquista do espaço cósmico fica pequena frente à aventura biológica, social e espiritual de criar um novo *meio* para o homem. Mas, o que é meio humano? O ar? A água? A terra? Ou o sangue (o meio interior homeostático)? Ou o meio social, cultural e tecnológico? Ou a *psyché* (como dizem os psicanalistas)? Ou o meio divino (Teilhard de Chardin)? Cada um destes modelos teóricos responde – ou respondeu em sua época – a determinadas concepções acerca do homem e do universo. Mas, a partir da fissão atômica, o Céu e a Terra entraram em uma conjunção de forças que define um começo de era e que implica o ser humano em uma nova relação estrutural entre o espírito e a matéria. Vivemos em um novo meio, mas ainda não *somos* nele porque não temos suficiente consciência de sua realidade existencial, de forma a ajustar nossa conduta e nosso metabolismo às leis do novo sistema.

Milênios de evolução foram necessários para que as formas biológicas, desdobrando-se sobre si mesmas, pudessem criar um meio interior homeostático apto para o funcionamento da vida psíquica superior. Mas agora, estamos penetrando ainda mais para dentro, em busca de um meio próprio para *ser*, isto é, um meio ultrainterior onde o ser humano possa mover-se, respirar e viver, sem deixar de ser.

As colocações atuais acerca do “meio humano”, formulados geralmente em termos de sobrevivência ecológica, não conseguem intuir as novas regras do jogo impostas, desde o futuro, pelo novo meio planetário para assegurar uma sobrevivência espiritual. Em outras palavras, o importante não é clarear a água do charco em que vivemos, mas sair do charco! A mensagem do futuro não pode ser reduzida a projetos de novas cidades ‘limpas’ para continuar vivendo da mesma maneira suja, como fizemos até agora. O que se impõe é criar um novo meio humano que nos permita funcionar como verdadeiros seres humanos.

Esse novo meio já existe, só temos que aprender a viver nele. E isso requer um novo nascimento, uma conversão da fisiologia

humana. Não somente uma metanoia, mas uma metaquímica. A ‘química’ do corpo planetário mudou, o que em outras palavras quer dizer que a vida se assenta hoje, sobre uma química diferente, ou melhor, sobre uma ultraquímica ou ‘al-química’ de ressonância entre o espírito e a matéria. Esta é a barreira que separa o mundo de ontem do mundo de hoje, a barreira invisível de um rio sagrado.

O campo magnético próprio do ser humano

O novo meio controla e equilibra desde dentro os mecanismos psicobiológicos periféricos. Sem este campo antigravitacional de consciência, o ser humano corre o risco de degradar sua própria energia e converter-se em uma máquina.

Devemos reconhecer que, apesar de todas as suas pretensões de autonomia, o homem atual não governa sua vida biológica e psíquica nem controla os abismos subterrâneos onde são incubadas as mais obscuras paixões e as enfermidades mais terríveis. A humanidade já está tomando consciência de seu tremendo poder subterrâneo, pela irrupção das forças do *mal*, gestadas nas sombras do abismo.

Essas forças ocultas têm um poder realmente demoníaco, são sementes do ‘mal’ que permanecem latentes nas cavernas profundas da alma, até o dia em que se infiltram por alguma greta e aparece seu rosto maldito, sob a forma de doenças incuráveis, de paixões incontroladas, de fúrias que destroem os castelos edificadas pela cultura. Os progressos científicos e tecnológicos da civilização moderna não puderam conjurar essas forças e tampouco poderão ser suprimidas pela repressão. Essas forças somente podem ser equilibradas por um campo de consciência-energia, de ordem superior a elas mesmas. E a humanidade terá que conquistar – ou melhor, incorporar – esse campo de alto poder espiritual, se não quiser ver arrasadas todas as suas conquistas culturais pelos ‘bárbaros’ que traz dentro de si.

O novo meio é um campo magnético de estabilidade interior que outorga – desde o ser – unidade e sentido à estrutura empírica

da partícula humana. E também, outorga-lhe direção de movimento, mediante interações por similitude. Com estas relações de campo, quebra-se o isolamento cósmico do homem.

O novo campo magnético do corpo planetário está sendo gestado na fronteira entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens. Isto pode ser difícil de *ver*, mas não tão difícil de compreender. Sem que nos déssemos conta, está se produzindo na linha do futuro, uma interação sutil entre uma humanidade terrestre em ascenso e uma humanidade cósmica em descenso e o resultado desta hibridação de meios é um novo meio, um novo instrumento de percepção. Acaso não existem lentes formadas pela interação de campos magnéticos, como as do microscópio eletrônico, campos invisíveis de energia que, quando se cruzam, tornam visível o invisível? A fisiologia planetária do futuro começa a se constituir com funções e órgãos de ressonância.

A terceira natureza

Nosso sistema nervoso central está acoplado, atualmente, a uma rede eletrônica planetária (meio tecnológico artificial ou segunda natureza), mas a fisiologia do futuro só é possível sobre a base de uma terceira natureza. Para compreender o que isto significa, começemos por assinalar a diferença entre meios de relação e meio de união.

Os meios de comunicação que conhecemos – mecânicos, elétricos, químicos – são meios de *relação*. A era técnica aperfeiçoou os meios para vincular entre si, partes de um ser dividido. A nova era se inicia com uma premissa diferente. Parte-se da unidade do ser, porém, não só como ideia, mas como meio; isto é, não só como princípio de unidade, mas como meio de *união*. A anelada unidade do gênero humano que não foi conseguida até agora nem pelos ideais de fraternidade universal, nem pela revolução social, nem pela tecnologia, realizar-se-á por um novo meio de *união* que constitui o fundamento biológico-espiritual da linguagem universal do futuro.

A interiorização do meio cósmico

O homem atual, em seu trânsito para o futuro, acha-se frente a uma barreira cósmica que não está dada pelo espaço cósmico – que já foi conquistado – e sim, pela distância entre a consciência psicológica e a consciência cósmica. Essa brecha, salvo casos excepcionais, foi coberta até agora por intermediários – o símbolo, a cerimônia, o rito, o sacrifício – mas a nota *fisiológica* da nova era é a incorporação do meio cósmico, isto é, a tradução do meio cósmico em corpo humano. Interiorizada a segunda natureza (o meio tecnológico), começamos a interiorizar o meio espiritual, para constituir a terceira natureza. Este novo meio interior abre a era da comunicação cósmica. Para além do espiritualismo, da parapsicologia, da cibernética e das viagens espaciais, o ser humano do futuro estabelecerá contato com o cosmos, não somente com as pedras do cosmos e sim, com os seres do cosmos. Esse contato, até agora, foi impossível por falta de meio.

Até agora, para explorar o cosmos, o homem necessitou ‘sair’ do espaço psicológico de sua mente e do espaço físico de seu planeta e o fez, por meio do *êxtase* mescalínico ou do *êxtase* religioso e, em nosso tempo, mediante as viagens espaciais. Somente desde esse ‘além’, podia ver ou sentir a dança das formas cósmicas e a música das esferas. Mas, o impulso de saída está equilibrado por um desdobramento de entrada e, em um salto antropológico, o homem planetário incorpora o meio cósmico ‘dentro’ de si. Este é o começo da revolução fisiológica do futuro.

A cosmologia é uma ciência ainda muito incipiente. A exploração do cosmos tropeça com uma grande dificuldade que é a defasagem que se produziu entre o desenvolvimento técnico e o desenvolvimento humano. Enquanto a tecnologia moderna aperfeiçoou novos instrumentos óticos e acústicos, muitos seres humanos ficaram com seus velhos ‘olhos’ e seus velhos ‘ouvidos’ e ficaram com a mesma razão que os gregos inventaram e com a mesma imaginação de há milênios. O desafio da nova era a esta insuficiência de instrumentação humana é, precisamente, a

incorporação ao homem terrestre, de uma faísca do fogo cósmico. É o nascimento do homem de fogo.

O CORPO ALTERNANTE

A dança do homem cósmico

Quando queremos visualizar de alguma maneira a estrutura do corpo planetário, tropeçamos com uma dificuldade radical que é a imagem que formamos do mundo. Percebemos um mundo de ‘partículas’ humanas, mas não conseguimos ver o ‘campo’ em que essas partículas se movem, vivem e têm seu ser. Os seres humanos estão vinculados entre si por uma rede de relações invisíveis que constitui um corpo de ‘antimatéria humana’ que ainda desconhecemos, mas cujo campo antigravitacional é sentido por nós, cada vez com mais força, como consequência da desestabilização do ‘átomo’ da personalidade individual.

Poderosas forças sociais, telúricas e cósmicas convergem hoje em uma corrente de futuro que ‘desestabiliza’ a matéria humana: a casa do homem ficou sem sustento. E é precisamente esta comoção da estrutura material da existência humana a que prepara certas condições de reversibilidade que são indispensáveis para transitar de um mundo de ‘matéria’ a outro de ‘antimatéria’. O importante é que percebamos que não é possível realizar esta viagem entre os dois mundos, com o mesmo corpo que temos hoje. É preciso poder ‘traduzir’ a matéria em antimatéria na máquina do tempo. Este tipo de reversibilidade de um corpo em outro – que foi conhecido nos antigos mistérios iniciáticos – foi tomado pela ficção científica de nosso tempo, para criar um modelo de ‘homem nuclear’ como antecipação de um ser do futuro com possibilidades insuspeitadas. Graças à fantasia, o corpo alternante é conhecido por todas as crianças – e adultos – do mundo: as histórias em quadrinhos, o cinema, a literatura e a TV o desenharam em milhares de formas. Mas esta fantasia é o preâmbulo de uma fabulosa experiência biológica e espiritual que

todos estamos realizando, sem perceber e que já não consistirá em ‘desdobrar-nos’ por fora, mas em virar-nos para dentro: reversibilidade da matéria humana.

Castaneda refere-se constantemente, nas palavras de Dom Juan, a este trânsito maravilhoso entre o mundo das formas concretas e o mundo da consciência sem forma – entre o “tonal” e o “nagual” – e toda a ensinança do mestre aponta para a arte da “dança” entre esses dois mundos: “ser um guerreiro de duas faces e poder olhar em duas direções”³⁸. Mas há um fato novo nesta era planetária: a dança dos antigos magos foi *incorporada* como ritmo antropológico de futuro, uma arte sagrada, transformada em função biológica.

A moderna neurofisiologia, sobretudo como resultado das investigações de P. K. Anojin, N. A. Behrstein, A. N. Leontiev, A. R. Luria, pertencentes à escola soviética e dos norte-americanos Bárbara Brown, Robert E. Ornstein e colaboradores, permite afirmar que o cérebro humano é um órgão com suficiente ‘flexibilidade’, de forma a permitir a formação de complexos sistemas funcionais, sem uma base material fixa, mas apoiando-se sobre uma configuração de zonas orgânicas, cuja estrutura varia de acordo com as diferentes etapas da ontogênese e da atividade psíquica desenvolvida na experiência social. Em outras palavras, a ação consciente e voluntária do psiquismo pode formar novos órgãos funcionais. E no campo da biologia molecular, M. F. Perutz demonstra que a hemoglobina não tem uma estrutura fixa, mas alternativa e que sua reação com o oxigênio é reversível, graças à transição de uma estrutura T a uma estrutura R³⁹.

Temos que aprender a viver conscientemente em um corpo alternante de ritmo reversível. E isto não é fácil porque implica reverter atitudes, posturas e formas em signos, gestos e substâncias. O novo ritmo é uma ‘dança’ de liberação: o ser oscila entre a matéria e a antimatéria, entre a consciência e a vontade, entre o infinito e o infinitesimal, gerando e dissolvendo formas,

³⁸ Carlos Castaneda, ob. cit. na nota 31, pg. 309

³⁹ M. F. Perutz, *La Estructura de la Hemoglobina y el Transporte Respiratorio*, em “Investigación y Ciencia”, n° 29, fev. 1979, pgs. 40-55

absorvendo e liberando energias, codificando e decodificando significados. Sobre este novo tipo de ‘metabolismo’ humano, como conjunto de interações entre as ‘partículas’ individuais e o ‘campo’ planetário, é possível fundar uma civilização de base ecológica. E urge levar isto à prática, como fisiologia, como técnica e como ética. Não são as teorias e sim as funções humanas que podem assegurar o porvir da raça.

A ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS DA TERRA

Vivemos em um novo corpo e não o sabíamos. As forças da terra despertaram e nossa alma ainda continua adormecida. Mas, durante o sono, as correntes invisíveis da vida preparam os caminhos do porvir. Um bom dia, ao despertar, sentiremos que algo novo nasceu em nós e adoraremos.

Em uma era de transição como a nossa, certas zonas chave do planeta foram ativadas. Como se produz esta ativação da Terra e que consequências tem? Cumprido um ciclo de desenvolvimento, um impulso enigmático da hipófise ressoa nas demais glândulas de secreção interna e desencadeia uma tempestade fisiológica no corpo humano. Algo análogo está ocorrendo no corpo planetário. E, para poder interpretar corretamente os signos do futuro, é importante dar-nos conta de que a mudança de era não se inicia nos centros políticos, econômicos ou culturais do mundo moderno, mas nos centros ‘geomagnéticos’ da Terra. É verdade que o mapa político e econômico mudou, mas produziu-se uma mudança prévia na configuração ‘geomagnética’ do planeta. Antigos centros de força decaem e outros despertam.

Temos que aprender a considerar a Terra como organismo vivo em evolução, diferenciar adequadamente as grandes etapas de seu crescimento e organização, e distinguir a tempo suas mudanças de polaridade, se é que queremos ingressar no futuro como protagonistas de uma fisiologia planetária. A tarefa que nos espera não é tanto criar uma cultura planetária, mas viver uma fisiologia planetária. Este trânsito da civilização à planetização é

necessariamente doloroso e revolucionário porque exige não somente uma mudança de mentalidade, mas uma mudança na polaridade dos elementos materiais do próprio organismo humano. São as linhas de força primordiais da nova Terra as que configuram e orientam a matéria do novo homem. São as correntes do futuro as que fazem circular os bens acumulados pela história.

As correntes que entram em jogo neste processo de planetização são de natureza muito especial. Já não se trata de vias terrestres, marítimas ou aéreas para o tráfego do comércio e da cultura nem de vias elétricas ou eletrônicas para o tráfego da informação, mas de vias ‘magnéticas’ para o trânsito anímico, canais etéricos por onde circula a experiência destilada das nações, das raças e dos povos. É essa matéria ‘etérica’, circulando pelo campo geomagnético do planeta, a que constitui o alimento primordial que anima as formas ainda invisíveis do homem do futuro.

O mundo visível de hoje é uma cifra do mundo invisível de amanhã. Por um processo reversível de eterealização e miniaturização, a experiência coletiva das grandes organizações políticas, empresariais, sociais e espirituais será transferida do campo à partícula, do órgão à função, do macrocorpo planetário ao microcorpo individual. Este transvazamento ultraquímico, este reordenamento das forças da terra e este intercâmbio genético das correntes humanas já estão se realizando no laboratório invisível do corpo planetário.

SÍNTESE DO CAPÍTULO VII

FISIOLOGIA DO CORPO PLANETÁRIO

É possível o desenvolvimento de novas funções e novos órgãos?

Está se produzindo, em escala planetária, uma série de mudanças no pensamento, nas emoções, no sexo – na fisiologia humana, em geral – que ainda não compreendemos bem porque representam fases de transição entre dois mundos, balanceios perigosos da corrente da vida entre os abismos subterrâneos das forças elementais e os cumes mais elevados da consciência cósmica.

Quando falamos de ‘corpo planetário’, estamos nos referindo – com termos analógicos e simbólicos – às relações entre o microcorpo biológico e existencial do homem individual e o macrocorpo telúrico-cósmico da humanidade total.

Já existe um novo meio interior, somente temos que aprender a viver nele.

O novo campo magnético do corpo planetário está sendo gestado na fronteira entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens.

A nota fisiológica da nova era é a incorporação do meio cósmico ao meio humano, uma chispa de fogo cósmico interiorizada ou o nascimento do homem de fogo. Como resultado deste acoplamento, surge o corpo alternante e reversível.

A nova era se inicia com uma mudança na configuração ‘geomagnética da Terra’. O processo de planetização não só é realizado seguindo novas vias para o comércio, a cultura ou a informação, mas também pela abertura de vias ‘magnéticas’ para o trânsito anímico.

VIII

A SOCIEDADE FUTURA

“A evolução como processo virou-se da biologia para a tecnologia. A aceleração resultante desta evolução é como uma cápsula de tempo.”

(Marshal Mc Luhan, *Contraexplosión*)

PERSPECTIVAS DE UM MODELO SOCIAL PARA O FUTURO

Vivemos um processo de ruptura de formas e descoberta de significados. Estão se quebrando os marcos que pretendem aprisionar a vida em uma forma. A corrente do futuro penetra em recintos até ontem selados e projeta a vida para novos centros de equilíbrio.

A sociologia crítica, em seus ensaios acerca das mudanças experimentadas pela sociedade moderna, colocou sua ênfase nas forças de destruição – ou de “desestruturação” (W. Irwin Thompson) – que minam as bases da sociedade tradicional, mas tem pouca visão para detectar as formas sociais nascentes e pôr a descoberto as forças criadoras que já estão plasmando um mundo novo. John Gardner, citado por Alvin Tofler, resume a crítica sociológica nos seguintes termos: “A maioria das organizações tem uma estrutura que foi estabelecida para resolver problemas

que já deixaram de existir”⁴⁰. Bem, mas quais são as estruturas sociais do futuro?

Há novas formas de organização que estão ocorrendo atualmente dentro de um processo de rápida mudança: comunas sociais ou políticas, *kibutz*, universidades livres, empresas de autogestão, ad-hocracias, mas não se devem confundir mudanças de forma com mudanças de estrutura. Muitas destas novas formas são transitórias e algumas destinadas ao fracasso. Mas, qual é o modelo social que se antecipa com perspectivas de futuro?

Os sociólogos e políticos modernos destacaram a importância do “meio social” para o desenvolvimento de formas mais elevadas de consciência, assim como os biólogos do século passado assinalaram a necessidade de certas condições do “meio biológico” (do meio interior, como dizia Claude Bernard) para o desenvolvimento de formas de vida mais estáveis, mais autônomas e melhor organizadas. Porém, a perspectiva para o homem futuro não se esgota na dimensão sociológica, senão que se adentra em uma nova dimensão telúrica, planetária e cósmica que está proporcionando energia e significado a um novo meio ‘socioecológico’. Vejamos o que significa.

Em poucos séculos, a humanidade deu um grande salto da consciência individual à consciência social. Entre a pequena célula tribal, familiar ou empresária da antiga sociedade e as grandes organizações da sociedade industrial moderna há uma grande distância e esta mudança de módulo não só implica uma medida diferente (mudança quantitativa), mas também uma consciência diferente (mudança qualitativa). Não é o mesmo viver em um pequeno organismo familiar e municipal que em uma grande corporação empresarial, não é o mesmo viver com um cérebro associado ao telégrafo e à via férrea que viver com um cérebro acoplado à rede mundial de comunicações eletrônicas. Em poucos anos, passamos de um ‘meio natural’ a um ‘meio tecnológico’ e avançamos rapidamente em direção a uma sociedade planetária. No entanto, a organização de uma sociedade

⁴⁰ John Gardner, em Alvin Tofler, *Future Shock*, Random House, New York, 1970, pg. 118

mundial tropeça com dificuldades e, se bem que alguns anunciem uma futura sociedade pós-industrial implicada solidariamente, outros pressentem que desembocaremos em uma guerra atômica ou em uma catástrofe ecológica.

Chegamos aos limites do crescimento. Para continuar avançando, temos que retroceder, mas não pelo caminho preconizado pelos centros do poder político e econômico, mas por outra via. A onda de expansão tem que ser equilibrada em um centro de fixação, a liberação da energia tem que ser equilibrada em um centro de consciência e a conquista do espaço cósmico tem que ser equilibrada em um centro magnético terrestre. O poder material se equilibra com a mística espiritual. A expansão no espaço se equilibra com a reversão no tempo. A consciência cósmica se equilibra com a força telúrica. A sociedade planetária se equilibra com uma individualidade expansiva e participante.

Todos os pensadores e condutores modernos destacam a necessidade imperiosa de estabelecer relações mais harmônicas entre o indivíduo e a sociedade, entre a consciência individual e os corpos coletivos organizados, mas na prática, este ajuste é doloroso e muitas vezes impossível. A implicação se realiza, de qualquer modo, já seja por imperativo do meio tecnológico ou por pressão do meio político, mas à custa de uma cota de sacrifício demasiado grande. Vejamos qual é o enfoque que têm sobre estes temas, alguns dos homens mais lúcidos de nosso tempo.

Teilhard de Chardin nos diz: “A passagem do individual para o coletivo é o problema atual e crucial da energia humana... e é preciso reconhecer que os primeiros passos dados para sua solução não fazem mais que aumentar a consciência que temos de suas dificuldades... Em minha opinião – acrescenta – a razão dos fracassos sofridos desde há um século pela humanidade para organizar-se, não deve ser buscada em alguma dificuldade de natureza inerente à operação tentada, mas no fato de que as tentativas de agrupamento se perseguem, invertendo a ordem natural dos fatores da união entrevista. Explico-me, totalizar, sem despersonalizar. Todo mundo está de acordo neste duplo objetivo a ser alcançado... O vício das doutrinas sociais modernas é

apresentar uma humanidade impessoal às ambições do esforço humano. O que aconteceria no dia em que, em lugar desta divindade cega, conhecêssemos a presença de um centro consciente de convergência total?”⁴¹.

Herbert Marcuse – com uma perspectiva diferente – assinalou com toda clareza que o homem, para desenvolver novos valores, necessita indiscutivelmente de uma nova sociedade – isto é, um ‘meio social’ adequado para o desenvolvimento desses valores; mas, por outro lado, reconhece que, para que exista uma nova sociedade, é indispensável que previamente haja alguns homens que contribuam com os “germes” novos para que essa sociedade se desenvolva. Diz Marcuse, em uma entrevista jornalística: “A real emancipação do homem somente pode ter lugar em uma sociedade diferente, depois de uma mudança fundamental dos valores e das estruturas políticas e econômicas”. No entanto, diz mais adiante: “Pelo menos alguns seres humanos com novos valores e novas aspirações devem existir e realizar seu trabalho, antes que uma mudança massiva faça possível uma liberação geral”⁴².

Em resumo, os autores coincidem, com algumas variantes, em que para construir a sociedade futura se necessita tanto de um “modelo social” – que seja meio orgânico para que o homem possa desenvolver a totalidade de suas possibilidades como ser humano – quanto de um “modelo individual” que contenha os valores e fermentos indispensáveis para que a massa social realize o salto para um grau mais elevado de consciência. Estes dois fatores, organização social e consciência individual, já existem no mundo moderno, mas são insuficientes para que a humanidade possa funcionar como corpo planetário. Faz falta a ação de uma terceira força ‘telúrico-cósmica’ que ponha em movimento os recursos humanos dispersos pela Terra.

Para pensar e viver em termos de uma sociedade planetária, os enfoques sociais, políticos e culturais do passado são

⁴¹ Teilhard de Chardin, *La Energía Humana*, Taurus, Madrid, Espanha, 1962, pg. 163

⁴² Herbert Marcuse, em “Psychology Today”, fev. 1971 (*Conversation with Herbert Marcuse*, by Sam Keen and John Raser)

insuficientes. Não se trata somente de valores ou de organização, mas de ‘energia’ e ‘significado’. A humanidade necessita abrir-se à corrente circulatória do corpo planetário e pôr-se em contato com seu sangue etérico para absorver as substâncias que são indispensáveis para uma vida superior. Este ‘sangue’ que vincula entre si os diferentes tecidos e órgãos do corpo da humanidade não é só um “meio social” – tal como é entendido habitualmente em termos sociológicos – e tampouco um meio puramente “espiritual” – ideal ou cultural – mas um meio vivo telúrico-cósmico que começamos a sentir e a reconhecer como meio ‘socioecológico’.

O MEIO SOCIOECOLÓGICO A DIMENSÃO TELÚRICA DO FENÔMENO SOCIAL

Não é suficiente conhecer a Terra como matéria, é necessário descobri-la como organismo vivo, tomar contato com as forças telúricas do planeta e incorporá-las a nosso organismo humano para criar um novo meio socioecológico (geoantropologia).

Consciência individual, organização social e força telúrica são três elementos de uma química humana ainda desconhecida.

Como se conquista esta dimensão telúrica da comunidade humana? Por meio do ‘arraigamento’ do homem à terra. A humanidade não poderá ir muito longe no espaço cósmico, se não ‘incorporar’ os elementos invisíveis da Terra. A conquista da Terra é um passo prévio à conquista do espaço. E para isso, não é suficiente uma tecnologia de vanguarda na exploração dos recursos naturais nem uma sociologia de vanguarda na organização dos recursos humanos, senão que fazem falta vanguardas da vida que tomem contato com as forças e com o espírito da terra. *Findhorn*, no norte da Escócia, *New Alchemists* nos Estados Unidos e algumas outras comunidades espirituais dispersas pelo mundo estão realizando a experiência maravilhosa de restabelecer as pontes invisíveis que conectam o organismo humano com os centros vitais da Terra. A reabertura destes canais

– obstruídos por uma civilização de cimento e de insensibilidade – oferecerá à humanidade futura uma nova fonte de energia magnética que será a base de uma economia ecológica⁴³.

Significa isto uma ‘volta à terra’? De alguma maneira, sim. Ou, pelo menos, uma nova proposição total do enfoque que vem sendo feito até agora nas ciências humanas e sociais das relações do homem com a terra. Relações de propriedade? Relações de produção? Algo mais que tudo isso: relações vivas! O homem terá que descobrir as ‘raízes’ que o vinculam à terra e o fará, em virtude de um sentido de *arraigamento*, de amor, de participação e de trabalho no lugar onde vive. Não é a posse material da terra que assegurará o bem estar econômico, mas o vínculo magnético entre as forças da alma e as forças da terra. Até agora, extraímos elementos materiais das entranhas da terra, mas teremos que aprender a extrair a ‘seiva’ viva do planeta que, como energia telúrica humanizada, dará nova vida ao corpo social do futuro. Na futura sociedade política, a ideia de arraigamento – como método de vida, como fisiologia e como economia humana – vai superar radicalmente as velhas polêmicas ideológicas acerca da posse material da terra.

O ASCENSO DA MATÉRIA SOCIAL DA CIDADE TERRESTRE À CIDADE CÓSMICA

As forças da Terra se puseram em movimento e arrastam a matéria humana a incrível velocidade. As correntes do futuro produziram uma tremenda comoção na estabilidade de todos os modelos de organização social e as partículas humanas individuais ficaram desconectadas de seus antigos edifícios atômicos e captadas – sem que se dessem conta – pelo poderoso campo magnético do acelerador de partículas do corpo planetário. Esta mudança de situação do indivíduo – desde formas estáveis a fluxos instáveis, desde campos de matéria com baixa velocidade e

⁴³ ⁴³ The Findhorn Community, *The Findhorn Garden*, Harper & Row, New York, USA, 1975

escassa interação a circuitos de partículas que se movem com alta velocidade e forte interação em campos de matéria-antimatéria – esta mudança do metabolismo humano produz uma cadeia de reações de tal magnitude e complexidade que deixa completamente inoperantes os esquemas teóricos que utilizamos até agora para a interpretação da antropologia social.

Qual é o ‘modelo humano’ que pode servir de fundamento à sociedade planetária do futuro? Os modelos de organização que conhecemos entraram em crise ao produzir-se a ruptura do vínculo entre a forma material e a função arquetípica. E, quando a forma nega a função, a função se desembaraça da forma: esta é a lei que rege as transformações da vida.

Quando os elétrons se movem em uma trajetória circular a muito alta velocidade em um síncrotron, emitem uma intensa radiação luminosa. Quando em um fluxo de matéria-antimatéria se chocam um elétron e um pósitron, ambos desaparecem e se cria energia eletromagnética de muito curta vida. E, quando os seres humanos ficam presos – enamorados e comprometidos – em um campo com alta carga de significado, queimam sua matéria mais pesada e se transformam em seres luminosos de longa vida. O que queremos dizer com isto? Que quando as formas da matéria alcançam certos umbrais críticos, explodem e dão nascimento a novas formas. Isto é o que está ocorrendo atualmente no corpo planetário, em uma faixa de transição entre a era terrestre e a era cósmica.

Não é fácil visualizar as formas nascentes da nova humanidade. Essas formas novas não têm a solidez material das antigas; mais ainda, não são formas materiais e sim, etéricas. O que não quer dizer que sejam ilusórias; são mais reais que as formas do passado, mas estão feitas de uma matéria mais sutil, são mais energia que matéria, mais significado que forma. Os poetas, os visionários, os místicos e os astronautas viram essas formas novas, antes que nós. Para aprender a vê-las, é preciso procurar a hora do crepúsculo, quando declina o brilho do mundo que se vai e começa a surgir o mistério da noite!

Temos que perceber que este ‘transvazamento’ das formas materiais para as formas etéricas se realiza seguindo as leis de reversibilidade das formas. O que quer dizer isto? Quer dizer que, de nenhuma maneira, as formas do mundo novo podem ser uma prospecção, extrapolação ou continuação de modelos já existentes ou a serem criados, e que é a visão profética a que abre os caminhos do porvir e não a concepção científica e técnica. Dentro da alquimia do grande corpo, os opostos se complementam e muitas obras que fracassam como forma, triunfam como substância. É o trabalho lento e paciente da fisiologia do futuro que destila os elementos pesados da terra para construir a cidade etérea. Os modelos de cidades aéreas são apenas um símbolo da cidade etérea do futuro: o desafio imposto pela nova era não é construir cidades no ar (ainda que possam e devam ser construídas), mas ‘elevar a matéria humana’ e isto não é uma obra técnica, mas uma obra de arte.

Ao chegar o processo de socialização a um ponto crítico, a matéria humana muda de estado. As grandes experiências sociais coletivas, até onde chegaram neste século, realizadas já seja com meios sociopolíticos econômicos ou tecnológicos, produziram certa ‘matéria social’, isto é, um ‘produto’ humano com certo grau de consciência e determinado peso específico. Com este tipo de matéria humana só se pode ir mais para frente ou mais para trás, mas não mais para cima. E aqui intervém a operatividade do campo planetário que, ao comprimir as partículas umas contra as outras e curvar suas trajetórias em um movimento de alta velocidade, desestabiliza os antigos agrupamentos humanos e prepara o caminho para o deslizamento da ‘matéria social’ a um grau *mais elevado* de consciência. Quer dizer que a resultante dos movimentos humanos não é somente para adiante mas, acima de tudo, para cima. E isto é o que é preciso entender, se quisermos safar-nos das megalópolis de Herman Kahn e entrar na cidade cósmica.

Para criar a sociedade futura já não são suficientes os recursos da organização, da técnica ou da política, senão que se requer uma mística. E não uma mística como religião de massas, mas uma

mística espiritual, como caminho de conexão entre as forças da Terra em ascenso e as aspirações de elevação da alma.

A COMUNIDADE ESPIRITUAL COMO ARQUÉTIPO CÓSMICO

Para além da sociedade organizada que conhecemos – em seu interior – está se configurando um corpo arquetípico, uma comunidade invisível que é matriz das instituições sociais do futuro e uma nova medida para os homens que vêm. Mas, atenção! Quando falamos aqui de ‘comunidade’ não nos referimos aos milhares de ensaios de vida em comum que se estão realizando hoje em dia, em todos os lugares do mundo – grupos de encontro, comunas – e sim, a matrizes de vanguarda que estão adiante de nós, arquétipos do futuro que constituem os protomodelos da nova humanidade. Não se trata de um produto fabricado, de algo que tenha que ser feito entre vários e sim, de um modelo preexistente que a humanidade intuiu sempre como ideal de perfeição e que lhe dá existência concreta por participação de vida. É um protomodelo, uma casa, um lar que já está formado e que convida a que o habitem. É como o casamento ou o sacerdócio. Trata-se de arquétipos que avançam adiante das massas, ideais espirituais que são percebidos profeticamente pelos seres de vanguarda e que exercem poderosa sedução naqueles que os seguem. Ainda que fracassem milhões de casamentos, sempre haverá outros milhões para os quais o modelo do matrimônio, como caminho de vida e de destino, continuará exercendo atração. E a comunidade de que falamos, por outro lado, é a mesma coisa, sempre foi.

A comunidade não é um invento das igrejas (a comunhão dos santos), mas é um modelo cósmico, uma casa cósmica para ser habitada pelo homem, para *viver* nela, para *ser* nela! São unidades de vocação, não de produção. Mas muitos confundem a comunidade com a comuna ou com a cooperativa, assim como

confundem o casamento com o casal ou o sacerdócio com a assistência social.

A comunidade de que falamos é a célula matriz da sociedade universal do futuro e, por ter uma raiz transcendente e mística, é o único modelo que pode assegurar – desde dentro – a vigência de uma organização social realmente ética e evitar a queda entrópica da humanidade no formigueiro. A sociedade organizada, por si mesma, ainda com as melhores leis e regulamentos, carece de garantia ética. Mais ainda, seu mecanismo cibernético pode tornar-se contrário à vida. Hoje em dia, o que faz falta não é somente um organismo social, em função da política e da economia, mas uma comunidade em função da *vida* humana, uma forma de viver essencial e existencial que permita o desenvolvimento da consciência e torne possível a união entre os seres humanos, sem deteriorar sua identidade.

A comunidade é um arquétipo cósmico. Não a formam as pessoas, a pessoa *ingressa* na comunidade, em um recinto invisível preexistente (um modelo espiritual) que adquire existência concreta pela presença e participação daqueles que a integram, daqueles que lhe ofereçam sua vida. Sem essa oferta de vida, a comunidade não existe; existirá como grupo de trabalho, mas não como organismo espiritual. A comunidade é um modelo espiritual e material – como o é o matrimônio – e, como caminho que aponta um destino – é único e insubstituível para aqueles que o escolhem. Isto nem sempre é compreendido. O biologismo do casal moderno e o socialismo das comunidades novas fazem possível mudar de traje e de morada a cada momento, mas isso não é comunidade. A comunidade é algo mais – insistimos – que um grupo de trabalho ou um grupo de encontro. A Igreja fez do matrimônio um sacramento, uniu em um só corpo a sociedade civil e a sociedade espiritual. A alma intui que é assim e os seres humanos procuram afanosamente esse *meio* de união, de personalização e de transcendência. O casal se sente atraído pelo sexo, mas procura algo além do sexo. E esta nova sociedade invisível é a que está se perfilando, em escala planetária, na humanidade de nosso tempo.

A ruptura dos marcos estreitos da família tradicional, sintoma de desestabilização da sociedade moderna, deixa muitas partículas individuais soltas (é o que ocorre quando se quebra um anel de uma cadeia molecular). E o que acontece com essas partículas? O ideal de liberação aponta para uma comunidade alternativa mais ampla e luminosa; mas, na maioria das vezes, a experiência não chega a concretizar-se e naufraga em ensaios de casamentos coletivos, grupos de encontro e comunas de todo tipo. Acaso, tudo isto não é índice de uma forte tendência à socialização? Certamente que o é (apesar de sua patologia), mas a comunidade, como arquétipo cósmico, não só tem por função fazer descer um ideal social à terra, mas elevar a sociedade terrestre a um estado de consciência espiritual. A comunidade é como um vórtice arquetípico que atrai os elementos terrestres afins para construir com eles a cidade etérea do futuro. E este ensaio de ‘transvazamento generacional’ entre uma humanidade terrestre e uma humanidade cósmica já está se realizando, em escala gigantesca. Muitos seres humanos chamados a esta experiência fracassam, mas a comunidade não: o modelo etérico se aperfeiçoa, graças ao esforço de milhões de células que passam pelo novo corpo – preexiste a seus integrantes e sobrevive a eles. Frente ao terrível perigo atômico e a uma possível catástrofe ecológica, a comunidade espiritual não é somente um meio de aperfeiçoamento humano (como sempre foi), mas uma arca de sobrevivência cósmica.

ESTRUTURA POLÍTICA DA SOCIEDADE FUTURA

A política é a arte do governo, uma arte cujas regras ignoramos.

Assim como a nascente sociedade futura está procurando sua dimensão telúrica e sua dimensão mística, também deve descobrir sua dimensão política. E aqui, avançamos na escuridão, pois as referências que nos proporcionam os sistemas políticos do passado não nos ajudam a vislumbrar o governo do porvir. Mais

ainda, as experiências políticas que estão se realizando no mundo moderno, muitas delas de profundo conteúdo revolucionário, arrastam o peso de velhos preconceitos e gastas ideologias e, a miúdo, sucumbem a suas próprias contradições internas. No entanto, apesar de tudo, estão se conformando em diferentes pontos chave do planeta, algumas ‘peças políticas’ que, encaixadas convenientemente – no que têm de essencial – podem constituir as linhas fundamentais da estrutura de governo da futura comunidade planetária. Esta convergência política está se produzindo simultaneamente com o despertar de um novo estado de consciência na humanidade. Porque, no final, a estrutura política é o sistema nervoso do organismo social que torna possível a ‘condução’ da energia humana e planetária para planos cada vez mais elevados de consciência. Condução política, energia humana e consciência espiritual são três parâmetros intimamente vinculados entre si e é precisamente essa *vinculação* a que se perdeu nos sistemas políticos da idade obscura (o governante se transformou em funcionário e a arte da política – uma arte sagrada – se converteu em uma técnica de administração).

A consciência política da comunidade humana está hoje encoberta pela pressão que exerce o aparelho administrativo da sociedade tecnológica; os mecanismos técnico-administrativos adquiriram tal grau de complexidade e autonomia que substituem a política como função humana. Charles Reich assinala o caráter superficial da discussão política na sociedade moderna e adverte sobre a urgente necessidade de uma “autêntica política” que enfoque problemas reais e não ilusórios⁴⁴. E Alain Birou, em uma minuciosa análise do sistema político da sociedade industrial, diz: “O uso de uma política humana se tornou muito difícil. Os políticos têm a intenção humanista e a prática antihumanista (como qualquer de nós, em realidade)”. E, mais adiante, acrescenta: “Em seu mais alto nível, essa política se parece com o

⁴⁴ Charles Reich, *Beyond Consciousness*, em “The New York Times”, 08/03/71

que é o *marketing* para a indústria. É ‘*policy*’ no sentido dos ingleses, mas não realmente ‘*politics*’ ”⁴⁵.

A civilização planetária que advém reclama um novo projeto político. Como se esboçam suas linhas fundamentais?

Abundam os modelos para uma nova ordem política mundial (“*World order models project*”), desde as propostas de organismos internacionais: Clube de Roma, WOMP, UNITAR; até os trabalhos de uma plêiade de investigadores: Herman Kahn, Erwin Laszlo, Ludwig von Bertalanffy, Imanuel Wallerstein, Howard T. Odum, Amílcar O. Herrera e o grupo da Fundación Bariloche, etc. A filosofia política implícita nestes projetos é muito diferente de uns para outros. Alguns colocam ênfase na limitação dos recursos físicos do planeta (MIT), outros, em fatores sociopolíticos de desigualdade de âmbito nacional e internacional (Fundación Bariloche); alguns são mais elitistas, outros mais socialistas. Alvin Tofler faz uma colocação um pouco diferente em seu modelo de democracia de antecipação (“*anticipatory democracy*”), concedendo maior importância ao despertar de uma “consciência de futuro” e à “participação” do indivíduo em suas comunidades naturais. “Nosso sistema político atual – diz Tofler – é cego para o futuro (“*future blind*”) e, além disso, carece de sentido de participação (“*lack of participation*”). Nosso governo e demais instituições cresceram tanto e se tornaram tão complicados que a maioria das pessoas se sente impotente”. Daí o surgimento da necessidade de despertar a consciência de futuro e favorecer a participação de todos os setores sociais em experiências comunitárias. E isto significa, entre outras coisas, colocar ênfase não somente na condução das “elites” ou na “tecnocracia”, mas na participação do cidadão comum em todos os planos da estrutura social⁴⁶.

William Irwin Thompson, em um interessante trabalho acerca da incidência do ‘mal’ (o demoníaco) nas contradições que sofrem

⁴⁵ Alain Birou, *Sociedad Industrial, Sistema Racional y Política*, na rev. “Quirama”, vol. 3, n° 1, 1974, pg. 19 (Instituto de Integración Cultural, Medellín, Colombia)

⁴⁶ Alvin Tofler, *What is Anticipatory Democracy*, na rev. “The Futurist”, vol. IX, n° 5, out. 1975, pgs. 224-229

as revoluções políticas e sociais e também o processo de desenvolvimento da cultura em geral, coloca a seguinte pergunta de introdução: “Como é que quando tentamos fazer o bem, terminamos por criar maior mal?”. Partindo deste princípio que rege as “enantidromias”, faz um chamado de atenção para as catastróficas consequências às quais podem conduzir os projetos políticos para uma nova ordem mundial (*World order models project*), por melhor intencionados que estejam, se se basearem exclusivamente nos dados das ciências sociais, em modelos matemáticos, em formulações tecnológicas e em formas de controle autoritário. Diz Thompson: “Levou dezesseis centúrias para ir desde o Sermão da Montanha até a Inquisição, mas levou somente umas poucas décadas para ir desde Marx, no Museu Britânico, até Stálin e os campos da morte na Sibéria. Os fatos são hoje mais acelerados e, portanto, poderíamos ir da criação de uma ordem mundial justa até uma ordem mundial autoritária, em poucos anos”. E resume seu pensamento, dizendo que “nenhuma ideologia pode conter a verdade” e que as perspectivas para o estabelecimento de uma ordem mundial justa não procedem nem dos “reformadores idealistas” nem das “organizações internacionais elitistas”, mas da convergência entre a tecnologia e a mística: “Nossa nova tecnologia não é manejável, devido a que tentamos relacioná-la com o manejo da ciência quando, em realidade, deveríamos relacioná-la com a mística”... E a mística implica iniciação no mistério do amor. “Se tentarmos criar uma ordem mundial justa com algo menos que este mistério, todas as nossas mais inteligentes propostas para resolver nossos problemas serão em vão e nossos melhores esforços para fazer o bem criarão um demônio planetário (“evil”) que irá muito além de tudo o que experimentamos antes, na história humana”⁴⁷.

Todos estes trabalhos nos sugerem que estão dadas as condições técnicas para que possa surgir uma nova ordem política mundial, mas o que não está dado ainda são as condições humanas para que a atual sociedade política se transforme em sociedade

⁴⁷ William Irwin Thompson, *Evil and World Order*, Harper & Row, New York, USA, 1976

moral. Para que isto se dê, já não é suficiente um novo humanismo – que, por outro lado, fracassou em criar uma ordem humana – senão que se requer o despertar dos centros espirituais do planeta e a convergência das forças da alma de todos os povos da Terra. A criação de uma ordem política para uma civilização planetária não é tarefa fácil, mas já começou. A dificuldade que temos para assumir o modelo que advém se deve a que a fisiologia do corpo planetário se adiantou à filosofia da história. As filosofias políticas de nosso tempo carecem do marco teórico adequado para dar cabida à mensagem política da nova era. Há um grande vazio político no mundo de hoje que as organizações internacionais não podem preencher e que constitui um polo terrestre de convocatória para o arquétipo cósmico do governo planetário.

A mudança de dimensão que se produziu, entre as políticas dos Estados nacionais e a geopolítica planetária, obriga a um novo enfoque do pensamento político; a dialética da história é insuficiente e é necessário redescobrir a história sagrada para dispor assim, de um marco mais universal e cosmogônico na compreensão da origem do poder político e de seu devenir.

Lemos no primeiro livro de Samuel: “Reuniram-se todos os anciãos de Israel e vieram a Samuel, em Ramata, e lhe disseram: ‘Tu já és velho e teus filhos não seguem teus caminhos; dá-nos um rei para que nos julgue, como todos os povos’. Desagradou a Samuel que lhe dissessem: ‘Dá-nos um rei para que nos julgue’ e orou ante Yahvé, mas Yahvé disse a Samuel: ‘Ouve a voz do povo no que te pede, pois não é a ti a quem rejeitam e sim, a mim, para que não reine sobre eles’”. (1 Samuel, 7, 4-7). Esta ruptura da unidade originária do governo do mundo e que, de alguma maneira, marca o começo da história política, é considerada pelo jovem Hegel como o primeiro ato trágico da dramaturgia do espírito⁴⁸ e a quebra do ideal da polis antiga, onde o homem encontrava seu âmbito próprio na identidade da política e da religião. Mas o próprio Hegel percebeu, em sua *Fenomenologia*

⁴⁸ Bernard Bourgeois, *El Pensamiento Político de Hegel*, Amorrortu Ed., Buenos Aires, 1972, pg.20

do Espírito, que o resgate do modelo primigênio não poderia ser realizado por uma via exclusivamente política. E por qual outra via, então?

Dizíamos que nesta nova era, a fisiologia planetária se adiantou à filosofia política; em outros termos, a vida se adiantou ao conceito; não são as ideologias as que constituem a trama do corpo político do futuro, mas o tecido vivo que está se formando entre todos os povos e lugares da Terra. A complexa rede de relações econômicas, culturais, jurídicas, tecnológicas e diplomáticas que se tece no mundo de hoje, sobre a base de uma política de “reciprocidade dinâmica de interesses” é apenas a face visível de um processo de integração muito mais profundo que constitui o ‘corpo’ prefigurativo da nova humanidade planetária. Este novo corpo de humanidade necessita, para desenvolver-se, mais que de uma nova ordem do mundo, de uma nova ‘alma’ do mundo. Crescemos como corpo, mas continuamos adormecidos como alma. É o contato com a alma do mundo o que hoje está faltando e esse contato não pode ser produzido por via exclusivamente política, tecnológica ou econômica, senão que requer o despertar da consciência espiritual do homem.

O discurso político está esgotado no mundo moderno. Philippe Nemo, pertencente ao grupo dos chamados “novos filósofos” franceses e um dos que com maior agudeza examina a crise das “doutrinas da morte do homem”, reconhece a insuficiência do pensamento político contemporâneo e a necessidade de abertura da “alma” humana ao mistério da transcendência espiritual: “Falar-me-á uma voz, de tal maneira que faça de mim uma alma? Farei o silêncio em mim mesmo para entender?”⁴⁹. Estas palavras, próprias da linguagem de um místico, chamam a atenção em um filósofo jovem que foi sacudido pelas revoltas estudantis de maio de 68 na França e que assiste à polêmica ideológica desatada pelo marxismo e pela psicanálise; de alguma forma, são paradigmáticas de uma geração jovem, desiludida da política e da filosofia e que

⁴⁹ Philippe Nemo, *L’Homme Structural*, Bernard Grasset, Paris, 1973, pg. 242

volta o olhar para os mistérios mais profundos do universo e da vida.

Na hora do ocaso das ideologias políticas do passado, estão surgindo já as primeiras cintilações de uma antropologia política de síntese, isto é, não somente uma política como ciência, filosofia ou estratégia, e sim como *função* política integrada às demais funções da vida do homem planetário. Esta função começa hoje a ser vivida, mais que a ser compreendida; é uma função – como todas as funções incipientes – que está sendo gestada em uma zona de equilíbrio precário entre dois mundos. E aqui, os fatos se adiantam às teorias. Não possuímos uma filosofia política para a futura sociedade planetária, senão que as próprias forças de planetização da humanidade nos desafiam a assumir o governo de um processo de desenvolvimento que supera nossa capacidade de inteligência e de imaginação. Este desafio, tanto nas nações quanto nos indivíduos, apresenta-se sob a forma de uma tempestade fisiológica e de um abismo de terror (um passo iniciático). Hoje, estamos à borda do abismo e o desafio é um “equilíbrio do terror”. Como cruzar essa barreira? Quem são os guias?

A este desafio total não se pode responder somente com os tratados (SALT I, SALT II, SALT III?...), mas com a força total da alma da humanidade. Porém, quem pode governar esta força? Quem pode despertar a alma dos povos, tomar em suas mãos a tremenda energia que hoje mantém o “equilíbrio do terror” e criar com ela um novo mundo? Uma nova geração de condutores políticos está criando no mundo uma trama de relações imponderáveis que constitui a armação da futura geografia política planetária; a diplomacia, os acordos econômicos, o intercâmbio científico, técnico e cultural são apenas o aspecto visível (*hardware*) de uma rede de condutos invisíveis, onde começa a circular a alma dos povos da Terra.

SÍNTESE DO CAPÍTULO VIII

A SOCIEDADE FUTURA

Vivemos um processo de ruptura de formas e descobrimento de significados. Estão se quebrando os marcos que pretendem aprisionar a vida em uma forma.

Não é suficiente conhecer a Terra como matéria, é necessário descobri-la como organismo vivo, tomar contato com as forças telúricas do planeta e incorporá-las a nosso organismo humano para criar um novo meio socioecológico.

O desafio imposto pela nova era não é construir cidades no ar (ainda que possam e devam ser construídas) e sim, ‘elevant a matéria humana’ e isto não é uma obra técnica, mas uma obra de arte.

Para além da sociedade organizada que conhecemos – em seu interior – está se configurando um corpo arquetípico, uma comunidade espiritual invisível que é matriz das instituições sociais do futuro e uma nova medida para os homens que vêm.

A sociedade humana avança em direção a uma nova ordem mundial, mas o modelo planetário do futuro não vem dos centros do poder político e sim, da convergência das correntes sociotelúricas, tecnológicas e místicas.

SEGUNDA PARTE
FISIOLOGIA HUMANA DO FUTURO

INTRODUÇÃO

“Os não biólogos esquecem muitas vezes que sobre as várias regras da ética, da economia e da política, encontram-se inscritas na estrutura de nosso universo, certas condições gerais e imprescritíveis de crescimento orgânico. Determinar, no caso do homem, estas condições básicas do processo biológico deveria ser o caminho específico da nova antropologia, a ciência do desenvolvimento ulterior do homem.”

(Pierre Teilhard de Chardin, Guenot – *Conferência do padre Teilhard em “Viking Fund”*)

O que entendemos por fisiologia humana do futuro? É o ramo da antropologia que estuda as funções incipientes que estão sendo gestadas no homem terrestre e que preludiam a existência do homem cósmico. Funções ainda invisíveis, mas que amanhã serão órgãos de um homem novo.

A velha antropologia se baseia, já seja em uma pergunta metafísica: “O que é o homem?” – uma pergunta que não tem resposta dentro do marco intelectual em que é formulada – ou em uma pergunta histórica, biológica ou cultural: “O que aconteceu com o homem?”. A nova antropologia já não parte de uma pergunta, mas de uma *função*. Seu fundamento epistemológico não deve ser buscado na filosofia da existência nem na história da cultura, mas em uma fisiologia de antecipação. Já não é uma ciência que pretende explicar o homem, mas é o homem, explicando-se a si mesmo, através da ciência.

A antropologia não pode ser reduzida a uma ciência de museu, senão que é uma ciência do ser humano vivo. Não pode limitar-se a estudar os crânios fósseis, as formas sociais dos povos primitivos ou a estrutura metafísica do ser no mundo, senão que deve pôr a descoberto as *funções humanas*, isto é, aquelas funções que são *específicas* do ser humano e que fazem possível que o homem funcione como ser humano que é, e não como animal ou como máquina. Por outro lado, a antropologia deve ensinar a ver não somente as funções estabilizadas através de milênios de evolução biológica, social e tecnológica, mas também aquelas outras funções incipientes – germes de futuro no homem – que surgem como degraus ainda invisíveis de uma escala fisiológica que estende a ponte entre o homem terrestre e o homem cósmico.

Este despertar de funções novas está se produzindo como resultado da implicação total da humanidade em um campo de forças cósmico-telúricas, cujo código genético-semântico introduz no planeta um novo cânon antropológico. Quando ocorre uma mudança deste tipo, as formas da vida dançam em outro ritmo, a matéria humana se desestabiliza, liberam-se forças do inconsciente coletivo e surge um aparente ‘caos’. Mas, não se deve confundir o processo de transformação e as formas intermediárias do processo, com o potencial de gênese que busca avidamente uma matéria mais sutil para criar um mundo novo.

Nesta segunda parte de nosso trabalho, partimos de uma antropologia genética para chegar a uma antropologia fisiológica. E, sobre a base desta fisiologia de futuro, veremos surgir as novas ciências sociais e humanas. A mudança de parâmetro funcional, implícita na mensagem antropológica da nova era, levar-nos-á, necessariamente, à denúncia de todas aquelas formas de vida que, sob diferentes pretextos (ideológicos, culturais ou sociais), não são mais que encobrimentos da desumanização. A uma ética formal, contrapomos uma ética fisiológica (um modo humano de funcionar). E a uma economia de mercado, contrapomos uma economia da vida humana.

Como ocorre em todas as etapas de mudança biológica profunda, as novas funções nascem vacilantes, a natureza ensaia

seus modelos e, como as crianças na areia, desenha formas e depois as desfaz. No momento atual de gestação do corpo planetário, este fenômeno de criação e dissolução se realiza simultaneamente, em muito alta velocidade; o incremento que se observa nas forças de destruição (ou de desestruturação) é a face escura e visível de uma gênese luminosa, ainda invisível. O homem desafia o futuro, mas o futuro desafia o homem. Existe uma incógnita no processo total que nos escapa e essa incógnita toma a forma de revelação súbita ou destruição instantânea; o que acreditávamos que era, não é – e o que é, não é o que acreditávamos que poderia ser. Desconhecemos o propósito do fenômeno, sua semântica oculta; apenas nos instalamos em uma forma que nos parece coerente, somos arrebatados por um torvelinho de sinal contrário que nos devolve ao caos primordial, ginástica da nova era, preparação para a reversibilidade da matéria humana.

Tratando-se de funções novas, devemos aprender a reconhecê-las em seus modelos prefigurativos invisíveis. Logo que estes torvelinhos etéricos comecem a ser vislumbrados (e, mais que vislumbrados, sentidos) como instrumentos de ‘saída’ por uma humanidade que se está asfixiando na pesada atmosfera física, mental e social do mundo em que vivemos, a energia humana será transferida de nível e os ideais da alma se incorporarão como funções da vida. As formas arquetípicas que antigamente eram intuídas como “virtudes”, de agora em diante serão ativadas como “funções” e o ideal escatológico de salvação será retomado, no campo biológico, por uma nova fisiologia humana de liberação.

A substituição dos modelos ideológicos por modelos fisiológicos inaugura a era planetária. Consolidada uma função, de que valem as teorias? O importante é a respiração, não as teorias acerca do intercâmbio dos gases; e, uma vez que se aprendeu a andar, de que valem as teorias sobre o movimento? Para viver no futuro corpo planetário, fazem falta “funções humanas”, não ideologias. Não se devem confundir os ‘signos’ do futuro e a ‘dança’ das formas, com as ‘funções’ do homem. Somente a função, quando se faz reversível, assegura o equilíbrio orgânico da

vida. O corpo planetário necessita – para viver – de harmonia de funções e não de teorias econômicas ou ideologias políticas. A ‘função’ é o signo ‘a lei-a força’ traduzido em ‘vida’. E é a *vida* a que sustenta o ideal do futuro (“*building stone*” do edifício planetário).

*I****TEORIA GERAL DAS FUNÇÕES HUMANAS*****Princípios Gerais**

Uma teoria geral das funções humanas é o pressuposto básico para uma antropologia de síntese. Da análise de funções isoladas, passamos a configurações de síntese e das leis particulares do organismo, às leis mais gerais da vida.

Este trânsito de uma fisiologia de fragmentação a uma fisiologia de síntese exige uma reversão total do pensamento. Não se trata de um novo ponto de vista, mas da renúncia ao ponto de vista.

De uma antropologia posfigurativa, passamos a uma antropologia prefigurativa. De formas do passado, a germes do futuro. De signos fixos, a signos em rotação. Uma antropologia genética se traduz em uma antropologia fisiológica.

Dentro do círculo das funções, estudaremos as três leis mais gerais (integração, reversibilidade e analogia) e os quatro modelos arquetípicos (a união, a lei, a força e a forma). O círculo das funções se traduz no círculo do conhecimento e o círculo do conhecimento, no círculo da arte.

ANTROPOLOGIA GENÉTICA EMBRIOGÊNESE DO HOMEM FUTURO

A DESESTABILIZAÇÃO DA MATÉRIA HUMANA

O que é que provoca o salto antropológico? O que é que determina a passagem de um estado de menor consciência, a outro, de maior consciência? O que é que faz variarem as formas dos organismos e dos modos de comportamento? Diversas teorias, genéticas e não genéticas, pretendem explicar a passagem do inferior para o superior, mas a chave da evolução escapa ao domínio da ciência. E a Redenção?

Evolução e Redenção se aproximam em certos momentos críticos do devenir humano como duas poderosas forças que convergem e se acoplam para criar um novo protótipo. E disto se trata, precisamente, nesta mudança de era que vivemos. Nem a seleção das espécies de Darwin, nem a teoria psicogenética de Piaget, nem o materialismo histórico de Marx, nem os “*mass media*” de Mc Luhan podem dar conta do salto antropológico e, no entanto, explicam uma parte dele; explicam-no desde a matéria e desde a energia, mas temos que vê-lo também desde o espírito.

O importante é dar-nos conta de que está se produzindo, em escala planetária, um tremendo processo de “desestabilização” da matéria humana. Poderosas forças sociais, tecnológicas, telúricas e cósmicas intervêm como fatores de desestabilização prévios à mudança qualitativa; é algo assim como um afrouxamento da estabilidade da matéria, que torna possível o enxerto de um novo material genético. Sem esse material ‘gen-ético’ não há evolução. E essa é a chave. Já seja que se trate da revolução social, do ADN recombinante, da radiação atômica ou dos circuitos eletrônicos do meio tecnológico, são todos fatores que preparam a mudança, mas que não a determinam somente por sua influência. Desarticulam a velha matéria e produzem uma nova matéria prima, mais apta para criar uma obra de arte. E disto se trata agora, de uma nova gênese!

As forças da Terra e as forças do Céu entram em uma nova conjunção. Seu acoplamento fez variar o ritmo atômico, a matéria dança em outro ritmo e a vida produz outras configurações. Nossa fisiologia já não é a mesma.

Como se produz a união entre o material genético espiritual – a mensagem da consciência cósmica – e a matéria humana desestabilizada? E onde se produz? Isto faz parte do mistério da Redenção. É uma união secreta que se produz em um recinto sagrado.

Existe uma misteriosa correspondência entre o espírito e a matéria, que temos de aprender a descobrir. Entre a vontade humana e a consciência divina há um caminho estreito que temos de aprender a percorrer, mas já não teológica ou tecnologicamente (as técnicas da Yoga e as plantas sagradas), mas fisiologicamente. Temos que aprender a funcionar de outra maneira, a respirar de outra maneira, a incorporar a nosso sangue e a nossa carne o material gen-ético espiritual e a reduplicá-lo interiormente para transmiti-lo com a mesma pureza com que o temos recebido. Reduplicá-lo? Sim! Acaso não o faz o ADN ?

Para compreender melhor tudo isto, teríamos que poder precisar o que entendemos por ‘material genético’, dentro do marco de uma teoria geral das funções humanas. Trata-se de um ‘pacote de informação’ – mensagem da consciência cósmica – que assegura a continuidade da tradição espiritual da humanidade, dentro do processo de mudança de formas. E de onde vem esse código sagrado? Da Palavra criadora.

Aprendemos a transmitir a herança da Terra e a herança da cultura, mas temos que aprender a transmitir a herança do espírito. A ciência descobriu o código da vida, a linguagem secreta da natureza, escrita nas moléculas de ADN: uma só palavra, separada desse texto de matéria codificada – sob a forma de ADN recombinante – pode trazer benefícios extraordinários à humanidade ou então, danos irreparáveis. Mas a alternativa para o futuro não é a engenharia genética e sim, a gen-ética espiritual.

PRINCÍPIOS DE UMA GENÉTICA ESPIRITUAL A REVELAÇÃO DA ERA CÓSMICA

A matéria humana chegou a um ponto crítico de fadiga biológica e existencial. Para renovar-se, tem que ser fecundada pelo espírito. E isto é precisamente, o que está ocorrendo, um acoplamento misterioso entre o espírito e a matéria que dá origem a novas formas de vida. Sem esta contribuição da substância genética espiritual, não seria possível o salto do homem terrestre ao homem cósmico.

O ser humano já não pode viver na atmosfera das ideias mortas e dos sentimentos mesquinhos nem pode mover-se livremente dentro da trama densa de sua atual fisiologia. Os estímulos habituais da Terra já não são suficientes para uma humanidade que vislumbrou a imensidade do cosmos. Não basta a mudança das formas, é preciso transmutar a substância da vida.

Quais são as necessidades da nascente humanidade cósmica? O desenvolvimento evolutivo é hoje muito veloz: quando grandes massas humanas não chegaram ainda a satisfazer as mais prementes necessidades de subsistência, já há grupos avançados que têm *novas* necessidades. Toynbee não tem razão ao dizer que se está comprometendo a economia do planeta com aventuras espaciais, quando na Terra não estão satisfeitas as mais mínimas necessidades de alimentação e habitação. Ante as perspectivas de futuro, essa colocação não tem sentido. Quando soa a hora de uma nova era, a história não pergunta se todos estão prontos para a partida ou se há muitos que ficam para trás, nem o tempo se detém até que todos se decidam a partir. Quando a hora é chegada, é preciso partir e disso se trata agora. O tempo terrestre terminou e, dentro da própria matéria humana irrompe um tempo cósmico que marca um novo ponto de partida. A humanidade planetária realiza a conquista do espaço exterior, sincronicamente com uma mudança no tempo interior.

O signo chave de nossa era é a irrupção do arquétipo do homem planetário. Quando falamos aqui de arquétipo, referimo-nos a um modelo de origem, a um campo integrado de significado

e de força, e com poder de plasmação morfogenética que não só é portador do passado biológico e cultural da humanidade, senão que traz também consigo a herança espiritual do futuro e contribui com o material genético de funções humanas ainda desconhecidas. Estes arquétipos não só se manifestam nos sonhos, na conduta patológica ou na criação artística (Jung), senão que, em certos momentos chave da antropogênese, entram em ação por via biológica e existencial, trazendo à *vida*, possibilidades longamente acariciadas e aneladas pela humanidade. Quando as velhas formas decaem e se faz necessário dar forma a um novo significado, um sopro do espírito arrasta a matéria aos espaços que ficaram vazios e produz novas configurações da vida.

O que torna possível o salto antropológico que inaugura a era cósmica é a ruptura do círculo da matéria, em conjunção com a revelação do espírito. A fissão do átomo não é somente um fato físico, leva implícito um significado espiritual, prepara a abertura do recinto genético da humanidade (o segundo selo). A ruptura da cadeia do ADN do homem terrestre torna possível a união com a mensagem genética que vem do espírito e deste acoplamento misterioso nasce o homem cósmico.

Não é que este conúbio entre o espírito e a matéria vá se produzir, senão que já se produziu. Desta nova Revelação devemos partir, se quisermos entender as mudanças profundas que ocorreram desde o ano 1945 até esta data e os que ocorrerão de agora em diante. A chave deste acontecimento de ‘origem’ é uma encarnação do espírito na matéria – uma divina encarnação – e deste acoplamento místico surge uma nova proporção entre o divino e o humano. Partindo deste novo ‘princípio’ de embriogênese, poderemos compreender a fisiologia do homem cósmico que nasce. Quando dizemos ‘homem cósmico’ não queremos significar o homem no cosmos, mas o cosmos no homem.

MUDANÇAS NA ESTRUTURA DO ECOSSISTEMA

A ruptura do círculo da matéria terrestre e a incorporação genética de um quantum de consciência cósmica deram origem a um novo meio planetário que antes não existia. Ainda não tomamos consciência deste acontecimento, mas experimentamos suas consequências. Vivemos uma fisiologia diferente, mudou a proporção ecológica; e, não nos demos conta! De um sistema fechado passamos a um sistema aberto, do lago passamos ao oceano. A ‘trama’ ecológica mudou e também a configuração invisível de suas linhas de força. Estamos ‘conectados’ de forma diferente, não somente por novos circuitos tecnológicos, mas por novos condutos fisiológicos: extensões fisiológicas do homem planetário. Não somente os produtos industriais contaminam o meio, mas também os produtos humanos; e não contaminamos só para fora, senão que somos contaminados por dentro. Nossos modos de pensar, de sentir e de ser já não ficam encerrados em uma psicologia subjetiva, mas penetram na corrente circulatória de uma fisiologia ecológica (oceano planetário), transformados em ondas de uma ultrafísica e em substâncias de uma química, ainda desconhecidas.

Gregory Bateson viu com suma clareza esta mudança de parâmetro ecológico. “Existe uma ecologia das ideias nocivas – diz – como existe uma ecologia das ervas daninhas, e uma característica do sistema é que o erro básico se propaga. Ramifica-se pelos tecidos da vida como um parasita que lançou raízes e tudo cai em uma confusão muito particular. Quando você estreita sua epistemologia e atua a partir da premissa de que ‘O que me interessa sou eu ou minha organização ou minha espécie’, você prescinde abruptamente de outros circuitos da estrutura integrada por circuitos. Você decide que deseja eliminar os subprodutos da vida humana e que o lago Erie seria um bom lugar para lançá-los. Esquece que o sistema ecomental chamado lago Erie é uma parte de *seu* próprio ecossistema mais amplo e que, se o lago Erie se

tornar insalubre, essa insalubridade é incorporada ao sistema mais amplo de *seu* pensamento e de sua própria experiência”⁵⁰.

Ao produzir-se a abertura do circuito fisiológico (terceiro selo), a patologia humana ‘tingiu’ as águas do ecossistema. Ainda mais, o que antes estava dentro, agora está fora; o que antes eram enfermidades da alma, agora são doenças sociais. Hoje, enfrentamos uma geração de monstruosidades planetárias (ver o filme *Solaris*); o ‘mal’ se fez visível, em uma escala antes desconhecida. Poderemos controlar os gigantes do Apocalipse?

O gigantesco corpo planetário necessita de uma alma, de uma consciência que lhe dê sentido. E essa consciência já existe. O macrossistema se equilibra por microssistemas, a sociedade se equilibra pelo indivíduo, a força se equilibra pela consciência, o grande pelo pequeno, o infinito pelo infinitesimal: um antiAtlas sustenta o mundo. O cintilar atômico da consciência espiritual que deu nascimento à nova era penetrou nas entranhas da matéria humana e, desde o interior da matéria humanizada, sustenta o mundo.

ANTROPOLOGIA FISIOLÓGICA

A antropologia fisiológica do futuro se antecipa em detectar os padrões básicos de funcionamento do homem planetário, as condições prévias que tornam possível o trânsito de uma fisiologia de funções lineares para uma fisiologia de funções em circuito. Esta antropologia ecológica prefigurativa se constitui sobre a base de funções integradas, reversíveis e analógicas.

⁵⁰ G. Bateson, ob. cit., pg 517

*Teoria de funções integradas**A brecha antropológica entre aqueles que veem e aqueles que interpretam*

Estão surgindo novas funções integradas no homem. Ainda não percebemos totalmente – talvez por sermos protagonistas – o que isto significa. Sabemos que os seres vivos, em sua longa evolução filogenética, experimentaram profundas mudanças em seu organismo, mas hoje assistimos, dentro de nós mesmos, a uma catástrofe biológico-existencial que já não é registrada como lembranças do passado e sim, como germes de futuro. Trata-se de uma mudança sutil na fisiologia humana. Não sabemos que consequências produzirá a longo prazo, na organogênese e na morfogênese, mas no presente, manifesta-se como uma mudança intrínseca, qualitativa, que afeta mais a função que a forma.

Estas novas funções se revelam como campos de força na vida interior dos seres humanos que pertencem ao futuro. Não é possível demonstrá-las com os métodos da fisiologia experimental (aptos para funções estabilizadas na matéria), senão que se mostram por meio da via *testemunhal* que é o método ou caminho que toda a revelação viva tem para manifestar-se. E do que se trata, nesta etapa da antropogênese, é de uma revelação viva, isto é, de uma revelação que está sendo vivida e não interpretada. É precisamente o testemunho – como método de vida e como modo de ser – que abre, hoje em dia, uma tremenda brecha entre aqueles que veem e aqueles que interpretam. Quando um novo sentido se abre, de que valem as interpretações? Mas, por que fazemos da interpretação uma brecha? Porque entre aqueles que predizem a mensagem e aqueles que a vivem, há um abismo intransponível.

Milhares de seres humanos da nova geração estão dando testemunho, com sua vida e com seu sacrifício, daquilo que veem e daquilo que sentem. E se produz a mesma brecha que separou, desde há milênios, os profetas dos doutores, os mártires dos escribas. Mas com uma diferença. Antes, o profeta era um ser excepcional, singular e esporádico, mas hoje, nossos filhos e nossas filhas profetizam. A revelação já não é um relâmpago

cósmico que ilumina por um instante a noite da humanidade e depois desaparece para ficar na lembrança da tradição oral ou escrita, senão que é a mensagem do futuro, inscrita na matéria humana: hoje é função prefigurativa, amanhã será órgão. A consciência cósmica, incorporada ao átomo físico, traduz-se em função orgânica e ilumina, já não desde fora, mas desde dentro: é o homem cósmico que nasce!

Até ontem, só tivemos esporádicos vislumbres de consciência cósmica, mas a fissão do átomo, ao quebrar o círculo da matéria, fez possível que a energia terrestre e a consciência cósmica se unissem a um novo ciclo de vida planetária. Ficou estabelecida uma nova proporção matéria-energia-consciência, quase poderíamos dizer que se formou uma nova molécula viva integrada que é símbolo e protótipo prefigurativo das funções humanas do futuro. A partir deste salto genético planetário, a consciência cósmica fica incorporada à fisiologia da nova geração: é o fim do isolamento cósmico do homem!

Esta revelação da nova era, ao dar-se como germe vivo de futuro *no* homem – a nível planetário – e não como profecia, mensagem ou texto para determinado grupo, igreja ou partido, ingressa na humanidade de hoje como os demais bens universais da vida, como a luz do sol e o oxigênio do ar: são bens intrínsecos que se dão a todos, “para que tenham vida”. O oxigênio é oxigênio para todos, aqui não há nada que interpretar! A revelação interpretada foi origem de divisão e guerra entre os seres humanos, mas a revelação vivida é ponte de reunião e participação.

Circuitos integrados de funções humanas *Egoência do ser*

A mensagem da nova era, incorporada gen-eticamente à humanidade como ‘germe de futuro’ produz um modelo fisiológico diferente e um metabolismo humano diferente. A encarnação da consciência cósmica gera um campo antigravitacional que arrasta para seu centro as partículas de uma

matéria humana desestabilizada e configura com elas, circuitos de funções integradas, reversíveis e analógicas. Identificamos esta nova síntese como egoência do ser.

Egoência é o modelo prototípico das funções humanas do futuro.

Para compreender a egoência é preciso vivê-la. Não é suficiente sua apreensão ontológica, é necessária a vivência fisiológica. Egoência não é só um novo estado de consciência, mas um novo metabolismo humano. E já não é só um metabolismo de arcos reflexos, mas de funções integradas. Dentro do circuito de ego-ência, em que cada linha de trajetória da partícula individual passa pelo infinito, todos os movimentos humanos percorrem o universo e voltam sobre o homem: não há separação entre conhecimento, moral e destino, o espírito vai para a matéria e a matéria para o espírito.

Formulada assim a egoência, poderíamos cair no erro epistemológico de reduzi-la a uma fenomenologia do espírito ou a um monismo da matéria, mas não se trata de nenhuma das duas coisas. A egoência é uma função que nos escapa quando queremos entendê-la e que se revela a nós quando ousamos vivê-la. E emerge para a vida como espaço, ritmo, significado e configuração.

Um novo espaço para o homem

É preciso recuperar o espaço que é próprio do ser humano, um espaço que perdemos. Produzida a conquista do espaço exterior, temos que voltar ao lar. Não se trata de um espaço interior subjetivo, mas do espaço do ser. E o espaço do ser é o espaço do encontro. Por *meio* deste espaço, o homem penetra na intimidade do cosmos vivo, isto é, naquela trama sutil do universo onde o espaço se une com a consciência. Se não for assim, o homem terrestre se perderá no cosmos recém aberto ou não encontrará nada. Ou melhor, não encontrará ninguém; no máximo, as pedras da Lua ou os ‘canais’ de Marte, quer dizer, não encontrará *seres*

do espaço, mas coisas (as mesmas coisas que há na Terra ou outras coisas diferentes, mas coisas afinal e não seres!).

A egoência do ser atualiza a dimensão *vertical* do espaço humano. Poder-se-á argumentar, dizendo que o homem, pelo só fato de ser homem, já tem adquirida essa dimensão vertical; sim, ele a tem como organização de seu espaço físico e esquema corporal, mas não como estado de consciência porque, apesar de estar erguido como corpo, costuma arrastar-se como pessoa; em outras palavras, nem sempre tem consciência de sua dimensão vertical.

A oscilação da consciência no espaço interior do ser estabelece uma nova relação com a natureza, não somente com a natureza que está no mundo do ego, mas com a natureza que está abaixo (submundos biológicos e psíquicos) e com a natureza que está acima (supramundos cósmicos). Em outras palavras, cria-se uma nova relação com a vida cósmica.

Para poder penetrar no cosmos – não só com o conhecimento e a técnica, mas também com a consciência (o que não é a mesma coisa) – o homem deverá penetrar ainda mais profundamente em seu interior, até tomar contato – por similitude – com o meio universal que está dentro de sua cápsula de tempo.

Revelação do significado da vida humana

O espaço interior está vazio das coisas do mundo, mas não é um espaço vazio e sim, o espaço da revelação do ser. Ainda mais, é um espaço sagrado onde a consciência espiritual se une à vida. Ego-ência é símbolo desta aliança que, como significante, manifesta o chamado interior a ‘humanizar a vida’.

Quando a mensagem da consciência se instala na intimidade dos tecidos humanos, provoca uma ‘revolução’ interior, isto é, uma rotação dos eixos nos quais se ordenam as hierarquias éticas e fisiológicas.

Quando o chamado a ‘humanizar a vida’ ocupa o centro do sistema, desaloja dali os modos ‘não humanos’ de existência, os quais, tingidos de subhumanidade, são deslocados para trás

(passado) e para baixo (inconsciente coletivo). Em outras palavras, a revelação espiritual é revolucionária por natureza porque, ao introduzir uma nova mensagem na vida humana, constitui-se, ao mesmo tempo, como ameaça às velhas formas e aos antigos valores. A revelação é uma luz – meio puro – que torna visível a sombra existencial do ser humano. Para a velha estrutura é uma ameaça já não simplesmente de não ser ‘nada’ (que, até certo ponto, dos males o menor), mas de ‘não ser homem’. Para uma consciência ontológica, a ameaça existencial se traduz em um perigo frente ao nada (não ser ‘nada’), mas para uma consciência analógica (que é a do ser do homem à presença de Deus) o perigo existencial é também essencial, ou seja, uma ameaça àquilo que é essencialmente humano (e aqui o perigo é ‘deixar de ser homem’).

Para responder a este chamado a ‘humanizar a vida’, já não é suficiente a revolução social ou a revolução cultural, senão que se requer a transformação da ‘matéria humana’, isto é, uma revolução espiritual, ética e fisiológica. Para o homem chamado a *ser*, toda tentativa de voltar para trás ou para baixo desencadeia dentro de si mesmo uma tempestade moral e biológica (enfermidade de evolução) porque a homeostase do sistema mudou e porque a seta do significado marca para frente e para cima.

Quando a consciência espiritual desperta, essa consciência pende como espada de Dâmocles sobre a cabeça do antropos. E, note-se bem, localizamos essa espada em cima e não ao lado. Não se trata do espectro da morte biológica que está sempre ‘ao lado’ do homem (sobre seu lado temporal e histórico) e sim, de uma Presença que está ‘acima’ e que lhe aponta constantemente o que deve ser. A angústia do *homo psychologicus* é uma ameaça que pressiona sobre a dimensão horizontal do tempo (angústia biológica e psíquica), enquanto que a angústia especificamente humana se localiza sobre a dimensão vertical do significado da vida (angústia ética e espiritual). A angústia psicológica implica um temor primitivo de voltar ao caos dos elementos, ao mundo das sombras (definitivamente, um temor às forças da natureza),

enquanto que a angústia específica do homem é, em última instância, um temor a Deus. O ser do homem só pode temer à presença de Deus. Não há nada no mundo, na natureza ou na história que possa ameaçar o ser humano, mas Deus sim!

Que consequências tem para a própria fisiologia esta ativação de germes de futuro no homem? O surgir de uma nova função de síntese provoca o afundamento nas profundidades do inconsciente, de velhas funções outrora na cúspide do antropos e que, a partir de agora, ficam reduzidas a servomecanismos. Estas catástrofes biológicas foram detectadas pela investigação científica como ‘lembranças antropológicas’, etapas de um passado evolutivo cristalizado em restos fósseis ou ‘lembranças’ filogenéticas ou ontogenéticas (restos embrionários), mas hoje, essas mudanças fisiológicas fazem parte do pathos existencial dos homens que abrem o caminho do futuro.

A irrupção da mensagem do futuro na consciência quebra os muros protetores da antiga morada e deixa o ser humano à intempérie. Quando a nova geração questiona o sistema, nem sempre se dá conta de que *todo* o sistema entrou em crise, não somente o sistema social e as escalas de valores, mas também a estrutura psicofisiológica do homem. É importante levar em conta este último fator porque quase todas as tentativas que estão sendo realizadas para construir uma nova sociedade – ainda os modelos socioecológicos – não são mais que ‘refúgios precários’ para precaver-se da inclemência do tempo, mas estão longe de constituir a morada que o homem do futuro reclama. A mudança que está se produzindo é muito mais profunda que tudo isso e comove as bases da própria fisiologia. O homem ‘expulso’ de sua velha forma começa a reconstruir sua identidade, já não mediante um novo sistema de normas, mas sobre a base de uma nova estrutura de funções: fisiologia do futuro.

Esta ruptura de níveis de função que estamos examinando, e que se produz tanto no ético quanto no fisiológico, é o signo ‘revolucionário’ da nova era. O emergente de revelação da consciência cósmica é *essencialmente* revolucionário; não é que a ‘revolução’ o enquadre como acidente ou possibilidade, senão que

integra sua própria estrutura dinâmica. Por outro lado, toda revelação, se *for* verdadeiramente revelação, é revolucionária. E, precisamente, a irrupção desta ‘revelação-revolucionária’ é o fenômeno especificamente humano de nosso tempo.

O despertar de uma nova consciência – ainda que se produza fugazmente nas almas da nova geração e que sua mensagem nem sempre seja bem interpretada – é o que leva muitos jovens a *não querer viver* nas condições subumanas que o velho sistema impõe. Por trás da rebeldia política e da revolução social, há um rechaço dos modos ‘não humanos’ de viver. A ruptura generacional de hoje não é somente uma brecha produzida pelo caminho horizontal do tempo (questão de progresso ou de distância histórica), mas uma posição diferente na escala vertical dos valores e significados da vida. De alguma maneira, variou a relação ecológica entre a vida e a morte. Vida e morte entendidas dentro da linha horizontal da existência aparecem como um começo e um fim, mas vida e morte, compreendidas dentro do parâmetro vertical dos significados, implicam elevação ou queda, humanização ou desumanização.

Em resumo, a egoência não é somente um emergente ontológico, mas também ético e fisiológico. É um germe vivo de futuro no homem que se manifesta como vontade de significado em um novo campo de forças; é o ‘princípio’ de uma nova forma, convoca a matéria a criar um novo organismo; a matéria que se ‘nega’ a integrar a nova estrutura constitui o germe do *mal*. Fica assim conformado, desde a origem, o jogo de forças da ética do homem futuro que já não é somente uma ética formal, mas uma ética fisiológica.

O ritmo do futuro e a dança das formas

A matéria humana desestabilizada vibra hoje em um novo ritmo. Ao explodir o marco do átomo físico, já não temos um corpo com forma fixa, mas um corpo que se plasma ao ritmo da consciência cósmica e ao impulso das configurações do meio planetário. Até ontem, víamos esta ‘dança de formas’ só nos

sonhos e nas obras de arte, porém, a partir de agora, a própria vida do ser humano é uma obra de arte ou, em outras palavras, a arte se incorpora à vida. A nova proporção espírito-matéria que inaugura a nova era (cânon analógico) se traduz em uma nova proporção antropológica (cânon artístico). Egoência não é só um novo espaço e um novo significado, mas um novo ‘acorde’, um novo ritmo e esse ritmo tem seu próprio poder de plasmação. O que os artistas da arte generativa descobriram – o poder de configuração do movimento – o homem futuro começa a descobrir em sua própria vida: a dança das formas, ao compasso do ritmo do significado.

Configurações prototípicas

A fisiologia do homem planetário não pode ser explicada por conceitos, mas esboçada por símbolos. A lógica das funções não basta, é preciso sintonizar com as configurações da vida.

Dentro do marco de uma antropologia de síntese distinguimos quatro funções básicas ou arquétipos protofuncionais em movimento que se constituem como condições prévias das estruturas fisiológicas especificamente humanas. São protofuncionais porque existem desde a origem, mas se pro-jetam como torvelinhos de força que arrastam a matéria para configurações orgânicas de futuro. A ativação harmônica destes protomodelos põe em funcionamento a roda da vida do homem planetário. Este complexo metabolismo arquetípico, integrado por circuitos de ‘interrelação’ entre matéria-energia-consciência e por saltos quânticos de ‘tradução’ entre princípio e forma, faz que não possamos referir-nos a ele em termos conceituais e sim, simbólicos. Em uma primeira aproximação de síntese, podemos dizer que, dos quatro elementos básicos que constituem a molécula da matéria orgânica, passamos às quatro funções, também básicas, que constituem os pilares da vida especificamente humana.

1º O protomodelo de UNIÃO

É o que revela o significado fundamental da existência humana. Deste primeiro signo, surge a mística.

2º O protomodelo da LEI

Aponta a direção correta da ação. Desperta o sentido da ética e do direito.

3º O protomodelo da FORÇA

É o princípio energético e o fundamento dinâmico da economia humana.

4º O protomodelo da FORMA

É o princípio do projeto. Esboça os órgãos do corpo, a forma das instituições sociais e os instrumentos da cultura. É o fundamento generativo da arte, da ciência e da técnica.

Resumo de conceitos sobre

TEORIA DE FUNÇÕES INTEGRADAS

Estão surgindo novas funções integradas no homem, que produzem como resultado um modelo fisiológico diferente e um metabolismo humano diferente. Distinguimos quatro funções básicas ou arquétipos protofuncionais. O protomodelo de UNIÃO revela o significado. O protomodelo da LEI aponta a direção correta da ação. O protomodelo da FORÇA é o princípio energético. O protomodelo da FORMA é o princípio do projeto.

Teoria de funções reversíveis
Introdução ao conceito de reversibilidade

A antropologia do futuro se baseia na *vida* do ser humano. Repetimos. Mas a vida humana não se determina por um valor fixo que possa ser eixo de uma filosofia do ser ou do não ser (materialismo ou espiritualismo antigos), senão que se integra por valores e funções que oscilam em forma reversível entre o espírito e a matéria (filosofia do ser-e-do não ser).

De uma ou de outra maneira e com aproximações maiores ou menores, todas as filosofias de nosso tempo – e também a ciência – aceitam que a evolução da vida tenha como premissa uma dinâmica de transformação permanente e de transmutação de elementos dentro de um processo de mudança contínua e de tempo reversível (antientropia ou avanço da vida em direção a estados cada vez mais improváveis). Mas, uma coisa é o conceito de reversibilidade – uma teoria adequada para compreender certos fenômenos do universo – e outra coisa é a experiência de reversibilidade e o manejo do tempo reversível, como técnica de transformação da vida humana. É precisamente esta ação reversível a que temos que resgatar como práxis antropológica.

Em outros termos, reversibilidade é *linguagem humana*. É a nova linguagem de síntese que temos que adquirir para funcionar plenamente como seres humanos. Mas, o que é linguagem humana? A voz? O gesto? Os signos convencionais da linguagem tecnológica? É algo mais que tudo isso. Linguagem humana é ‘tradução’ de espírito em matéria e de matéria em espírito.

A reversibilidade dos valores, incorporando-se ao homem futuro mais como função que como conceito, abre uma visão completamente nova do mundo e da vida; permite ver o ‘reverso’ das coisas, a ‘outra direção’ da seta do tempo, a dimensão oculta das leis do universo e as relações invisíveis entre o espírito e a matéria. A teoria dos valores reversíveis estende uma ponte entre campos de atividade humana, aparentemente contraditórios e desconectados entre si. Em uma dimensão de tempo reversível os caminhos divergentes acabam por encontrar-se. A degradação da

energia (entropia em aumento) se equilibra com um ascenso do espírito. O universo físico em expansão encontra seu caminho de volta em um universo humano em implosão. Uma perda de bens materiais se compensa com um ganho em valores morais (sempre na hipótese de uma dinâmica reversível).

Dentro do desenvolvimento do pensamento científico moderno, a ideia de valores reversíveis muda por completo as bases sobre as quais se fundaram as ciências humanas e sociais, muda seu fundamento ontológico e seu significado prático. Sobre uma premissa de valores fixos, a psicologia continua sendo psicologia e a química continua sendo química; mas as investigações sobre o cérebro nos mostram as relações que existem entre o psiquismo e certas substâncias do metabolismo cerebral, de modo que é possível ‘traduzir’ uma química em uma psicologia e uma psicologia em uma química. E, acaso os valores morais não se traduzem em traços corporais? Por reversibilidade, a ética se traduz em fisiologia e a fisiologia em ética.

Em resumo, a função de reversibilidade nos permite descobrir o ‘movimento’ dos valores. Observamos o fluir e a transformação dos valores: valores que se traduzem em substâncias e substâncias que queimam para produzir valores. Já veremos mais adiante que esta concepção não implica nem um monismo materialista nem um relativismo ético; a teoria dos valores reversíveis vai além destes pressupostos filosóficos e se integra em uma teoria dos valores analógicos. O que queremos deixar claro é que a teoria dos valores reversíveis põe a descoberto uma das leis fundamentais para constituir a ciência das transformações da vida humana.

Como introdução a uma teoria geral da reversibilidade, assinalamos três aspectos fundamentais:

- A reversibilidade do tempo:

desde o tempo físico até o tempo humano; o tempo do relógio unido ao tempo da vida.

- A reversibilidade dos valores:

os valores são resgatados de suas categorias hieráticas para sua dinâmica viva; incorpora-se a noção de ‘movimento’ dos valores.

- A reversibilidade das substâncias:

transcende o dualismo irreversível entre espírito e matéria, dentro do próprio organismo humano.

Reversibilidade do tempo

Para uma fisiologia do futuro, é fundamental descobrir o ritmo da vida humana, o tempo que é próprio do ser humano.

A introdução no mundo da cultura, do tempo mecânico marcado pelo relógio fragmentou o tempo original – o tempo ligado à vida – em fragmentos de espaço. Essa fragmentação do tempo faz parte do processo de desenvolvimento da sociedade tecnológica e com isso, o tempo humano ficou sob o controle da tecnoestrutura do sistema. O interrogante proposto ao homem de hoje é: como recuperar o tempo original.

Para liberar-se da tirania do tempo, estão sendo ensaiados no mundo moderno, diferentes métodos: refúgio ideal em um tempo mítico para ‘deter’ o tempo; aceleração da atividade para ‘ganhar’

do tempo; ou experiências de autoliberação para ir ‘além’ do tempo. Porém, a chave para o futuro não está aí. O importante é aprender a controlar o tempo desde dentro, desde o ser e, para isso, é necessário escutar o pulso intrínseco da vida.

O organismo social impõe ao homem de hoje um ritmo de vida que oculta o ritmo intrínseco do ser. Obriga-o a caminhar no ritmo determinado pelas leis sociais e econômicas; o tempo social substituiu o tempo cósmico inscrito na matéria biológica (relógio atômico do homem individual). Como restabelecer o tempo cósmico nesta era de tempo elétrico? Isto requer uma mística associada a uma nova tecnologia, talvez uma “logotecnologia” – nos termos de Matchett – baseada no manejo da reversibilidade do tempo.

Assistimos a uma mudança na percepção do tempo que se dá juntamente com a abertura de um novo espaço humano e o desdobramento de uma nova dimensão da consciência. Esta mudança operada na geometria do “espaço-tempo-consciência” gera uma nova visão do mundo que obriga a revisar as ideias que havíamos formado acerca do crescimento e do desenvolvimento da vida humana. Muitas destas ideias se conformaram sobre um modo particular de perceber o tempo, um tempo linear, dividido em frações de espaço. E percebíamos o crescimento como um movimento orgânico irreversível que ia do passado para o futuro. Os modelos evolutivos fundados na psicologia do desenvolvimento (Gesell) ou na psicologia genética (Piaget) – assim como os modelos de expansão do universo no campo da cosmologia – são construções do pensamento realizadas sobre uma hipótese implícita de tempo irreversível. Apesar das valiosas contribuições que estes trabalhos oferecem para os fins práticos, a imagem do desenvolvimento humano que apresentam é parcial, fragmentadora da realidade e ocultadora do ser total.

A nova era se inicia com uma mudança na percepção do tempo; passamos de um tempo unidirecional a um tempo reversível, do tempo mecânico ao tempo da vida. E o tempo da vida é um tempo oscilante e reversível, que se expande de si e se contrai em si. A participação no tempo reversível mantém a

harmonia entre a vida exterior e a vida interior do ser humano e assegura a transitividade entre o crescimento (valores quantitativos) e o desenvolvimento (valores qualitativos).

Estas considerações teóricas sobre o tempo reversível adquirem extraordinária importância prática para o homem moderno que, de repente e sem aviso prévio, tem que enfrentar-se com uma mudança radical do sinal do tempo. Mudou a direção da seta do tempo e avançamos com vento de futuro de frente. Quais são as consequências biológicas, psicológicas, sociais e espirituais deste fato? Quer dizer, o que acontece quando o ser caminha com um tempo de futuro que lhe golpeia constantemente a face? Há uma ameaça permanente de ficar velho! E isto, em qualquer idade. O envelhecimento já não é somente uma alternativa biológica, mas uma alternativa existencial. Ficar velho já não é acumular tempo e sim, ficar fora do tempo. Este tipo de envelhecimento é difícil de reconhecer porque todos supomos, a priori, que nos ‘conservamos’ jovens; mas, conservar-se jovem não é o mesmo que *ser* jovem. Eis aqui, a brecha generacional!

O resgate da reversibilidade do tempo como função humana de futuro substituirá com vantagem todos os ensaios de rejuvenescimento que a humanidade realiza hoje. Para vencer a degradação da energia, é preciso reverter o tempo.

Hoje em dia, com vento de futuro de frente, a probabilidade de ficar fora do tempo é muito maior que antes. Como já dissemos em outra oportunidade, “muita gente morre hoje, antes do tempo”. Isto parece estranho; no entanto, é assim. Um bom dia, alguém que conhecemos, que amamos, em quem brilhou a luz do espírito torna-se *opaco*, apagam-se as luzes do templo humano e fica só a decoração; que trágico é tudo isto! Fica somente uma lembrança do que foi, fica uma imagem, um aparelho cibernético...

Para que o ser humano possa funcionar com tempo reversível, é necessária a sincronia do tempo individual com o tempo social e o tempo cósmico. A sociedade futura deverá incorporar a sua própria fisiologia, este novo marco de tempo e, para isso, impõe-se uma mudança no modo de vida, nas horas de trabalho e descanso, e no ritmo de produção e consumo; a cidade nova, como

a polis antiga, deverá recuperar a harmonia entre o tempo do homem e o tempo do universo. Mas este ajuste do relógio humano não pode ser deixado nas mãos dos técnicos nem dos políticos, faz falta para isso a guia da ciência e da sabedoria. Existem alguns parâmetros que possam servir de orientação para esta nova ciência do tempo humano? Como sincronizar os três relógios?

A moderna cosmobiologia nos mostra as correlações entre os ritmos do organismo humano e os movimentos da energia cósmica. Por sua vez, a sociologia de vanguarda está fazendo um sério questionamento a um ritmo de produção e consumo que, devido a uma suposta economia de abundância, está levando a uma progressiva alienação do homem. Mas, é possível mudar o ritmo da máquina social? Novas leis sociais mais justas e mais humanas podem mudar as regras do jogo, mas há um aspecto mais íntimo, inerente à reversibilidade do tempo que só o indivíduo pode manejar e que é a transformação de uma quantidade de tempo em intensidade e qualidade de experiência. Em outras palavras, as leis sociais do futuro terão que assegurar o marco exterior de ritmo social que faça possível viver as ‘horas do homem’, mas o indivíduo terá que penetrar na mística do tempo que é transformar a ‘duração’ do tempo em ‘intensidade’ de experiência e ‘qualidade’ de vida.

Reversibilidade dos valores

Assim como a reversibilidade do tempo é o fundamento ultradinâmico da fisiologia do homem futuro, a reversibilidade dos valores é sua lei complementar na ordem ética. E dizemos complementar porque, para ingressar na reversibilidade do tempo, é indispensável assumir a reversibilidade dos valores: a ética traduzindo-se em fisiologia e a fisiologia em ética. Mas, o que se entende por reversibilidade dos valores? É a lei do ‘movimento’ dos valores. Têm movimento os valores? Para uma axiologia metafísica, não; para uma axiologia da vida, sim.

Há um movimento de expansão da vida, de florescimento na diversidade dos valores e um movimento de desdobramento da

vida sobre si mesma, em busca de um valor único que a transcenda. As filosofias dos valores oscilaram entre estes dois polos, sem acertar em descobrir a lei de reversibilidade dos valores da vida. E assim, surgiram as filosofias éticas de afirmação do mundo e da vida, e as filosofias não éticas de negação. O desafio para o homem futuro é sair desta armadilha ética. A saída se produz por meio de uma nova dimensão da consciência que faz possível a oscilação de si mesmo entre a vontade de poder e a vontade de significado, entre a afirmação ética da vida e sua transcendência mística. A liberdade do ser outorga mobilidade aos valores, liberdade para afirmar-se no mundo e na vida e liberdade para negar-se a si mesmo na oferenda e no sacrifício. Não em um sacrifício qualquer, mas no único sacrifício que dá sentido a todos os valores, a oferenda de transcendência, o renunciamento espiritual.

Para uma filosofia positiva da vida, o renunciamento é um absurdo, mas para uma filosofia espiritual de valores reversíveis, é a chave: “Pois aquele que quiser salvar sua vida, perdê-la-á; e aquele que perder sua vida por mim, encontrá-la-á” (Mt., 16,25).

Ao assinalar o fundamento místico da reversibilidade dos valores, poder-se-ia acreditar que essa reversibilidade seja uma função excepcional que só tem vigência nos altos cumes do espírito. No entanto, não é assim; o renunciamento se incorpora hoje à vida do homem futuro como condição indispensável de sobrevivência em um mundo de mudança acelerada.

Reversibilidade das substâncias

É o fundamento da ultraquímica orgânica do futuro. É a participação consciente na alquimia do organismo humano. É a tradução dos valores em substâncias: nem todos os seres humanos têm os mesmos valores nem os mesmos odores. O homem começa a participar – dentro de seu próprio corpo – da evolução do universo – não só enquanto substância pensante, mas também como matéria humana que arde em um fogo cósmico.

*Resumo de conceitos sobre***TEORIA DE FUNÇÕES REVERSÍVEIS**

Reversibilidade é linguagem humana, ‘tradução’ de espírito em matéria e de matéria em espírito.

A reversibilidade dos valores permite ver o ‘reverso’ das coisas, a ‘outra direção’ da seta do tempo.

Reversibilidade do tempo. O homem futuro está transformando – por dentro – a ‘duração’ do tempo em ‘intensidade’ de experiência e ‘qualidade’ de vida.

Reversibilidade dos valores. É a lei do ‘movimento’ dos valores. A vida se expande em diversidade de valores e se desdobra sobre si mesma, em busca de um valor único de transcendência espiritual.

Reversibilidade de substâncias. É a transmutação consciente dos elementos do organismo humano.

*Teoria de funções analógicas**A proporção analógica*

O que é analogia? É a relação de semelhança entre coisas diferentes. Para uma antropologia de síntese é a relação especificamente humana, relação de equilíbrio e ressonância entre o espírito e a matéria, entre o divino e o humano.

Existe alguma relação de semelhança entre o espírito e a matéria? Ou o homem é essencialmente uma relação desta natureza? Filosófica e teologicamente, especulou-se muito acerca deste tema, mas a antropologia do futuro o tira do campo especulativo para levá-lo ao terreno experimental da vida humana. O homem da nova era interioriza em seu organismo o interrogante metafísico, transformando-o em função analógica.

A mente racional estende uma ponte lógica entre o espírito e a matéria (compreensão ontológica); mas, ao mesmo tempo, cria contínuas contradições entre o ser e o devenir, entre a liberdade e o destino. Todo o desenvolvimento do pensamento humano na filosofia, na ciência e na técnica, realizou-se sobre a base de uma

luta permanente entre os opostos, mas neste ir e vir de um extremo a outro da contradição, perde-se de vista o sentido da existência. Esta limitação do homem racional é superada, em virtude de uma mudança de estrutura. A relação lógica entre espírito e matéria fica substituída organicamente por uma proporção analógica.

A proporção analógica não é sinal de um novo sistema filosófico, mas símbolo de uma nova função antropológica. E o surgir desta função tem profundas consequências, não somente na teoria do conhecimento, mas na prática da ação. É algo mais que uma expansão de consciência e uma extensão dos sentidos, é uma nova proporção da vida.

Esta nova ‘medida’ para o homem (cânon antropológico de futuro), não só é resultado da evolução, mas filha da revelação. Isto é o difícil de compreender, a incidência da revelação na história; e não de uma revelação feita dogma, mas de uma revelação feita vida.

Etapas do desenvolvimento antropológico
Ideias do homem e concepções do mundo
Síntese analógica

As ideias que hoje temos acerca do homem e do mundo procedem de duas grandes fontes: as tradições religiosas do passado e as modernas teorias científicas. Estas duas correntes do pensamento, que até agora se mantinham em campos separados, tendem a produzir uma síntese analógica. A convergência entre o pensamento profético e o pensamento científico é um dos signos do futuro. Os sábios e os santos começam a entender-se.

Esta síntese analógica só se torna possível graças a um salto antropológico imposto pela nova era que vivemos. Tratemos de explicar-nos. Jean Gebser⁵¹ interpreta o desenvolvimento da cultura como o resultado de sucessivas mutações da estrutura da consciência. Distingue uma etapa *prelógica*, antes dos gregos e até o Renascimento; uma etapa *lógica* que parte do Renascimento e

⁵¹ Jean Gebser, *The Foundations of the Aperspective World*, “Main Currents”, vol. 29, nº 2, nov.-dez. 1972

dá origem a todo o movimento da ciência moderna; e uma terceira etapa que se dá em nosso tempo, com uma nova mutação de consciência e que abre um novo modo de pensar, a qual qualifica genericamente como “aperspectiva”. Em nossa terminologia, é uma nova função *analógica*.

A concepção prelógica tende a incluir o homem na natureza ou no cosmos. A consciência individual se dissolve na consciência cósmica ou se identifica com a natureza (panteísmo naturalista ou monismo espiritualista: tudo é Deus).

A concepção lógica surge com o despertar da razão. É a visão dos gregos, descobre os opostos, o espírito e a matéria, a natureza e a história, conhecimento das partes e ocultamento do todo, dialética da contradição. Como doutrinas, surgem os dualismos irreduzíveis, o ateísmo e o materialismo dialético.

A concepção analógica descobre relações de semelhança e harmonia entre o espírito e a matéria, entre o ser e o mundo, entre o homem e Deus. O homem não é igual a Deus nem oposto a Deus, mas *semelhante* a Deus. Os homens não são iguais entre si e sim, semelhantes. O ser humano está determinado desde a origem a um fim transcendente, mas é livre para percorrer o caminho. A consciência é essencialmente simples, mas a vida é complexa e contraditória; e, entre o simples e o complexo, o um e o múltiplo, existem relações de analogia.

Em cada uma destas estruturas antropológicas, esboça-se um *ego* diferente. Na etapa prelógica, o ego não se diferencia do mundo (participação mística); na etapa lógica, o ego se recorta do mundo circundante e se determina como sujeito frente ao objeto; e na etapa analógica, o ego já não se identifica nem se separa do mundo, senão que se reconhece a si mesmo, por reflexo de similitude, na imensidade da consciência cósmica (egoência do ser, ego-ens).

O marco de referência evolutivo que estamos utilizando – a transitividade das estruturas antropológicas – arroja uma nova luz para compreender o desenvolvimento do conhecimento humano. A estrutura prelógica tornou possível um tipo de sabedoria infusa (o budismo no campo espiritual e os pressocráticos no campo

filosófico). A estrutura lógica deu nascimento à ciência, à técnica e aos sistemas filosóficos. E a estrutura analógica está configurando um novo tipo de ciência, fundada em relações analógicas: uma genética-ética, uma lógica-psicológica, uma economia-espiritual, uma sociologia-mística.

É importante destacar que o salto da estrutura lógica para a estrutura analógica não só produz uma mudança no pensar, senão que introduz uma dinâmica completamente nova no campo da ação humana. Há uma mudança no jogo de forças, na relação entre o pensar e o sentir, entre a consciência e a vontade. No fundo, existe uma mudança de lei e, portanto, uma mudança de atitude do ser frente ao mundo e à vida. É o salto de uma lei de contradição à lei de similitude.

Fica uma pergunta. Toda esta colocação acerca da relação transcendente entre o espírito e a matéria, entre o humano e o divino, não é nada de novo. A Bíblia diz, pela voz de Deus: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança”. E Santo Tomás e a escolástica cristã assinalaram repetidamente a relação analógica entre o humano e o divino. O que dizer dos poetas românticos que cantaram mais de uma vez o hino de harmonia entre o homem e o universo? Tudo isto é verdade, mas também é certo que, quando o homem quer levar a intuição analógica à vida prática, naufraga uma e outra vez no mar das contradições. Entre a visão original e o modelo formal, há um abismo que só pode ser cruzado pela fé religiosa ou pelo ritmo artístico, mas falta a *ponte biológica* que faça possível incorporar o poema divino à vida humana. E esta nova função antropológica é a que entra em jogo na fisiologia do homem planetário do futuro. Síntese analógica é um novo metabolismo humano que, harmonizando a matéria do pensar e do sentir com a vontade de significado, dentro de um campo de consciência, cria uma obra de arte.

Compreensão por analogia
A primazia do vínculo

As teorias clássicas do conhecimento, fundadas em uma concepção dualista de sujeito e objeto, foram superadas por uma teoria da *relação*. À primazia do sujeito no idealismo e do objeto no empirismo, contrapõe-se uma terceira posição do pensamento, na qual o primário é a relação entre o mundo das formas e o mundo dos significados. Esta mudança no modo de perceber a realidade inaugura a era das comunicações. Talvez não nos tenhamos dado conta ainda do que isto significa.

A teoria da comunicação ainda está em pleno desenvolvimento e as aplicações práticas que dela derivam na ordem tecnológica podem nos fazer perder de vista ulteriores avanços na ordem do ser. Estamos descobrindo relações entre coisas diferentes, mas nos adiantamos já em direção à compreensão de mundos diferentes.

As pautas de relação do homem com o universo mudaram; mudou o modo de comunicação com as coisas, com o mundo e com a vida. Em pouco tempo, passamos de um pensamento especulativo a um dialético e a outro analógico. Esta mudança no padrão das relações intrínsecas do conhecimento trouxe, ao mesmo tempo, uma mudança no modo das operações práticas. Deixamos de interpretar o mundo (pela filosofia) e o estamos transformando (pela técnica), mas ainda nos falta *viver* humanamente o mundo que transformamos.

Há uma correlação estreita entre as mudanças biológicas que estão se produzindo no organismo humano e as mudanças na percepção do mundo. O espectro de relações se ampliou para zonas ultrassensíveis, antes desconhecidas. Estamos penetrando em mundos diferentes.

O pensamento lógico (Aristóteles, Santo Tomás, Descartes, Hegel) produziu o afundamento do mundo antigo (mágico e mítico) e deu nascimento à ciência e à técnica modernas. Mas, por sua vez, a cibernética produziu o afundamento (a automação) do pensamento lógico e deu passagem ao pensamento analógico. O computador tornou possível a conquista do espaço cósmico; mas,

ao mesmo tempo, preparou o caminho para o surgimento da consciência cósmica. A automação da complexa rede de operações lógicas deixa a descoberto uma sensibilidade mais virgem e, portanto, mais apta para sintonizar com o universo vivo; ou melhor, com a rede de vínculos que constitui sua trama invisível. A percepção do vínculo entre os seres e as coisas não é só função do intelecto, mas forma unitiva do amor; quando se ama, compreende-se. Quando o coração descobre o vínculo secreto que aproxima os mundos separados, o intelecto compreende a semelhança das formas diferentes: compreensão por analogia.

O ritmo analógico

A consciência unida à vida

Egoência é consciência expansiva e vontade participante, vinculadas estruturalmente entre si por um ritmo analógico.

A humanidade conheceu grandes movimentos de expansão da consciência (o iluminismo místico antigo) e também conheceu – e conhece – grandes movimentos de afirmação da vontade (a ciência e a técnica modernas), mas o homem futuro descobre o *ritmo* entre a consciência e a vontade, entre o significado e a forma, entre o espírito e a matéria.

As tentativas realizadas até agora pela filosofia, pela teologia e pela ciência, para resolver a unidade dos contrários, não resolveu o problema e, no máximo, conseguiu somente aproximações a uma síntese que escapa continuamente das mãos. O homem futuro assume a colossal tarefa de levar o processo de integração de funções a um nível mais elevado de consciência e essa etapa já está sendo realizada por ele; porém, não por meio de uma nova forma de pensamento, mas por um novo ritmo de vida. Quando dizemos *ritmo de vida*, não estamos falando de algo abstrato, ideal ou matemático e sim, de um ritmo vivo (invisível e visível, ao mesmo tempo) que configura a matéria e o espírito em estruturas orgânicas analógicas (moléculas de ressonância).

O novo homem não se define como ideal metafísico ou social, mas como união substancial entre o espírito e a matéria. E esta síntese de elementos não se realiza somente por uma mística e uma ética, mas também por uma fisiologia e uma química. Nesta nova química (ultraquímica quântica) aparece um tipo de molécula orgânica não conhecida na química comum; a química que conhecemos pôde descobrir moléculas dissimétricas (direitas ou esquerdas), mas o tipo de moléculas que estamos divisando tem, além disso, uma dissimetria analógica superior-inferior (acoplamento de ressonância entre a consciência espiritual e a matéria física). Este tipo de acoplamento por analogia é sumamente instável e os novos corpos que surgem dessa síntese se desintegram facilmente, têm curta vida, por ruptura do vínculo que mantém sua coesão interna.

Para que a consciência espiritual permaneça *unida* à vida orgânica não é suficiente o ideal, faz falta o fogo sagrado. O metabolismo químico analógico se sustenta por uma mística do coração. Os valores espirituais se incorporam substancialmente ao organismo, em virtude do ritmo energético do amor e a matéria humana se queima e se redime na chispa do espírito.

Resumo de conceitos sobre

TEORIA DE FUNÇÕES ANALÓGICAS

A consciência cósmica se incorpora ao organismo humano sob a forma de ritmo analógico.

O salto de uma estrutura lógica a outra analógica implica mudanças profundas no pensamento, no sentimento e na ação. Da lei de contradição, passamos à lei de similitude.

A irrupção do ritmo cósmico na vida humana provocou uma mudança nas relações estruturais entre espírito e matéria: uma nova fisiologia e uma nova química (molécula analógica de ressonância).

Quando o ritmo analógico do que é vivo se impõe como um sentir prévio às categorizações do pensar, é possível a

compreensão por analogia. Quando se ama, compreende-se. Não é somente uma mudança na ordem dos conceitos, mas na natureza dos circuitos por onde circulam os conceitos.

SÍNTESE DO CAPÍTULO I

TEORIA GERAL DAS FUNÇÕES HUMANAS

Da análise de funções isoladas passamos a configurações de síntese.

A antropologia genética estuda o processo de embriogênese do homem futuro. A alternativa não é a engenharia genética, mas a gen-ética espiritual.

A antropologia fisiológica estuda as funções incipientes que estão sendo gestadas no homem terrestre e que preludiam a existência do homem cósmico.

Quando a roda da vida se põe em movimento, surgem quatro funções básicas que respondem a leis de integração, reversibilidade e analogia. São quatro protomodelos: a UNIÃO, a LEI, a FORÇA e a FORMA. E cada uma destas funções se traduz em um conhecimento e em uma técnica.

II

PROTOMODELO DE UNIÃO

Uno es el sol, uno el mundo,
sola y única es la luna;
ansí, hande saber que Dios
no crió cantidá ninguna.
El Ser de todos los seres
solo formó la unidá;
lo demás lo ha criado el hombre
después que aprendió a contar.

(Martín Fierro, IIª XXX, 6624)

I. Como função primeira: EGOÊNCIA

II. Como conhecimento supremo: MÍSTICA

III. Como órgão central: CORAÇÃO

IV. Como técnica de união: ORAÇÃO

PRIMEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE: EGOÊNCIA DO SER

O protomodelo de UNIÃO revela desde a origem a unidade do ser e se manifesta na fisiologia humana como egoência do ser.

A EGOÊNCIA COMO PRIMEIRA FUNÇÃO

A egoência, como primeira palavra do homem integrado, é ação de presença.

O que é *presença*? Presença é o ato simples, especificamente humano. É atividade do ser total, na plenitude de sua consciência e de sua vontade. O que, em outros termos, quer dizer que o homem ou está totalmente presente como ser humano ou não é plenamente homem.

E por que damos à presença hierarquia de primeira função? Porque presença é uma função central que conjuga por si mesma todos os valores do ser. Presença é união e a pessoa humana se determina, desde a origem, pela união: no princípio era a união.

Egoência é germe de futuro no homem.

Muitos falam do homem futuro como de um ser *mais* evoluído que o atual, um tipo biológico superior, com uma nova mente, uma nova sensibilidade e suficiente conhecimento das leis do universo e da vida, de forma a poder dirigir-se por si mesmo de forma consciente e responsável. Pode ser que tenha essas características; muitos modelos de um humanismo progressista geralmente tomam como base o tipo humano que conhecemos, ainda que aperfeiçoado. O novo homem não pode ser definido por atributos, por adjetivos, mas simplesmente pelo que *é*: é uma nova presença no mundo. Em outras palavras, não pode ser caracterizado por um conjunto de qualidades, mas pela força de sua simples presença, como valor substantivo e substancial: um valor simples. Simplesmente *é* e vale pelo que *é*.

Presença humana é a unidade viva de todos os valores. É função de síntese entre o espírito e a matéria. É a plenitude da pessoa, no ser, no amor e na vida. Presença é interioridade e exterioridade. Pela presença, o ser humano não só se reconhece como “ser-no-mundo”, mas como “ser-à-presença de Deus” e como “ser-em-si mesmo”. Estes valores presenciais, que constituem a estrutura ôntica de todo ser humano, surgem no homem futuro em uma nova proporção, em um novo equilíbrio, em uma nova configuração de significados, forças e substâncias. É um novo ponto de partida, um novo princípio, uma nova função que chamamos egoência do ser e dizemos que é primeira função porque é germe de futuro, centro genético do novo homem.

Egoência é símbolo antropológico da revelação espiritual da nova era. É voz profética instalada na matéria humana. A revelação moderna é uma vibração espiritual que penetra no recinto humano como ladrão na noite; não é uma luz que ilumina o intelecto de uns poucos, mas uma mensagem que se incorpora à carne de todos; é um divino mensageiro (um RN cósmico) que faz vibrar as proteínas do homem terrestre para configurar *com* seus materiais a nova molécula analógica do homem cósmico. Esta presença encarnada é ego-ência, primeira função que move desde a origem a fisiologia do homem futuro. Talvez não percebamos completamente o que significa o impacto de uma forte corrente espiritual sobre as delicadas estruturas moleculares do ser humano nem cheguemos facilmente a vislumbrar as consequências biológicas e sociais desta conjunção de forças. Porém, o importante é compreender que as transformações futuras da humanidade já não virão por via política ou religiosa e sim, por via gen-ética e antropológica: não uma nova ideia, mas uma nova função.

Egoência é signo fisiológico do homem cósmico. Produziu-se o afundamento do mundo antigo e surge uma nova estrutura humana. Três aspectos do homem total, até agora separados: sua consciência divina, sua consciência histórica e sua consciência pessoal ficam vinculadas entre si, em uma nova individuação – ego-ência – integrada, reversível e analógica.

A egoência como função integrada restabelece o vínculo vivo entre o humano e o divino e dá um novo sentido à unidade do ser. Como função reversível, restabelece a unidade do tempo, devolve-nos a outra face do tempo. E, como função analógica, restabelece a unidade da vida humana, não só como um novo conhecimento (compreensão por analogia), mas em virtude de uma nova matéria (molécula analógica).

A união substancial destes três aspectos – consciência, energia, matéria – produz uma ‘matéria humana radiante’: os seres luminosos do futuro.

A CIÊNCIA SAGRADA DO FUTURO UNIDADE DO SER E UNIDADE DO CONHECIMENTO

A MÍSTICA COMO PRIMEIRA CIÊNCIA

Entramos em uma nova idade de síntese do conhecimento, de união entre o pensar e o sentir. O ‘princípio’ desta unidade é uma nova mística. A egoência do ser, como primeira função de síntese, é também caminho para uma primeira ciência, não para uma metafísica, mas para uma ciência sagrada.

O valor fundante da civilização que advém não é dado por uma ideologia social, uma técnica ou uma teologia, mas por uma mística. Não é uma nova ideia, mas um novo sentir. Como podemos caracterizar este novo sentir? Como um sentido simples de *união* – uma palavra perdida – um sentido indispensável para restabelecer a unidade entre o conhecimento e a vida.

O nascimento de um amor expansivo dentro do próprio coração humano é o signo espiritual dos homens que vêm. É um sentir simples que não tem cabida entre as formas convencionais do amor, mas que se manifesta como necessidade de entrega, de

renunciamento, de sacrifício da própria vida para *ser*, para ‘ser-na união’.

Egoência é ‘identidade do ser na união’. É um novo sentido de individualidade que só se preenche no encontro com as almas similares. Se esta necessidade de união e de re-união não encontra o caminho adequado para *ser*, as almas vagam solitárias pelos caminhos desertos do mundo, em busca de um amor impossível. De que valem os ideais metafísicos, sociais ou políticos se não se encontra o amor?

A sensibilidade do homem de nosso tempo desembocou em um beco sem saída e, se o mundo contemporâneo não acerta em resolver seus problemas não é por falta de conhecimento, mas por falta de amor. Procuram-se saídas terapêuticas, sociais ou políticas, mas os seres humanos embotaram sua sensibilidade, perderam a capacidade de sentir em profundidade e se tornaram estranhos uns para os outros. Com o amor disponível no planeta, não podemos ir muito longe! Mas, eis aqui que, quando acreditávamos que nos precipitávamos – e estamos nos precipitando – em uma veloz queda em direção a abismos de desumanização – um novo sentir surge no coração dos homens que vêm: nasce uma nova mística. Sempre foi assim, todas as novas civilizações nasceram de uma nova mística! Vamos deixando para trás os amores possessivos e sensuais, e já vamos registrando em nosso coração, os primeiros acordes de um amor espiritual; deixamos para trás os amores que adormecem a consciência e damos passagem ao amor que redime a vida. Neste umbral de trânsito do homem terrestre para o homem cósmico, é preciso ser forte de coração e não olhar para trás. A resposta a este novo chamado do sentir é deixá-lo nascer, deixá-lo ser; ser fiel consigo mesmo e não afogar o amor nascente com os amores do velho homem, amores que não querem morrer e que nos levam de novo à noite dos tempos!

Por que dizemos que a mística é a primeira função do ser humano e não a respiração ou a circulação do sangue, que são funções biológicas básicas, sem as quais não é possível edificar a vida superior? Ou por que não localizamos a função de base no

“logos” (na razão como função cósmica universal, como o fizeram os gregos)? Ou na sociedade, como fundamento da vida social do homem? Porque a mística, entendida como sentido de união, como arquétipo de unidade essencial e substancial do ser humano, é uma função prévia à vida biológica, à vida racional e à vida social; vai além da fisiologia e da história, além da vida e da morte, porque é a que origina a vida e dá sentido à morte! Por isso, a antropologia do futuro não parte da metafísica nem da biologia, mas da mística. Podemos dizer que ‘no princípio era a união’ porque não pode haver propriamente ser humano, fora desta união original e póstuma, ao mesmo tempo. A união é princípio de toda ação e de toda vida que possam ser chamadas especificamente humanas, e também é fim e significado da existência; é fundamento de toda ética, de toda filosofia, de toda sociologia e de toda ciência. Claro que nossa razão perguntará imediatamente: muito bem, mas união com que ou com quem? O sentido de união é um sentir simples, prévio a toda pergunta. Isso não quer dizer que não possamos perguntar acerca das características desta união, mas não se deve confundir o amor que une, com a pergunta que separa.

A MÍSTICA DO HOMEM FUTURO: UMA UNIÃO QUE O TRANSCENDE

Quando dizemos que nasce uma nova mística, não estamos falando de algo essencialmente diferente da mística de todos os tempos, em cuja raiz palpita o impulso fundamental da unidade da vida, senão que nos referimos àqueles traços diferenciais que se manifestam na humanidade de nosso tempo. Quais são estes traços?

A humanidade inteira está ávida de uma *união transcendente* e se lança em sua busca através de milhares de experiências. Parece existir nos homens de nosso tempo, uma oculta e misteriosa percepção de que só pela união transcendente é possível que a ‘matéria humana’ seja fecundada pelas forças superiores da vida e possa sobreviver à catástrofe existencial que a ameaça:

sobrevivência do ser, pela união. Por que há tanta avidez de amor, de encontro, de reunião entre os seres humanos? Só sexo? Necessidade de comunicação social? Ainda a feroz avidez de acoplamento sexual que despertou na sociedade moderna não revela exclusivamente sensualismo, mas uma necessidade de renovação do ser nas fontes da vida, de revitalização e de busca de identidade (não só de esquecimento). Quando a humanidade languidesce e decai, procura desesperadamente o acoplamento: é o que ocorre com os infusórios, quando sentem que sua vitalidade diminui. Mas, a sexualidade é muito frustrante no dia de hoje – muito mais do que se crê – e é também frustrante a reunião social (o encontro humano dentro da sociedade organizada). Milhões de seres humanos estão tomando consciência de que nem o acoplamento sexual nem a reunião social bastam para preencher a necessidade de união, pois tanto uma quanto a outra se tornaram despersonalizantes: após um estímulo transitório, deixam vazio o ser humano, o qual perde seu ser e sua identidade em um oceano psicológico ou em um oceano social. Só a união transcendente, a união mística e a reunião espiritual devolvem ao homem sua plenitude de identidade como ser humano. Por isso, dizemos que a união transcendente não é um princípio metafísico, social ou teológico, senão que é uma função de base, primeira na ordem do ser e da vida, pedra angular da morada do homem novo e modelo cósmico para a sociedade futura.

A MÍSTICA COMO FUNDAMENTO DA LIBERDADE INTERIOR

O sentido do transcendente, incorporado à humanidade não só como concepção espiritual do mundo e da vida, mas como função orgânica, é o fundamento da liberdade interior. A percepção direta do divino por meio de um novo instrumento humano permite ao homem do futuro trilhar os novos caminhos da liberdade. Mas a liberdade começa – e termina – na união. O sentido do transcendente foi até agora ‘periférico’, apenas um reflexo do

Deus desconhecido: “A Deus, ninguém viu, nem ouviu, nem caiu em coração humano”. Mas, a nova era se inicia com uma explosão atômica, não só da matéria que está fora de nós, mas da que está dentro e o sentido do transcendente se faz ‘central’. O contato direto entre o espírito e a matéria devolve ao ser humano a consciência de sua identidade e a medida de sua liberdade: o homem não é plenamente homem até que descobre Deus. A luta ancestral entre o determinismo e o livre arbítrio fica superada por um sentido inclusivo que harmoniza a vontade individual com a consciência cósmica. Sobre a base deste novo sentir – que compreende e ama – está sendo exercitada a liberdade do homem planetário. Para além das guerras de liberação dos povos, vislumbra-se o caminho da liberdade interior do indivíduo. E são os homens livres por dentro os que já estão construindo o mundo do futuro por fora.

A MÍSTICA COMO FUNÇÃO ANTROPOLÓGICA UNIVERSAL

A mística se revela como uma função que é intrínseca ao ser humano – a todo ser humano – e que, portanto, é *universal*: não é do Oriente nem do Ocidente, cristã nem budista. É preciso resgatar esta função antropológica e cósmica das ideologias filosóficas e religiosas que a encobrem. Não se deve confundir a mística – enquanto função – com as crenças, enquanto ideologias. Essa confusão tem sido fatal para o desenvolvimento humano: é como o espartilho, deixou zonas inteiras do corpo sem oxigênio. Se o Estado, os partidos políticos, as igrejas e as demais instituições culturais impõem ao ser humano um ‘modo de respirar’ e a mística se torna ideologia de partido ou de igreja, então fica mutilada a única função que pode oferecer um ponto de convergência orgânico para as aspirações de re-união dos homens sobre a Terra.

Todo ser humano tem necessidade de expandir sua alma ao infinito, ao transcendente; mas, ao mesmo tempo, tem necessidade

de união com todos os seres humanos. A mística do futuro, enquanto função antropológica universal, começa por questionar todas as formas culturais, sociais ou religiosas que, sob o pretexto de salvar a verdade, dividiram os homens: a mística é unitiva e, se não for unitiva, não é mística!

Habitualmente, identificou-se a mística – que é uma função intrínseca da vida – com as interpretações dadas pelas religiões acerca da vida e se tornaram sinônimos ‘vida mística’ e ‘vida religiosa’; mas a mística é própria da vida e não patrimônio das religiões. O mundo moderno está nos dando testemunho de uma mística, não necessariamente ligada à vida religiosa. Há uma mística nos sábios, nos cientistas e nos grandes condutores de povos, e também nas almas humildes e singelas, as quais, ainda que sem preocupações religiosas, no sentido tradicional do termo, fazem da renúncia, do trabalho e do sacrifício um modo espontâneo de oferta de vida. É precisamente para isso que está por trás do amor – que está na raiz do coração de todos os homens e mulheres – que devemos apontar, se quisermos resgatar a mística dos encobrimentos a que foi submetida (e o encobrimento por trás do misticismo religioso não é o menor).

A MÍSTICA DO FUTURO É UNIÃO SUBSTANCIAL

Se bem que a mística seja universal e *una* em sua raiz, em cada época revela um traço que lhe é próprio. Também a respiração, enquanto função biológica, é comum a todas as formas de vida, mas há muitos modos de respirar. A mística, se bem seja universal, é também o espírito de uma época, é o modo fundamental de sentir a vida que inspira toda uma civilização, é o fio invisível que liga todos os valores de um ciclo de tempo. Qual é a mística da nova geração? Não é fácil expressá-la em conceitos – porque não é um conceito – mas é possível senti-la como significado. Mística é sentido de união; mas, que tipo de união? União com o Absoluto – misticismo à maneira antiga – ou união com a sociedade – socialismo à maneira moderna? União com a

matéria ou com o espírito? Uma mística de afirmação do eu (“*egoness*”) à maneira do ocidente ou uma mística de negação do eu (“*egolessness*”) à maneira do Oriente? Essas colocações, que encheram o mundo de livros e de filosofias, já não têm sentido; ainda mais, desviaram a mística em direção à teologia, à metafísica ou à sociologia. A nova mística não nasce sob o signo das ideias, mas sob o signo da vida. E o que quer dizer isto? Quer dizer que não é uma união ideal, mas uma união substancial. A nova geração não se compromete com as ideias e sim, com a vida. Uma mística sem compromisso com a vida, uma mística que não ponha em jogo a própria vida, não tem sentido. Este enraizamento do ideal espiritual na vida tem profundas consequências para o porvir da humanidade porque não só implica mudanças no mundo, mas mutações na natureza do próprio homem: não somente novas ideias, mas novas substâncias que se incorporam ao organismo do homem futuro; por isso, dizemos que a mística é substancial.

Os valores do homem novo não são valores ideais, mas valores substanciais (isto é, unidos à vida); não nascem de uma ética formal, mas de uma fisiologia substancial (de um modo de encarnar os valores); não se determinam pela letra da lei, mas pela substância da lei. A virtude, que dava sentido à salvação da alma, reverte-se em ação espiritual que dá sentido à transformação da vida (um valor unido a uma enzima).

A mística nascente não se funda na filosofia da vida, mas na própria vida. A alternativa frente ao futuro não é pensar isto ou aquilo, afirmar ou negar certos valores, pertencer a um grupo ou a outro e sim, *escolher* para si mesmo, a mensagem trazida pelas forças profundas da vida. São essas correntes as que revelam os meios para o desenvolvimento da consciência e as que injetam a energia necessária para a transformação do homem e do mundo.

O homem moderno não se conforma com uma divindade transcendente ‘fora do mundo’ nem com uma realidade social ‘fora de Deus’. A sensibilidade dos homens que vêm faz de ponte entre a sociedade civil e a sociedade espiritual, entre o meio humano e o meio divino, entre o espírito e a matéria, entre a verdade e a vida. Durante séculos, a filosofia pretendeu fixar a

realidade substancial, já seja no espírito, já seja na matéria, mas o homem novo oferece seu coração para uma teofania do espírito-na matéria (uma mística de união substancial).

A MÍSTICA COMO SENTIDO DE PARTICIPAÇÃO A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO PELO TRABALHO INTERIOR DO HOMEM

A mística do futuro é uma mística de participação. O que queremos dizer com isto?

Todas as místicas antigas, de uma ou de outra maneira, procuraram a liberação, já seja por meio do conhecimento ou por meio do amor. Mas, que pouca ou nenhuma importância deram ao *trabalho*! É mérito de Marx haver colocado a ênfase no trabalho, como meio de humanização da matéria e força de transformação do mundo. O marxismo socializante devia necessariamente entrar em conflito com o poder religioso do mundo antigo. A invasão do Tibete pela China comunista é um fato político que adquire valor simbólico; no ‘teto do mundo’ a comunidade monástica é penetrada pela comuna revolucionária. Qual é o resultado? A explosão das formas e a dispersão dos materiais. Mas as partículas desta chuva radiativa entram em um novo equilíbrio entre ação e contemplação.

Está surgindo uma nova mística de participação, fundada no trabalho interior. O que é trabalho interior? É produzir por dentro o que se quer realizar fora. Em outras palavras, não só “olhar dentro da própria natureza” – como diz o Budismo Zen – mas fazer da própria natureza humana um meio para transformar o mundo. Esta participação no mundo, pelo trabalho interior do homem, quebra a ideia de uma ação puramente ‘interior’ (sustentada por um idealismo antigo, desvinculado do mundo), como também a ideia de uma ação puramente ‘exterior’ (sustentada por um materialismo moderno, desvinculado do ser espiritual). Quando falamos de trabalho interior, falamos realmente de *trabalho* e o qualificativo de ‘interior’ não designa

lugar, mas natureza: define o trabalho especificamente humano que é uma vontade de ação, unida a uma consciência de contemplação (“*orare et laborare*”).

A MÍSTICA DO FUTURO COMO PONTE ENTRE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E A CONSCIÊNCIA CÓSMICA

A mística antiga (sobretudo do Oriente) se definia a si mesma como a-histórica; ainda mais, como um esforço sobre-humano para transcender a história. A mística moderna estende a ponte entre a consciência histórica e a consciência cósmica. A ego-ência do ser não é nem antagonista à história (à maneira antiga) nem identificada com a história (à maneira moderna), é consciência espiritual que se une à história para redimi-la. Tratem-se de explicar-nos.

A primeira natureza (elementar) foi transformada pela história em uma segunda natureza (sociotécnica), porém agora iniciamos a construção de uma terceira natureza. Este trabalho especializado requer um novo tipo de homem que saiba conjugar, dentro de si mesmo, o substantivo com o verbo, a consciência individual com a força social, a matéria orgânica com a chispa do espírito.

A técnica criou um organismo cibernético (filho da mente); a mística tem que criar um organismo espiritual (filho do homem).

A reversão do tempo histórico mediante uma nova mística está levando a ‘interiorizar’ a experiência social no organismo individual, de tal maneira que o homem futuro trará *dentro* de si mesmo, não só seu passado animal (herança biológica), mas também seu passado social (herança histórica) e este novo ‘desdobramento’ dentro de si mesmo – como diria Teilhard de Chardin – é a condição indispensável (novo meio interior) para a expansão da consciência espiritual do futuro.

A MÍSTICA COMO SIGNO DE REVELAÇÃO DA NOVA ERA

A nova mística não é um produto depurado da história nem o resultado de uma longa evolução da espécie humana, mas a forma viva de uma nova aliança entre o espírito e a matéria. De onde vem esta mística? Vem do deserto! São os homens do deserto os que trazem a nova mística – como sempre ocorreu; eles são portadores dos germes de futuro que hão de ser transplantados para a nova terra. A mística não vem dos concílios, nem da cultura, nem da revolução social, senão que nasce no coração dos homens de Deus, aqueles que, como reserva de futuro da humanidade, ‘retiram-se’ a seu devido tempo da civilização decadente e vão ao deserto; desde ali – transmutados – trazem o novo germe de vida que será alimento para as novas gerações e o desafio para a velha cultura.

A humanidade inteira entrou no deserto. Perdem-se, ao longe, os símbolos da velha cultura e se apagam as pegadas dos homens da velha raça, mas no deserto nasce uma nova *fé*. O homem decepcionado dos velhos cultos (do culto ao dinheiro, à personalidade e ao poder) e decepcionado de uma ciência e de uma técnica que não souberam mostrar o caminho da vida – nasce a uma nova fé. Não é a fé na onipotência do homem nem a fé na onipotência de Deus, mas uma fé simples, de abertura da alma ao mistério sobrenatural da vida. Esta fé é a guia única para o homem cósmico que nasce em um mundo sem sinais; ou melhor, cheio de sinais que não lhe servem, de pegadas deixadas pelos homens que transitaram pela Terra, mas que são insuficientes para marcar o caminho em direção às estrelas.

A mística moderna nasce como uma nova fé, mas se confirma por um novo *sacrifício*: o sacrifício dos valores pessoais. O novo culto se realiza na intimidade do coração mediante a oferta dos valores pessoais, do que cada um tem e do que cada um é. O novo homem deixa de imolar o sangue das vítimas propiciatórias para imolar-se a si mesmo. A renúncia é tão antiga quanto a tradição espiritual da humanidade, mas em cada época é pronunciada –

‘modulada’ – de um modo diferente e é vivida com um significado diferente. Em nosso tempo, já não é o desgarre trágico que separa o homem do mundo e da vida para salvar sua alma, senão que é a oferta da própria vida para ‘mais vida’. A renúncia é o caminho reversível entre a vida natural e a vida sobrenatural, entre a vontade do homem terrestre e a consciência do homem cósmico.

A MÍSTICA COMO CONSCIÊNCIA DE CORPO

A mística antiga, como caminho solitário do homem em direção ao cume do monte, vai cedendo passagem à mística do corpo da humanidade. Conquistada a consciência social, a humanidade começa a perceber o pulsar de seu próprio corpo como comunidade espiritual.

A mística da nova era se revela como um sentido simples de ‘união-e-de reunião’. O chamado à união com o divino nasce como mística da alma individual, mas se expressa criativamente como mística de corpo, de corpo místico, de reunião de almas similares.

Em diferentes pontos do planeta, em povos e raças diferentes e em marcos sociais diferentes, surgem focos humanos de radiação espiritual que, por convergência de missão, constituem uma reunião de almas similares. Para além das formas institucionais da sociedade humana, vislumbra-se a silhueta luminosa do corpo místico planetário. Qual é a função deste corpo espiritual? Dar ao mundo uma alma que lhe permita viver e ser.

A SABEDORIA DO CORPO MÍSTICO A UNIÃO DOS SANTOS E DOS SÁBIOS

A palavra ‘mística’ talvez não seja a mais adequada para expressar a unidade da mensagem da nova era. Mística iluminativa? Mística devocional? Mística contemplativa? Mística

de ação? Todas estas formas refletem aspectos parciais de uma função que as transcende.

No espaço curvo da era atômica, as correntes iluminativas e devocionais se unem; o sábio e o santo se encontram nas cúspides da ascensão humana; a consciência em expansão se faz ciência e o amor em ação se faz trabalho; a revelação se traduz em sabedoria criadora, em ciência e técnica para a civilização planetária que advém.

O CORAÇÃO HUMANO COMO ÓRGÃO ANALÓGICO

O protomodelo cósmico de UNIÃO tem sua correspondência analógica no coração humano. O primeiro princípio é também primeiro órgão. E a primeira função de síntese, ao mesmo tempo em que revela a unidade do ser e a unidade do conhecimento, conduz à unidade da vida.

A in-corporação da consciência cósmica à fisiologia humana requer um *órgão* de tradução analógica. Esse órgão é o coração do homem.

Há um coração de pedra, um coração de carne e um coração de espírito. O homem futuro começa a descobrir o poder atômico do coração invisível.

O CORAÇÃO HUMANO COMO ÓRGÃO FISIOLÓGICO DE SÍNTESE

Onde plantar a semente de anelos espirituais para que frutifique e não fique reduzida a vã ilusão? Onde está essa terra não contaminada que há de receber a semente dos deuses? Acaso algum novo continente que espera para emergir desde há milênios do fundo dos gelos? Algum novo planeta? A humanidade procurou sempre uma terra virgem onde fundar as civilizações

novas! Na atualidade, a contaminação terrestre é de tal magnitude que não é muito aventurado supor que em um mau dia, a Terra poderá tornar-se inabitável. Qual será então a morada para o homem?

Nosso coração é uma terra ainda inexplorada. É o ponto terrestre de arraigamento da vida espiritual no homem. Sim! O ponto terrestre, o ponto material, a matermatéria, o átomo físico ultrétrimo, o último material produzido pelo esforço da vida no laboratório secreto do organismo humano e oferecido (no coração) como primeiro elemento de uma síntese superior. O encontro ideal entre o humano e o divino, que definimos como união mística, tem seu correlato fisiológico nesta alquimia de elementos trans-humanos. A mística, em última instância, traduz-se em uma fisiologia e em uma química (“E o Verbo se fez carne”. João, 1, 14).

A TRANSMUTAÇÃO DA MATÉRIA HUMANA

Há um ponto no coração do homem onde é possível que o Verbo se faça carne, onde é possível que o espírito se transforme em matéria e a matéria em espírito, onde é possível que o que é do mundo se torne do homem e o que é do homem tenha presença no mundo. Neste ponto maravilhoso, supera-se a antinomia entre o espiritual e o material, entre o humano e o divino, entre o mundo objetivo e a alma subjetiva. Não estamos falando de um ponto ideal ou simbólico, mas de um ponto *material* que é o polo de fixação terrestre indispensável para que salte a faísca entre o divino e o humano, para que a ideia espiritual se transforme em vida e para que a vida – por meio do homem – alcance os cumes mais altos da consciência.

O NASCIMENTO DO FILHO DO HOMEM

Tem o coração capacidade genésica? Se puder tornar-se matriz do espírito, sim! Em todo coração de homem há um potencial genésico, quantas vezes desaproveitado! A oferenda do coração é o que faz possível transformar um ideal em germe de vida e dar nascimento ao Filho, como novo ser.

A revelação metafísica (como des-velamento do ser) é insuficiente para dar *vida*; necessita consumir-se pela oferenda do coração para que o ser se transforme em um ser vivo, não em filho da mente, mas em Filho do homem. O Filho (com maiúscula, como protomodelo do ser humano) é fruto do amor, da entrega, do renunciamiento. E, como fruto que é, não é só um ideal, mas também uma substância. É pão de vida (“Eu sou pão de vida, se não comerdes deste pão...”). Sem oferenda do coração não há vida. Uma ideia, uma visão, uma revelação, podem dar origem à filosofia, à ciência, à arte ou à gnose, mas sem oferenda, não darão nascimento à vida.

Se na dimensão vertical do homem ressoa a palavra TRANSCENDÊNCIA e em sua dimensão horizontal se articula a palavra HUMANIDADE, no coração do sistema vibra a palavra TRANSMUTAÇÃO. A ciência e a técnica transformam o mundo, mas a mística transforma o homem. Voltamos a repetir o que dissemos uma vez: já não são suficientes os ideais para sustentar a vida, faz falta a Vida (com maiúscula) para sustentar os ideais.

O CORAÇÃO ATÔMICO

O homem novo criará primeiro por dentro o que quiser realizar fora, não só o desenho do modelo, mas também os materiais. Esta grande obra já está sendo realizada no recinto hermético de um coração atômico! Em virtude de quais meios? Do amor, do trabalho, do sacrifício e do renunciamiento. Alguns, uma minoria, por uma mística de oferenda de vida, outros por um supersofrimento que está se fazendo sentir cada vez mais como

nota de desgarre de uma humanidade chamada à redenção da carne.

Realizada já, por via química, a síntese das proteínas (o mais alto nível do metabolismo animal), o coração humano está realizando, por via mística, a al-químia do sangue. No cíclotron analógico do organismo vivo, as partículas atômicas do sangue terrestre se acoplam como por ‘encanto’ com os fótons luminosos da consciência cósmica. O coração do homem não é uma bomba mecânica, mas o órgão do poder criador da vida.

A transformação da sociedade, a transformação do mundo e, inclusive, a criação de um novo mundo no espaço, tudo isso é um problema técnico (e os meios já estão dados), mas a transformação do homem é um problema místico, um problema a ser resolvido pelo coração e não pelos computadores. Os computadores organizam, criam formas, mas carecem de transcendência. E o organismo humano biocibernético regula e equilibra as formas da vida em circuitos integrados. Porém, o único órgão que pode ir além da vida é o coração humano. É o coração e não o cérebro o órgão central e, nesse centro, cruzam-se os eixos do céu e da terra.

O homem cósmico do futuro tem que criar seu próprio corpo. E com que irá criá-lo? Com os materiais do homem terrestre! A matéria desintegrada do velho corpo é o material combustível para o corpo luminoso do futuro. Esta alquímia viva se realiza no fogo místico do coração.

A mística do coração transforma a ‘última matéria’ em uma ‘matéria prima’. O sangue venoso que chega à aurícula direita do coração, arrastando os produtos finais do metabolismo orgânico, é o ‘último sangue’ físico, mas não a última etapa do metabolismo humano. Para o reator atômico de uma fisiologia mística, o ‘último sangue’ – aquele que vem do mundo – é combustível para alimentar um circuito sagrado de trans-substanciação. Somente a matéria transfigurada – e trans-substanciada – pode ‘entrar no reino dos céus’ e o faz como ‘primeira matéria’. É a redenção da matéria. O sangue que não entra neste circuito sagrado é aquele que passa ao circuito pulmonar e, desde ali, oxigenado, volta à aurícula esquerda para re-alimentar a vida – volta ao mundo.

Nossa absurda pretensão é querer ter um lugar no ‘céu’ – no corpo místico, no corpo cósmico do futuro – assim como somos; sem dar-nos conta de que a matéria não transfigurada que não passou pela alquimia do fogo, fica na terra. A matéria somente organizada – por mais perfeita que seja a organização da vida – não tem passaporte para o além: não tem *presença* no corpo luminoso (“Dirão – Senhor, Senhor – mas Eu não os reconhecerei”).

A matéria redimida é a contraparte analógica da consciência espiritual. A vida do homem terrestre teve que apoiar-se em uma matéria de complexa organização atômica (proteínas e nucleoproteínas), mas a consciência cósmica, ao não poder unir-se a essa matéria densa, permanece habitualmente como consciência ideal. Até ontem, a vida humana podia sustentar-se em valores ideais ou em apoios materiais. Mas as novas correntes da vida, animadas por uma poderosa força de transformação, já não pode sustentar-se em nenhum destes extremos, senão que faz falta uma nova estrutura substancial para suportar a alta voltagem e a rápida oscilação do metabolismo humano. Em uma época, foram suficientes os ideais para sustentar a vida, agora faz falta a vida para sustentar os ideais. Quer dizer, faz falta uma substância que não pode ser pedida emprestada, que deve ser própria, gerada no próprio corpo e com o próprio sangue. Isso é egoência, não só um ideal, mas uma substância. A doença de “carência de significado” de que padece a humanidade atual não vai ser curada com ideais, mas com substâncias vivas, geradas no corpo místico planetário e que se incorporam como matéria radiante ao sangue do futuro.

A ORAÇÃO PERMANENTE COMO LITURGIA DO HOMEM CÓSMICO

Para além da ascética do rogo e da psicologia da meditação, está a oração permanente do coração. Preservada desde a mais

remota antiguidade como prática religiosa, atravessa a idade obscura sob o véu do símbolo e se incorpora à dinâmica do homem cósmico sob uma nova forma do cerimonial místico no recinto do templo interior.

Se Deus ora em nós (Romanos, 8,26), nós temos que aprender a orar-em-Deus. É uma função que não possuímos em forma permanente, temos que aprendê-la. A exortação do apóstolo Paulo para orar sempre (“Orai sem cessar”) foi o *leit motiv* de toda uma corrente ascético-mística que tem seus melhores representantes nos padres do deserto e nos hesicastas⁵². No homem moderno, renasce o impulso original desta oração do coração, mas temos que aprender a reconhecer este sinal e deixar-nos conduzir por sua vontade operativa. É a liturgia da nova era.

O princípio da oração permanente é o incêndio do coração. É a iniciação da alma humana na mística do fogo. A força protagonista deste *opus* sagrado já não é a vontade do homem prometêico que arrebatava o fogo aos deuses para iluminar a noite da natureza primitiva e sim, a oferenda do homem místico que entrega seu próprio coração ao fogo do espírito, para transformar a matéria da vida.

Há um instante sublime de encontro com o Amor que é chave para a transformação da vida; é o momento em que a oferenda do homem coincide com a carícia de Deus; a chama do amor celeste fere o coração de carne e a alma ingressa no círculo do fogo. Assim canta São João da Cruz em sua “Chama de Amor Viva”:

¡Oh llama de amor viva,
que tiernamente hieres
de mi alma en el más profundo centro!

A ferida de amor no centro da alma é o signo operativo da oração de união dos homens que vêm. Dizemos ‘ferida’ porque sempre é uma ruptura dolorosa em que a mística do fogo se une ao sacrifício da carne. Às vezes, a palavra divina fere “ternamente” a

⁵² Autor anônimo, *Relatos de um Peregrino*, ECE Editora de Cultura Espiritual, São Paulo, Brasil, 1978

alma, como mais de uma vez o assinalou a poesia mística: “Eu durmo, mas meu coração vela. / É a voz do amado que chama” (Cantares, 5,2). Mas, outras vezes, é palavra profética que separa e desintegra: “O que tem a ver a palha com o grão? Não é minha palavra como o fogo e como martelo que tritura a rocha?” (Jer., 23,29). A mensagem do tempo novo se anuncia como trovão que fende a terra e a humanidade inteira, que se sente ferida sem compreender, une-se – na nova oração do horto da solidão – em uma invocação silenciosa ao Deus desconhecido.

À medida que as forças de compreensão da vida se fazem cada vez mais poderosas sobre o planeta, o coração humano suporta em seu interior pressões antes desconhecidas e as portas da alma acabam por abrir-se às necessidades do mundo. E assim vão surgindo novas formas de oração, mais espontâneas, mais comprometidas com a vida e com mais sentido de comunidade e solidariedade. Natividad Diego, partindo do processo atual de secularização, destaca a crise do conceito tradicional de oração e depois de comentar teólogos e filósofos que tratam acerca das novas formas de oração no mundo contemporâneo, conclui: “... que a oração do homem em processo de secularização está ainda sem descobrir de todo porque se adentrou pouco a pouco pelo caminho das soluções”. E acrescenta: “Mas... começa a tornar-se claro que o homem moderno está predestinado a voltar a ser um homem de oração, pois, como diz Urs Von Balthasar, a ‘época antropomórfica’ em que vivemos faz mais pesada a responsabilidade do homem e este deve levá-la sozinho; não lhe fica portanto, mais caminho que voltar-se para Deus e compartilhar, com responsabilidade (pelo mundo, pelos homens, pelas coisas), com Ele. E isto é orar”⁵³.

A crítica de uma oração puramente formal, encobridora do compromisso real do homem com o mundo e com a história, é tema favorito das filosofias modernas de denúncia e das teologias de libertação. Dietrich Bonhoeffer, Harvey Cox, Bernard Besret, Douglas Rhymes e tantos outros, de uma forma ou de outra,

⁵³ Natividad Diego, *Mundo Nuevo, Oración Nueva*, Propaganda popular católica, Madrid, Espanha, 1971, pg. 136.

questionam as formas não autênticas e vazias da oração e propõem constantemente o transvazamento do culto de oração à vida de oração. Karl Barth, tão categórico em tudo o que se refere à sinceridade da alma com Deus, diz em uma de suas conferências: “A oração deve ser algo que surge de nossos afetos; não é coisa de lábios, Deus demanda a adesão de nosso coração. Se o coração não intervier, se for uma fórmula que se repete mais ou menos corretamente, que valor tem? Não serve para nada!”⁵⁴. Mas, entre os autores contemporâneos, Louis Evely é um dos que levaram a crítica da falsa oração a seus pontos mais extremos: “Se bem eu creia que a prece seja a única capaz de emendar as ilusões da atividade – diz – creio igualmente que a ação, uma ação amante e fraternal, é a única capaz de corrigir as ilusões da prece”. E continua: “Porque não existe pior perigo que o do sentimento religioso (e a prece o cultiva). É uma paixão devoradora e terrível que engendra fanatismos, guerras santas, crueldades e loucuras... há uma raça de homens com os quais Cristo não pôde entender-se, dos quais nada pôde obter: os fariseus, isto é, gente devota, zelosa da religião. O fariseu é aquele a quem sua piedade endurece e azeda. Torna-se desumano por muito querer ser divino”⁵⁵.

Às novas formas de oração, inspiradas na tradição cristã, somaram-se nos últimos tempos, e sobretudo na América, as diferentes técnicas de meditação que, procedentes das filosofias orientais, encontraram bem cedo enraizamento nas almas jovens. “Vemos aqui a fórmula para uma idade livre de sofrimento. Basta que um número pequeno de pessoas na sociedade pratique a meditação transcendental e a vida social será melhor, em todo momento. Quando 5% ou 10% das pessoas fizerem meditação, teremos uma sociedade ideal”⁵⁶. Estas palavras do guru Maharishi Mahesh Yogui foram a carta de promoção de um movimento que, iniciado nos EUA em 1965, estendeu-se como rastilho de pólvora, por todo o mundo. Mas, não só Maharishi conseguiu grande número de adeptos, senão que a meditação foi e continua sendo

⁵⁴ Karl Barth, *La Oración*, Ed. Aurora, Buenos Aires, 1968, pg. 29

⁵⁵ Louis Evely, *Ensina-nos a Orar*, Ed. Ariel, Barcelona, Espana, 5ª ed., 1968, pg. 178

⁵⁶ Jack Forem, *Meditación Trascendental*, Ed. Diana, México, 1975, pg. 16

ensinada ao grande público, em cursos e seminários das mais diversas orientações: escolas de yoga, mosteiros lamaístas, grupos Zen, círculos sufis, etc. Jacob Needleman fez um estudo muito interessante destas “Novas Religiões” em terra americana⁵⁷. O importante é destacar aqui que, ao impacto destas novas correntes e sob a sedução de métodos que oferecem em pouco tempo, resultados tão positivos quanto um aumento de “bem estar”, da “criatividade” e do “equilíbrio mental e físico”, a ‘técnica’ da meditação foi pouco a pouco se separando do contexto ascético-místico das respectivas tradições originais e, de meio para o desenvolvimento espiritual, converteu-se em ferramenta para obter resultados práticos. Porém, apesar de seus desvios, há algo novo em tudo isto. Em primeiro lugar, estas técnicas de meditação ofereciam um método melhor regulado para a busca de interioridade do que as formas clássicas de oração e, portanto, despertavam maior interesse na juventude como caminho de acesso à expansão de consciência. Por outro lado, ao apontar uma via de conhecimento transcendental, por meio de um exercício da mente, convidou muitos investigadores a explorar as relações entre a experiência religiosa e a fisiologia cerebral. A linha de investigação iniciada por William James em forma descritiva (*The Varieties of Religious Experience*) foi retomada, em laboratório, por uma plêiade de neurofisiologistas e psiconeurologistas, entre os quais se destacam Cláudio Naranjo e Robert E. Ornstein⁵⁸, para citar somente uns poucos.

Que conclusões podemos tirar, de tudo isto que dissemos acerca da oração e da meditação, de sua técnica e de sua mística, de suas formas antigas e modernas e de suas tradições do Oriente e do Ocidente? Que a humanidade, no umbral de uma nova era, está procurando, por diferentes métodos, uma forma simples de orar com a vida. E o que é orar com a vida? É unir por dentro, o que está separado por fora. Mas isto não requer só uma técnica, mas uma liturgia. E o que é liturgia? É o cerimonial ardente da

⁵⁷ Jacob Needleman, *The New Religions*, Doubleday & Co. Inc., New York, USA, 1970

⁵⁸ Claudio Naranjo e Robert E. Ornstein, *On the Psychology of Meditation*, Penguin Books, New York, USA, 1971

vida, realizado no templo do coração. É operação sagrada, já não sobre um altar de pedra e sim, sobre a matéria da vida. É o incêndio atômico da matéria humana, no fogo sagrado do coração.

SÍNTESE DO CAPÍTULO II

PRIMEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE EGOÊNCIA DO SER

Como primeira função, é *presença*. Presença é união e a pessoa humana se determina desde a origem, pela união. É a plenitude da pessoa, no ser, no amor e na vida. É um novo ponto de partida, um novo ‘princípio’, ao qual chamamos egoência do ser e dizemos que é primeira função porque é germe de futuro e centro genético do novo homem.

Como conhecimento supremo, egoência é ‘princípio’ de uma nova mística. Como primeira função de síntese, é também caminho para uma primeira ciência, não para uma metafísica, mas para uma ciência sagrada.

O primeiro princípio é também o primeiro órgão fisiológico. A ego-ência do ser requer um órgão de tradução analógica e esse órgão é o coração humano. A mística do coração transforma a ‘última matéria’ do homem terrestre na ‘primeira matéria’ do homem cósmico.

Como primeira e última técnica, ego-ência é oração permanente. É liturgia do coração.

III

PROTOMODELO DA LEI

“Mas, não houve nem há um: cada um é o todo. Mas,
não existe o todo: sempre falta um.”
(Octavio Paz, *El Mono Gramático*)

I. Como função: LEI HUMANA

II. Como ciência: ÉTICA

III. Como órgão: DIREITO

IV. Como técnica: CONDUTA

SEGUNDA FUNÇÃO DE SÍNTESE: A LEI HUMANA

ESTRUTURA FUNCIONAL DA LEI HUMANA

A LEI DO HOMEM FUTURO

O homem de nosso tempo sente, cada vez com maior urgência, a necessidade de manejar inteligentemente os fenômenos da vida para não ser vítima dos resultados de suas próprias ações. E, para isso, não é suficiente o conhecimento das leis físicas, biológicas e sociais, faz falta o conhecimento da *lei do homem*. Mas, qual é a lei do homem? A lei de Deus? A lei do Universo? A lei social e histórica? Ou uma lei específica do ser humano que ainda não conhecemos? E, quanto à natureza dessa lei, é uma lei cósmica (que está dentro da ordem da matemática do universo)? Ou é uma lei social, edificada pelo homem, que está dentro da ordem da sociedade, da cultura e da história?

As grandes religiões revelaram a Lei Divina que orienta o destino *dos* homens (de *todos* os homens). E a ciência descobre as leis mais gerais do universo e da vida. Durante séculos, a humanidade se guiou – e continua se guiando – por estas leis universais e cósmicas que serviram de base aos códigos religiosos e éticos, às construções do pensamento científico e ao desenho das instituições sociais. Mas o homem necessita descobrir a lei *individual* que lhe é própria, aquela que assinala seu próprio lugar e seu próprio destino dentro da humanidade e do cosmos. Esta lei intrínseca não está escrita em tábuas de pedra nem em códigos sociais, senão que está in-scrita na estrutura ontológica e específica do ser humano e tem que ser descoberta por cada um.

É verdade que existe uma lei universal e uma lei social, mas também é certo que o que é válido para um, pode não ser válido para outro. Este é o enigma da esfinge que trazemos dentro de

nós. Milhões de seres humanos se rebelam hoje contra as leis estabelecidas, mas não acertam em descobrir a lei que é intrínseca ao próprio ser. Esta lei do homem não é só uma lei formal, mas uma lei essencial e substancial que está na origem do fenômeno humano e ordena seu desenvolvimento. É fundamental ou contingente? É fundamental e contingente, ao mesmo tempo; é uma equação matemática que se reformula constantemente a si mesma, de instante a instante; sempre é diferente mas, ao mesmo tempo, sempre é a mesma; em cada momento, assinala um rumo diferente mas, no final, aponta sempre para o mesmo destino. É uma lei que é descoberta por similitude, por acorde analógico entre a vontade individual e a consciência cósmica.

Toda a problemática do homem antigo (até ontem) girava em torno do dilema entre livre arbítrio ou destino; em outras palavras, entre a ação e as consequências da ação. Mas, no homem futuro, começa a fazer-se consciente a operatividade de uma terceira lei: “vontade de significado” (em termos de Frankl) ou lei “vocacional” (em termos nossos). E esta terceira lei é a que configura – junto com as outras duas – a estrutura funcional da lei especificamente humana. Estas três coordenadas – uma vontade, um destino e uma estrela (que aponta o rumo para o caminhante) – são as três linhas de força, os traços invisíveis significantes que configuram a estrutura básica da lei do homem; uma estrutura que ainda funciona ineficazmente por falta de sintonia fina, mas que constitui o fundamento (legal) de uma ética e de um direito especificamente humanos.

O SOM DO NOME PRÓPRIO

Hoje em dia, fala-se muito de alienação, de alheamento social, de perda do ser. Habitualmente, estas colocações são feitas desde pontos de vista relativos, segundo as premissas ideológicas que sejam tomadas como ponto de referência para denunciar o desvio. Porém, tem que haver um ponto fundamental de referência que não esteja sujeito a interpretações, mas que constitua o próprio

centro da estrutura humana. Esse ponto de cruzamento de coordenadas, mais que um lugar no espaço, é um som no tempo; é uma nota musical (voca-cional), uma Voz que soa em determinado momento da trajetória existencial. A partir desse momento, incorpora-se à vida do ser humano uma nova vibração, é uma fonética interior que *dá* a nota chave do nome próprio. Para ser o que deve ser, não há mais caminho que ‘entoar’ todos os pensamentos, sentimentos e ações com essa nota fundamental. A dissonância, o desentoar com essa nota é alienação, desvio do ser do que deve ser.

Vocação não é uma voz que clama no deserto, mas uma Voz da consciência que encontra ressonância na vontade individual. Deste acorde vibratório, surge a forma da lei intrínseca. A Lei do universo fica inscrita na matéria humana, como sinal indelével do que se deve ser: deixa de ser um ideal e se converte em uma função.

É em virtude deste sinal de referência da Lei que o ser humano pode vislumbrar *seu* futuro, isto é, não um futuro ideal ou utópico, mas um futuro real para ele; e o único futuro real que existe é o futuro vocacional. Se não responder a este modelo prototípico, se não for fiel a este sinal de base da Lei interior, o ser humano poderá fazer coisas muito importantes em sua vida, mas estará sempre perdido, com uma existência sem rumo. A infidelidade original não pode ser imputada a ninguém (ao meio ambiente, ao “sistema”) senão a si mesmo; o mundo pode atuar como tentador, mas a primeira responsabilidade (a primeira resposta ao que se deve ser) é do próprio ser. Esta responsabilidade primeira ou arquetípica é o fundamento de toda ética e de todo direito que possam ser chamados propriamente humanos. Quer dizer, é resposta consciente e responsável à Lei que é intrínseca ao ser humano (um “jugo suave”); do contrário, haverá lei imposta que se voltará como pesada carga sobre as costas.

A lei social não é suficiente para fundar uma ética propriamente humana; para isso é necessário que o homem descubra a raiz da lei moral, uma Lei que é interior, mais que exterior; do ser, mais que do mundo. A moral nasce mais como

responsabilidade ante si mesmo que ante os demais. E essa responsabilidade essencial (que surge como resposta vocacional ao dever ser, mais que como resposta social) é o fundamento de toda conduta ética especificamente humana (digo *específica* porque também é possível uma conduta ‘ética’ por reflexos condicionados, tanto no mundo animal quanto no formigueiro humano). Se a sociedade se constitui como um absoluto e impõe sua lei coletiva, negando os valores íntimos do indivíduo (terceira dimensão da Lei), nesse caso se destrói o homem e se constrói uma civilização fundada sobre a força e não sobre o direito.

AS TRÊS DIMENSÕES DA LEI HUMANA UMA VONTADE, UM DESTINO E UMA ESTRELA

A lei especificamente humana não pode ser definida nem por um determinismo absoluto (lei 1) nem por uma vontade individualista autossuficiente (lei 2), mas pela incidência de um Chamado vocacional (lei 3) que, acoplando-se com as linhas de força do destino e da liberdade individual, traça a estrutura (legal) da egoência do ser. Em outras palavras, a lei humana não pode ser deduzida exclusivamente nem de um absoluto divino – lei divina (derivação teológica); nem de um absoluto cósmico – leis gerais do universo (derivação cosmológica); nem de um absoluto social – leis sociais (derivação sociológica). Mas, também é certo que a lei do homem não é estranha à lei de Deus, nem às leis do universo, nem às leis da sociedade e da história. Para além do destino e do livre arbítrio – únicos parâmetros da lei conhecidos pelo homem antigo – entra em jogo no homem futuro – e, cada vez com maior força e maior consciência – uma nova dimensão vocacional da lei.

O que é vocação? A tradição espiritual costuma definir a vocação como o Chamado divino na alma. Porém, nem sempre nos damos conta de que é também o encontro com uma nova lei. É o ingresso no segundo círculo da vida. É o momento em que o ser escolhe o que deve ser. Sören Kierkegaard pôs de relevo o

instante solene em que a alma humana, ao encontrar-se frente ao mistério da eternidade, responde com a abertura de seu próprio ser: “Não se trata da escolha de algo nem da realidade do que foi escolhido, mas da realidade da escolha. Muitos há que dão grande importância ao fato de haverem visto, frente a frente, um personagem qualquer que tenha desempenhado um papel notável na história universal. Jamais esquecem essa impressão, ela deixou em sua alma uma imagem ideal que enobrece sua natureza; e, no entanto, por significativo que seja esse momento, nada é em comparação com o instante da escolha. Quando tudo ficou sereno, solene como uma noite estrelada, quando a alma está só no mundo inteiro, então aparece ante ela não um ser superior, mas a própria potência eterna, o céu se entreabre, por assim dizer, e o eu se escolhe a si mesmo, ou melhor, recebe-se a si mesmo... A alma não se converte em algo diferente do que já era, senão que chega a ser ela mesma”⁵⁹.

Mas, vocação não é somente uma brisa de in-spiração, senão também uma força de con-vocação. E a quem convoca? Convoca-me a mim mesmo, a matéria, o mundo e a história que conformam meu primeiro círculo de vida. E para que *nos* convoca? Para criar com esses materiais, um novo homem moral.

O ingresso súbito desta força de con-vocação no corpo da humanidade de nosso tempo é o que provoca a mudança na relação que temos mantido até agora entre o livre arbítrio individual e o determinismo histórico. O velho esquema da lei de ação e reação mudou. Agora o jogo se dá em três faixas. E isto é o difícil de entender, sobretudo porque a mudança de lei se instalou por dentro como um novo código, sem que nos déssemos conta. De uma lei de justiça formal, passamos a uma lei de justiça substancial. A justiça encarnou. As forças morais se incorporaram às forças biológicas.

Uma vontade, um destino e uma estrela? Sim! São as três dimensões da estrutura básica da lei humana. A vontade individual é o governo do livre arbítrio, o destino é a ‘matéria’

⁵⁹ Sören Kierkegaard, *Estética e Ética*, Ed. Nova, Buenos Aires, 1955, pg. 35

destinada (por lei) à transfiguração e a estrela é a luz que guia. A responsabilidade moral do homem surge da conjunção harmônica destes três aspectos; e a conduta ética não se define somente por dois parâmetros (o *ser* e o *mundo*), mas por três: responsabilidade ante si mesmo, ante a lei de Deus e ante a lei social. Consciência e responsabilidade de união e re-união.

O SENTIDO TELEOLÓGICO DA LEI E A VONTADE ANALÓGICA DO HOMEM

Temos que descobrir o conteúdo ontológico e o sentido teleológico da lei. Enquanto função humana, a lei não pode ser reduzida a uma norma, senão que aponta para uma finalidade. Essa finalidade é liberação. E o instrumento antropológico de liberação é uma vontade analógica.

Vontade analógica é uma nova dimensão da vontade, já não é o esforço para conquistar o mundo, mas para ‘sair’ do mundo.

Milhões de seres humanos se encontram hoje sem saída, não somente sem saída social e econômica, mas sem saída existencial. A existência humana desembocou em um beco sem saída e a vontade de poder entra em contradição com a própria vida. A atividade do homem se multiplicou extraordinariamente na sociedade tecnológica, mas sua vida se esgota em uma série de experiências sem fim e sem destino: quando acreditamos haver chegado, percebemos que estamos no mesmo lugar (“Clavileño”, em *El Quijote*). Não teremos errado de caminho? A corrente da vida está perdendo temperatura e desemboca no mar frio da indiferença coletiva e do fastio existencial: a doença da civilização moderna, o desgaste de um mundo fechado que desemboca na morte existencial.

O homem de nosso tempo tem um anelo profundo de saída, quer sair do mundo em que se encontra aprisionado, tem necessidade de respirar uma nova atmosfera e de viver uma nova vida. Quer ser livre! Mas, como? Existe alguma lei de saída?

A contradição básica em que nos debatemos é que a força que utilizamos para conquistar o mundo não nos permite sair dele. A vontade de poder, quando se torna impulso autônomo – separado da consciência – abre o caminho do mundo mas, ao mesmo tempo, fecha o caminho do ser. O drama existencial do homem moderno é viver em um espaço fechado. A tomada de consciência desta situação é o que diferencia radicalmente os jovens de hoje dos velhos de sempre. A geração do socialismo tomou consciência da escravidão social do homem, mas a geração atual, pós-atômica tomou consciência da escravidão existencial. Isso implica que a alternativa de liberação seja vivida de outra maneira. Os problemas da ação e do significado do esforço são propostos hoje, dentro de outro contexto: esforço para quê? Já não está em jogo uma vontade para conquistar o mundo (o ideal de progresso de nossos pais), mas uma vontade para *sair* do mundo (ideal de liberação). Certamente que os jovens descobriram na droga *uma* saída, mas *é* a saída?

Para sair do mundo em que nos encontramos já não é suficiente uma vontade que multiplique o esforço (mais cavalos de força), mas uma vontade que reverta o impulso original de ação; já não é questão de fazer-se maior e sim, menor; já não procurar a forma de saltar a muralha, mas de atravessá-la pelos interstícios. E para isso se requer outro tipo de vontade, nem uma vontade de afirmação nem uma vontade de negação, mas uma vontade analógica. O que é vontade analógica? É a vontade do raio laser! Tratem-se de explicar-nos.

O laser é um raio de luz coerente (monocromático e puntiforme). Falta-nos uma vontade desse tipo (em fase analógica com a consciência), uma vontade simplificada em uma vibração única; não que vibre ao compasso de milhares de impulsos estranhos a si mesma, mas que entre em ressonância com a consciência do ser.

A saída não está no voluntarismo nem no hedonismo, mas na conquista de uma nova dimensão da vontade, de uma qualidade volitiva que ainda não conhecemos. O homem moderno – diz Charles Reich, em *El Reverdecer de América* – é cada vez mais

consciente de sua impotência (“*powerlessness*”) frente à sociedade organizada. E isto continuará sendo assim, enquanto não aprendermos a utilizar nossa vontade analógica como força de saída. Frente aos dinossauros do Estado corporativo, repete-se a luta mítica entre David e Golias (I, Sam., 17), mas a estratégia é diferente. A nova vontade analógica começa a despertar, através de uma ascética de esforço reversível. É a arte do caçador (em palavras de Don Juan, através de Castaneda): “tornar-se inacessível”. Eis aqui um fragmento do diálogo com seu discípulo:

— “Um caçador trata intimamente com seu mundo e, no entanto, é inacessível a esse mesmo mundo”.

— “Essa é uma contradição, eu lhe disse. Ele não pode ser inacessível se estiver ali em seu mundo, hora após hora, dia após dia”.

— “Não me compreendeste, disse Don Juan pacientemente. Ele é inacessível porque não espreme nem deforma seu mundo. Toca-o delicadamente, fica nele enquanto necessita e depois, afasta-se rapidamente, quase sem deixar sinal algum”⁶⁰.

A LIBERDADE FRENTE AO DESTINO VELHA ANTINOMIA E NOVA RESPOSTA

Qual é a lei de saída?

Cada época tem uma forma diferente de resolver a antinomia entre a liberdade e o destino, entre a alma e o mundo. Houve épocas heróicas, de luta frontal; em nossa época, o tipo de luta é diferente, é um esforço de saída por meio da compreensão da lei que rege a própria contradição. Para encontrar a saída, já não basta uma consciência ideal nem uma vontade férrea, senão que se requer conquistar o ‘movimento’ da

⁶⁰ Carlos Castaneda, *Journey to Ixtlan*, Simon & Schuster, New York, USA, 1972, pg. 95

consciência-vontade; ou melhor, conhecer a *lei* que rege esse movimento. O mundo tem poder, na medida em que o homem se entrega a ele. Quando o ser se identifica com o mundo, o mundo se constitui em símbolo do destino e quanto mais se luta contra ele, mais força se lhe dá. Não é suficiente a força da espada para vencer o dragão. É preciso conquistar o movimento inverso da vontade, mediante seu ponto de inflexão; no limite das contradições, há um ponto crítico de vazio, onde é possível reconhecer o sinal da terceira força: é o instante de consciência que retifica a onda da vontade e a torna monofásica e puntiforme (raio laser).

O que acabamos de dizer não implica negar a vontade de poder; o homem necessita exercitar sua vontade de poder, mas até certo *limite*, o qual, alcançado, se o impulso de ação não for revertido em vontade analógica (em fase com a consciência), transforma-se em força de destruição.

Devemos reconhecer duas fases no movimento da vontade, a fase de multiplicação do esforço e a fase de simplificação do esforço; a primeira é a vontade do homem prometêico, a segunda é a vontade do homem místico. Estas duas fases, até ontem separadas, começam a integrar-se em uma nova função de síntese, em virtude de uma mudança de lei. Já não se trata da velha antinomia entre ação e não ação nem da moderna dialética entre tese e antítese, mas de um circuito orgânico da lei que prepara o *órgão* da ética do futuro.

Somente uma função alternante de consciência-vontade torna possível entrar e sair do mundo livremente. Em sua fase de vontade pessoal, a consciência se faz objetiva e a energia se traduz em matéria: o ser 'entra' no mundo. Em sua fase de vontade analógica, a consciência abandona as formas, a matéria se transforma em energia e o ser 'sai' do mundo. O primeiro movimento é de determinação da vontade, o segundo é de expansão de consciência. E a oscilação reversível de ambos deixa sempre a salvo a liberdade moral do homem.

A ÉTICA COMO CIÊNCIA DA CONDUTA HUMANA

EM DIREÇÃO A UMA ÉTICA CIENTÍFICA

A ordem social e política da sociedade futura terá que fundar-se em uma nova ética. O que se entende por nova ética? Não se trata de postular uma nova teoria dos valores, mas de descobrir o funcionamento das leis morais do homem e da sociedade.

A ética, reduzida a filosofia especulativa dos valores, a teoria psicológica das motivações ou a etnografia cultural, entrou em crise. É impossível, hoje em dia, pretender fundar uma ética sobre a base da moral dogmática, da especulação metafísica ou da psicologia social. Atualmente, assistimos ao desmoronamento de uma civilização que acreditávamos ‘ética’. Em realidade, passamos de uma moral imposta pela religião, a uma moral imposta pela tecnologia. A moderna sociedade organizada tem regras de jogo ‘sagradas’ e os castigos para aqueles que as rompem são tão radicais quanto as penas do inferno; o código moral do sistema é tão severo quanto o código de Hammurabi e àquele que se animar a violá-lo, espera-o a tortura, o ostracismo ou a morte civil. E isto não acontece somente naquelas sociedades onde triunfou a ditadura do proletariado (“Arquipélago Gulag”), mas também na sociedade “ocidental e cristã”. Diz-se que, em uma sociedade onde fosse regulamentada a justiça social, isto não ocorreria, mas a história demonstra que a chamada ‘moral social’, enquanto conjunto de regras de uma sociedade de massas, costuma não ser tão moral.

É necessário resgatar a lei moral das regras do direito consuetudinário. A lei moral essencial não pode ser reduzida ao mundo das normas sociais e culturais, senão que deve ser redescoberta como lei intrínseca da vida. E esta é a tarefa de uma ética científica. A ética científica do futuro, enquanto ciência integrada da conduta humana, já não estuda uma moral abstrata nem uma norma jurídica, mas as relações que existem entre o

mundo moral, o meio social e o organismo biológico. Desde este ponto de vista, a ética já não é somente a base da ordem social (a saúde da sociedade organizada), mas também a saúde do organismo físico. A ciência ética é a chave para entender o crescimento e o desenvolvimento das formas orgânicas do futuro.

AS FONTES DA NOVA ÉTICA

De onde vem a nova ética? A antropologia cultural rastreou cuidadosamente os códigos orais das sociedades primitivas e os códigos escritos das sociedades modernas, mas estes estudos não vão além de uma arqueologia das formas de comportamento humano, sedimentadas no tempo. É preciso explorar as sociedades novas, as comunidades nascentes, matrizes do mundo que virá. E essas sociedades já existem e têm sua própria cultura e sua própria ética. Já existe uma ética do futuro! Já existem homens e mulheres novos que a sentem, que a vivem e praticam. Deles, temos que aprendê-la. É uma lei que não é formulada pelos doutores nem predicada pelas igrejas, senão que é vivida em segredo por milhares de seres humanos que descobriram um *modo humano* de funcionar no mundo. Sim! Um modo humano, porque há formas de comportamento que já não são próprias do homem.

A nova ética não é simplesmente uma conduta perfeitamente regulamentada para assegurar o correto funcionamento do ser no mundo porque esse tipo de conduta (perfeita homeostase) também é próprio do animal domesticado ou da máquina cibernética. A nova ética é ciência-e-tecnologia humana que permite construir um *novo* organismo biológico e um novo organismo social; não só é uma ferramenta de adaptação, mas um instrumento de liberação: liberação do meio, através da lei. Mas, perguntamo-nos novamente: de qual lei?

A lei ética, enquanto mensagem do futuro e instrumento de liberação do homem, não pode ficar reduzida à norma jurídica (teoria geral do direito) nem a uma interpretação individual subjetiva (relativismo ético). Deve haver uma lei, não somente

formal, mas substancial, não somente escrita nos códigos, mas inscrita na vida, uma lei que aponte não somente o que “deve ser”, mas o que “será”. Nas mudanças de era, essa lei é trazida de outro mundo; é incorporada ao sistema por homens novos; não é um produto do sistema (evolucionismo social e cultural), senão que provém de ‘fora’ do sistema e comove o sistema. Isto é o que está ocorrendo no atual momento iniciático da civilização do terceiro milênio.

A nova ética é depositada como germe no corpo social da humanidade, mais que formulada por um legislador; é vivida pela comunidade espiritual, antes de ser traduzida em códigos da sociedade civil. Ao dizer que a mensagem do futuro ‘deposita’ a lei no *corpo* da humanidade, queremos destacar que se trata de uma lei substancial, de uma lei orgânica (o organismo se enriquece com uma contribuição ‘gen-ética’ que lhe permite construir novas funções, novos órgãos e novas instituições). Este aspecto sutil, invisível, mas poderoso, é o que muda a trajetória dos movimentos habituais da conduta humana (não só da conduta social, mas também da conduta molecular e atômica do organismo físico). Esta mudança de sentido nos movimentos da vida arrasta a matéria humana a um nível mais elevado de consciência e a fisiologia da natureza elementar se transforma em uma fisiologia ética.

DA LEI ESCRITA À LEI INSCRITA

A lei moral é o modo de ser da comunidade espiritual. E a nova ética levará progressivamente à substituição da ordem jurídica formal (baseada em leis contingentes) por uma ordem jus-substancial (enraizada em leis morais fundamentais) e isto acontecerá, na medida em que o indivíduo incorpore a lei moral a seu organismo fisiológico.

A nova ética é a lei do homem total. É, ao mesmo tempo, uma ética social, uma ética espiritual e uma ética fisiológica; é uma moral privada e uma moral pública; não só de salvação da alma,

mas de saúde do corpo; não só uma filosofia dos valores, mas uma fisiologia humana; uma ética que se funda não em virtudes ideais, mas em ações de vida: em resumo, não para ser predicada, mas para ser vivida.

Quando a lei é vivida, imprime-se na *matéria*. E esta é a conquista do homem futuro, realizar o salto desde a lei escrita nas tábuas da Lei, nos códigos sagrados ou nos códigos sociais, à lei *inscrita* na rede atômica da biologia molecular; uma lei *in-scrita* na mente e no coração, no espírito e na matéria: a Lei feita forma e feita carne.

A nova ética não é uma moral estática – para conservar-se melhor (uma espécie de hibernação ética) – mas uma ética de desenvolvimento que aceita o desafio da experiência concreta para descobrir através do bem e do mal, do ensaio e do erro, os valores autênticos da vida. De nada vale que me digam o que é correto e o que é injusto, se eu mesmo não o experimentei. As novas gerações preferem o risco de explorar os caminhos da vida, a permanecer ao resguardo de uma moral convencional que lhes promete um paraíso no além, à custa de uma paralisia do ser no “aqui”. Esta audácia de experimentação é o que escandaliza os velhos moralistas, aqueles que creem que a juventude está perdida. No entanto, com muita dor, com muitas quedas e com milhares de experiências frustradas, está nascendo nos jovens uma nova moral, uma moral mais pura, mais sentida, mais autêntica; porque a moral é intrínseca ao ser e não morre nunca; ainda mais, renasce continuamente, em graus cada vez mais elevados de consciência.

Esta incorporação do valor da experiência prática à vida do ser total tira a moral de seu antigo refúgio idealista para prová-la nas areias movediças do mundo da realidade. Isto não implica uma ética fundada em uma práxis material (materialismo ético), senão que valoriza o significado da experiência concreta como testemunho de consumação, *na matéria*, do ato moral. Os valores postos em jogo na experiência ficam *in-scritos* na vida; o bem e o mal deixam de ser interpretados para serem vividos; a matéria humana os vive, goza-os, sofre-os em carne própria. Desta maneira, a incorporação da experiência dos valores vai

desenvolvendo um ‘sentido moral’ que permite antecipar-se a possíveis experiências não significativas e escapar – em virtude de uma moral feita carne – do círculo escravizante das experiências sem fim. Mediante este novo ‘sentido moral’, a ética da alma se faz ética do corpo.

O DIREITO COMO ÓRGÃO ANALÓGICO DO FUTURO

A CRISE DO DIREITO NA MODERNA SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Em nosso mundo técnico, a lei foi substituída pelos estatutos e os técnicos ocuparam o lugar do legislador. A crise parlamentar das democracias é o último ato de um lento processo de decadência legislativa. Consequência: o homem moderno vive cheio de regulamentações, mas sem lei. A lei se converteu em norma de polícia (*police*); é a regra técnica que assegura o funcionamento do sistema, mas deixa incomunicados os homens. O direito constitucional, base fundante dos Estados modernos do Ocidente, foi pouco a pouco se adaptando às necessidades práticas das grandes corporações empresariais que têm suas próprias leis e seus próprios códigos.

As complicadas regulamentações sobre impostos, intercâmbio comercial, regime trabalhista, etc., foram se desvinculando cada vez mais da raiz essencial do direito e conformaram um aparelho autônomo que tem sua própria lei política. E as instituições do direito, em lugar de serem canais para o exercício vivo da justiça, foram se subordinando ao poder administrativo e tiveram de criar sua própria força de repressão. Este divórcio entre o direito essencial e o direito técnico é o que mantém a esquizofrenia social dos tempos modernos, o que acentua as contradições do sistema e

o que provoca, ao final, as explosões de violência que hoje se sucedem em todos os lugares do mundo.

O homem está sentindo (mais do que compreendendo) o peso de uma lei que é estranha a sua natureza essencial. E assim se dá o paradoxo de uma polaridade extrema entre aqueles que querem a toda custa impor a lei e aqueles que se empenham em desconhecê-la. Esta fissura no corpo do direito vai se tornando cada vez mais profunda e não tem conserto dentro das regras de jogo da lei jurídica atual, pelo simples fato de que a lei perdeu o controle de si mesma. Quando na história das civilizações se chega a este ponto crítico, surge uma nova lei. E isto é o que já está ocorrendo! Em que consiste este giro da lei?

Antes de mais nada, temos que compreender que a decadência do direito é consequência da decadência moral. Produziu-se uma ruptura do vínculo invisível entre a sociedade moral e a sociedade jurídica. Quanto maior é a vigência da lei moral, menor é o número de normas: uns poucos princípios bastam, o direito se faz fundamental, constitucional. Em troca, quando a lei moral decai, multiplicam-se as regulamentações e os estatutos (ao infinito). A nova ordem jurídica começa a ser constituída mediante o restabelecimento dos vínculos entre o órgão do direito e a fonte do direito.

TEORIA ANALÓGICA DO DIREITO

O novo direito nasce como relação analógica entre a experiência social e a experiência espiritual da humanidade. O direito do futuro é o órgão jurídico por meio do qual se regula a transferência da consciência moral do indivíduo a formas éticas de ação social e a reversão da experiência coletiva a estados mais elevados de consciência individual. Este órgão sociofisiológico tem que ser criado. Não se trata de ajustar-se a uma nova norma, mas de dar vida a uma nova função.

Entre a carta de direitos individuais e o poder autônomo da sociedade política, abriu-se um abismo intransponível; ficamos

em uma terra de ninguém, onde hoje se trava uma luta que não tem fim. Para restabelecer a ordem, cria-se uma legislação cada vez mais repressiva; mas, por sua vez, a repressão gera nova desordem. A ciência do direito tem que começar a mostrar a contradição que se produziu entre a consciência e o poder, entre a lei e os instrumentos da lei.

A crescente necessidade de liberdade interior tem que encontrar formas jurídicas adequadas para expressar-se socialmente e, se o indivíduo não as encontra, transforma-se em um desesperado, em um delinquente ou em um doente. O direito positivo puro dissociou a lei da norma, absolutizando a norma (Kelsen e sua teoria pura do direito). O legislador do futuro terá que realizar uma gigantesca tarefa de síntese, criando um direito analógico, isto é, um direito de correspondências analógicas entre a consciência e a norma, entre a lei e os instrumentos da lei (não só os instrumentos para administrar a lei, mas as instituições para vivê-la).

O destacado jurista argentino Carlos Cossio deu um passo adiante neste sentido. Em sua polêmica com Kelsen, estabelece a diferença entre a norma e o direito, argumentando que o objeto do direito é “a conduta em interferência intersubjetiva” e não a norma, como sustenta Kelsen; este coloca a ênfase na norma, Cossio, na conduta; para Cossio, o direito é conduta intersubjetiva: não se trata só de “interpretar a lei”, mas de “interpretar a conduta por meio da lei” (valorização jurídica por compreensão do sujeito). A ênfase na norma desumaniza, desloca o homem concreto, em favor de um racionalismo jurídico; a ênfase na conduta parte do fato concreto da vida humana e não de um conceito (a lei é um conceito, a conduta é uma experiência)⁶¹.

Indubitavelmente, Cossio se coloca na vanguarda do direito, ao produzir um giro desde os “princípios” imutáveis do direito natural – considerados supra-históricos – até o significado da conduta do “indivíduo” dentro da história. Mas não é suficiente apelar para a raiz ontológica da conduta, para fundar o direito: faz

⁶¹ Carlos Cossio, *El Derecho en el Derecho Judicial*, Ed. Abeledo-Perrot, 3ª ed., Buenos Aires, 1967

falta, além disso, captar o papel que desempenha o ‘espírito da lei’. O espírito da lei é algo mais que um conceito e que uma experiência, está além da história, mas penetra na história, é o espírito de sempre mas, ao mesmo tempo, é o espírito de uma época ou o espírito de uma geração: é a lei que cria o direito, uma criação por analogia. Aqui, já não é o legislador criando a lei e sim, a lei criando o legislador. Este é o signo da era planetária que começamos a viver; é o momento em que o direito realiza um novo giro; as teorias do direito natural, as teorias puramente normativas e a “teoria egológica” (Cossio) vão cedendo passagem a uma teoria analógica.

O direito analógico não é um conjunto de princípios ou um corpo de normas, mas uma criação jurídica, uma obra de arte. É um novo espírito da lei, o que entra em jogo na era planetária: a justiça não é somente espada que separa, mas também braço que reúne, que aproxima, que harmoniza as contradições; o novo signo da lei é a justiça unida à solidariedade. Em nome do antigo deus de Justiça, cometeram-se as maiores atrocidades e em nome da Verdade da lei, foi mutilada a árvore da vida. É hora de passar da justiça da lei ao equilíbrio da lei, da verdade da lei à beleza da lei e do braço armado da lei ao abraço compreensivo da lei. Este trânsito de valores já não é realizado pelos filósofos do direito, mas pelos artistas do direito.

O MEIO JURÍDICO E O ÓRGÃO DA JUSTIÇA

A justiça em linha reta, a razão da lei, o braço direito que exclui o esquerdo, vão cedendo passagem a uma justiça de equilíbrio dos contrários, de harmonia entre a espada da lei e a balança da lei. Está se produzindo uma mudança na relação jurídica e nas regras do jogo do direito. Está sendo delineado um novo ‘corpo’ de legislação que tem por si mesmo, valor educativo, é um novo *meio jurídico*.

O desenvolvimento da consciência ética do homem planetário requer um ‘meio jurídico’ que seja não somente normativo, mas

pro-vocativo, quer dizer, que se adiante, que pro-voque, que chame ao ‘dever ser’ e que ofereça os meios para *ser*. As formas jurídicas apropriadas para assegurar os direitos humanos individuais são aquelas que oferecem, ao mesmo tempo, um ‘espaço ético’ para o desenvolvimento da consciência social; isto é, não só a norma que enuncia concisamente um direito e prescreve uma pena, mas o organismo, as instituições que ofereçam o meio para que os seres humanos possam viver uma justiça de participação social: não só como ideia, mas como ‘substância’ indispensável para a vida da pessoa. A carência de justiça provoca tantos ou mais males que a carência de afeto, a carência de oxigênio ou a carência de vitaminas. Se este meio ético social faltar ou se for insuficiente, não poderá se desenvolver adequadamente o órgão fisiológico da ética individual. Mas, acaso existe tal órgão? Sim, é um órgão invisível, integrado por circuitos de ressonância entre ação e vocação. Seu substrato anatomofisiológico são as forças que circulam pelos eixos horizontal e vertical do corpo, em relação a um centro de transcendência ética; este órgão central – o coração do sistema – registra o ‘peso’ moral da ação e emite um ‘bit’ de justiça. Tratem-se de explicar-nos melhor.

Homens e mulheres de hoje estão gestando, em seu próprio corpo, um órgão de justiça que é algo mais que um órgão da lei. Este órgão de futuro se constitui não somente pela retidão das obras, mas pela pureza da fé. Como diz São Paulo: “Daqui que, pelas obras da Lei ninguém será reconhecido como justo ante Ele, pois da Lei só nos vem o conhecimento do pecado” (Rom., 3, 20). Em outras palavras, o valor supremo não é a ‘retidão’ da obra, mas o ‘peso’ da obra. Os antigos egípcios o entenderam assim; segundo o *Livro dos Mortos*, o defunto comparece ante um tribunal composto por quarenta e dois juízes: a deusa da Verdade-Justiça está presente, mas não intervém, Thot faz de escrivão e registra a confissão do defunto (o que não fez) e Anúbis pesa, finalmente, o coração na balança da justiça.

A tradição antiga põe ênfase em uma justiça do além (são os deuses os que pesam as ações dos homens); o signo do tempo

novo aponta para uma justiça do aqui. Já não se trata de uma justiça para os mortos, mas de uma justiça para os vivos. De uma justiça escatológica, passamos a uma justiça fisiológica. Uma coisa é a justiça como ideia e como símbolo, e outra – muito diferente – como órgão e como meio.

O novo órgão individual requer, para seu desenvolvimento, um novo meio social. Tudo faz pensar que este novo órgão de justiça – ainda incipiente na humanidade atual – seja muito vulnerável às ‘carências éticas’, sobretudo em sua etapa de gestação, de tal maneira que hoje assistimos alarmados a uma enfermidade da civilização que chamamos de ‘cegueira moral’, uma forma de loucura que arrasta suas vítimas ao crime, às drogas, à prostituição, à delinquência econômica, ao abuso do poder da ciência e ao fastio de viver. Mas, nas antípodas destes submundos, já existem seres humanos que nascem com uma fisiologia ética diferente, com um órgão moral já constituído e cuja conduta ética forma a trama invisível de um novo meio sociojurídico.

TÉCNICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CONDUTA ÉTICA

A CRISE DOS VALORES SISTEMÁTICOS

A mente racional ordenou o mundo, de acordo com regras lógicas e, ao mesmo tempo, criou um sistema de valores para ordenar a vida. O mesmo “logos” que criou a geometria do espaço projetou o diagrama da ética formal. Todas estas construções sistemáticas do pensamento entraram em crise, o mundo não é como havíamos imaginado (existem outras geometrias) e a conduta humana não pode ficar definida por determinado esquema de valores.

A ética racional do mundo moderno foi construída sobre premissas que permanecem ocultas, mas que são as forças

condicionantes do sistema, algo assim como o código invisível e inquestionável do edifício ético. Esses pilares básicos eram, até ontem, a fé no sustento material da existência e o credo de posse. Estes valores-sentimento sofreram o forte impacto do futuro e já começam a aflorar os valores-energia do homem cósmico.

Qualquer que tenha sido a filosofia dos sistemas de valores do passado, nunca pusemos em julgamento o sustento material da existência, quer dizer, sempre confiamos na estabilidade da pedra sobre a qual estávamos apoiados. Consciente ou inconscientemente, vivíamos com fé na estabilidade do átomo físico. Mas hoje, já não se pode edificar sobre essa base porque a própria pedra explodiu. Comoveu-se a base material da existência, desapareceram os pontos fixos de sustentação e o ser humano ficou flutuando à intempérie, em um espaço vazio e sob a influência de uma nova lei que ainda não compreende. A partir deste momento de ruptura, a conduta já não pode ser facilmente enquadrada dentro de uma escala de valores fixos, senão que se faz necessário descobrir a lei do *movimento* dos valores.

PREMISSAS DA ÉTICA DO HOMEM FUTURO

Se a ética do homem velho se fundava sobre a premissa de um mundo humano material separado do universo (separado por falta de consciência), quais são as premissas éticas do homem cósmico, cuja consciência se abriu ao universo? Essas premissas germinais, invisíveis, mas poderosas, estão na base dos anéis do homem novo, sentidas, mais do que formuladas: 1. Não trabalhar para fins separados (questionamento de todo trabalho alienado, de toda dissociação entre a consciência e a vontade, de toda excisão entre o ser e o afazer, entre o conhecimento e a vida). 2. Não materializar a energia humana (não cristalizar a vida e sim, transformá-la). Estes são os fundamentos invisíveis dos novos valores, os pré-valores que dão sentido a uma ética do futuro.

A ética de afirmação do mundo e da vida conduz facilmente à *posse* da vida e imobiliza o ser em determinada forma ética

(“Aquele que quiser possuir a vida, esse a perderá...”). A nova ética não se funda em valores fixos, mas em valores reversíveis e a lei que governa já não é de posse, mas de renunciamento.

A lei de renúncia aos valores sistemáticos não nega os valores nem postula um relativismo ético, senão que põe em movimento o mundo dos valores, tira os valores de seus trilhos sistemáticos e os incorpora à vida. É a lei de reversibilidade dos valores, ou seja, a lei do movimento dos valores. Já não valores fixos, estáticos (individualidades éticas formais, como os elementos químicos – H, Na, K – ou das individualidades biológicas – séries botânicas e zoológicas), mas valores vivos (ordenadores da matéria da vida) que fazem possível o trânsito das formas éticas: alcançado certo nível de desenvolvimento ético, a vida se lança (por renunciamento) em busca de uma nova dimensão ética, até então desconhecida. Nesta ética dinâmica, a conquista de uma nova forma ética implica uma nova forma viva (uma fisiologia que sustente os valores), o que pressupõe o salto da ética formal para a gen-ética.

ESTRUTURA ANALÓGICA DOS VALORES

Os dois grandes sistemas éticos que conhecemos (espiritualismo e materialismo) se fundam em valores polarmente opostos. Os sistemas de valores construídos sobre um fundamento teológico constituem uma ética que se baseia nos dons do espírito, enquanto que a ética humanista postula uma conduta ética de conformidade com a razão (uma moral sem dogmas). Mas, em realidade, os valores não podem ser reduzidos nem a virtudes teologais nem a virtudes cardeais, senão que são estruturas vivas, campos de ressonância analógica entre o espírito e a matéria. Estas estruturas dinâmicas e reversíveis são as que abrem o caminho à ética do homem do terceiro milênio.

Poderemos esboçar estas novas estruturas éticas? Indicá-las-emos com vocábulos clássicos, mas teremos a precaução de mostrar mais o movimento do que as formas.

Vocação

O que é vocação? Voltamos sobre o assunto. É o fundamento dos valores íntimos do ser humano. É a Voz interior que orienta o ser para o que deve ser. Este dever ser não pode fundar-se em uma ética normativa (que dá normas de conduta de ordem geral), mas surge de uma ética de egoência que aponta um dever ser individual e transcendente; é um dever ser vocacional, cujo chamado não pode ser reconhecido no ruidoso espaço psicológico e sim, no silêncio de um espaço místico. Quando calam as vozes confusas do mundo, escuta-se aquela Voz que é para o ser e que aponta o caminho do que se deve ser. Esta Voz única e intransferível é a nota chave para afinar (“*attunement*”) o instrumento humano em acordes de egoência (sintonia ética).

A nova ética começa com uma tomada de consciência de si, consciência de ser e de dever ser. O novo homem não quer ser isto ou aquilo, mas simplesmente ser homem e descobrir os meios para sê-lo. Tudo aquilo que não se fundar nesta consciência de si é máscara de consciência reativa, sistemas convencionais de normas que, um bom dia, vêm abaixo e deixam a descoberto a vacuidade do ser: uma ética falsa que não pode sustentar a vida.

A vocação é uma função original, irrecuperável e irreversível.

É um impulso original de criação, é uma fecundação espiritual. É como a ovulação na mulher, um instante único de criação de nova vida; se esse chamado não encontrar resposta na matéria humana, fica apenas como uma lembrança, a vida continua, mas a alma recorda uma oportunidade perdida, irrecuperável (algo que poderia ser). A educação moderna prepara o ser humano para desempenhar um papel no mundo, mas a educação do futuro terá que ajudar-nos (desde pequenos) a reconhecer aquele sinal íntimo que nos marcará o caminho em direção às estrelas.

Habitualmente a vocação é uma função mutilada por falta de resposta, substituída por um idealismo ou por um pragmatismo. Resposta vocacional não é somente descobrir a direção do caminho, mas dispor da força necessária para percorrê-lo. A vocação não é somente um ato iluminativo, mas energético,

mostra um ideal mas, ao mesmo tempo, libera a energia específica para seu cumprimento; não é uma energia que possa ser usada para qualquer coisa, mas para o fim ao qual foi destinada desde a origem: é uma energia sagrada. Quem é fiel a sua vocação sempre tem à mão a energia necessária para cumpri-la. Aqueles que dizem ter um ideal, mas não a força para realizá-lo, é porque utilizam as forças de liberação para fins secundários. Por isso, colocamos a ética como fundamento da economia humana do futuro.

Participação

Participação é dar-se. Não só dar, mas dar-se. A participação é um sentir simples, um gesto fundamental de dação do ser frente à vida. É uma atitude básica de oferta de si mesmo que é prévia a toda especulação acerca dos valores e dos significados.

A nova ética não é uma ética de ilustração (para ser entendida), mas uma ética de participação: para ser vivida. A ética de participação quebra todas as expectativas acerca dos valores que podem dar significado à existência. Há pessoas – e muito cultas – que passam a vida especulando acerca do sentido e tentando encontrar conteúdos valiosos para suas almas vazias. Mas, no final, costumam não chegar a nenhuma conclusão. Em certa oportunidade, depois de haver conversado longamente com uma pessoa acerca do sentido da existência, esta me disse: “Bom, tudo isso está bem; mas se eu, depois de muito procurar, descobrir um sentido que não é real e do qual ninguém necessita, nem eu mesmo?”. Nesse momento, dei-me conta de que era vão discutir sobre estas questões com pessoas que estão cristalizadas, que não querem nem podem abrir-se nem dar-se e que, portanto, reagem e se defendem. É inútil falar de ética ante aquele que tem fechado o coração. Há algo prévio – que Gandhi conhecia bem, quando disse a sua discípula inglesa Slade, a qual vinha para pedir-lhe ensinância: “Vá limpar os banheiros, lá aprenderá mais que tudo o que eu possa ensinar-lhe”. Esta é a nova ética, uma ética de participação. Há uma dura carapaça no coração do homem que não pode ser vencida com a compreensão intelectual do que é

correto e do que é injusto e sim, com a participação mediante o trabalho e o sacrifício.

A responsabilidade social não basta para fundar uma nova ética. O dever social já não é suficiente para dar perfeição à conduta ética porque o novo homem descobriu que, com a velha história da ‘responsabilidade’, foram encadeados homens e mulheres a uma maquinaria cega que agora os devora. Não! Tem que surgir um novo sentido de participação: é a participação com a própria vida em uma ética cósmica. Ética cósmica? Sim! Quer dizer, não simplesmente ética social (que salva o mundo) ou uma ética religiosa (que salva a alma), mas uma ética criadora (que salva a vida). A nova ética harmoniza a *vida* do ser humano com a vida do universo.

A participação é um sentir, mais que um dever; começa por ser sentida e por ser praticada, ainda antes de ser compreendida.

A participação se realiza progressivamente pelo conhecimento e pelo trabalho, mas se aperfeiçoa pelo sacrifício. O que quer dizer isto? O sacrifício é o último elo do metabolismo humano. Há uma parte obscura e incompreensível da vida que é preciso carregar sobre as costas como peso inseparável da existência humana. Nem tudo pode ser compreendido; para além do conhecimento está a dor.

A participação pelo sacrifício é uma das funções mais importantes da vida humana; uma transformação da matéria que só o homem pode realizar, transformar dentro de si mesmo uma parte da irracionalidade do mundo, da obscuridade do mundo, do mal do mundo. Existe certo tipo de matéria (humana) que só o ser humano pode metabolizar, um tipo de matéria separada (própria do ser-no mundo) que só pode ‘voltar’ a unir-se com a consciência do ser através do coração do homem. Em outras palavras, quando uma parte da vida humana perde suas conexões essenciais com o ser, essa partícula (material) só pode voltar a unir-se (as religiões diriam redimir-se) em virtude do sacrifício do homem moral. Os animais e as plantas intervêm em diferentes processos de assimilação da matéria (e a transformam em seu interior), mas só o homem pode humanizar a matéria, apenas pela ação de viver

com dignidade. Esta participação silenciosa do ser humano dentro do metabolismo cósmico dá sentido a milhões de vidas humanas que nunca serão conhecidas, que vivem, sofrem e morrem como sombras fugitivas na corrida do tempo, mas que algum lugar têm na eternidade (Vendo em uma praça, um homem que vendia um pequeno brinquedo para fazer bolhas de sabão e que o único que tinha que fazer era soprar por um canudinho e fazer saírem as bolhas que estouravam no ar, eu me perguntava: “um organismo tão complexo que necessitou de milhões de anos para alcançar a evolução atual e dedicado a uma tarefa tão insignificante!”). Não! Há um metabolismo humano de outra ordem; pelo organismo desse homem passa uma matéria em ascenso que somente ele pode transformar (ainda que continue soprando...). A menor e mais insignificante vida tem um sentido cósmico; as pequenas bactérias intestinais têm uma função transformadora de substâncias que somente elas podem realizar: e elas também participam dignamente, dentro de um organismo que não conhecem.

Renunciamento

Quando um valor conquistado é oferecido, produz-se a reversibilidade dos valores. A oferta dos valores pessoais se constitui no valor central da nova ética. Isto não significa postular um monismo ético (tão bem questionado por Hartmann)⁶², mas colocar o renunciamento no centro do sistema.

O renunciamento é um valor central que integra todos os demais valores. Quando um valor pessoal alcança o máximo de seu desenvolvimento, o passo seguinte para aperfeiçoar o valor é a oferta. É o instante em que a ética se resolve em mística. Se os valores forem fixados e não revertidos, o homem se converte em um ‘rico’ que entesoura virtudes que nunca entrega, é um museu vivo, separado da vida. Mas, em troca, o valor pessoal mais

⁶² Ricardo Maliandi, *Hartmann*, Centro Editor da América Latina, Buenos Aires, 1967

humilde, se for oferendado, une-se à vida, embeleza-a e transforma-a.

Experimentamos os valores dentro da dinâmica de uma estrutura viva e é sobre a base deste tecido vivo (e não sobre uma enteléquia) que podemos formular uma ética propriamente humana. A ética humana quebra as antinomias irredutíveis que surgem das construções sistemáticas do pensamento. Nem a afirmação absoluta do mundo e da vida nem sua negação podem servir de base a uma ética humana. A ética da vida humana tem que ser necessariamente reversível porque, se não fosse assim, a vida se cristalizaria em um modelo ético. E a ética não pode ser, de nenhuma maneira, um instrumento para perpetuar modelos de conduta (por mais perfeitos que sejam) e sim, para transformar a matéria bruta em matéria humana, por meio de um metabolismo ético.

A velha ética, no final, separa o homem do contexto total da vida: é uma ética fundada em uma geometria plana do espaço humano que separa os bons dos maus, os da direita dos da esquerda. Este tipo de ética é o que conduz a uma política de ‘apartheid’. Em troca, a ética de participação reversível une a vida individual ao grande organismo social e cósmico. E une porque não fica com os valores, ‘devolve-os’. O renunciamento, ao provocar a reversibilidade dos valores, introduz uma nova força de sustentação no mundo humano, que já não é uma lei ética, mas uma radiação mística. Jorge Waxemberg, em seu livro *La Ascética de la Renuncia*, diz: “A ascética da renúncia ensina a gerar a força necessária para que a expansão dinâmica seja possível”⁶³. Ou seja, o renunciamento, que aparece como última palavra no cume dos valores éticos, é também a primeira palavra nos valores energéticos do futuro.

⁶³ Jorge Waxemberg, *La Ascética de la Renuncia*, Ed. ADCEA, Buenos Aires, 2ª ed., 1975, pg. 84

SÍNTESE DO CAPÍTULO III

SEGUNDA FUNÇÃO DE SÍNTESE

A LEI HUMANA

A lei humana é intrínseca ao ser, não está escrita em tábuas de pedra nem em códigos sociais, senão que está *in-scripta* na estrutura ontológica e específica do ser humano. Esta lei do homem não é somente uma lei formal, mas essencial e substancial.

É uma lei que é descoberta por similitude, por acorde analógico entre a vontade individual e a consciência cósmica. Uma vontade, um destino e uma estrela são as três dimensões da estrutura básica da lei humana.

Como ciência da conduta, a lei humana se traduz em uma ética científica.

A nova ética é, ao mesmo tempo, uma ética social, uma ética espiritual e uma ética fisiológica; é uma moral privada e uma moral pública; não só de salvação da alma, mas de saúde do corpo.

Quando a lei é vivida, imprime-se na matéria e esta é a conquista do homem futuro.

A lei vivida se faz órgão analógico do direito. Este órgão de futuro – ainda incipiente – não é só um conjunto de normas, mas uma criação jurídica, uma obra de arte. Configura-se na sociedade como ‘meio jurídico’ e se plasma no organismo humano, como órgão moral.

Como técnica, a lei humana conduz a uma conduta ética, individual e social. De uma ética de posse, passamos a uma ética de participação.

IV

PROTOMODELO DA FORÇA

“Estou convencido de que não poderemos solucionar
nossos problemas básicos, a menos que construamos
uma ciência da economia que nos capacite para
conduzir nossa ‘nave espacial Terra’ em direção a fins
humanos: uma “humano-economia” ou
“humanomics”.”

(Eugen Loeb, *Humanomics*)

I. Como função: TRABALHO

II. Como ciência: ECONOMIA

III. Como órgão: MÃO

IV. Como técnica: PARTICIPAÇÃO

TERCEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE: TRABALHO HUMANO

O TRABALHO COMO FUNÇÃO DE BASE DA ECONOMIA HUMANA

A ECONOMIA DO HOMEM TOTAL

O que é economia humana? Mais que uma ciência do homem, é uma função da vida. É economia biológica, social e espiritual, ao mesmo tempo. É metabolismo humano. E, entende-se por metabolismo humano, o conjunto das transformações materiais, energéticas e espirituais que servem de base ao funcionamento do ser humano. Metabolismo humano é trabalho humano e o trabalho é a função básica da economia humana.

A vida trabalha em diferentes níveis.

Em nível *biológico*, trabalho é metabolismo fisicoquímico. Avançamos muito no conhecimento das transformações dos elementos químicos e das transferências de energia que se produzem no interior do organismo, das enzimas que comandam esse metabolismo por meio de mensagens codificadas e das terríveis consequências que se produzem quando há falhas na comunicação bioquímica.

Em nível *psicológico*, trabalho é dinâmica do psiquismo, jogo de forças do inconsciente, poder criador e destruidor dos arquétipos coletivos, elaborações do pensamento e transformações da consciência. Algo aprendemos acerca do poder de plasmação da *psyché* sobre o organismo físico e começamos a descobrir as relações que existem entre a patologia mental e os transtornos do metabolismo químico do cérebro.

Em nível *social*, trabalho é funcionamento orgânico da sociedade e intercâmbio de forças psicológicas, físicas, morais e

políticas que configuram as relações de produção e consumo de bens materiais e culturais. Também neste nível, começamos a descobrir os ‘erros’ do metabolismo social e a patologia econômica.

Em nível *espiritual*, trabalho é um aspecto da economia humana, ainda pouco explorado; é o intercâmbio entre o espírito e a matéria *no* homem; trata-se de um tipo de metabolismo ainda pouco conhecido, mas que é chave para a compreensão de uma economia total. Sem este último elo dentro da cadeia de transformações da ‘matéria’ humana, a vida não chega a humanizar-se plenamente e os produtos residuais do metabolismo intermediário acabam por voltar-se contra o homem (tal como ocorre no metabolismo biológico quando, por falhas ou ausências enzimáticas, não se chega ao final das transformações bioquímicas e se acumulam substâncias prejudiciais à vida: doenças do metabolismo).

O metabolismo espiritual adquire o significado de primeiro e último elo enzimático do metabolismo humano, pois implica o começo e o fim das transformações da vida humana. A inclusão deste nível no estudo da economia humana – economia humana do futuro – permitirá descobrir as leis que presidem o começo e o fim das ações humanas e tirará a ciência econômica do beco sem saída em que se encontra atualmente, limitada como está, ao manejo das leis de produção e consumo de bens materiais.

Qualquer interpretação parcial da economia, qualquer reducionismo a algum dos níveis particulares mencionados anteriormente (já seja um biologismo, um psicologismo, um socialismo ou um espiritualismo) estão condenados ao fracasso porque a economia humana, para que possa ser chamada *humana*, tem que ser total, um metabolismo da matéria e do espírito, da energia e da consciência, do significado e da forma. Este tipo de economia humana de totalidade é o fundamento da ecologia planetária do futuro.

Os sistemas econômicos atuais estão em crise porque se fundam em teorias que não respondem às necessidades de desenvolvimento do homem total e em modelos sociopolíticos que

perderam vigência histórica. Teorias e modelos que foram, em um tempo, adequados para governar a Terra são hoje insuficientes para edificar o homem.

A economia humana do futuro é ainda desconhecida. Se bem que tenhamos avançado em direção a uma economia social de participação, enquanto os sistemas econômicos continuarem sendo formulados exclusivamente sobre a base da produção, distribuição e consumo de bens materiais – ainda quando for sobre princípios de justiça social – não chegarão a conformar uma verdadeira economia humana, a qual não é regida pelas leis do mercado, mas pelas leis da vida. A chave para a compreensão desta economia humana do futuro é, precisamente, descobrir a *lei* que rege o campo unificado do metabolismo humano; em outras palavras, a lei do *trabalho* humano, a lei que orienta o trabalho, não só para um produto material, mas para um significado humano. A força de trabalho, se carecer de significado para o homem, volta-se contra as funções da vida.

ESTRUTURA FUNCIONAL DO TRABALHO HUMANO

Qual é a *estrutura* da função trabalho, dentro da economia do homem total? Sobre essa estrutura se funda a ciência econômica do futuro.

O trabalho é uma função intrínseca ao ser humano e a lei que governa esta função deve poder ser manejada desde dentro, desde o ser. Dirigir a economia humana desde fora – desde os centros do poder político e econômico – seria o mesmo que pretender controlar o metabolismo físicoquímico com os planos de regulação do meio ambiente. Se se pensar em modelos econômicos de futuro, deve-se restaurar a função biológica mais que a lei social, o governo intrínseco da força de trabalho mais que os estatutos que o regulam desde fora. Se bem seja certo que as leis de política econômica e de justiça social signifiquem um avanço na condução das forças do trabalho, não bastam para

restabelecer a hierarquia intrínseca do trabalho humano, o qual se rege não somente por leis formais, mas por leis substanciais.

Dentro da perspectiva de uma economia humana do futuro, a função trabalho é uma ferramenta que permite o acesso aos bens da vida e esses bens são tão materiais quanto espirituais. Na economia do homem total, não só importa o crescimento do PIB, mas também o desenvolvimento da consciência.

Quais são os parâmetros nos quais se inscreve esta economia humana do futuro? Temos que assinalar alguns pontos de referência e esboçar algumas linhas que nos sirvam de guia para orientar-nos no mundo de forças sutis que relacionam o ser com as coisas. Ainda mais, temos que aprender a construir algumas pontes que nos permitam transitar de uma linha a outra, dentro do pentagrama de uma economia multidimensional que oscila entre a força e o significado, entre o produzir e o produto.

Economia humana, mais que um esquema fixo de leis e princípios, é campo unificado de um metabolismo quântico em que ondas e partículas se transferem constantemente entre si, de um nível de energia a outro. Para compreender – e, sobretudo, para viver – este processo de transformação contínua de matéria-energia-consciência, necessita-se grande liberdade de movimento do ser. Para governar a economia humana, é preciso descobrir o ritmo do trabalho interior e mover-se em harmonia com seus momentos de criação e destruição, de produção e consumo, de transmutação de matéria e de expansão de consciência. Por isso, mais que de princípios ou teorias econômicas, partiremos da própria dinâmica da função de base – a força do trabalho humano – e tentaremos descobrir a estrutura e o ritmo dessa função, não somente para compreendê-la, mas para vivê-la.

AS TRÊS DIMENSÕES DO TRABALHO HUMANO

Etimologicamente, a palavra “trabalho” deriva do latim “*tripalium*” (três paus), aparelho para sujeitar os cavalos.

Distinguimos no trabalho humano, três aspectos: a força, a direção e o significado.

A força do trabalho, sua dimensão energética

Na nova era que começa, a chave para o desenvolvimento e a sobrevivência é o controle da energia. Mas o homem atual ainda não tem consciência das poderosas forças que maneja (ou que o manejam).

Onde está alojada a força do homem? Em uma primeira etapa da antropogênese, toda a força estava no organismo psicofísico (no poder do inconsciente, na vitalidade do corpo): o ego era uma pequena casca de noz que flutuava no embravecido mar da psique profunda. Em uma segunda etapa – a atual sociedade de massas – a força humana foi depositada nas grandes organizações sociais e tecnológicas; é a corporação a que tem o poder e o indivíduo desempenha um papel insignificante, frente ao poder coletivo organizado. Mas, entramos já em uma terceira etapa, na qual o homem – para ser homem – necessita ter em suas mãos as forças da vida. Do poder do inconsciente e do poder anônimo das corporações, acedemos a um novo poder de egoência, que é o controle das forças da vida em nosso interior.

Ao tomar em suas mãos as forças que traz dentro de si, o homem futuro conquista uma nova dimensão econômica. É o fim da era de escravidão terrestre (Prometeu encadeado à natureza ou à sociedade) e o começo de uma era cósmica em que o indivíduo não só acaricia o ideal de liberação, senão que governa a energia necessária para realizá-lo.

A energética do trabalho é tema fundamental para uma economia humana do futuro. Até agora, manipulamos a força do trabalho para construir o mundo, mas a ciência econômica do amanhã terá que ensinar-nos a utilizar a energia do trabalho para dignificar o homem. Muitas vezes dissemos que o homem novo despertou para um novo estado de consciência; mas, não é menos certo que, apesar disso, está inerme frente à poderosa fauna do passado (os dinossauros do velho mundo): ele tem a consciência,

mas eles têm a força. A ciência e a técnica do trabalho humano terão que transpor o abismo criado atualmente entre a consciência e a força.

Hoje em dia, já não é suficiente a revelação da Verdade ou o conhecimento da Lei – temas básicos sobre os quais se centravam as filosofias do mundo antigo – senão que se requer a penetração no campo ainda inexplorado da força do trabalho humano. Esta é a contribuição das filosofias sociais modernas para a mensagem do futuro. Nenhuma mística antiga valorizou o trabalho dentro dos mandamentos da Lei, mas a mística moderna se apoia no trabalho não somente para a liberação da ‘alma’, mas para a redenção da matéria. Esta mística do trabalho, no entanto, não pode ser reduzida a uma filosofia social ou a uma economia política, senão que reclama uma ciência da energia humana.

A direção da força do trabalho

A falácia do marxismo, como de todo evolucionismo fundado sobre uma geometria plana e um movimento unidirecional, é não haver advertido a mudança de signo do tempo novo. Como disse muito bem Octavio Paz, “o marxismo não pôde dizer-nos qual é o sentido geral do movimento da história”⁶⁴. Na era energética que vivemos, o movimento da história muda de sinal, produz-se uma reversão na seta do tempo e, como consequência, uma mudança na direção do esforço humano. A corrente de força humana que fluía desde séculos para fora, para conquistar o mundo, reverte agora seu movimento para dentro e se transforma em força de liberação da alma. No ponto crítico de inversão do movimento da energia humana, a revolução social cede passagem à revolução espiritual. A mudança de direção do esforço curva de tal maneira o espaço existencial que o trabalho sobre a matéria do mundo se converte em trabalho sobre a matéria do homem.

As chamadas doutrinas de liberação – já sejam os movimentos sociais de liberação ou as pedagogias ou teologias de libertação –

⁶⁴ Octavio Paz, *Corriente Alterna*, Siglo XXI, 3ª ed., México, 1969, pg. 199

não foram além dos limites de suas respectivas ideologias: propõem um ideal de liberação ou uma ação libertadora, mas falta-lhes uma energética espiritual de liberação, sem a qual não é possível oferecer ao homem de nosso tempo uma ferramenta, uma chave para abrir a porta do cárcere em que está encerrado. Para vencer o dragão (o poder anônimo de fora e de dentro) não é suficiente o conhecimento, nem a súplica, nem a luta revolucionária; faz falta uma superenergia que é liberada pelo trabalho interior. Esta é a grande batalha do futuro. A guerra do futuro – além ainda da explosão dos megatons – é uma guerra de liberação interior. Mas, com que estandarte empreenderá o homem esta luta? Não é suficiente o esforço (a ascética do trabalho), faz falta descobrir o significado do esforço (sua dimensão mística).

O significado do esforço

Assinalamos uma energética e uma ascética do trabalho, mas faz falta uma mística. A mística do trabalho é a união – dentro do próprio homem – das forças da vida com as forças da alma. Estas duas correntes, as forças da vida e as forças da alma, estão atualmente separadas. Mas a humanidade entrou em um torvelinho de alta velocidade e forte compressão, que provoca a convergência dessas forças como fase preparatória para uma nova era de trabalho criador.

O ser humano está submetido hoje a pressões extraordinárias. Quais são as linhas de força que formam o campo para a gestação de uma supervida? A primeira força, concreta e contundente, é a pressão do meio externo: a pressão dos ambientes de trabalho, a pressão da guerra psicológica, as pressões econômicas e políticas do meio social, a pressão do meio familiar, a pressão do meio tecnológico (o ruído, a contaminação, o bombardeio da informação). Toda esta pressão conduz, no final, a uma o-pressão crítica. As pessoas se defendem do meio até onde podem; protegem-se da inflação (se podem), mudam de casa ou fazem

uma viagem (se podem)... mas, e quando não podem mais, o que acontece?

A pressão do meio exterior vai encurralando cada vez mais o homem contra si mesmo. Essa pressão é sentida por dentro não somente como opressão, mas como ‘compressão’. Mas, até que ponto se pode comprimir a matéria humana sem que estoure? Esta alta compressão, que a indústria conquistou nos motores, também está acontecendo no coração humano. Quando se chega a um ponto crítico de compressão, faz falta que entre em jogo um supercombustível para provocar a combustão da matéria humana. A compressão das forças da vida, por si só, não conduz a outro resultado mais que a loucura ou a morte (por compressão, por paralisia do ser). No entanto, esta supercompressão está gerando, em milhões de seres humanos, uma resposta da alma. Para não morrer por compressão, é preciso deixar que afluam ao reator do coração humano, as forças da alma. Esta convergência entre as forças da vida (o esforço material para sobre-viver) e as forças da alma (o alento espiritual para sobre-viver) é o que transforma a força de produção em força de liberação. Muda o significado do esforço e o trabalho se faz sagrado.

RUMO A UMA CIÊNCIA ECONÔMICA FUNDADA NO TRABALHO

As considerações precedentes que, mais que definir a função trabalho tentam esboçá-la – força, direção e significado – constituem o ponto de partida para uma ciência da economia humana fundada no trabalho.

O trabalho perdeu significado existencial para o homem moderno. Marx denunciou as consequências desumanizantes do trabalho alienado no sistema capitalista, mas o comunismo tampouco pôde evitar a alienação. E isto é o que está na raiz da crise dos atuais sistemas econômicos, uma crise por falha na base

humana do sistema. Enquanto não se descobrir no trabalho um novo sentido de vida, é inútil falar de ideologia econômica ou de política econômica porque faltará a base humana que sustente com fatos os postulados teóricos ou os procedimentos técnicos.

O trabalho é força de produção de bens materiais e força de transformação da matéria humana. A nova função integrada transforma a força do trabalho (enquanto força ‘bruta’ ou matéria prima em bruto) em matéria humana (que é a matéria própria do *ser* humano). Este trabalho sobre a matéria, que está sendo realizado no interior do organismo humano, constitui a base viva de uma nova fisiologia econômica.

A economia do futuro se antecipa como uma economia social, fundada no trabalho. Este postulado não parece ter nada de novo, mas se quisermos colocá-lo como fundamento de uma futura ciência do trabalho, devemos perguntar: “De que tipo de trabalho se trata?”.

Para além dos grandes sistemas econômicos, capitalistas e comunistas, surge uma terceira posição chamada “economia social de participação”, cujo modelo toma como valor econômico central a participação efetiva do homem que trabalha e não a força do capital ou da burocracia do Estado. Este tipo de economia de participação – cooperativismo, segundo o modelo iugoslavo⁶⁵ ou afins – representa um avanço no processo de humanização do trabalho; mas, enquanto modelo técnico, não vai além da etapa que descrevemos como de ‘socialização da matéria humana’ (etapa 2). No entanto, a economia humana já se lançou a uma etapa 3 e temos que ganhar rapidamente este novo nível, se não quisermos cair na armadilha dos neossocialismos. O socialismo é uma revolução já cumprida (poderá aperfeiçoar-se, mas como sistema, é uma etapa terminada). Em troca, enquanto vai se cumprindo a etapa da revolução social, é preciso penetrar já na revolução espiritual do futuro.

⁶⁵ Jaroslav Vanek, *La Economía de Participación*, Ed. Amorrortu, Buenos Aires, 1974

A economia espiritual do futuro é uma economia humana de liberação. E sua ferramenta prática é o trabalho humano; o trabalho, não só como virtude espiritual (espiritualismo) ou como meio social de produção (socialismo), mas como função de desenvolvimento humano, para criar melhores condições de vida no mundo externo e para criar novos órgãos e ferramentas no organismo interno. O homem do futuro vai necessitar de uma nova instrumentação liberadora para ocupar um lugar digno na sociedade terrestre e para poder viver no cosmos recém aberto. Esta visão do trabalho, dentro do marco de uma economia humana de liberação, exige uma nova *ciência do trabalho*.

Até agora, conhecemos uma *mística* do trabalho, uma *ética* do trabalho, uma *técnica* e uma *filosofia social* do trabalho, mas necessitamos de uma *ciência* do trabalho. Esboçamos sua temática sobre a base de algumas linhas teóricas que nos servirão de guia.

TEORIA DO MOVIMENTO DAS FORÇAS DO TRABALHO

A dinâmica do trabalho humano se resolve em dois grandes movimentos de direção contrária, uma vontade em ação e uma consciência em expansão. O primeiro movimento materializa o esforço (é energia tornando-se matéria), o segundo movimento ‘desmaterializa’ a matéria (é matéria tornando-se energia e consciência). As teorias que tratam acerca do esforço e do trabalho fundaram-se em um ou outro destes movimentos, mas para uma ciência futura do trabalho, o importante é pôr a descoberto o movimento total do trabalho humano e sua dinâmica de oscilação reversível. Somente a partir deste ‘movimento total’, será possível devolver ao trabalho humano a hierarquia que lhe cabe, dentro de uma economia ecológica planetária. Sabemos que as plantas, por meio da luz solar, produzem hidratos de carbono, hidrocarbonetos, lipídios, proteínas, etc. e liberam oxigênio. Mas, o que produz o homem? Qual é seu posto ecológico no planeta?

Trabalho humano não é manipular a matéria, mas humanizar a vida. O homem atual vive o trabalho como uma maldição porque o fazer está separado do ser, porque os bens produzidos estão separados daqueles que os produzem, porque a obra está separada da alma. O homem futuro tem que recuperar o trabalho como instrumento de união entre a vontade e a consciência. Esta unidade entre o que se faz e o que se é começa a ser vivida quando se descobre o movimento total do trabalho, que é o mesmo que dizer, quando se descobre o *ritmo* da vida.

A nova função do trabalho humano supera definitivamente o absurdo de uma sociedade alienada, na qual o produzido (o produto do trabalho) se converte em uma força econômica autônoma que se volta contra *quem* o produz. Em tal sistema, aqueles que *não* trabalham (os que especulam com o trabalho alheio) são cada vez mais ricos e aqueles que trabalham são cada vez mais pobres. Em tal sociedade, o tempo de trabalho ocupa a vida inteira do produtor, em benefício de uma massa anônima de consumidores. Sob o *slogan* de ‘aumentar a produção’ (ainda que não se saiba de que nem para quem), o indivíduo foi despojado de seu tempo; o tempo humano se tornou irrecuperável, foi entregue à máquina social de produção. Na sociedade industrial (tanto capitalista quanto comunista) não somente foram tirados do trabalhador os meios de produção (a denúncia inicial de Marx), senão que lhe foi arrebatado também o tempo. Isto é muito mais grave porque, quando o tempo humano se torna irrecuperável para o ser (entropia do tempo), a força do trabalho se volta contra a vida e paralisa o crescimento interior.

Em resumo, falamos de trabalho alienado quando o homem perde sua força de trabalho e seu tempo de vida, quer dizer, quando a roda do trabalho se move em direção à morte. E isto é o que está ocorrendo na sociedade atual, independentemente dos sistemas econômicos e das ideologias sociais e políticas; é algo inerente ao sistema, mas não ao sistema político ou ideológico – como se supõe – mas ao sistema de vida em que desembocamos. A crítica a este tipo de trabalho alienado não é a crítica a este ou aquele sistema ideológico e sim, a denúncia do desvio de uma

função humana (de sua distorção) e da necessidade de recuperá-la na totalidade de seu movimento, de sua força e de seu significado.

TEORIA DO SIGNIFICADO DO TRABALHO

Voltando sobre o já expresso acerca do significado, fazemos algumas perguntas. Qual significado? Significado econômico? Significado social? Significado artístico? E, além disso, significado para quem? Para quem produz ou para quem consome? Para o indivíduo ou para a sociedade?

Até agora, manejamos uma vontade em ação, mas não controlamos as consequências da ação; pusemos em movimento a força do trabalho, mas não temos o governo dessa força. O que é responsabilidade no trabalho? Simplesmente fazer as coisas bem? Mas, qualquer coisa? Ou é tomar consciência do que se está fazendo e medir as consequências mais longínquas do que se está fazendo?

Na era em que vivemos, para avançar em uma teoria do significado do trabalho não é suficiente o enfoque filosófico, senão que se faz imprescindível compreender a mensagem da técnica. O homem atual dança em um mundo técnico que não entende. Maneja com toda naturalidade circuitos eletrônicos e acredita que está trabalhando com os mesmos instrumentos mecânicos do passado, ainda que mais aperfeiçoados. Não se dá conta de que a mudança é radical e que não somente trabalha com *outras* ferramentas, mas com *outra* matéria.

TEORIA DA MATÉRIA DO TRABALHO

O que é ‘matéria’ do trabalho? É a substância que deve ser transformada pelo trabalho.

Na antiguidade, o homem trabalhava sobre a natureza elementar (era um *opus* sobre a natureza e o sentido do trabalho era transformar a natureza). Mas, na moderna sociedade

tecnológica a matéria elementar não é somente a produzida pela natureza, mas também pela ciência aplicada e pela organização. É esta ‘matéria social’ (uma segunda natureza) a que hoje se constitui como matéria prima para plasmar uma terceira natureza (natureza espiritual): esta é a função do terceiro homem. Já não pode haver uma ‘volta à natureza’ (neonaturalismos), tampouco podemos deter-nos na práxis social (neossocialismos), senão que temos que avançar rumo a uma nova forma de economia humana.

Em princípio, a função do trabalho é elevar qualitativamente a matéria; o ferro transformado em espada ou em bisturi se eleva em dignidade, adquire uma hierarquia mais elevada. Mas a função do trabalho social é elevar a dignidade do homem (isto foi visto por Marx). O trabalho socializado eleva a matéria humana até certo nível, produzindo uma nova ‘matéria prima’. Dizemos matéria prima porque a matéria humanizada socialmente não é um ponto de chegada (como pretende o marxismo) e sim, um ponto de partida para uma transformação posterior. Se na era de massas que termina, a sociedade organizada (o organismo tecno-social) conseguiu elaborar uma matéria social, na nova era que começa, o indivíduo terá que tomar em suas mãos essa matéria social e elevá-la a um grau superior de dignidade e significado.

No atual momento histórico, os países socialistas chegaram a um limite crítico de socialização porque não sabem como fazer avançar a matéria social, além do nível alcançado; e os países capitalistas não sabem como socializar adequadamente a força de trabalho, sem pôr em perigo o sistema.

A matéria prima para o homem futuro é uma ‘matéria social’, isto é, um tipo de matéria humana elaborada pela tecnoestrutura do organismo social que serve como primeiro elemento material para o desenvolvimento de uma consciência espiritual. O primeiro passo (a socialização da matéria humana) é necessariamente um trabalho coletivo – e isto é o que não entendem aqueles que combatem o processo de coletivização; é um trabalho de *toda* a sociedade. Esta é a contribuição histórica do socialismo como experiência de massas. Mas o passo seguinte – contradição do anterior – é a transformação dessa ‘matéria’ social em ‘energia’

humana e ‘consciência’ cósmica. Esse passo ulterior não pode ser realizado pela massa e sim, pelo indivíduo (e isto é o que não entendem os marxistas). Se o primeiro movimento é um materialismo histórico, o segundo movimento é uma egoência do ser. E é neste ponto crítico de reversibilidade que nos encontramos, em nosso trânsito para o futuro, aí onde a consciência histórica cede passagem a uma consciência cósmica.

A transição de uma consciência histórica para uma consciência cósmica e a passagem de uma matéria social para uma energia-consciência individual é um fenômeno de futuro que desloca definitivamente os velhos esquemas econômico-sociais. As políticas de terceira posição no mundo moderno compreenderam que havia se produzido um abismo intransponível entre o capitalismo liberal e o socialismo de Estado, e abriram caminho em direção à humanização do capital e à justiça social, mas não chegaram a consolidar a mensagem para o novo homem: ao dar demasiado poder às organizações coletivas (erro do velho signo) entraram, por sua vez, em crise.

Para ingressar na nova era – e antes de toda planificação – é preciso perceber os novos vínculos que se estão tecendo entre indivíduo e organização: deverão ser criadas organizações à medida do homem e homem à medida das novas organizações (as velhas organizações e os velhos homens já deram tudo o que podiam dar).

Voltemos à ideia de ‘matéria social’. Só a sociedade em seu conjunto – o esforço de *todos* – pode elaborar a ‘matéria’ de que a humanidade necessita para ulteriores conquistas. É como acontece na natureza vegetal ou animal, em que toda uma espécie ou todo um reino produz as substâncias que são indispensáveis para a vida de outro reino. O homem místico do ano 2000 já não partirá de uma matéria humana bruta, mas de uma matéria humana socializada e, com essa qualidade superior de ‘matéria’, construirá os organismos individuais e sociais do futuro.

Na atual sociedade industrial e pós-industrial, *todos* estamos realizando um processo massivo de transmutação da matéria humana e, graças a esta experiência coletiva, nosso corpo e nossa

psique vão mudando sem que o percebamos. Acaso, o sexo não está se transmutando socialmente, na medida em que mudam as condições de vida? A sociedade como organismo – em massa – está realizando a transmutação da matéria humana por meio da ascética, imposta pela tecnoestrutura do sistema. É uma disciplina alienante por um lado, mas transmutante por outro; o esforço competitivo, a inflação, a prolongada jornada de trabalho, a ascética dos executivos, tudo isso não é acaso um *tour de force* coletivo que – apesar dos pesares – vai transformando os gostos, os bens e a vida das pessoas que vão entrando na voraz trituradora do organismo social? A sociedade humana é como uma imensa colméia, desumanizante enquanto força de desestabilização, mas eficiente enquanto máquina para produzir um novo mel, uma nova matéria humana! Uma nova matéria? Sim, uma nova matéria prima. Já não somos o mesmo homem de ontem, temos uma matéria diferente; esta matéria foi elaborada em um processo de socialização, mas a massa social, por si mesma, não pode transmutá-la. O passo seguinte do metabolismo humano tem que ser levado a cabo pelo indivíduo, em virtude de um trabalho interior; isto implica um salto de uma economia de produção a uma economia de plasmação.

Uma última pergunta, acerca da ‘matéria’ do trabalho. Por que a Bíblia, quando se refere ao trabalho, diz que deverá ser ganho com o ‘suor’ do rosto? É o *suor* algo essencial ao trabalho ou pode ser chamada de trabalho humano, uma operação que se realize sem suor? Para que se possa falar de trabalho, deve estar implicada a fisiologia humana, a matéria do corpo (pelo menos em alguma medida). Esta participação *material* do ser na produção dos bens da vida é o que diferencia a economia humana do futuro, de todas aquelas teorias econômicas que, sob o pretexto de supostas ‘leis econômicas’, desconhecem o fundamento fisiológico e ecológico de toda economia.

TEORIA DO RITMO DO TRABALHO HUMANO

O trabalho do homem atual está marcado por um relógio arbitrário (pelo tempo do sistema). O trabalho do homem futuro restabelecerá a unidade de ritmo entre a ‘força’ do trabalho e o ‘tempo’ do homem. Trabalho humano é movimento reversível entre uma vontade em ação e uma consciência em expansão, entre o tempo da matéria e o tempo da alma. A primeira fase é de materialização, a segunda de *plasmação*.

O que é plasmação? É força criadora. É a ação vista não em seus efeitos e em suas últimas consequências, mas em sua raiz, em sua substância, em suas causas primeiras.

Plasmação – enquanto função humana – implica uma mudança de lei dentro da fisiologia do próprio homem, um salto desde o nível das leis formais, até o das leis substanciais. Não é somente a ação de modelar a matéria (dar-lhe forma, uma função que o homem compartilha com os animais e as máquinas), mas a ação substancial de imprimir significado à matéria (uma função cósmica que o homem futuro começa a compartilhar com os deuses: mais que modelagem de formas, criação de mundos).

Plasmação é participação da vontade individual com as forças criadoras da vida: uma função humana e divina, ao mesmo tempo. Mas, para que esta participação seja possível, é necessário reverter a atual vontade de poder em uma consciência em expansão (um giro de 180°, dentro do próprio homem).

Plasmação, dentro do conceito de função total do trabalho humano, não é negar a matéria, mas reverter o movimento da matéria. De qual matéria? Da matéria que está dentro e fora de nós, da matéria do corpo e da matéria do mundo.

Não é fácil compreender a natureza e o significado desta nova função de plasmação, nova e velha ao mesmo tempo, arquetípica e prototípica. E isto, porque perdemos a lembrança da experiência original de plasmação, do momento de gênese, quando a matéria cósmica se modelava instantaneamente ao sopro criador da vida. Com referência a este ponto original de plasmação, agora nos encontramos no polo oposto (de materialização). O estrondo de

gênese chega como onda esgotada às praias de uma existência material que tende à cristalização da vida (um ponto de não retorno). A partir daí, somente a ruptura das formas materiais (fissão atômica, morte física, fracasso existencial) pode liberar a força potencial da vida e fazer possível uma nova plasmação. Voltar a criar? Talvez, mas seria uma criação além da morte!

O fastio experimentado hoje pela humanidade, a falta de entusiasmo por viver, deve-se precisamente a este esgotamento do impulso genésico original (entropia da existência) que conduz à paralisia existencial (um ‘esfriamento’ progressivo da vida).

A humanidade clama hoje, desde o fundo de seu ser, pelo advento de uma força nova de ‘mais vida’; é a única coisa que pode devolver-nos a alegria de viver: tudo mais está esgotado, é repetir o vivido, reviver o morto. Plasmação é voltar a criar, voltar a viver, voltar a ser.

Tentaremos ir descobrindo o ritmo do trabalho humano, em seu duplo movimento de plasmação e materialização, de produção de bens materiais e de desenvolvimento da consciência, em seu tempo de matéria e em seu tempo de alma.

Plasmação e materialização

O metabolismo total do trabalho humano se delineia como um movimento reversível que vai desde uma primeira abertura de significado (modelo primário, plasmação ou primeira palavra) a uma experiência de forma (modelo secundário, materialização, última palavra). Fomos educados durante milênios para traduzir o esforço da vontade em formas materiais (enquadramos o círculo). Mas agora, iniciamos o movimento inverso – a matéria foi fissurada; é hora de recuperar a vida encerrada nas formas e devolver a liberdade a uma alma enclausurada no tempo (transformar o quadrado em círculo).

Só os artistas e os místicos souberam sempre o que era plasmação porque se negaram a encadear sua alma ao mundo da matéria densa; mantiveram a visão de um mundo sutil e, nesse mundo, a matéria responde à voz da inspiração. Mas a

humanidade, como conjunto, necessitava descer à matéria densa, para realizar ali (existencialmente) uma experiência da carne e do sangue; e esse descenso é pago com uma redução da consciência cósmica, com uma perda de visão! Neste nível mais baixo nos encontramos. Como sair daqui? Faz falta um novo impulso de subida.

Para o homem velho, o único impulso de subida é o fracasso (porque caiu). Para o homem do futuro, a alternativa é evitar a queda. Porém, como fazer a experiência na matéria sem cair?

Quando um nível biológico foi superado – e o antigo nível de experiência material já o foi (a fissão atômica o confirma) – as novas experiências são realizadas desde um umbral mais alto (o que antes era o bem, agora é o mal: repetir o já realizado, viver o morto). A partir deste momento histórico de deslizamento de funções, toda a experiência projetada para um nível inferior ao seu correspondente termina em um fracasso; é o que acontece atualmente com muitas funções antropológicas – o sexo, o trabalho, as relações interpessoais – que, ao pretender manter a experiência em níveis de infra-humanidade, geram forças contrárias que se voltam contra a vida. No homem futuro, a roda da vida começa a mover-se em direção à plasmação e não à materialização.

Plasmação é trabalhar sobre uma nova matéria. Começa-se a imprimir significado a uma matéria mais sutil, a um plasma, mais que a uma matéria consolidada: já não se trabalha sobre as pedras, mas sobre os átomos e as moléculas que constituem as pedras.

Modelagem e plasmação *A codificação da matéria*

A partir do nível de plasmação, o trabalho humano adquire um novo sentido, já não é modelar a matéria (dar-lhe forma desde fora: o trabalho do oleiro), mas imprimir-lhe significado desde dentro (codificá-la), traçar marcas de significado em uma protomateria, isto é, traçar marcas na matéria. Esta função de traçar marcas na matéria – ainda incipiente – completará o ciclo

de humanização da matéria. Talhar a pedra (manipulação da natureza através da técnica) é ainda uma função primitiva (neolítica), mas plasmar a protopetra é imprimir marcas sutis na matéria que ainda não nasceu, é projetar a alma no plasma do mundo, para criar uma nova natureza.

O mundo das primeiras impressões

Plasmação é a *primeira* impressão (protoimpressão), é a impressão original. Estes mundos de primeiras impressões ainda nos escapam porque nossa sensibilidade grosseira só percebe as impressões que foram fortemente gravadas na matéria (impressões de 21 e 31 graus). Este tipo de impressões definitivas (pegadas fósseis) é o que constitui o mundo dos efeitos últimos, mas agora, temos que aprender a perceber o mundo dos efeitos primeiros, o mundo das *primeiras impressões* porque é esse mundo de primeiras impressões o que constitui a matriz do mundo que virá. Na educação do homem futuro, cada vez terá maior importância ensinar a reconhecer as primeiras impressões, que plasmam desde a origem, a matéria do feto e a conduta da criança; ou as primeiras impressões que o mestre imprime no discípulo, a mãe em seu filho ou o condutor em seu povo. Esses mundos de protomodelos, aos quais até agora não havíamos dado a devida importância, por pensar que escapavam a nossa percepção e que eram obra da natureza ou dos deuses, começam a ser o mundo do homem. Começamos a perceber que participamos da criação do mundo, que participamos conscientemente na cosmogênese, na antropogênese e na sociogênese. O homem novo está deslocando o centro de seu interesse para a origem dos fenômenos, sai do mundo das consequências para entrar no mundo das causas.

A plasmação como linguagem primordial

Plasmação é linguagem; é tradução do mundo dos significados para o mundo da matéria; é a alma traduzindo-se a si mesma em

formas e linguagens da vida; é o ser traduzindo-se no mundo; é o Verbo tornando-se carne.

Plasmação é vida humana em expansão. Porém, para que a vida humana entre em expansão, a ascética do trabalho deve revestir-se em uma mística de oferenda, de dação (para que o trigo nasça é necessário que a semente morra).

A força do coração

Os trabalhadores do espírito

Uma nova força está despertando – a força do coração: o que o homem quer em seu coração, isso é o que imprime na matéria, para bem ou para mal, para construir ou para destruir. Plasmação é a força criadora do amor.

Um amor superior está entrando em jogo no mundo, não é o amor possessivo, mas o amor expansivo. O amor expansivo transforma os bens pessoais em força da alma, uma energia sutil que se incorpora às correntes espirituais que dão vida ao corpo total da humanidade. Quando o fruto da ação (primeiro movimento da ascética do trabalho) se reverte em oferenda de vida (segundo movimento da mística do coração), a obra do homem desaparece como bem pessoal e surge a força da alma. Pela oferenda, o indivíduo une seu sangue, seu esforço, sua inteligência, seus bens, com todos aqueles que o precederam no trabalho solidário e no sacrifício, e com aqueles que o seguem. Sua vida desaparece do mundo das formas materiais e dos registros da história, para entrar nas correntes do devenir cósmico: morre para dar vida. Este morrer para dar vida é a força de plasmação da alma, a força dos criadores do espírito, uma força dos deuses que perdemos, em aras dos construtores da terra.

A plasmação como força de projeção da alma

Plasmação é força de projeção da alma. Mas, o que é projeção da alma?

Aprendemos a projetar a força de nossos músculos, a força de nossa inteligência e a força de nossa imaginação, mas não aprendemos ainda a projetar a força de nossa alma. Projetamos o inconsciente e construímos mundos de fantasia; projetamos nossa personalidade e fazemos obras a nossa imagem e semelhança – sólidas por fora, mas frágeis por dentro. De agora em diante, se quisermos construir uma civilização humana, teremos que aprender a projetar nossa alma nas coisas, no mundo e na vida, para criar o protomodelo substancial que seja sustento das formas sociais e institucionais do futuro. Em uma fundação verdadeiramente humana – quer se trate de uma família ou de um povo – a projeção da alma é um ato prévio a toda construção; em outras palavras, a plasmação é o ato primeiro, enquanto que a construção é um ato segundo.

No mundo moderno, a falta de projeção da alma nas obras dos homens está gerando uma civilização cruel que, ao não ter sustento substancial (força interior desde o ser), tem que ser mantida pela força de leis arbitrárias ou pela força bruta, para dar aparência de realidade ao que está morto por dentro. Não há nada que possa substituir a força fundante de plasmação. Se em um casamento não houve esse primeiro ato puro de plasmação por amor, não há nada que o substitua, e o mesmo acontece nas empresas e nas instituições. Plasmação é um ato místico, enquanto que a construção é uma tarefa técnica.

A projeção da alma adquirirá cada vez maior importância na educação para o futuro; para além dos livros, dos filmes, das fitas gravadas e dos computadores está a transmissão direta da ensinância de mestre a discípulo, de alma para alma.

Força de produção e força de plasmação

O homem de nosso tempo identificou seu ser com os bens materiais que produz e com os serviços que presta. Toda a filosofia social, política e econômica do mundo técnico em que vivemos parte do pressuposto de que, a maior produção, maior bem estar. Mas na prática, quando a produção passa de certo

limite, as forças de produção se tornam anônimas, invisíveis e, em lugar de oferecer ao homem maior bem estar, provocam maior desequilíbrio. A ênfase posta na produção vela uma função da economia humana muito mais básica e primária, que é a plasmação ou ação anímica do homem pensante no mundo e de cujas valorizações subjetivas depende a saúde ou a enfermidade do sistema econômico.

A plasmação como força de cosmogênese, sociogênese e antropogênese

Quando falamos da ‘obra’ do homem ou da mulher, geralmente entendemos o que o ser humano faz, as obras de suas mãos, a criatividade do espírito, tal como se manifesta na história objetiva da cultura (criatividade em seu aspecto masculino). Mas, temos que aprender a reconhecer como o ser humano se reflete (homem ou mulher) sobre si mesmo, sobre a humanidade e sobre o universo, como deixa pegadas de sua alma nas almas e no mundo, e como deixa a marca de sua imagem em seus filhos materiais e espirituais: é a alma em sua função de criadora do mundo (a criatividade em seu aspecto *feminino*).

O movimento de produção é de afirmação do ser no mundo, de penetração do espírito na matéria (criação masculina). O movimento de plasmação é de expansão da consciência no cosmos, é a semente que morre, a mulher que se entrega (criação feminina). A produção se traduz em uma obra determinada (é a produção econômica, artística, científica). A plasmação é uma obra não determinada (é o perfume da flor, é uma obra que se expande, que é de todos, que entra na vida da humanidade e do cosmos, é a mãe criando vida).

A nova era planetária nasce sob o signo da Mãe, que é de plasmação da alma sobre o mundo. Esta poderosa força potencial de criação abre o caminho para uma civilização centrada na transmissão de caracteres sutis, de reflexos da alma sobre a matéria etérica do mundo.

Quando a mulher não cumpre a delicada função de projetar sua alma no mundo, produz-se um desequilíbrio no ecossistema humano e aparecem as civilizações crueis. Mas o homem também tem seu aspecto feminino oculto (seu Anima), uma força da alma que necessita projetar-se no mundo para equilibrar o afã de poder de toda uma civilização que colocou sua ênfase na conquista agressiva da natureza e do cosmos. Homem e mulher, superado o desequilíbrio desta época de transição, harmonizarão as forças de produção e de criação, vontade de ação e consciência de plasmação; deste acoplamento rítmico entre as forças da vida e as forças da alma começa a surgir a economia humana do futuro.

Junto aos grandes centros do poder político e econômico do mundo moderno, aparecem pequenos grupos de homens e mulheres que realizam a oferenda de seus bens pessoais e transferem sua energia para a grande corrente circulatória do corpo planetário. A alma destes seres de oferenda se projeta à distância, inspirando e plasmando vida nos centros de força do mundo que virá. É a Mãe que dá vida a seus filhos desconhecidos; é a função transcendente do amor, da arte, da ciência; é a inspiração feita ideia e feita forma; é a visão do ideal transferida e plasmada na matéria; é a leitura intuitiva do mistério do universo, escrita em símbolos na matéria do mundo humano.

O ÓRGÃO SOCIOECONÔMICO DO FUTURO

A função faz o órgão. Se o trabalho é função de base da economia humana, qual é o órgão que assegura a prática de uma economia social orientada para fins especificamente humanos? No micromodelo antropológico é a ‘mão’; no macromodelo da sociedade planetária é um ‘sistema de forças humanas de trabalho, integradas organicamente’. Estes aspectos ‘anatômicos’ e ‘fisiológicos’ da economia costumam passar inadvertidos para os teóricos das doutrinas econômicas atuais, os quais pretendem

substituir a ordem do ‘organismo’ econômico pela ordem das ‘leis do mercado’.

Assim como indicávamos a necessidade de um ‘meio sociojurídico’ que tornasse factível o desenvolvimento de uma consciência do direito, assim também se requer a existência de um ‘meio socioeconômico’ que torne possível a prática de uma economia humana. Se o ‘meio’ for desumano, os melhores propósitos para assegurar o bem estar geral fracassarão uma e outra vez. A *vida* econômica, como qualquer outra forma de vida, necessita de um meio adequado para seu crescimento e desenvolvimento; e se não o tiver, desembocará na patologia econômica: a inflação, o desemprego, a excessiva riqueza e a excessiva pobreza, e todas as demais formas de desequilíbrio socioeconômico que conhecemos. Mas, como criar o meio para uma economia humana do futuro? Na busca de uma resposta a este interrogante básico, a humanidade ensaiou diferentes sistemas sobre premissas filosóficas e políticas muito diferentes entre si, desde as teorias econômicas clássicas de Adam Smith e Ricardo, passando por Marx e pela economia de rígida planificação soviética, até Keynes e as escolas pós-keynesianas com todas as derivações intermediárias de terceira posição. O pano de fundo ideológico destas teorias impede de pôr a descoberto a verdadeira trama humana do organismo econômico e constitui o principal obstáculo para que a economia seja incorporada à vida normal de todos os seres humanos, em lugar de ser tema exclusivo dos especialistas. O primeiro passo para ingressar criativamente na *vida* econômica é reconhecer a diferença entre o ‘poder’ econômico e o ‘órgão’ econômico.

O órgão básico da economia humana é a *mão*. Por que a mão? Porque é o órgão que controla a força do trabalho do homem; é o órgão do dar e do receber; por suas conexões com o cérebro e o coração, é a ferramenta viva que se abre e que se fecha; é sanguínea e nervosa, ao mesmo tempo; quente ou fria, seca ou úmida; é o órgão do ‘governo’ da força, conduz, orienta e aponta o rumo.

O deslocamento analógico para o macrossistema socioeconômico nos leva à ideia de ‘governo’ em uma economia humana. A tese de que o governo deva ser o órgão de regulação dos instrumentos macroeconômicos faz parte de quase todos os programas sociais e políticos modernos, certamente com variantes quanto à filosofia da ação, ao poder de decisão e às metas a serem alcançadas. Dentro destas propostas, não podemos fazer menos que destacar o que Eugen Loebbl chama de “humano-economia” ou “humanomics” e seu conceito de uma “democracia econômica”, na qual o governo assume a função de órgão moderador das forças produtivas, sem interferir na iniciativa privada nem na propriedade privada – mas, isso sim, apontando as grandes metas a serem alcançadas. Diz Loebbl: “Considerando superficialmente, pode parecer que exista alguma similitude entre o modelo que propomos e o de uma economia planificada. No entanto, a diferença decisiva reside nos conceitos de metas e no papel a ser desempenhado pelo macro-organismo... no modelo proposto por nós, o governo não deve tomar medidas direcionistas que interfiram no eficiente funcionamento da empresa privada. Ao mesmo tempo, no entanto, o governo deve preocupar-se pelo eficiente funcionamento do sistema como um todo...”⁶⁶.

O importante a ser resgatado nesta ideia de ‘governo’ da economia – e para além de programas e metas concretas – é o espírito de sabedoria com que os governantes do futuro devem encarar a condução das forças econômicas, para que todos os seres humanos possam viver uma economia de desenvolvimento humano. Uma tarefa deste tipo já não pode ser realizada pelos técnicos e assessores econômicos que conhecemos, mas por uma equipe de economistas-educadores, integrada por sua vez, por homens de governo com capacidade e poder suficientes para realizar o trânsito da sociedade política à sociedade moral.

O governo da economia, a mão que regula a força do trabalho e a distribuição da riqueza são funções do corpo planetário que começa a adquirir extraordinária hierarquia, justamente em um

⁶⁶ Eugen Loebbl, *Humanomics*, Emecé, Buenos Aires, 1978, pg. 193

momento da história da humanidade em que a crise ecológica mundial – que não é outra coisa senão o resultado da falta de governo na utilização dos recursos naturais e no manejo da tecnologia – ameaça a sobrevivência da sociedade industrial. Esta crise é hoje de tal magnitude e são tão graves as perturbações sociais e políticas que se desencadearam no mundo, que as medidas de ‘governo’ para evitar uma catástrofe já não podem ser manejadas dentro dos esquemas reduzidos que serviam de marco teórico ao velho mundo dividido em estados nacionais autossuficientes. A humanidade inteira entrou em interação de forças e o governo dessas forças já escapa ao controle dos economistas e dos políticos.

São as empresas transnacionais, as primeiras vanguardas no novo espaço econômico planetário. Sua política é agressiva, não têm pátria e tentam conformar uma ordem econômica mundial que responda a seus próprios interesses? Sim, mas também são centros de organização dos recursos humanos, de investigação científica e de transferência de tecnologias de ponta. No século XV, os navegantes aventureiros que procuravam o caminho das Índias para estender o comércio, acabaram por encontrar um novo mundo. Agora, está acontecendo a mesma coisa. O poder econômico internacional – enquanto poder anônimo – ao tentar impor um modelo teórico que responda a premissas de um mundo que passou, encontra-se com outra coisa. Com o quê? Com a consciência nascente do mundo novo!

A economia do planeta já responde a outras leis. O espaço econômico é diferente, há outras forças em jogo – algumas conhecidas e outras, desconhecidas – e há uma variável de consciência humana que perturba os programas dos computadores. A mudança planetária que *já* se produziu está provocando uma revolução psicológica e social muito mais profunda que todas as que conhecemos. Já não se trata da ditadura do proletariado, nem do imperialismo econômico, nem da sociedade sem classes e sim, de ‘humanizar’ a força econômica e colocá-la a serviço da consciência. Porém, isto não é fácil, o poder econômico é um dos gigantes do Apocalipse. E, para ‘governar’

estes gigantes, já não basta a força, nem sequer a inteligência, faz falta uma cota de sabedoria, a sabedoria dos novos governadores da Terra.

INSTRUMENTOS PARA A PRÁTICA DE UMA ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Como se põe em movimento esta economia nova? Pela acelerada desestabilização da antiga ordem econômica mundial e pela entrada em cena de forças humanas de maior consciência.

O princípio mais geral de instrumentação para uma economia de desenvolvimento humano é o controle da consciência sobre as forças elementares da vida. Mas, quais são essas forças? O homem futuro terá que aprender a conhecer e manejar seus desejos, suas necessidades, seus bens, seu tempo.

Sem entrar em maiores detalhes, apontaremos aqueles instrumentos que podem servir de guia para a prática de uma economia humana do futuro.

O ARRASTO DA FORÇA DO IDEAL

Os melhores programas econômicos fracassam por falta de consenso. Não é suficiente que sejam tecnicamente perfeitos; se lhes faltar alma e respaldo moral nos fatos, fracassam.

A mensagem econômica do futuro introduz uma revolução de 180°, ao passar de uma filosofia do ter a uma filosofia do ser. E, para sustentar esta mensagem na prática, não vale o que se diz, mas o que se *é*. Os novos homens começam a vivê-lo individualmente ou em pequenas comunidades espirituais como mística, mas chega a hora em que os povos querem vivê-lo socialmente e, para isso, necessitam da força do ideal encarnado.

A mobilização das forças do trabalho como ideal de vida é a grande aventura épica que os construtores da Terra estão preparando, na alvorada do terceiro milênio.

ECONOMIA DO DESEJO

Para uma filosofia hedonista da vida, o bem estar (“*welfare*”) consiste na satisfação dos desejos. Para uma filosofia humana da vida, o bem estar individual e social é o resultado do controle do desejo.

A economia do desejo foi formulada em termos extremos. Buda descobre que a raiz do sofrimento humano está no desejo de viver e propõe como alternativa a “aniquilação do desejo”. Freud, depois de paciente análise, chega à conclusão de que o mal estar na cultura se deve à repressão do desejo sexual e propõe como alternativa a “liberação da sexualidade”. Em ambas teses, há uma intuição profunda do poder energético do desejo, mas em nenhuma das duas se chega a formular uma adequada teoria econômica que concilie o princípio do prazer com o princípio da realidade. A chave para o futuro não está na supressão do desejo e tampouco em sua liberação, mas no controle da força do desejo. Alguns economistas modernos começam a compreendê-lo. Manuel R. Agosín, ao examinar o bem estar humano em função de novos paradigmas econômicos, diz: “A visão tradicional é que o homem está atado à economia: felicidade é consumo. Uma visão alternativa sublinha que a plenitude não é estar atado à necessidade de consumir. Isto implica poder distinguir entre necessidades e desejos”⁶⁷.

Para ter acesso ao controle do desejo, é preciso conhecer melhor a sexualidade. A força sexual foi liberada, mas continua sendo usada com a mentalidade da sociedade de consumo; ainda não sabemos utilizar sua energia para construir o homem (é a mesma coisa que acontece com a energia atômica: continuamos

⁶⁷ Manuel R. Agosín, *Economics, Welfare and Alternative View of Man*, em “Alternatives”, II (1976), 1-22, North-Holland Pub. Co

fabricando bombas). O sexo está na base da economia humana. Freud tinha razão quando falava da “economia da libido” – ainda que muito poucos o tenham compreendido – porque o sexo está na raiz dos apetites, do desejo de poder, do afã de posse e de tudo o que move a economia.

A sociedade moderna chegou a uma porcentagem bastante alta da socialização da sexualidade, por meio do trabalho, do esporte, da solidariedade humana, da arte; mas agora, espera-nos uma tarefa diferente. Temos que aprender a manejar a energia sexual por dentro, a diferenciar uma sexualidade de descenso de uma sexualidade de ascenso, uma sexualidade de ‘materialização’ de uma sexualidade de ‘plasmação’, uma sexualidade de ‘posse’ de uma sexualidade de ‘criação’. O controle desta força primária do desejo faz possível o controle das forças secundárias.

CONSCIÊNCIA DE NECESSIDADES

Economia humana, mais que um sistema de regras, é um modo de viver a ‘medida humana’. O que é que realmente necessito para ser homem? O que é o necessário e o que é o supérfluo? Necessito trabalhar, capacitar-me, necessito de uma casa para viver, de ferramentas, de livros. Porém, o que é que os demais necessitam? Desde o momento em que vivo em uma comunidade econômica integrada, estou utilizando a cada momento, bens e serviços que não produzi: em que medida devo usá-los? Necessito lavar as mãos; mas, de quanta água necessito? Os graves desequilíbrios econômicos e ecológicos que estão se produzindo no mundo moderno se devem à falta de medida. A noção de ‘escala’ – como variável econômica – começa a adquirir cada vez maior importância e, estendendo-se a outros campos da atividade social, adquire a hierarquia de módulo básico para toda construção humana. Não só *o que* necessito (*what*) e *como* consegui-lo (*know-how*), mas *em que medida* (*how much*). E. F. Schumacher desenvolveu amplamente este conceito de escala, para assentar as

bases, não somente de uma economia humana, mas de uma civilização humana⁶⁸.

JUSTIÇA SOCIAL

Justiça social é desterrar do coração do indivíduo o sentimento de posse egoísta dos bens da vida. É tomar consciência de que a produção de ‘riqueza’ é o resultado do esforço do trabalho de ‘toda’ a comunidade social e que o ‘ganho’ – entendido não somente como lucro, mas como benefício produzido pela capacidade humana – não pode ser retido em sua totalidade, senão que deve ser distribuído proporcionalmente. A apropriação indevida do ‘ganho’ – já seja pelo indivíduo ou pelo Estado – é uma injustiça. Justiça social é ‘devolver’ o excedente. Isto nada tem a ver com a propriedade dos bens de produção e sim, com a ‘medida’ da posse.

Uma parte do que ganho e do que tenho não me pertence e devo fazê-la ‘voltar’ ao patrimônio da comunidade social, para atender os mais necessitados e os desvalidos. Não se trata de beneficência e vai além do conceito de carga impositiva, é um *dever* social que anda de mãos dadas com os direitos sociais. O sistema de imposto sobre os ganhos, com cujo ingresso o Estado procura atender diversas necessidades sociais, é totalmente insuficiente e obsoleto; é uma máquina demasiadamente pesada e custosa e, sobretudo, anônima, na qual o contribuinte vive sua contribuição mais como uma carga a ser ludibriada que como uma responsabilidade a ser cumprida. Em sua proposta de “humano-economia”, Loebl sugere a supressão do imposto sobre os ganhos e sua substituição “por uma espécie de *cota social*. Esta cota social, que teria sua própria taxa sobre as altas receitas, não iria destinada ao orçamento convencional, senão que seria utilizada para certos propósitos somente, tais como programas em benefício dos grupos com ingressos mais baixos”. E acrescenta: “Todos

⁶⁸ E. F. Schumacher, *Small is Beautiful*, Harper & Row, New York, USA, 1973

deveríamos conhecer perfeitamente o fato de que os impostos convencionais sobre os ganhos não tiveram por objetivo a redistribuição da receita. Os impostos convencionais sobre os ganhos não proporcionam benefício algum para as classes não privilegiadas; são usados (e sempre foi assim) principalmente para fins que aprofundam e prolongam o trágico destino dessas pessoas”⁶⁹.

Estes conceitos de Loebbl têm muita importância porque nos levam à reflexão de que para que exista uma economia humana com sentido de justiça social, não é suficiente conseguir a contribuição de *cota social*, senão que se requer assegurar a *inviolabilidade* dos fundos arrecadados e a garantia de que serão realmente destinados aos doentes, às crianças, aos que não têm teto, aos que padecem calamidades sociais. Em outras palavras, é preciso chegar ao conceito de ‘propriedade sagrada’ que, como arquétipo, vai além da ideia de propriedade social. Desde a mais remota antiguidade – e sob diferentes formas – sempre houve uma instituição que preservava certos bens para fins humanos elevados, que eram ‘intocáveis’ e que eram ‘custodiados’ zelosamente: no Egito, os bens do templo de Amon, na Igreja o dízimo, na América incaica, as terras do Inca e os armazéns do Inca e, em nossos dias, os fundos das caixas de aposentadoria. Porém, parece que, por algum fatal destino histórico, esses bens não são nem tão ‘sagrados’ nem tão ‘intocáveis’, são sempre tocados, nem sempre são bem administrados e quase sempre são destinados a fins muito diferentes daqueles para os quais foram designados.

A economia humana do futuro tende a ser vivida como economia de participação e não somente como participação socioeconômica, mas como participação espiritual; uma parte do ganho material se destina à poupança familiar e à poupança social, mas há um excedente de experiência anímica que irradia como bens de conhecimento, de ensinância, de sabedoria (que é o fermento que está faltando na atual sociedade de massas). Esta

⁶⁹ Eugen Loebbl, ob. cit., pg. 158

participação expansiva do trabalho humano é o que faz do trabalhador (daquele que produz) um benfeitor social.

SÍNTESE DO CAPÍTULO IV

TERCEIRA FUNÇÃO DE SÍNTESE: TRABALHO HUMANO

O trabalho é função de base da economia humana. O que é economia humana? Mais que uma ciência do homem, é uma função da vida. É economia biológica, social e espiritual, ao mesmo tempo.

Distinguimos no trabalho humano, três aspectos: a força, a direção e o significado.

Como ciência, a economia humana do futuro esboça sua temática sobre as seguintes linhas teóricas – Movimento das forças do trabalho: dois grandes movimentos de direção contrária, uma vontade em ação e uma consciência em expansão. Significado: para *que* e para *quem*. Matéria do trabalho: a ‘matéria social’ (segunda natureza) se constitui como matéria prima para plasmar uma terceira natureza (natureza espiritual). Ritmo do trabalho: equilíbrio entre o tempo da alma (fase de plasmação) e o tempo da matéria (fase de materialização).

O órgão fisiológico do trabalho é a ‘mão’ no micromodelo antropológico e, no macromodelo social, é um ‘sistema de forças humanas de trabalho, integradas organicamente’. Passamos do ‘poder’ econômico ao ‘órgão’ econômico.

Como instrumento para a prática de uma economia de desenvolvimento humano, destacamos: a força do ideal, a economia do desejo, a consciência das necessidades e a justiça social.

V

PROTOMODELO DA FORMA

“No paraíso a seu redor, a maioria dos seres e das
coisas se transformava, na corrente enfeitiçada das
metamorfoses...

Mas ela, a Árvore Piktör, sempre ficou igual; não
podia transformar-se mais...

Também os cavalos e os pássaros, também os seres
humanos e todas aquelas criaturas que perderam o
dom da metamorfose, arruinam-se com o tempo,
perdem sua beleza, enchem-se de tristeza e
preocupação.”

(Miguel Serrano, *Las Metamorfosis de Piktör*)

**I. Como função: REUNIÃO ENTRE SERES
HUMANOS**

II. Como ciência: ECOLOGIA HUMANA

III. Como órgão: CORPO ALTERNANTE

IV. Como técnica: OFÍCIOS SAGRADOS

QUARTA FUNÇÃO DE SÍNTESE: ORGANIZAÇÃO HUMANA REUNIÃO ENTRE SERES HUMANOS

ESTRUTURA FUNCIONAL DA SOCIEDADE PLANETÁRIA

GÊNESE DAS FORMAS SOCIAIS DO FUTURO

Se a primeira pergunta antropológica era “o que é o homem?”, a última é “o que é a humanidade?”. A primeira é uma pergunta metafísica, pergunta pelo ser; a segunda é uma pergunta sociológica, pergunta pela forma. A antropologia do futuro procura a relação entre o ser e a forma.

Em seu conceito do homem, Marx aponta para a sociedade e diz: “Eis aí o homem!”. Em troca, Cristo, quando quer identificar-se ante aqueles que o procuram, diz: “Ecce Homo” (Eis aqui o Homem). Voltemos então a perguntar: O que é o homem? O que é a humanidade?

Apesar de que alguns digam que não existe tal humanidade, mas somente um conjunto de homens individuais (“A humanidade? Isso é uma abstração. Nunca houve nem haverá mais que homens” – Goethe a Luden, cit. por Spengler), mesmo assim, a nova geração já nasce com um sentido de solidariedade orgânica. Começamos a perceber o pulso, o latejar, a vida de um organismo maior que não conhecíamos; estamos tomando consciência de nosso corpo total de humanidade, do corpo da humanidade planetária do futuro. Este é o ponto de partida para uma sociologia do futuro.

O fenômeno social moderno, observado em escala planetária, apresenta uma dupla face: se por um lado mostra fortes contradições que ameaçam com a desintegração do sistema, por outro lado revela uma definitiva vontade de re-união em um corpo

solidário. Por quais vias se está realizando esta gigantesca operação de resgate da potência de funcionamento do corpo total da humanidade? Por um idealismo universalista? Por um socialismo utópico ou científico? Por um mercado comum? Por vias tecnológicas de comunicação? Ou, acaso, por um caminho que desconhecemos?

À medida que as grandes comoções planetárias vão quebrando a estabilidade socioeconômica e política do mundo antigo dos começos do século (e são grandes comoções planetárias as guerras mundiais, a violência política, as migrações em massa, a revolução científica e tecnológica, a explosão demográfica, as mudanças geofísicas e climáticas, e a perturbação ecológica), à medida que tudo isto ocorre, a *vida* do corpo da humanidade, suas linhas de força, suas correntes de ideias, tornam-se para nós, visíveis e palpáveis, irrompem no campo de nossa consciência e despertam em todos nós, uma nova sensibilidade planetária e cósmica. Talvez, sempre tenha sido assim, desde os alvores da raça, quando os grandes cataclismos que ocorreram no planeta despertaram a consciência e a sensibilidade dos primeiros homens. No momento atual, estamos aprendendo – sem ter muita consciência disso – a viver em um novo corpo. Alguns povos já realizaram a experiência de viver em grandes corpos sociais coletivos e está se realizando a experiência de viver no espaço, em cápsulas biocibernéticas, mas a conquista do homem futuro será aprender a viver no corpo da humanidade total.

Em outras palavras, não se trata de ‘inventar’, de construir uma nova estrutura social para o futuro (prospectiva de planejamento), mas de interiorizar o modelo arquetípico prefigurativo, que se revela como germe de criação, em meio a um processo de desestruturação. Este duplo movimento de desintegração das antigas formas e de gestação simultânea de novas configurações dinâmicas da vida é a chave para entender as contradições da humanidade de nosso tempo e antecipar as mudanças do porvir. Se ainda não conseguimos divisar o novo e o velho parece ser cada vez mais forte, é porque os novos modelos surgem como corpos invisíveis e espaços vazios para serem ocupados pelos

homens que virão, enquanto os velhos homens lutam desesperadamente por conservar seus antigos refúgios.

Nas épocas de crise e de gênese – e a nossa é uma delas – a filosofia da história fracassa como teoria para explicar os modelos de futuro e também fracassam as teorias científicas evolucionistas, concebidas sobre trajetórias lineares e progressistas das formas da vida. Os novos modelos (tanto biológicos quanto antropológicos e sociais) não respondem nem responderam nunca às expectativas dos velhos organismos, nos quais se instalam de forma ‘subversiva’, sem respeitar a geometria do antigo sistema (o que tem a ver a borboleta com a lagarta?). O velho organismo não pode prever a mudança nem evitá-la, a única coisa que pode oferecer são os materiais de demolição da antiga forma. Em nossa época, nenhuma das teorias filosóficas, históricas ou sociais pôde antecipar o fenômeno mais maravilhoso da era moderna, que é a saída do homem ao espaço. E, ainda historiadores da genialidade de Toynbee consideram que é um absurdo gastar tão fabulosas somas de dinheiro nos programas espaciais, quando ainda não terminamos de construir a Terra. O que ocorre é que o acontecimento ultrapassa as premissas racionais dos modelos históricos do passado. E o mesmo acontece com os teóricos da mudança social, inspirados no marxismo: a sociedade cósmica se adiantou à sociedade sem classes e a conquista do espaço se antecipou à justiça social sobre a Terra.

Temos que dar-nos conta de que vivemos em uma época de gestação de novas formas sociais. Há uma nova humanidade que *nasce* e essa humanidade do futuro leva impresso, desde a origem, o esboço da nova forma e o código da nova lei: são formas arquetípicas invisíveis, espaços vazios que chamam a serem ocupados pelo homem! À medida que os novos homens forem habitando essas formas, à medida que as forem animando, que lhes forem dando sua alma e sua vida, nascerão novos organismos institucionais como bases humanas para a comunidade planetária do futuro. E já começamos a vislumbrar essas novas formas arquetípicas!

FUNÇÃO DE BASE DA COMUNIDADE HUMANA

Para que exista “comunidade” humana e não simplesmente “agrupamentos” humanos – que não são a mesma coisa – deve se dar, como condição prévia (prévia na ordem do ser) a *reunião* entre seres humanos. Esta ‘reunião entre seres humanos’ é a função básica, arquetípica, da sociedade.

Quando se fala de “comunidade” humana, tende-se a reduzi-la a sua dimensão social (sociedade humana), mas a dimensão social é só *um* dos aspectos que configuram a re-união entre os homens. O outro aspecto é o significado espiritual da reunião. Para que haja reunião entre seres humanos (e não só entre entes) deve se estabelecer uma delicada relação entre a forma social e o significado espiritual da reunião. Precisamente, a dinâmica entre a forma e o significado da reunião é que chamamos ‘função humana de base’.

Por não valorizar adequadamente esta dupla dimensão, espiritual e social, é que fracassam as formas de organização porque, ou se constituem como modelos ideais (edifícios teoricamente perfeitos, mas que vêm abaixo por falta de base humana) ou como modelos materiais (tecnicamente perfeitos, mas sem significado para o ser humano).

Esta função de base que estamos querendo resgatar constitui a ‘alma’ da comunidade organizada, seu modelo funcional arquetípico, sua sustentação intrínseca, sua razão de ser, aquela que outorga o primeiro e o último significado à ‘reunião’ entre seres humanos e aquela que fundamenta essencialmente – na ordem jurídica – o ‘direito’ de reunião.

O CORPO PLANETÁRIO DA HUMANIDADE FUTURA

Signo de futuro no mundo de hoje é o acoplamento genésico de correntes sociais e espirituais. Essa convergência não se realiza em forma ideal, mas corporal. Seu resultado não é uma nova ideologia, mas um novo corpo.

A humanidade do futuro está descobrindo seu próprio corpo planetário.

A função faz o órgão. A função humana de base (vocação de reunião) – arquétipo de sobrevivência do ser – já está criando o corpo da humanidade futura. Para além da violência e da morte, a alma da humanidade chama à união e convoca para a re-união: o que hoje não podemos fazer estando divididos, amanhã faremos estando juntos. Esta é a mensagem do corpo.

A busca do vínculo comum de filiação, que une todos os seres humanos em um grande corpo único, é o fio condutor mais ou menos explícito das investigações realizadas pela antropologia comparada, pela antropologia social, pela paleoantropologia, pela genética, pela história da cultura e pela filosofia da história. Os biólogos evolucionistas procuram um antepassado comum; os filósofos nos falam da “mônada”, de uma enteléquia ou de uma razão cósmica fundante do que chamamos de homem racional; e os teólogos nos falam de um ato original de criação do primeiro homem. Mas, todos estes modelos antropológicos, chamem-se científicos, filosóficos, sociais ou religiosos, apresentam-nos um modelo ideal de humanidade que, se bem possa servir-nos para fins culturais – e de fato, serviu-nos para fundar um humanismo universalista – afastou-nos da *vida* do corpo real da humanidade. E precisamente hoje, estamos em vias de descobrir a vida – a fisiologia – do grande corpo, mas por outro caminho de comoção exterior e de percepção interior.

As grandes comoções planetárias – e já o dissemos – afetam a humanidade como corpo. Mas cabe uma pergunta: quais são as possibilidades de sobrevivência? Estamos chegando ao limite do desafio das forças destrutivas. O que aconteceria se o material genético da humanidade fosse seriamente danificado pela radiação atômica ou pela desumanização? A alternativa seria o potencial de gênese do corpo arquetípico invisível (a função de base) que poderia reconstruir uma nova forma de humanidade. Essa matriz arquetípica – o campo original de gênese do corpo social – não é uma abstração metafísica, uma mônada ideal ou uma enteléquia

racional, mas o germe vivo do experimento total do homem sobre a Terra.

DANÇA DE ELÉTRONS E NEUTRINOS NOS NOVOS CORPOS RADIANTES

O corpo futuro está se formando *dentro* de nosso atual corpo, de forma inadvertida e misteriosa. É um corpo ainda invisível que é edificado com os materiais de demolição do velho corpo, com a matéria humana que desmorona quando a fisiologia do passado é invadida pela corrente do futuro. Isto é o que muita gente não entende. Acreditam que estejam vivendo no mesmo corpo de humanidade de há apenas 50 anos atrás. As diferentes formas de destruição que advertimos no mundo de hoje em escala planetária são outros tantos sinais de des-integração da matéria humana, dentro do processo invisível de gênese de um novo corpo. A matéria humana perdeu estabilidade, porém, não só por decadência, mas por maturidade evolutiva, como diria Ubaldi⁷⁰. Assim como os elementos de peso atômico elevado se tornam radiativos, também a matéria humana se torna instável e se tornam instáveis as instituições sociais; a família tradicional e todos os antigos corpos (individuais e coletivos), ao chegarem a um limite crítico de desenvolvimento, ‘perdem elétrons’ que vão fazer parte de outros edifícios atômicos; vão ficando as formas de antigas instituições sociais, mas algumas partículas vivas escapam delas e vão fazer parte de outros corpos.

Estamos assistindo a um fenômeno moderno de ‘migração humana’, como consequência do impacto produzido pelas correntes do futuro nos antigos corpos; o trabalho da mulher, a independência dos jovens, a liberação do sexo e o deslocamento de grandes massas humanas de um ponto a outro do planeta, por efeito da revolução industrial e da guerra revolucionária, produziram a ruptura dos agrupamentos tradicionais e a

⁷⁰ Pietro Ubaldi, *La Grande Síntesis*, Ed. Voz Informativa, México, 1959

atomização das moléculas sociais; muitas partículas humanas ficam ‘soltas’ no meio social; os recintos atômicos foram abertos e as partículas individuais que ficam flutuando no vazio se buscam afanosamente entre si por estranhas similitudes, para agruparem-se em novos organismos, muitos deles frágeis e destinados ao fracasso; mas, que são o começo de algo diferente! Em outras palavras, a desintegração social que advertimos não é só sintoma de decadência, mas sinal de re-generação, morte dos velhos organismos de matéria densa e nascimento dos novos corpos de matéria radiante. Em biologia, conhecemos um fenômeno semelhante na histólise do inseto (o velho corpo se liquidifica, desfaz-se e, no seio da massa em desintegração, surgem novos campos de força, placas generativas de organogênese). Na humanidade de nosso tempo, dentro de um panorama geral de desintegração das formas sociais, surgem aqui e ali, novos focos de gênese, torvelinhos de vida humana renovada, ativação de centros de força do planeta, até agora adormecidos, comunidades de base para a sociedade futura!

Este veloz deslocamento de partículas humanas, pelo duplo jogo de uma matéria social em desintegração e pela atividade genésica de novos corpos em formação, está mudando o desenho da carta humanográfica. Ainda mais, está mudando o meio interior do corpo planetário e, sem dar-nos conta, somos deslocados de um órgão para outro do gigantesco corpo: talvez tenhamos nascido em uma perna e terminemos em um braço. E isto não é ficção científica e sim, a mais pura realidade. Esse ‘translado’, esta ‘migração’ das partes mais sutis da matéria humana de um corpo a outro, é o que dá ao homem moderno essa peculiar sensação de não saber bem qual é seu lugar no mundo e, às vezes, sua estranheza (signo de despersonalização da nova era) de não saber bem quem é. O homem de hoje não tem a mesma segurança, quanto a sua identidade pessoal, que o homem de ontem. As crianças e os jovens que vêm não têm um lugar social destinado a eles, senão que têm que redescobrir seu próprio espaço e sua própria identidade. Os seres humanos que entraram na trilha do futuro mudaram, em poucos anos, várias vezes de corpo! Não é

estranho que terminem por perguntar-se: “E eu, quem sou? Quem são meus pais e quem são meus irmãos?”.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DO FUTURO

Ainda incipientes são as ciências que estudam as condições de interrelação entre os seres humanos e que tornam possível o funcionamento da comunidade humana. A ênfase posta no aspecto *humano* da ciência é hoje mais importante que nunca porque nem todas as formas de organização social que existem atualmente podem ser chamadas propriamente humanas, muitas já deixaram de sê-lo.

Algumas das ciências que se antecipam neste caráter de ciências humanas e sociais do futuro são as seguintes: relações humanas, direito social, antropometria (ou ciência das medidas dos organismos humanos), economia humana, ciência da vida humana (o ser, o ritmo e o tempo do ser humano) e a técnica humana do futuro. Todas estas ciências e técnicas constituem o campo específico para o estudo e a investigação dentro de uma futura Universidade de Síntese. Aqui, não faremos senão esboçar algumas ideias que, mais que respostas são interrogantes.

Rumo a uma teoria geral das instituições humanas do futuro

A humanidade inteira assiste à ruptura de suas velhas formas institucionais e ao desvelamento do novo *módulo* que deverá reger as proporções dos organismos sociais do futuro. O novo homem reclama organismos com uma medida, um ritmo e uma proporção que sejam adequados para o desenvolvimento da consciência. A teoria geral das formas humanas terá que considerar os seguintes aspectos:

Sua natureza

Por trás de formas aparentemente idênticas, escondem-se naturezas muito diferentes. Quantos milhares de comunidades estão crescendo no mundo moderno com um funcionamento externo parecido, mas quão diferentes são por dentro! E o mesmo acontece com as famílias, com as empresas, com as igrejas. É preciso aprender a discriminar as diferenças de natureza. O maior sofrimento de muitos seres, hoje em dia, é ter que fazer parte de corpos, de grupos ou de instituições que não se enquadram com sua íntima sensibilidade, que lhes são estranhos por natureza. Como pode acontecer isto?

O que determina a natureza das agrupações humanas é o tipo de relação entre seus membros. E o que está acontecendo atualmente é uma mudança significativa nas relações qualitativas entre os seres humanos. A família se constitui por “relações de parentesco”, as sociedades comerciais por “relações econômicas”, a escola por “relações pedagógicas”, o Estado por “relações políticas” e a sociedade organizada por “relações sociais”, mas existe uma relação essencial entre os seres humanos, de natureza *espiritual*, que constitui o fundamento de todo tipo de comunidade que possa ser propriamente chamada de humana. A futura ciência das relações humanas terá que aprofundar na fisiologia e na patologia do ‘encontro’ entre os seres humanos.

O tema do *encontro* é chave para o futuro. As relações humanas estão habitualmente viciadas de irrealidade. Há um jogo de projeção de imagens que impede o reconhecimento dos seres humanos entre si. Não temos contato real com a alma do próximo, mas com as imagens que formamos dele. Em outras palavras, o encontro se produz em virtude de imagens ideais, de impulsos emocionais ou de interesses comuns, mas as formas sociais derivadas de tais aproximações conduzem com frequência ao fracasso, fracasso que hoje se faz muito evidente pelo alto índice de frustração do casal, pela crise da família, pelas guerras mundiais e regionais, e pelo incremento alarmante da brutalidade organizada. Evidentemente, há algo que falha na raiz do encontro entre os seres humanos. E esse algo é uma ‘cegueira espiritual’:

falta o órgão de reconhecimento entre as almas. Quando falta um órgão deste tipo, é como se faltasse o órgão de imunidade, produzem-se uniões entre estranhos (uniões que podem ter utilidade biológica ou econômica, mas que carecem de significado espiritual). E isto é descoberto quando já é demasiado tarde. Há espécies animais que têm atrofiado o órgão do olfato e podem comer carne em decomposição, sem que aconteça nada. Mas, a ausência do ‘órgão de reconhecimento’ nos seres humanos faz com que se produzam uniões na obscuridade. Que estranha força cega atrai os seres humanos? E o que é que os impede de desprenderem-se quando ficaram presos em um mesmo campo de força? É a escravidão moderna! Quantos seres vagam pelo deserto do mundo, em busca de uma união impossível!

A tomada de consciência deste fracasso e a necessidade de encontrar algo novo lançaram milhões de homens e mulheres à busca de novas formas de convivência; e podemos dizer que essa busca – como fenômeno de massas – é a experiência tipo desta época de transição. Surgiram comunidades e grupos de encontro que, indubitavelmente, constituem tentativas em direção a novas formas de organização, mas que não vão além de uma psicologia grupal e essa psicologia não é suficiente para criar o modelo de comunidade que subjaz como anelo latente nas profundidades da alma humana. Faz falta uma mística da comunidade, ou melhor, uma comunidade mística. Quando se fala de comunidade organizada, confunde-se a organização com a comunidade: a comunidade é o arquétipo espiritual, no qual se funda a organização.

A civilização industrial alcançou um alto grau de organização, culminando na regra da empresa – o mosteiro leigo moderno – mas essa regra, que é muito efetiva para aumentar a produção, não é suficiente para o desenvolvimento da consciência. Nestes corpos organizados, já seja uma fábrica, uma universidade, um kibutz ou uma granja coletiva, pode haver muita ascética, mas geralmente, falta mística, são templos vazios. O que é que determina a natureza humana de um organismo social? Seu alto índice de produtividade? Seu nível de organização? Acaso as formigas não

o têm? O que define a natureza humana dos organismos sociais é a estrutura espiritual que os fundamenta, a comunidade de base que os anima, o significado essencial que une seus membros. Estes ingredientes qualitativos são essenciais, tanto para a família quanto para a empresa e a comunidade nacional ou internacional; não podem ser substituídos – se faltarem, o organismo se desfará.

Da primeira relação básica entre seres humanos, que é o *encontro*, surge o *conhecimento* (a possibilidade de que exista ensino e aprendizagem) e a *técnica* (que é a relação do ser com os meios e os fins). Toda comunidade, para constituir-se realmente como comunidade de natureza humana, deve ter uma mística, um conhecimento e uma técnica. Estes três elementos são indispensáveis para assegurar o desenvolvimento humano; se faltar algum deles, ou se não se integrarem em um modelo equilibrado, produzir-se-ão distorções e patologias. Vejamos um pouco mais de perto a dinâmica que estes imponderáveis geram. O encontro (como mística) gera a compreensão e o amor (primeira força), e do amor surge o conhecimento (segunda força) e a técnica (terceira força). Se houver comunidade desde a origem (por uma mística do encontro) o conhecimento e a técnica se humanizam e entram a serviço das necessidades da comunidade. Do contrário, se não houver comunidade, mas simples corporação de interesses, o conhecimento e a técnica se tornam fins de per si e se transformam em forças escravizantes.

Sua medida

Qual deve ser o tamanho de um organismo social para que conserve sua função de meio humano? A fauna dos grandes dinossauros, as megalópolis, as grandes corporações entraram em crise. Faz falta uma nova medida, um novo módulo, uma nova aritmética para realizar os cálculos humanos, uma nova ciência das medidas do homem, a antropometria. Se não resgatarmos a medida da comunidade humana e continuarmos nos aglomerando nas cidades, em breve não teremos espaço nem para os vivos nem para os mortos, afogar-nos-emos por compressão nas grandes

associações de propriedade horizontal e nos perderemos no anonimato de instituições sem alma. Schumacher, a quem voltamos a citar nestas questões de escala, acrescenta: “Em lugares como Londres, Tóquio ou Nova Iorque, os milhões não acrescentam à cidade, reais valores, mas simplesmente criam enormes problemas e produzem degeneração humana”⁷¹.

Quando falamos de ‘medida’ como ideia base para uma antropometria do futuro, não nos referimos somente à medida do espaço, mas à medida do tempo e à medida das necessidades (econometria). Medida do tempo? Sim! Qual é o tempo de vida de um organismo social, de uma agrupação humana? Que terrível há de ser para uma célula viva, permanecer em um organismo morto! Hoje em dia, muitos seres vivos emigram dos corpos gigantescos para construir novos organismos em um nível superior de síntese, com uma nova consciência, um novo ritmo e um tamanho à medida do homem.

Sua lei

Diz-se que a organização vence o tempo e que as instituições sobrevivem aos homens, mas também é certo que a letra mata o espírito e que a forma aprisiona a vida. Uma coisa é a lei das instituições e outra coisa é a lei do indivíduo. Os legisladores do futuro terão que descobrir as relações entre ambas leis.

Depois de uma época de excessivo individualismo, desembocamos em outra de excessivo ‘socialismo’. A lei social regula as relações externas entre os homens, mas faz falta descobrir a lei espiritual que regula as relações intrínsecas da pessoa e que faz possível que a pessoa continue sendo pessoa.

A vigência da lei interna assegura a estabilidade das instituições sociais. As velhas instituições mantinham sua estabilidade, graças à solidez de seus ‘recintos externos’ (muros de pedra, hierarquias formais, leis de proteção e privilégio). Hoje, as novas instituições são organismos que se sustentam desde

⁷¹ E. F. Schumacher, ob. cit., pg. 67

dentro – ‘recinto interno’ – por uma força de coesão, intrínseca ao ser, e por relações de similitude entre os homens. É a vida interior da comunidade o que assegura a estabilidade da sociedade humana e não os muros de pedra nem os contratos sociais.

ORGANOGENESE PREFIGURATIVA DA COMUNIDADE HUMANA

Temos que aprender a reconhecer os novos corpos individuais e os órgãos e funções do macrocorpo planetário.

OS CORPOS ALTERNANTES DO FUTURO

Em que se diferencia o homem novo do homem velho? Os autores de ficção científica o souberam, faz tempo. O homem velho tem um corpo fixo, enquanto que o homem novo tem um corpo alternante. E não poderia ser de outra maneira! O que queremos dizer com isto? Queremos dizer que o homem futuro já *saiu* de seu corpo; ainda que conserve o antigo modelo para suas necessidades terrestres, pode utilizar outro corpo para sua vida cósmica. E conste que não estamos falando de ‘translocações’ – à maneira da projeção do corpo astral, da qual está cheia a literatura esotérica – porque o ser pode ‘transladar-se’ e continuar sendo velho. Não! O que se trata aqui é de um novo corpo; não de um corpo transladável, mas de um corpo reversível, e essa reversibilidade é uma especial flexibilidade da matéria humana que vai unida à flexibilidade da vida.

O corpo alternante dará ao homem futuro uma mobilidade ecumênica, permitir-lhe-á participar de diferentes organismos sociais, de forma alternativa; fazer parte de diferentes corpos, sem deixar de ser; é o ingresso na universalidade planetária, já não por idealismo, mas por fisiologia (a universalidade do glóbulo vermelho do sangue).

ÓRGÃOS E FUNÇÕES DO CORPO PLANETÁRIO

O corpo planetário se organiza mediante uma delicada rede de vínculos humanos que constitui seus tecidos invisíveis e seus órgãos visíveis. A urdidura invisível de relações essenciais é seu modelo arquetípico ou corpo místico, e a organização visível é seu modelo social e sua estrutura jurídica.

O primeiro modo de reunião entre os seres humanos (primeiro na ordem do significado) – seu protomodelo cósmico – é a reunião espiritual que constitui o modelo original fundante de toda forma humana de organização social. Esta primeira forma plasma um modelo de segundo nível – a família – e um modelo de terceiro nível – o Estado e as organizações intermediárias da sociedade civil. A ordem das hierarquias funcionais do corpo planetário seria então, a seguinte:



1. A comunidade espiritual:

Corpo místico. Ordem sagrada. Lei divina. O vínculo que une os seres humanos neste nível é puramente espiritual.



2. A família:

Corpo psíquico. Lei de família. Vínculo de parentesco.



3. O Estado e as organizações intermediárias:

Corpo social. Lei social. Vínculos sociais, políticos, econômicos e jurídicos.

Este corpo da humanidade futura, integrado em diferentes níveis, mas centrado em uma única função humana de base (reunião entre seres humanos), não somente restabelece a unidade de significado entre a sociedade civil e a sociedade espiritual, mas também a unidade entre a Lei de Deus e as leis dos homens, superando assim, as antinomias de um mundo fragmentado.

O não haver compreendido bem o funcionamento integrado destes modelos arquetípicos conduziu à ‘anomia’, a doença social moderna. Restabelecer a plena função destes órgãos prototípicos implica restaurar a hierarquia cósmica dentro do organismo social e tornar possível a *vida* do corpo planetário.

Para que haja vida no corpo da humanidade, deve haver fluxo de energia entre estes diferentes corpos e transvazamento de significados porque, do contrário, somente fica uma máquina de produção e de consumo que, no final, acaba por engolir o próprio homem.

O corpo da sociedade de nosso tempo carece de vida porque é mutilado constantemente e se quer conformá-lo (por leis arbitrárias) a um modelo que é estranho a sua natureza essencial e a sua ordem natural e sobrenatural: esta é a verdadeira subversão, que é uma subversão dos valores e das funções da vida humana. Como a ferida de Amfortas, no drama de Parsifal, é a consequência de uma perturbação na ordem moral das instituições humanas, uma doença que ninguém pode curar dentro do mesmo círculo onde se originou a queda. A saúde vem de outro lugar, de uma seiva pura e ingênua que, ao penetrar na velha árvore, possa fazê-la reverdecer sob formas de “uma nova dimensão de vida”⁷².

OS TORVELINHOS DE FORÇA PLANETÁRIA DA GEOPOLÍTICA À GEOFISIOLOGIA

A divisão da Terra em espaços geopolíticos vai cedendo passagem a um novo desenho geofisiológico; os rios já não são

⁷² Omar Lazarte, *Una Nueva Dimensión de Vida*, Ed. ADCEA, Buenos Aires, 1973

rios e sim, águas que conduzem a alma dos povos; e as montanhas já não são montanhas e sim, labirintos por onde circula o fogo sagrado do planeta; à geografia das formas, sucede uma ‘geofania’ das forças (a dança sagrada das forças do planeta). A velha estratégia de “zonas de influência”, de “pactos regionais”, de “acordos bilaterais ou multinacionais” será substituída por uma estratégia de funções planetárias, não uma divisão internacional do trabalho, mas a ativação dos ‘órgãos’ da Terra, em aras do desenvolvimento espiritual do homem.

Não se pode danificar os ‘órgãos’ do planeta. Já não se trata da soberania dos Estados nacionais ou de questões de comércio internacional ou de bases estratégicas das superpotências, para assegurar o domínio geopolítico de tais ou quais pontos geográficos, mas de algo muito mais profundo, mais vital e de maior transcendência para o futuro da humanidade que é preservar a função daqueles ‘órgãos’ que são indispensáveis para a vida da Terra. Não é questão de petróleo, de ouro, de urânio, mas de ‘centros de força’: é como com os órgãos do corpo humano – ninguém que tenha um pouco de senso comum poderá pensar em danificar o fígado, o rim ou a hipófise! Estes ‘órgãos planetários’ não podem ficar sob o controle de nenhum governo, mas devem ser custodiados pela própria consciência da humanidade como conjunto. Já não é questão de repartir a Terra, mas de aprender a viver nela. Isto requer uma nova mentalidade e uma nova geração de condutores planetários.

SINFONIA PLANETÁRIA DE FUNÇÕES DIFERENCIAIS

Os “igualitarismos” e os “elitismos” produziram uma geração de mutilados humanos. A ordem cósmica é hierárquica e a árvore da vida é hierárquica; a chave para o futuro não é igualar as classes, mas restabelecer a hierarquia de funções diferenciais. A ordem das funções substitui a ordem dos conceitos. Mas, o que são as funções? São espaços prefigurativos na carta humanográfica, algo assim como o ‘lugar’ que corresponde a cada

elemento químico na tabela de Mendeleev; não é um lugar estático, mas um campo de força de alta dinâmica; mais que um espaço a ser ocupado, uma função a ser vivida.

Alguns destes 'lugares' começam a adquirir significativa importância na época em que vivemos: o lugar das nações, o lugar da mulher, o lugar da juventude, o lugar da inteligência e da educação; mais do que formas, são categorias vibratórias que modelam as formas. Já não é questão de ocupar um lugar, mas de *ser* no lugar. A característica do tempo novo é que o 'lugar' tem mais importância que o 'ocupante'. Viver, hoje, é suportar a vibração do lugar, o poder de plasmação dinâmica do lugar; se o ocupante não responde à mensagem do lugar, é desalojado dali. E isto vale tanto para os espaços geográficos onde se desenvolve a vida das nações, quanto para as categorias sociais, os corpos institucionais e os corpos fisiológicos (alta dinâmica de transformação nos tecidos orgânicos: enfermidade de evolução).

A sociedade planetária emergente impõe uma nova 'ordem' das funções e uma nova 'hierarquia' de funções; a presente crise mundial responde à dificuldade de ajuste ao novo padrão de ordenamento planetário; é o mesmo que acontece na fisiologia humana nas épocas de transição, quando o velho organismo não assume a mudança proposta pelas novas pautas de desenvolvimento. Porém, para onde aponta o modelo planetário? Para um uni-versalismo; não para um internacionalismo amorfo, mas para uma unidade de diferenciação; não para um igualitarismo social, mas para uma harmonia de funções diferenciais; não para uma hegemonia do poder (totalitarismos de Estado, elitismos políticos ou ditadura do proletariado), mas equilíbrio de poderes funcionais, equilíbrio entre a força e o amor, a inteligência e a sensibilidade, a masculinidade e a feminilidade, o espírito e a matéria.

Há uma geofisiologia invisível que produz efeitos sociais, econômicos e políticos visíveis; há uma atividade da Terra que move a história; a cada civilização nova corresponde uma terra nascente e muitas civilizações afundaram junto com a terra que as viu nascer. Qual é a terra-mãe da civilização do terceiro milênio?

É uma terra preservada pelos deuses para gestar a alma do mundo novo.

Frente a uma geofisiologia evolutiva, isto é, a uma Terra que está se fazendo, as nações e os povos sofrem hoje – como os indivíduos – uma crise de identidade; essa identidade não pode ser sustentada unicamente pela tradição histórica, senão que tem de ser redescoberta em virtude do desafio imposto pelo futuro da Terra. Este fenômeno de ativação fisiológica do planeta (comparável – guardando as diferenças – com as grandes mudanças evolutivas da organogênese e da psicogênese) não pode ser reduzido – como tantas vezes o dissemos – à revolução social, ao marxismo, à política das corporações transnacionais, senão que, pelo contrário, está inscrito no contexto de uma meta-história que utiliza os produtos da história para criar uma vida diferente; trata-se de uma ressonância de centros de força, nos quais a identidade é redescoberta como função específica dentro do conjunto, uma identidade de função e de missão.

Mas, o que acontece quando desperta a força da Terra? Produz-se uma tempestade fisiológica! Acaso, não acontece o mesmo nas etapas chave do desenvolvimento humano? Se a força não é absorvida e canalizada pelo espírito, sobrevém a contradição, a doença e a morte. O signo criador da nova era é o acoplamento entre o fogo da terra e a luz do espírito; o fogo sem luz conduz à destruição (Sodoma e Gomorra). Um novo foco de convergência espiritual canalizará a força da Terra e fará possível que os ‘órgãos’ do planeta trabalhem de forma solidária para assegurar a circulação dos bens da árvore da vida.

TECNOLOGIA DO ECOSSISTEMA HUMANO

O racionalismo filosófico concebeu o homem como ideia e como forma. A ciência moderna nos ensinou a interpretá-lo como técnica. Há tempos que propusemos a oposição entre natureza e

técnica (natura e techné), mas agora, descobrimos a técnica da natureza (técnica de biossistemas) e avançamos em direção a uma técnica do espírito.

O desafio para a humanidade do futuro não é humanizar a técnica (já desumanizada), mas criar uma nova técnica. Assim como se profanou a natureza, também se profanou a técnica. Não é questão de ‘voltar’ à natureza porque, ainda que voltássemos, sujá-la-íamos de novo. Trata-se de tomar consciência, dentro de nossa própria fisiologia, da técnica da natureza – a biônica nos abriu o caminho – e utilizar a formidável potência encerrada na natureza, como impulso de saída para o voo do espírito. Isto implica uma reconversão antropológica da tecnologia. Da mecânica racional, passamos à biotécnica. Aprendemos muito da linguagem dos delfins e do voo dos morcegos, e também avançamos no conhecimento dos ecossistemas naturais (da economia energética dos bosques, por exemplo), mas ainda temos que descobrir a sabedoria do organismo e a técnica do ecossistema humano.

A técnica humana da nova era não é propriamente uma tecnologia, mas uma logotécnica (uma técnica que surge da palavra primordial). Seu paradigma não é o ofício técnico, mas o ofício sagrado. Em um passado remoto, os deuses ensinaram aos homens as artes do fogo e da agricultura. Diz o “*I Ching*” que “quando em tempos arcaicos, Pao Hsi governava o mundo, dirigiu o olhar para cima e contemplou as imagens no céu; dirigiu o olhar para baixo e contemplou os acontecimentos sobre a Terra. Contemplou os desenhos dos pássaros e dos animais e sua adaptação aos lugares... assim, inventou os oito signos, a fim de pôr-se em contato com as virtudes dos deuses luminosos e de ordenar as condições de todos os seres. Ele fez cordéis com nós e os empregou em redes e cestos para a caça e a pesca...” (e, a seguir, o texto relata como todas as instituições culturais foram surgindo como reproduções de imagens arquetípicas)⁷³.

⁷³ Richard Wilhelm, *I Ching, El Libro de las Mutaciones*, Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1978, pg. 417

O fundamento ontológico do ofício sagrado é a relação viva entre a consciência e a técnica. Como consequência do extraordinário desenvolvimento da moderna sociedade tecnológica, produziu-se uma ruptura da originária unidade arquetípica das artes e dos ofícios; a técnica se adiantou à consciência; mas, por sua vez, a consciência, desafiada pela técnica, vê-se obrigada a dar um salto e a criar uma nova técnica. Nos alvares do terceiro milênio, já não se trata, simplesmente, da passagem da sociedade industrial à sociedade pós-industrial, mas de uma fase reversível do atual processo técnico, fase antropológica de interioridade da consciência, por meio da qual a tecnologia se reverte em logo-técnica.

Muito poucos pensadores modernos se deram conta do advento de uma mudança desta natureza na relação do homem com a técnica. Teilhard de Chardin foi um dos primeiros (1947) a mostrar que a era da indústria inaugurava um período novo na história da humanidade e que a técnica, longe de se constituir em um produto artificial da cultura, é uma função biológica que equilibra o desenvolvimento da consciência: “Toda a humanidade pode ser comparada com uma elipse, na qual um foco de organização técnica está conjugado com um foco de conhecimento psíquico. E, pelo fato de que a humanidade seja admitida como uma realidade com seus dois focos, a conclusão cai por seu próprio peso: a técnica geral não é somente uma soma de empresas comerciais, um maior peso mecânico, senão que é a soma dos procedimentos combinados de modo reflexivo, a fim de manter nos homens o estado de consciência que corresponde a nosso estado de agregação e reunião”⁷⁴. Heidegger, em seus últimos escritos (1970), sai ao encontro de algumas acusações que lhe foram formuladas, de estar “contra a técnica” e tenta penetrar na essência da técnica como um caminho de referência para o Ser do homem que intui seja de insuspeitadas consequências para o porvir: “É preciso rejeitar o mal entendido de que eu esteja contra a técnica. Descubro na essência da técnica que o homem está sob

⁷⁴ P. Teilhard de Chardin, *La Activación de la Energia*, Ed. Taurus, Madrid, Espanha, 1965, pg. 143

um poder que o desafia e, frente ao qual, já não é livre, e que neste fato se anuncia uma relação entre o ser e o homem, relação que permanece ainda oculta e que não poderá ser entendida, enquanto a filosofia continuar se movendo dentro do esquema ‘sujeito-objeto’. Esta relação que se oculta na essência da técnica, talvez saia um dia à luz, em seu desocultamento. Não sei se isto acontecerá. Mas, na essência da técnica, vejo o primeiro resplendor de um acontecimento muito mais profundo, a que chamo ‘Ereignis’”⁷⁵.

As intuições proféticas destes grandes pensadores não chegam, no entanto, a pôr a descoberto os novos caminhos da técnica. É que, não é por meio da filosofia nem da tecnologia que se pode ter acesso à logo-técnica, mas em virtude da teurgia do ofício sagrado.

O ofício sagrado da nova era vem, outra vez, do céu; já não é um ofício técnico, mas um ofício teúrgico; o homem já não atua como mago ou como aprendiz de feiticeiro, frente às forças da natureza, mas como sacerdote iniciado dentro da fisiologia da vida; é o trânsito da tecnologia à sophiologia, da taumaturgia da ciência à teurgia da sabedoria; não é a ‘humanização’ da técnica, mas a ‘re-sacralização’ dos ofícios e profissões dos novos servidores da Terra. Estamos assistindo a um processo de reconversão da tecnologia: a técnica se incorpora ao organismo como segunda natureza e libera uma consciência que sintoniza com o cosmos.

É esta disposição à sintonia cósmica, junto a uma definida vontade de serviço desinteressado, o que caracteriza o sacerdócio do ofício da nova era. O homem se colocou no circuito dos deuses, como elo intermediário entre os signos do céu e as necessidades da terra, uma função que, até agora, somente era cumprida pelos anjos; esta elevação da hierarquia do ser, esta reconversão da tecnologia em hierofania é o signo da civilização planetária que advém e o modelo prefigurativo que convoca – por similitude vocacional – uma nova geração de servidores da Terra.

⁷⁵ Richard Wisser, ob. cit., trad. de Ricardo Maliandi: “El Develamiento de Heidegger”, jornal “La Nación”, Buenos Aires, 19/04/70

É um grupo universal que ascende à montanha sagrada por diferentes caminhos, mas com uma única aspiração, escutar a mensagem dos deuses! Já existem muitos centros de investigação instalados nos cumes das montanhas que exploram a tecnologia dos óvnis e outros que estão à escuta das estrelas. E existem grupos, como Findhorn, que elevam sua sensibilidade, estabelecendo pontes humanas de intermediação entre o reino dos 'devas' e os reinos elementais da natureza (uma forma de solidariedade ecológica, até agora desconhecida). Outros grupos empreendem a ascensão mística aos cumes da alma, já não em busca do êxtase ou da iluminação, mas para colocar a própria alma como transistor humano, na rede invisível da sabedoria-tecnológica do universo: são os servidores desconhecidos, peças imponderáveis de uma cibernética espiritual difícil de conceber, mas por onde circula sempre, a corrente criadora da Vida.

SÍNTESE DO CAPÍTULO V

QUARTA FUNÇÃO DE SÍNTESE: A FORMA E ESTRUTURA DA SOCIEDADE PLANETÁRIA

A função de base da sociedade humana é a ‘reunião entre seres humanos’. Esta vocação de reunião já está criando o corpo da humanidade futura. O corpo futuro está se formando *dentro* de nosso atual corpo, de forma inadvertida e misteriosa. É um corpo ainda invisível, que é edificado com os materiais do antigo corpo, com a matéria humana que se des-integra, quando a fisiologia do passado é invadida pela corrente do futuro.

As ciências humanas e sociais do futuro, ainda incipientes, começam a descobrir aquelas condições que são indispensáveis e insubstituíveis para que as formas de organização adquiram uma hierarquia propriamente humana. A teoria geral das formas humanas considera os seguintes aspectos: Sua natureza (a chave é o encontro humano). Sua medida (é a base para uma antropometria). Sua lei (é o ‘recinto interno’ de estabilidade das instituições humanas).

No processo de organogênese da futura sociedade humana, delineiam-se os ‘corpos alternantes’ (reversibilidade das formas) e os ‘órgãos e funções arquetípicas do corpo planetário’ (hierarquia de funções).

E, quanto ao enfoque de uma tecnologia do ecossistema humano em escala planetária, consideramos que a técnica humana da nova era não se perfila propriamente como uma tecnologia, mas como uma logo-técnica. Seu paradigma não é o ofício técnico, mas o ofício sagrado.

EPÍLOGO

NASCEU UMA CRIANÇA

“... o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: ‘Levanta-te, toma a criança e sua mãe e foge para o Egito, e permanece ali até que eu te avise porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo’.”
(Mt., 2, 13)

O homem cósmico já nasceu e habita entre nós, mas os poderosos da Terra o procuram para matá-lo. Quantos inocentes já caíram! Quantos mais cairão?

A nova era se anuncia com uma estrela no céu e um sacrifício sobre a Terra. A luz Daquele que vem se une ao sangue dos mártires para criar mais vida.

Mas, quem *é* Aquele que vem? É uma Presença distante e próxima ao mesmo tempo, é uma vibração que está no mundo e que não é do mundo, que une os mundos que estão separados e parte os que estão unidos, é a palavra viva que transmite o conhecimento, a sabedoria e o amor, é o gesto que abre caminhos impossíveis, é a mão que cura os doentes, é a força que dá providência aos necessitados, é a Voz que chama as almas similares a reunirem-se no templo do coração.